

Raphael Schlickmann

**ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA:
DESVENDANDO O CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutor em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Antônio de Melo

Coorientador: Prof. Dr. Maurício Serva

Florianópolis
2013

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da
Universidade Federal de Santa Catarina

Schlickmann, Raphael

Administração Universitária [tese] : Desvendado o campo científico no Brasil / Raphael Schlickmann ; orientador, Pedro Antônio de Melo ; coorientador, Maurício Serva. - Florianópolis, SC, 2013.

287 p. ; 21cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico. Programa de Pós-Graduação em Administração.

Inclui referências

1. Administração. 2. administração universitária. 3. campo científico. 4. capital científico. I. Antônio de Melo, Pedro . II. Serva, Maurício. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Administração. IV. Título.

Raphael Schlickmann

**ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA: DESVENDANDO O
CAMPO CIENTÍFICO NO BRASIL**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutor”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Administração.

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2013.

Prof.^aEloise Helena Livramento Dellagnelo, Dr.^a
Coordenadora do CPGA – UFSC

Banca Examinadora:

Prof. Pedro Antônio de Melo, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof.Maurício Serva, Dr.
Coorientador
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof.^a Eloise Helena Livramento Dellagnelo, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof.^a Graziela Dias Alperstedt, Dr.^a
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Prof.^a Maria Carolina Martinez Andion, Dr.^a
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC

Para Renata e Vinícius.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus pela vida, pela saúde e pela força nos momentos complicados.

Ao meu orientador e amigo Prof. Pedro Antônio de Melo pelos incentivos, pela paciência, pela amizade e por seres quem és. Obrigado pelos momentos compartilhados fora e dentro da academia!

Ao meu co-orientador e amigo Prof. Maurício Serva que marcou definitivamente minha trajetória acadêmica e de vida. Grandes conversas, muitas risadas e bastante trabalho também! Valeu!

Aos demais membros da banca, professoras Carolina Andion, Eloise Helena Livramento Dellagnelo, e Graziela Dias Alperstedt pelas valiosas contribuições ao longo do trabalho. Mulheres admiráveis!

A minha mulher Renata e meu filho Vinícius, pelo amor, pela paciência, pelo carinho e por terem me aguentado durante este período de ausências. Podem ter certeza: meu amor só aumentou durante este tempo.

Aos meus pais e meus irmãos pelo incentivo, pelo carinho e pelos momentos juntos. Amo vocês!

À minha tia Irene Schlickmann e à ex-diretora do Colégio Coração de Jesus Irmã Norma Feuser por todo apoio durante a minha formação básica.

Aos colegas e amigos do Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária – INPEAU, do núcleo Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento – ORD, do Departamento de Ciências da Administração – CAD e da turma de 2009 pela convivência tão enriquecedora durante o período do doutorado.

À Andressa e ao Maurício pela parceria de sempre.

Ao Rodrigo, à Marina e aos bolsistas da secretaria do CPGA por todo o auxílio prestado durante o curso.

Aos professores do CPGA que compartilharam seu conhecimento durante o curso: além dos membros da banca, professores Hans Michael van Bellen e Silvio Antônio Ferraz Cario.

A todos os funcionários da UFSC que indiretamente contribuíram para minha estada durante o curso.

Aos meus colegas da UDESC, especialmente da Pró-Reitoria de Planejamento – PROPLAN pela convivência e pelo apoio.

Enfim, a todos aqueles que de alguma forma se fizeram presentes ainda que em pensamento. Obrigado!

O que será (À flor da pele)

O que será que me dá
Que me bole por dentro, será que me dá
Que brota à flor da pele, será que me dá
E que me sobe às faces e me faz corar
E que me salta aos olhos a me atraíçoar
E que me aperta o peito e me faz confessar
O que não tem mais jeito de dissimular
E que nem é direito ninguém recusar
E que me faz mendigo, me faz suplicar
O que não tem medida, nem nunca terá
O que não tem remédio, nem nunca terá
O que não tem receita

O que será que será
Que dá dentro da gente e que não devia
Que desacata a gente, que é revelia
Que é feito uma aguardente que não sacia
Que é feito estar doente de uma folia
Que nem dez mandamentos vão conciliar
Nem todos os unguentos vão aliviar
Nem todos os quebrantos, toda alquimia
Que nem todos os santos, será que será
O que não tem descanso, nem nunca terá
O que não tem cansaço, nem nunca terá
O que não tem limite

O que será que me dá
Que me queima por dentro, será que me dá
Que me perturba o sono, será que me dá
Que todos os tremores me vêm agitar
Que todos os ardores me vêm atiçar
Que todos os suores me vêm encharcar
Que todos os meus nervos estão a rogar
Que todos os meus órgãos estão a clamar
E uma aflição medonha me faz implorar
O que não tem vergonha, nem nunca terá
O que não tem governo, nem nunca terá
O que não tem juízo
(Chico Buarque, 1976)

RESUMO

O campo científico ao se constituir em uma estrutura em que agentes ocupam posições a partir do acúmulo de capital científico adquiridos ao longo de sua trajetória acadêmica por meio de lutas para alcançar o melhor lugar nessa estrutura (BOURDIEU, 1983) torna-se uma das categorias de análise que viabilizam o estudo da atividade dos cientistas enquanto atores sociais, cooperando ou rivalizando segundo modalidades particulares em instituições específicas (BOUDON, 1990). Ao se perceber que a administração universitária no Brasil, pode ser vista como um subcampo científico da administração no país, e tomando por base a abordagem sobre o campo científico de Bourdieu (1983; 2004), o objetivo central desta tese é o de analisar como está constituída a administração universitária enquanto campo científico no Brasil. Por meio de uma abordagem predominantemente quantitativa buscou-se identificar alguns agentes que formam o campo científico da administração universitária no Brasil, traçar um perfil desses agentes e a partir deste caracterizar o próprio campo. Como resultados principais deste trabalho pode-se apontar: a identificação de 233 agentes-pesquisadores, 17 grupos de pesquisa e 18 cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração atuando no campo científico da administração universitária no Brasil, conforme os critérios utilizados. Verificou-se que existe a presença de temas relacionados às teorias da administração na produção científica da área, porém prevalecem temas considerados como específicos da área, ou seja, que não necessariamente estejam relacionados à administração, mas ao ensino ou a educação superior. Quanto à estrutura do campo, a partir da análise da distribuição de capital científico entre os agentes-pesquisadores, pôde-se constatar que há uma relativa desigualdade nesta distribuição independente do tipo de capital científico (puro ou institucional) considerado. Existe maior facilidade em se obter poder científico que prestígio acadêmico neste campo, pois há mais pesquisadores ocupando posição de destaque quanto ao acúmulo de capital institucional que capital puro. Os agentes dominantes deste campo são em sua maioria do sexo masculino e com atuação nos mesmos locais onde se concentram a maior partes dos agentes do campo em geral, o que indica que os agentes tendem a estar mais próximos dos dominantes para ocupar melhores posições no campo. As fontes de capital científico mais importantes para ocupar posições de destaque no campo estão ligadas principalmente à titulação e à experiência profissional dos agentes.

Palavras-chave: administração universitária, campo científico, capital científico.

ABSTRACT

The scientific field to constitute a framework in which agents occupy positions from the accumulation of scientific capital acquired throughout his academic career through struggles to reach the best place in this structure (Bourdieu, 1983) becomes one of the categories analysis that enable the study of the activity of scientists as social actors, cooperating or competing in ways particular to specific institutions (Boudon, 1990). When you realize that the university administration in Brazil, can be seen as a scientific subdiscipline of administration in the country, and based on the approach of the scientific field of Bourdieu (1983, 2004), the aim of this thesis is to analyze how the university administration is constituted as a scientific field in Brazil. Through a predominantly quantitative approach sought to identify some agents that form the scientific field of university administration in Brazil, drawing a profile of these agents and from that characterize the field itself. As main results of this work can point: the identification of 233 agents-researchers, 17 research groups and 18 courses of post-graduate studies in management working in the scientific field of university administration in Brazil, according to the criteria used. It was found that there is the presence of issues related to theories of scientific management in the area, but prevailing themes considered specific area, or that are not necessarily related to the administration, but to education or higher education. Regarding the structure of the field, from the analysis of the distribution of capital among agents-scientific researchers, it was noted that there is a relative inequality in this distribution regardless of the type of scientific capital (pure or institutional) considered. There is greater ease in obtaining scientific power that academic prestige in this field, as more researchers occupying a prominent position on the accumulation of institutional capital that pure capital. The dominant players in this field are mostly male and operating in the same places where we concentrate most parts of the field agents in general, which indicates that agents tend to be closer to occupy the dominant position in the top field . The sources of the most important scientific capital to occupy prominent positions in the field are mainly linked to the titration and professional experience of the agents.

Keywords: university administration, scientific field, scientific capital.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Continuum</i> do peso relativo do capital puro e institucional do pesquisador.....	81
Figura 2: Plataforma lattes – busca de currículos.....	104
Figura 3: Plataforma lattes – busca por currículos (filtros relativos à área de atuação).....	104
Figura 4: Plataforma lattes – busca por grupos de pesquisa.....	106
Figura 5: Distribuição dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no brasil.....	134
Figura 6: Distribuição dos grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no brasil.....	172
Figura 7: Distribuição dos cursos de pós-graduação em administração do campo científico da administração universitária no brasil.	192
Figura 8: Continuum do peso relativo do capital puro e institucional dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no brasil.....	213

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Concepções ou modelos de universidade nos século xix e xx	49
Quadro 2: Divisões acadêmicas da anpad em 2011.	53
Quadro 3: Administração universitária no cpga/ufsc	59
Quadro 4: Conferências realizadas no iii congresso da oui na ufba – 1983.....	60
Quadro 5: Temas centrais e áreas temáticas dos colóquios em gestão universitária.....	63
Quadro 6: Estrutura curricular do ppgau/ufsc	65
Quadro 7: Elementos que constituem a definição de campo científico de bourdieu.....	90
Quadro 8: Categoria de análise: administração universitária	112
Quadro 9: Categoria de análise: agentes-pesquisadores.....	116
Quadro 10: Categoria de análise: agentes-grupos de pesquisa.....	117
Quadro 11: Categoria de análise: agentes-cursos de pós-graduação ...	118
Quadro 12: Categoria de análise: capital científico.....	122
Quadro 13: Distribuição dos pesquisadores por volume de capital científico.....	126
Quadro 14: Categoria de análise: campo científico.....	127
Quadro 15: Temas mais frequentes entre as publicações no campo científico da administração universitária no brasil.....	166
Quadro 16: Grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no brasil	169
Quadro 17: Linhas de pesquisa dos grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no brasil.....	174
Quadro 18: Frequência dos temas de administração universitária nas linhas de pesquisa e repercussões dos trabalhos dos grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no brasil	186

Quadro 19: Cursos de pós-graduação em administração do campo científico da administração universitária no brasil.....	188
Quadro 20: Frequência dos temas de administração universitária nas linhas de pesquisa e disciplinas dos cursos de pós-graduação <i>stricto sensu</i> em administração do campo científico da administração universitária no brasil.....	202
Quadro 21: Indicadores de capital científico quanto à importância para obtenção de poder científico no campo científico da administração universitária no brasil.....	230
Quadro 22: Posição relativa dos pesquisadores na estrutura do campo científico da administração universitária no brasil.....	288

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Total de pesquisadores em administração universitária – 1º corte.....	105
Tabela 2: Total de grupos de pesquisa em administração universitária	107
Tabela 3: Total de pesquisadores ligados a grupos de pesquisa em administração universitária.....	108
Tabela 4: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao gênero	132
Tabela 5: Local de atuação profissional dos pesquisadores do campo científico da administração universitária.....	133
Tabela 6: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à formação na graduação	135
Tabela 7: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao local de formação na graduação.....	136
Tabela 8: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à formação no mestrado.....	137
Tabela 9: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao tempo de formação no mestrado	138
Tabela 10: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à área de formação no mestrado	138
Tabela 11: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao local de formação no mestrado	139
Tabela 12: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à formação no doutorado	140
Tabela 13: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao tempo de formação no doutorado.....	140
Tabela 14: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à área de formação no doutorado	141
Tabela 15: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao local de formação no doutorado.....	141

Tabela 16: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à formação no pós-doutorado	142
Tabela 17: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao tempo de formação no pós-doutorado	142
Tabela 18: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao local de formação no pós-doutorado.....	142
Tabela 19: Áreas de atuação dos pesquisadores do campo científico da administração universitária	143
Tabela 20: Linhas de pesquisa dos pesquisadores do campo científico da administração universitária	145
Tabela 21: Temas de dissertações e teses dos pesquisadores do campo científico da administração universitária.....	146
Tabela 22: Temas de projetos de pesquisa coordenados por pesquisadores do campo científico da administração universitária.....	148
Tabela 23: Temas de projetos de pesquisa integrados por pesquisadores do campo científico da administração universitária	149
Tabela 24: Periódicos de publicação dos pesquisadores do campo científico da administração universitária.....	151
Tabela 25: Temas de publicações em periódicos dos pesquisadores do campo científico da administração universitária	153
Tabela 26: Publicação dos pesquisadores do campo científico da administração universitária em anais de eventos científicos	156
Tabela 27: Temas de publicações em anais de eventos dos pesquisadores do campo científico da administração universitária	158
Tabela 28: Temas de livros publicados pelos pesquisadores do campo científico da administração universitária.....	160
Tabela 29: Temas de capítulos de livros publicados pelos pesquisadores do campo científico da administração universitária	162
Tabela 30: Periódicos em que pesquisadores do campo científico da administração universitária atuam como membros do corpo editorial	163
Tabela 31: Indicadores de capital científico puro	205
Tabela 32: Amplitude das classes de acordo com o capital científico puro	206

Tabela 33: Amplitude das classes de acordo com o capital científico puro	207
Tabela 34: Indicadores de capital científico institucional	208
Tabela 35: Amplitude das classes de acordo com o capital científico institucional.....	209
Tabela 36: Amplitude das classes de acordo com o capital científico institucional.....	209
Tabela 37: Distribuição capital científico puro x capital científico institucional.....	211
Tabela 38: Instituições de atuação dos agentes dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil.....	217
Tabela 39: Orientação de dissertações e teses como fonte de poder científico.....	218
Tabela 40: Coordenação de projetos de pesquisa como fonte de poder científico.....	219
Tabela 41: Atuação como integrante de projeto de pesquisa como fonte de poder científico.....	219
Tabela 42: Obtenção de bolsas durante a pós-graduação <i>stricto sensu</i> como fonte de poder científico.....	220
Tabela 43: Experiência profissional como fonte de poder científico ..	220
Tabela 44: Importância das fontes de poder científico de experiência profissional.....	221
Tabela 45: Publicação em periódicos qualis a1 ou a2 na área de administração como fonte de poder científico.....	221
Tabela 46: Publicação em outros periódicos como fonte de poder científico.....	222
Tabela 47: Publicação de livros como fonte de poder científico.....	222
Tabela 48: Publicação de capítulos de livros como fonte de poder científico.....	222
Tabela 49: Publicação de artigos em anais de eventos como fonte de poder científico.....	223

Tabela 50: Coordenação de projetos de pesquisa com apoio ou fomento como fonte de poder científico.....	223
Tabela 51: Produção intelectual como fonte de poder científico	224
Tabela 52: Importância das fontes de poder científico de produção intelectual.....	224
Tabela 53: Cargos de direção e administração ocupados (coordenação, direção e chefia) como fonte de poder científico	225
Tabela 54: Cargos de direção e administração ocupados (reitoria, pró-reitoria) como fonte de poder científico.....	225
Tabela 55: Cargos de direção e administração ocupados (reitoria, pró-reitoria) como fonte de poder científico.....	226
Tabela 56: Importância das fontes de poder científico de cargos ocupados	226
Tabela 57: Participação em conselhos, comissões e consultorias como fonte de capital científico.....	227
Tabela 58: Participação em bancas de concurso público como fonte de capital científico.....	227
Tabela 59: Participação em avaliação de cursos como fonte de capital científico	228
Tabela 60: Participação em bancas de dissertações e teses como fonte de capital científico.....	228
Tabela 61: Atuação como membro de corpo editorial como fonte de capital científico.....	228
Tabela 62: Atuação como revisor de periódico como fonte de capital científico	229
Tabela 63: Participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias como fonte de poder científico.....	229
Tabela 64: Importância das fontes de poder científico de participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias.....	230
Tabela 65: Capital científico puro acumulado pelos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil	258
Tabela 66: Posição relativa do pesquisador na estrutura do campo científico em função do acúmulo de capital científico puro	269

Tabela 67: Capital científico institucional acumulado pelos pesquisadores do campo científico da administração universitária no brasil..... 274

Tabela 68: Posição relativa do pesquisador na estrutura do campo científico em função do acúmulo de capital científico institucional ... 283

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	27
1.1 OBJETIVO GERAL.....	36
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	36
1.3 JUSTIFICATIVA	36
1.4 ESTRUTURA DA TESE.....	38
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA.....	41
2.1 ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL.....	41
2.1.1 <i>Administração</i>	41
2.1.2 <i>Universidade</i>	45
2.1.3 <i>O que é administração universitária no Brasil?</i>	52
2.1.3.1 O Curso de Pós-Graduação em Administração da UFSC	57
2.1.3.2 O III Congresso da Organização Universitária Interamericana – OUI na UFBA	60
2.1.3.3 Os Seminários Internacionais sobre Administração Universitária da UFRN	61
2.1.3.4 Os Colóquios Internacionais sobre Gestão Universitária da UFSC.....	62
2.1.3.5 O Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária da UFSC.....	63
2.1.4 <i>Síntese da Seção</i>	66
2.2 CAMPO CIENTÍFICO	67
2.2.1 <i>Sociologia da Ciência</i>	67
2.2.2 <i>Campo Científico em Bourdieu</i>	72
2.2.2.1 Formas de acúmulo e de transmissão de capital científico	78
2.2.2.2 Campo científico: um espaço de lutas	82
2.2.2.3 Agentes Socialmente Dominantes X Agentes Cientificamente Dominantes.....	87
2.2.3 <i>Campo Científico da Administração no Brasil</i>	91
2.2.3.1 A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD.....	92
2.2.3.2 A Coordenação do Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior – CAPES.....	94
2.2.3.3 Os programas de pós-graduação em administração <i>stricto sensu</i>	97
2.2.3.4 Outros agentes	97
2.2.4 <i>Há um campo científico da administração universitária no Brasil?</i> ..	98
3 PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS	101

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	101
3.2 SUJEITOS DA PESQUISA	101
3.2.1 <i>Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq</i>	102
3.2.1.1 Análise do Currículo Lattes:	102
3.2.1.2 Base de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq.....	105
3.2.2 <i>Cursos de Pós-Graduação stricto sensu em Administração</i>	109
3.3 QUESTÕES DE PESQUISA	110
3.4 DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE	110
3.5 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE	112
3.5.1 <i>Administração Universitária</i>	112
3.5.2 <i>Agentes</i>	116
3.5.3 <i>Capital Científico</i>	119
3.5.4 <i>Campo científico</i>	126
3.6 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	128
3.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	128
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	131
4.1 OS AGENTES DO CAMPO CIENTÍFICO DA ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL	131
4.1.1 <i>Os pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil</i>	131
4.1.1.1 Perfil Demográfico.....	132
4.1.1.1.1 Sexo dos pesquisadores.....	132
4.1.1.1.2 Local de atuação profissional.....	132
4.1.1.2 Perfil acadêmico dos pesquisadores	135
4.1.1.2.1 Formação acadêmica	135
4.1.1.2.2 Áreas de atuação	143
4.1.1.2.3 Linhas de Pesquisa	144
4.1.1.2.4 Temas de dissertações e teses	146
4.1.1.2.5 Temas de projetos de pesquisa	147
4.1.1.2.6 Publicações em periódicos	150
4.1.1.2.7 Temas de publicações em anais de eventos científicos	155
4.1.1.2.8 Temas de livros e de capítulos de livros	160
4.1.1.2.9 Atuação como membro de corpo editorial	162
4.1.2 <i>Os grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil</i>	168

<i>4.1.3 Os cursos de pós-graduação stricto sensu em administração/instituições de ensino do campo científico da administração universitária no Brasil</i>	188
4.1 A ESTRUTURA DO CAMPO CIENTÍFICO DA ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL	204
<i>4.1.1 O acúmulo de capital científico puro no campo científico da administração universitária no Brasil</i>	205
<i>4.1.2O acúmulo de capital científico institucional no campo científico da administração universitária no Brasil</i>	208
<i>4.1.3Capital científico puro e institucional no campo científico da administração universitária no Brasil</i>	210
<i>4.1.4 Capital científico puro e institucional acumulados: reflexos na estruturação do campo científico da administração universitária no Brasil</i>	212
<i>4.1.5 Agentes dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil</i>	215
<i>4.1.5.1 Perfil demográfico dos agentes dominantes</i>	216
<i>4.1.5.2 Acúmulo de capital científico dos agentes dominantes</i>	217
<i>4.1.5.2.1 Acúmulo de capital científico puro dos agentes dominantes</i>	218
<i>4.1.5.2.2 Acúmulo de capital científico institucional dos agentes dominantes</i>	225
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	234
5.1 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS	242
REFERÊNCIAS	246
ANEXO	256
ANEXO A - DIRETRIZES DE PONTUAÇÃO PARA O EXAME DE TÍTULOS E TRABALHOS PARA O CONCURSO DE PROFESSOR ADJUNTO - UFRG	256
APÊNDICE A	258
APÊNDICE B	269
APÊNDICE C	274
APÊNDICE D	275
APÊNDICE E	288

1 INTRODUÇÃO

Não encontrei maneira mais apropriada para iniciar este trabalho do que me colocar na “linha de frente”. Assim, neste primeiro momento, e para que a contextualização do trabalho se faça inteligível larguei mão dos formalismos impessoais (ao menos neste capítulo), para expor o que me leva à proposição desta pesquisa. Poderia dizer que esta parte do meu trabalho serve para clarear que caminhos me trouxeram até aqui.

Este caminho começou na primeira aula de Epistemologia dos Estudos Organizacionais, quando o professor solicitou que cada um dos alunos se apresentasse e dissesse qual sua área de interesse. Fui um dos últimos a responder, e talvez isso tenha me deixado mais apreensivo. “Minha área é finanças!” “Minha área é Produção!” “Minha área é Teoria das Organizações!” “Minha área é Finanças Comportamentais!”... A cada resposta eu perguntava a mim mesmo o que eu responderia quando chegasse a minha vez... E ela chegou bem rápida, como rápida foi minha resposta: “Minha área é Administração Universitária!”. O mundo não parou, ninguém me repreendeu, não houve olhares de espanto por eu ter respondido àquela tão simples pergunta feita pelo professor, mas é como se alguém (talvez meu inconsciente) me vigiasse, como se alguém me dissesse “Você não poderia ter dito isso!” “Por que não tentou outra coisa?” A aula continuou e eu acabei não pensando mais nisso naquele dia.

As semanas se passaram e minhas leituras aumentaram gradativamente em quantidade e intensidade, e logo percebi que aquela sensação de vigilância, passou a se fazer cada vez mais presente. Estava descobrindo as origens daquilo tudo que eu vinha fazendo, lendo e escrevendo até então. Não as origens em termos históricos, mas as origens em termos epistemológicos. Todo o conhecimento por mim adquirido até então se mostrava tão despido, sem vergonha, cru, frágil e sem poder fazer nada. Tudo porque eu passava a enxergar por trás das palavras. Foi neste ponto que comecei a entender o porquê daquele receio todo no primeiro dia de aula. Eu já não tinha mais certeza se “administração universitária” era minha área. Não tinha mais certeza se “administração universitária” era a área de alguém.

Algumas semanas mais tarde chegamos a uma aula em que o tema a ser debatido era o campo científico. Dentre os textos selecionados para leitura, lembro-me do de Merton e de Bourdieu. Imediatamente relacionei-os a minha área de estudos, (que eu já não tinha mais certeza se era), ao *ethos* da ciência proposto por Merton e as

noções de *campo científico*, *lutas*, *agentes dominantes e dominados*... e todas as categorias de análise que Bourdieu utiliza para embasar a sua sociologia da ciência. Comecei a enxergar a minha área dentro destas categorias de análise sociológica da ciência, ainda que de forma intuitiva. O pavio estava preparado, só faltava acender o fósforo: minha área de estudos que eu até então já não tinha mais certeza de que se tratava de uma área eu conseguia enxergar naquelas categorias! Como era possível? Afinal o que eu estava enxergando como campo científico? A “administração universitária” constituía um campo científico, mas não era ciência? Isso não soa um tanto quanto contraditório? Perguntava eu a mim mesmo.

Aquelas questões permaneceram durante muito tempo comigo e eu não me via sequer em condições de tentar respondê-las. Eram perguntas do tipo que a cada dia, a cada leitura, e a cada conversa com alguém você tem uma resposta diferente. Assim, concluí que deveria fazer uma escolha: ou partia para outra área, mais delimitada, mais densa, ou encararia o “desafio” de tentar compreender melhor como estava constituída aquela que desde o começo eu denominei de “minha área”. O final dessa pequena história começa a ser escrito a partir desta tese. É por meio deste trabalho que eu tentarei desvendar que campo é este que de certa forma eu enxerguei quando me deparei com o conceito de campo científico, proposto por Bourdieu.

Depois de resolver que encararia o “desafio”, parti para a busca de como eu iria operacionalizar esta tarefa. Comecei olhando o que estava debaixo do meu nariz. Há doze anos o instituto de pesquisas do qual faço parte é um dos responsáveis pela organização do Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas¹. Pois bem, ali eu poderia encontrar algumas respostas que me levassem a entender o campo do qual eu fazia parte. Comecei por analisar as áreas temáticas em que o colóquio se dividia para a submissão de artigos. Verifiquei que a cada ano das doze edições do evento as áreas temáticas eram alteradas, outras surgiam e outras desapareciam. Entre essas áreas temáticas estavam algumas que facilmente eu conseguia relacionar às teorias da administração, porém aplicadas à universidade ou a instituições de ensino superior. Entre elas estavam, por exemplo: Mudança e

¹ Até 2011, o evento era denominado Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul.

Comportamento em IES; Controle de Gestão; Estrutura e Flexibilização; Financiamento; Planejamento Estratégico; Poder, Gestão e Tomada de Decisões; Universidade Empreendedora; Poder, Governo e Gestão na Universidade. Porém, existiam algumas áreas que não guardam uma relação direta com a administração, mas com outras áreas de conhecimento como a educação. Cito algumas dessas temáticas: Análise de Políticas Institucionais de Ensino Superior; Avaliação e Auto-avaliação Institucional; A educação superior a distância; Acesso, Permanência e Evasão na Educação Superior; Integração Regional e Educação Superior; Universidade e Sociedade; Mobilidade Acadêmica: flexibilidade curricular e reformas estruturais.

Assim, verifiquei que tanto em eventos da área², como em livros³, ou mesmo em cursos de pós-graduação⁴ relacionados àquilo que se denomina administração universitária, verifica-se uma tendência em abarcar temas e assuntos que são pertinentes a campos de conhecimento que não necessariamente o da administração. Isso se fez mais evidente quando, por exemplo, tive acesso a um livro denominado *O Estado da Arte em Política e Gestão da Educação no Brasil 1991-1997* (WITTMANN, GRACINDO, 2001). Este livro foi resultado de um programa de pesquisa denominado “A Situação da Administração da Educação no Brasil”, envolvendo pesquisadores de todo o país, vinculados à Associação Nacional de Política e Administração da Educação – ANPAE, associação fundada em 1961. Neste livro⁵ a

² Por exemplo o próprio Colóquio sobre Gestão Universitária, os Anais dos Seminários Internacionais sobre Administração Universitária realizadas na UFRN durante a década de 1990, e os anais do Congresso da Organização Universitária Interamericana realizado em 1983 na UFBA.

³ Por exemplo: Administração Universitária: estudos brasileiros de Silveira et al (2002), Cenários de Gestão Universitária na Contemporaneidade de Melo e Colossi (2004), Liderança e Administração na Universidade da OEA e UFSC (1986),

⁴ Por exemplo o Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária – PPGAU da UFSC e o curso de mestrado com área de concentração em Administração Universitária, oferecido pelo CPGA/UFSC até a segunda metade da década de 1980.

⁵ O livro é dividido em 11 capítulos, cada qual referente a uma temática sobre *Política e Gestão da Educação no Brasil* definida pela Associação Nacional de Política e Administração da Educação – ANPAE. O Capítulo X trata

“Gestão da Universidade” aparece como uma das áreas temáticas em que está dividido o campo de estudos da Política e Administração da Educação no Brasil, mais especificamente como a quarta maior área temática em termos de quantidade de trabalhos produzidos dentro deste campo. Tal qual o Colóquio, supracitado, esta área é dividida em subtemáticas que nem sempre guardam relações diretas com a administração, como: Universidade e Pesquisa e História da Universidade, mesmo porque a associação responsável pelo projeto que deu origem ao livro é vinculado com o campo educacional.

As dúvidas permaneceram por um longo período. Até que em um dos vários momentos de reflexão que tive sobre o assunto, um *insight*: e se o “problema” todo estivesse simplesmente no nome atribuído ao conjunto de estudos que se denominava “administração universitária”? Ora, e se ao invés de “administração universitária”, tais estudos, o colóquio, os livros, os eventos optassem por “estudos sobre a universidade”? Caso se juntassem todos aqueles temas – os quais citei como exemplo – e se colocassem como pertencentes a um campo denominado de “estudos sobre a universidade” não faria mais sentido? Pensei comigo mesmo: sim, mas em parte. E os trabalhos sobre administração universitária, seriam então uma temática dentro dos tais estudos sobre a universidade? E por que não enquadrá-los como um tema de estudos da administração? Minha resposta: não há como enquadrá-los nem em um nem em outro, mas talvez nos dois!

A administração universitária, portanto, estaria tanto entre os estudos de interesse da administração quanto entre os “estudos sobre a universidade”⁶. Ao se utilizar das teorias administrativas para analisar a universidade, ela estaria dentro do campo científico da administração, como uma disciplina⁷ deste campo. Ao mesmo tempo, por ser um tema de interesse dos “estudos sobre a universidade”, ele se enquadraria também como uma disciplina de tais estudos. Vale destacar que a universidade enquanto organização é objeto de interesse de outras áreas de conhecimento, de outros campos do saber. Assim, aquilo que

especificamente da temática Gestão da Universidade, tendo sido desenvolvido por Afrânio Mendes Catani e Maria Estela Dal Pai Franco.

⁶ “Muito amplo!”, apontaram alguns membros de minha banca de qualificação. “Isso existe?”, indagaram outros.

⁷ Utilizaremos disciplina como sinônimo de campo ou subcampo, conforme Shinn e Ragouet (2008).

denominamos como “estudos sobre a universidade” refletiriam os estudos que todas as áreas de conhecimento fazem sobre esta organização.

Ao chegar nesta etapa de minha reflexão, cheguei à conclusão de que estava aí um ponto que poderia ser esclarecido. Afinal, os estudos sobre administração universitária se encaixam onde? Como delimitar este campo de estudos? Quem fala sobre este tema? De onde se fala? O que de fato se discute quando se fala em administração universitária? Estava decidido: minha tese iria tentar desvendar essas questões.

Foi assim que cheguei ao tema de minha tese. Porém, este era só o início do desafio. Elaborei então um projeto de tese que precisou ser qualificado por uma banca como é de praxe na academia. Certo de que havia conseguido ao menos definir o que eu pretendia fazer submeti meu projeto à banca. Dentre os questionamentos que recebi, alguns foram quase unanimidade: “afinal, os ‘estudos sobre a universidade’ existem como campo científico? Não seria muito amplo falar em ‘estudos sobre a universidade’?” Afinal, se eu fosse considerar que campo científico da administração universitária fazia parte do suposto “campo de estudos sobre a universidade” ao invés de delimitá-lo, eu estaria ampliando ainda mais as dificuldades em entendê-lo.

Levei estes questionamentos comigo após a banca e aprofundei minhas leituras sobre campo científico. Recorri a trabalhos que tratavam de campo científico, a fim de tentar encontrar semelhanças em relação à lacunas encontradas no da administração universitária. Ou seja, campos que suscitasse dúvidas semelhantes as que eu tinha. Dois trabalhos me chamaram a atenção: uma tese sobre o campo científico da comunicação no Brasil (ROMANCINI, 2006) e uma dissertação sobre o campo da ciência da informação no Brasil (ALMEIDA, 2005). Em ambos os trabalhos os autores propõem análises que buscam evidenciar que tanto a comunicação quanto a ciência da informação podem ser considerados como campos científicos. A existência desses trabalhos me deixou bastante animado, pois os desafios em delimitar esses campos pareciam muito semelhantes aos que eu teria ao tentar delimitar o campo da administração universitária. Mas que desafios seriam estes?

O primeiro deles está relacionado ao fato de serem temas que interessam e são tratados de formas diversas por múltiplas áreas. Romancini (2006, p. 2-3), por exemplo, descreve assim o campo da comunicação:

Vista de fora, pelo menos, a Comunicação não parece um campo único, dividido em escolas e especialidades da maneira habitual. Parece um sortimento de investigações díspares e desconexas, reunidas numa mesma classe pelo fato de todas se referirem, de um modo ou de outro, a tal ou qual coisa a que se chama “processo de comunicação”. Dezenas de personagens à procura de um texto.

A “administração universitária”, da mesma forma, é composta de trabalhos que são tratados como pertencentes ao mesmo campo por tratarem de temas relacionados à administração de universidades, administração de instituições de educação superior, ensino superior, educação superior, universidade e outros que de alguma forma estejam ligados a eles. Temas que tratam desde educação a distância até administração de recursos humanos na universidade. De estudos sobre evasão na educação superior até planejamento estratégico em instituições de ensino superior. Enfim, o exposto por Romancini (2006) se aplicava à administração universitária.

Outro desafio, que decorre do primeiro se refere à interdisciplinaridade, ou falta dela. Ora, se a administração universitária interessa a áreas de conhecimentos diversas, não seria o caso de haver aí espaço para a tão festejada⁸ “interdisciplinaridade”? O que de fato parece existir, no entanto, é uma multidisciplinaridade. A interdisciplinaridade “representa a orquestração intrínseca das disciplinas, fazendo convergir seus pontos diversificados de origem. Trata-se de construir um texto único a várias mãos” (DEMO, 1997, p. 114). A multidisciplinaridade, por outro lado, “aponta para a acumulação justaposta de textos. A variedade de disciplinas não chega a formar um todo confluyente, porque apenas o espaço é comum, mas não o texto” (DEMO, 1997, p. 114). Para melhor explicar a diferença entre a

⁸ Em 2006, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC realizou sua 58ª Reunião Anual com o tema: Semeando Interdisciplinaridade, onde foi discutido entre outros assuntos o papel da interdisciplinaridade na pós-graduação brasileira. Na reunião, evidenciou-se o quanto a CAPES tem dado apoios a eventos interdisciplinares. Além disso, pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento debateram sobre sua importância para o progresso e o desenvolvimento da ciência (SBPC, 2006; JC, 2006)

interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade Demo (1997) utiliza a elaboração de um livro como exemplo. O livro elaborado de forma multidisciplinar seria aquele que reúne as contribuições de vários autores, porém cada um escreve em separado, ou seja, embora conjuguem esforços num mesmo espaço não há convergência entre eles. Assim, a dificuldade em delimitar o campo da administração universitária reside na falta de esforços conjuntos para tratar da administração deste tipo de organização.

Outro desafio inerente à delimitação da administração universitária como campo científico diz respeito à dificuldade de enxergá-la como científica. Os trabalhos sobre administração universitária são científicos? E esta é uma pergunta muito recorrente nas chamadas ciências sociais aplicadas. Fadul e Silva (2009, p. 359) ao estudar a disciplina administração pública como integrante da disciplina administração falam da dificuldade de se considerá-la como científica.

Atribui-se esta carência conceitual e metodológica da administração pública, de uma parte, ao fato de ela ser, enquanto ciência, uma disciplina relativamente jovem, tendo nascido no final do século XIX. De outra parte, as fragilidades do campo são atribuídas ao fato de, nos seus primórdios, a disciplina ter-se valido, para a sua formação, do arcabouço teórico de outras ciências, sobretudo das ciências jurídicas e das ciências políticas. A partir de então, a administração pública esteve sempre apoiada em teorias emprestadas de outras disciplinas, e sempre marcada pela presença de um corpo conceitual que ainda não lhe é próprio.

Por comparação, a administração universitária como disciplina da administração, como se propôs anteriormente, traria para si as mesmas “carências” ou “fragilidades” desta: a administração universitária parece tomar emprestadas para a constituição de seu arcabouço teórico, teorias que vão desde a administração até a educação. Assim, sua riqueza de teorias, abordagens e olhares ao invés de constituírem um campo interdisciplinar, como exposto anteriormente, acaba por se tornar um punhado de teorias que coexistem paralelamente.

Expostos alguns dos desafios inerentes à definição da administração universitária como campo científico, e enxergando neste

campo lacunas semelhantes a tantos outros, constatei que refletir sobre elas seria uma boa oportunidade de contribuir para uma discussão interna sobre o campo. Melhor dizendo: tentar desvendar o campo, poderia possibilitar que se refletisse sobre tais questões. Faltava, no entanto responder aos questionamentos sobre a amplitude dos “estudos sobre a universidade” levantados na banca de qualificação. Cheguei à conclusão de que, de fato, falar em “estudos sobre a universidade” parecia ser muito amplo e não me ajudaria muito a tentar desvendar o campo científico da administração universitária. É como se estivesse buscando encontrar um campo com as lacunas apresentadas em um campo possivelmente mais amplo e mais cheio de lacunas. Assim, parti para uma estratégia menos pretenciosa, porém mais consistente: partiria do campo científico da administração para tentar desvendar o da administração universitária.

O campo científico da administração por mais que ainda careça de trabalhos que tratem sobre o assunto, já possui certa discussão em termos, principalmente, de sua produção científica⁹. Sendo assim, já possui objeto de estudo delimitado – as organizações dos diversos setores da sociedade – e teorias (RUBEN, SERVA, CASTRO, 1995) e temas relacionados (ANPAD, 2011b). Assim, seria um ponto de partida considerar a administração universitária como um subcampo científico da administração e a partir de suas relações com este tentar desvendá-lo seja a partir daquilo que une os dois campos (por exemplo, agentes, teorias e temas em comum) seja a partir do que os afasta (que não está presente no campo científico da administração). Operacionalmente, se a administração universitária foi¹⁰ e é¹¹ área de concentração de cursos de mestrado na área de administração no Brasil; existiu¹² e ainda existem eventos científicos sobre administração

⁹Rossoni (2006) faz uma discussão de ao menos seis trabalhos que tratam da produção científica do campo, como será mostrado no capítulo seguinte.

¹⁰ Ver CPGA – Curso de Pós-Graduação em Administração. **Catálogo do Curso de Pós-Graduação em Administração – CPGA da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.** CPGA/UFSC: Florianópolis, 1982.

¹¹ Ver Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária – PPGAU da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (www.ppgau.ufsc.br)

¹² Ver: OUI (1983). UFRN (1991). INPEAU (2012).

universitária no país. Por consequência há produção científica sobre os temas a ele relacionados e há pesquisadores interessados nele. Há que se responder, no entanto: quem são esses pesquisadores? De que espaços eles falam? A que instituições estão ligados? Sobre que temas eles se debruçam? Como está estruturado o campo científico que eles constituem? Até que ponto seus pesquisadores, as instituições a que pertencem e os temas que lhe são objeto são comuns? Buscando responder a esses questionamentos fui encontrar refúgio na sociologia das ciências.

A sociologia das ciências tem como objetivo estudar as ciências (incluindo as ciências sociais e nomeadamente a sociologia) enquanto constituintes de realidades sociais, podendo ter sentidos diferentes, dependendo dos objetivos a que se propõe o pesquisador (BOUDON et al., 1990). Um dos objetivos está relacionado ao estudo da atividade dos cientistas enquanto atores sociais, cooperando ou rivalizando segundo modalidades particulares em instituições específicas, que está no centro da análise. Outras vezes, é a relação entre os cientistas e o conjunto da sociedade que se torna objeto de seu estudo. Por fim, são os próprios conhecimentos científicos, no seu conteúdo e na sua estrutura, que se pretende submeter à análise sociológica (BOUDON et al., 1990).

O campo científico ao se constituir em uma estrutura em que agentes ocupam posições a partir do acúmulo de capital científico adquiridos ao longo de sua trajetória acadêmica por meio de lutas para alcançar o melhor lugar nessa estrutura (BOURDIEU, 1983) torna-se uma das categorias de análise que viabilizam o alcance do primeiros do objetivos propostos no conceito de sociologia das ciências supracitado. Considerando os questionamentos levantados sobre o campo científico da administração universitária, e tomando por base a abordagem teórica de Bourdieu (1983; 2004) que torna possível responde-los, chegou-se ao seguinte problema de pesquisa:

Como está constituída a administração universitária enquanto campo científico no Brasil?

Decorrente deste problema definiu-se o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa.

1.1 OBJETIVO GERAL

Analisar como está constituída a administração universitária enquanto campo científico no Brasil.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Identificar agentes do campo científico da administração universitária no Brasil;
- b) Caracterizar os agentes do campo científico da administração universitária no Brasil;
- c) Verificar possíveis influências das teorias administrativas nos temas de interesse do campo científico da administração universitária no Brasil;
- d) Determinar a estrutura do campo científico da administração universitária no Brasil a partir do volume de capital científico puro e institucional acumulado por seus agentes.

1.3 JUSTIFICATIVA

A principal justificativa apresentada para o desenvolvimento deste trabalho está no entendimento de que a administração universitária no Brasil possa ser vista como um campo científico, embora ainda não tenha sido estudada enquanto tal. Os agentes que dele participam não são facilmente identificáveis, tão pouco suas temáticas. Sequer está claro o que os agentes do campo consideram como importante para que se faça parte dele, ou para que ele se constitua como tal. Para Pierre Bourdieu:

Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, *tornar necessário*, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por ele produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir” (BOURDIEU, 2007, p. 69).

Assim, com este trabalho pretende desvendar: que campo é este que tanto interessa a um grupo de pesquisadores brasileiros a ponto de existir curso de mestrado, eventos e conseqüentemente publicações sobre administração universitária, como já citado? Pretende desvendar ainda: quem são esses pesquisadores? Como estão estruturados? Até o presente momento não há conhecimento de que existam respostas a essas questões ou de que se tenha refletido sobre elas. A originalidade deste trabalho reside justamente no fato de se querer desvendá-las.

Nesse sentido, a importância deste trabalho advém da constatação de que não se voltar para a busca de respostas a perguntas como as supracitadas torna difícil, se não impossível que se conheça o que se produz de conhecimento por estes pesquisadores. Simplesmente porque não se sabe ao certo quem eles são. Com base em Bourdieu (1983), é fundamental, portanto, que se conheça não só quem são esses agentes, mas quais suas trajetórias, que se refletem no acúmulo de capital científico obtido por eles ao longo do tempo. Assim, este trabalho pretende ajudar na compreensão deste campo por meio de sua definição enquanto tal. De acordo com Lahire (2002, p. 13):

Sobre aqueles que refletem sobre sua disciplina, seus saberes ou seus métodos, paira hoje uma suspeita de inutilidade, de gasto luxuoso de tempo, que marcaria uma ausência de trabalho de pesquisa ou a chateação do trabalho “de campo”. Alguns desqualificam antecipadamente toda reflexão teórica, metodológica ou epistemológica como fútil, estéril, pretensiosa ou prolixa. Evidentemente esses são sempre os que têm um interesse todo particular em manter a situação da ordem científica, cuja teoria, metodologia e epistemologia decorrem naturalmente. Não têm nenhum interesse em ver a chegada de novas reflexões (forçosamente pretensiosas, malévolas ou estúpidas), sobretudo quando elas abrangem caixas conceituais que se acreditava que estavam fechadas para sempre.

Seguindo esse entendimento, pretende-se abrir as “caixas” em que se encontram os conhecimentos produzidos por este campo para saber mais do que eles são, de onde eles vêm. Quem são os responsáveis pela produção desse conhecimento? Por quais meios eles produziram esse conhecimento?

Outro aspecto da contribuição deste trabalho diz respeito ao uso do aporte teórico e metodológico de Bourdieu (1983; 2004) para entender um subcampo da administração. Mais especificamente a sua noção de campo científico aplicada à administração. O uso das contribuições de Pierre Bourdieu na administração é relativamente reduzido, como mostra um estudo de Sant'Anna e Souza (2012) que em pesquisa bibliométrica desenvolvida junto aos anais do EnANPAD, no período de 2001 a 2011, e do EnEO, entre 2004 a 2012, buscaram identificar artigos que adotaram o arcabouço teórico do autor em estudos no campo da Administração. Foram encontrados 32 artigos, sendo que nenhum deles trouxe um estudo da atividade dos cientistas enquanto atores sociais, cooperando ou rivalizando segundo modalidades particulares em instituições específicas (BOUDON, 1990), embora o de Teixeira (2010) apresentasse uma proposta de trabalho nesse sentido.

Aliás, as análises sobre o campo científico da administração normalmente são análises da produção de conhecimento, com aportes metodológicos bibliométricos, não havendo interesse em estabelecer como o campo está estruturado ou mesmo as relações entre os agentes que dele fazem parte. Nesta linha estão poucos trabalhos no campo, como por exemplo, o de Teixeira (2011) que estuda a dinâmica do campo científico e os capitais em jogo na pesquisa em uma universidade pública e o de Teixeira et al. (2012) em que tratam da dinâmica de distribuição de fontes de capitais científicos entre docentes/pesquisadores de um programa de pós-graduação *stricto sensu* de uma universidade pública. Além destes pode-se citar e o de Rossoni (2006) que faz uma análise da dinâmica de relações no campo de pesquisa em organizações e estratégia no Brasil.

Assim, acredita-se que esta pesquisa ampliará a reflexão sobre a análise do campo científico em administração no Brasil, não apenas em termos do que se produz, mas, principalmente quanto a sua estrutura. Embora aqui, ressalta-se, está se tratando de um subcampo deste: o campo científico da administração universitária no Brasil.

1.4 ESTRUTURA DA TESE

Em face do exposto, esta tese está estruturada em cinco partes. Na primeira parte, concluída neste capítulo, foram apresentadas a contextualização do problema de pesquisa, os objetivos geral e específicos que se pretendeu alcançar, bem como a justificativa do trabalho, em termos de sua importância e contribuição para o campo da administração e da administração universitária.

No segundo capítulo são apresentados os pressupostos teóricos que embasaram esta pesquisa. Assim, este capítulo foi dividido em duas seções principais: uma em que foram contempladas discussões sobre a administração, a universidade e o conceito de administração universitária. E outra em que o conceito de campo científico de Bourdieu foi desenvolvido como categoria de análise da sociologia da ciência, bem como o campo científico da administração universitária foi tratado como um parte do campo científico da administração.

No terceiro capítulo apresenta-se os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, por meio de sua caracterização. Na sequência, foi apresentado como se chegou aos sujeitos de pesquisa, bem como foram apresentadas as questões que guiaram esta pesquisa. Decorrentes destas questões, as categorias de análise foram descritas conceitual e operacionalmente. Por fim foi descrita a forma como os dados foram coletados e analisados.

No quarto capítulo analisa-se resultados da pesquisa. Na primeira seção, fez-se a descrição dos agentes do campo científico da administração universitária no Brasil, divididos em: pesquisadores, grupos de pesquisa e cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração/instituições de ensino. A partir dessa descrição mostraram-se as relações dos temas das publicações dos agentes com as teorias da administração. Na seção seguinte, apresentou-se como está estruturado o campo científico da administração universitária no Brasil, a partir da distribuição das espécies de capital científico entre os agentes-pesquisadores deste campo.

No quinto capítulo faz-se as considerações finais de pesquisa a partir de uma reflexão sobre os principais resultados encontrados a partir dos objetivos traçados, bem como recomendações a trabalhos futuros na área.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA

O objetivo deste capítulo é o de apresentar as contribuições teóricas dos autores que auxiliaram na definição dos principais conceitos utilizados no trabalho. Com isso, buscou-se fundamentar os pressupostos dessa pesquisa e dar condições de operacionalizar suas categorias de análise.

Na primeira seção destacou-se como o termo administração universitária pode ser interpretado e como ele deve ser entendido para fins dessa pesquisa. Para tanto, foram esclarecidos os conceitos de administração e universidade e a partir deles foi construído um conceito de administração universitária.

Na segunda seção, abordou-se o conceito de campo científico de Pierre Bourdieu, contextualizando-o como categoria de análise da sociologia da ciência. Na sequência, apresentaram-se os principais elementos constituintes do campo científico utilizados para embasar as categorias de análise deste trabalho. Por fim, mostrou-se como o campo científico da administração universitária pode ser considerado como um subcampo do campo científico da administração no Brasil.

2.1 ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

Nesta seção a administração universitária é apresentada com base na ideia de que pode ser entendida a partir da junção dos conceitos de administração e de universidade. Assim, conceitua-se administração, seu objeto de estudo e a forma como pode ser analisado enquanto teoria científica. Na sequência, é abordado o conceito de universidade e como ele pode se constituir em objeto de estudo da administração.

2.1.1 Administração

Com base na ideia de que a administração universitária possa ser entendida como um termo que se origina da junção dos conceitos que o formam: “administração” e “universidade”, tratou-se de definir inicialmente o que é administração.

Stoner e Freeman (2000, p. 4) conceituam administração como: “processo de planejar, organizar, liderar e controlar o trabalho dos membros da organização, e de usar todos os recursos disponíveis da organização para alcançar objetivos estabelecidos”. Nesse conceito, os autores deixam clara a relação com aquele desenvolvido por um dos

precursores das teorias administrativas modernas¹³: Henri Fayol, que define administração como uma função do administrador que envolve as atividades de prever, organizar, comandar, coordenar e controlar todos os recursos (dos materiais aos humanos) de uma organização (FAYOL, 1994).

Assim, para que esta seção não se torne um apanhado de definições com pequenas variações, buscou-se mostrar, a partir desses dois conceitos - o primeiro relativamente mais recente e o segundo da primeira década do século XX -, que boa parte das definições de administração¹⁴, envolve o seu principal objeto: as organizações. As organizações podem ser definidas como sistemas sociais cuja “prioridade de atenção para a consecução de uma meta específica” é considerada como característica que a distingue de outros sistemas (PARSONS, 1967, p. 44). Lapassade (1977) define organização como um grupo de indivíduos que realiza atividades de forma estruturada para atingir objetivos comuns (LAPASSADE, 1977). Para Stoner e Freeman (2000, p. 4) trata-se de “duas ou mais pessoas trabalhando juntas e de modo estruturado para alcançar um objetivo específico ou um conjunto de objetivos”. Com base nesses conceitos é possível afirmar que uma organização pode incluir desde os tipos mais burocratizados (WEBER, 1999) como os sindicatos e associações de classe, governos, empresas, partidos políticos, igrejas, escolas, clubes, universidades, etc., até os mais inorganizados (MOTTA, PEREIRA, 1986) como uma multidão, uma classe social, uma casta, uma nação, uma região, uma cidade, etc. Incluem ainda aquelas que atuam em diferentes setores da sociedade.

Vale destacar que as organizações são objeto de estudo de outros campos do conhecimento, principalmente a sociologia, da qual as teorias administrativas tomam emprestados alguns de seus conceitos. Tal fato é comum para as ditas “disciplinas contemporâneas” definidas como aquelas que:

buscam sua base teórica em disciplinas correlatas
e exercitam os métodos comuns de reconstrução

¹³ Moderno no sentido empregado por Daft e Lewin (1993) e Clegg (1998).

¹⁴ Optou-se por utilizar conceitos que refletissem o paradigma dominante nos estudos organizacionais – o funcionalismo (CALDAS, FACHIN, 2005), pois acredita-se que o campo científico da administração universitária como subcampo científico da administração deverá refletir este campo.

do objeto, tendem a fechar-se, realizando o disparate triste de usar a teoria, não para alimentar a capacidade de inovação, mas para fechar o cerco em torno de si mesmos. Ocorrem daí dois riscos: pode-se partir para visões superficiais, típicas de cursos que perambulam por todos os horizontes teóricos imagináveis, sem desenhar um lugar mais ou menos próprio; pode também buscar refúgio numa espécie de tutela teórica e metodológica, destruindo a vocação interdisciplinar que o objeto em si estaria sugerindo (DEMO, 1997, p. 99).

Ou seja, disciplinas “contemporâneas” como a administração acabam muitas vezes utilizando-se de arcabouços teóricos de outras disciplinas mais “clássicas” ou de outros campos do conhecimento mais “consistentes” para justificar sua própria existência ou cientificidade. Isso parece ir ao encontro do conceito de interdisciplinaridade, termo que mais do que uma realidade virou um “modismo”, como alerta Demo (1997, p. 119):

A academia é muito dada a modismos. O da interdisciplinaridade é um deles. (...) A interdisciplinaridade nada tem a ver com procedimentos cumulativos e justapostos, como é o caso comum no campo da informação cada vez mais abundante. Somos abordados, cada dia mais, com um turbilhão de informações, oriundas de toda parte. (...) A rigor, este amontoamento de informação disparatada e quase sempre superficial, não leva à interdisciplinaridade, nem a demonstra, porque o cerne desta está na reconstrução, em um texto só, da contribuição especializada de vários autores com origens diversificadas. O que faz na verdade a interdisciplinaridade não é a justaposição de textos, mas o esforço reconstrutivo de tecê-lo num todo só.

Ao se colocar a administração como uma disciplina que contém tais características, faz-se necessário apontar de que “teorias da administração” está se falando. Em outros termos, o que está se considerando como “teorias da administração” neste trabalho. Essa

ponderação se faz importante, em função dos vários entendimentos que se pode ter do que elas sejam.

Chevallier e Loschak (1980, p. 18), ao discutirem a constituição e a exploração do campo científico da administração caracterizam a ciência administrativa como tendo um caráter compósito e compartimentado:

Compósito em virtude da heterogeneidade dos sucessivos contributos que a constituíram; compartimentado porque as correntes que a atravessam abordam o estudo da administração com preocupações demasiado diferentes para poderem fundir-se espontaneamente numa disciplina integrada.

Em função desse caráter, a ciência administrativa pode ser designada sob três perspectivas: jurídico-política, gestiológica ou managerial e sociológica (CHEVALLIER, LOSCHAK, 1980). A primeira atribui à ciência administrativa o estudo da administração pública ou estatal, influenciada, sobretudo pela doutrina tradicional do direito público, com origens na Europa dos séculos XVII e XVIII. A perspectiva managerial é aquela que ambiciona “construir uma nova disciplina [...] concebida como uma ciência do *management*, da organização racional dos meios materiais e humanos no intuito de atingir nas condições ótimas um dado objetivo” (CHEVALLIER, LOSCHAK, 1980, p. 31). A terceira traz uma perspectiva sociológica que inclui pesquisas suficientemente diversas, muito próxima daquilo que hoje se denomina de teoria das organizações ou de estudos organizacionais.

A sociologia política interessa-se pela administração pública na medida em que a sua existência e o seu funcionamento têm uma dimensão política e se inscrevem numa problemática do poder; a sociologia das organizações, por outro lado, que inclui no seu campo de investigação as organizações de qualquer natureza, diligencia por aplicar à administração pública os métodos de análise forjados no início para o estudo das grandes empresas e por colocar assim em evidência as relações que se estabelecem no seu seio entre

indivíduos e grupos (CHEVALLIER, LOSCHAK, 1980, p. 32-33).

A “sociologia política” e a “sociologia das organizações” como correntes desta terceira perspectiva tornam ainda mais complexo o entendimento dos limites e da abrangência das teorias da administração, como constituintes de uma ciência da administração. Levando em consideração a diversidade que é peculiar ao campo da administração, Ruben, Serva e Castro (1995) concebem as teorias da administração como divididas em três setores: as teorias das organizações, as teorias gerenciais e o vasto conjunto dedicado às áreas funcionais.

Para estes autores as teorias gerenciais (trabalhos que se orientam pela racionalidade com fins de rentabilidade, na trajetória iniciada por Taylor e Fayol) e os trabalhos dedicados às áreas funcionais (finanças, marketing, produção, recursos humanos, etc.) “fazem parte de um pensamento pragmático, no sentido onde o que conta é o alcance dos resultados fixados como metas” (RUBEN, SERVA, CASTRO, 1995, p. 208). Esses dois grupos de teorias podem ser relacionados à perspectiva managerial de Chevallier e Loschak (1980). Em contraponto, a teoria das organizações “busca, sobretudo analisar, refletir e melhor compreender o espaço onde o trabalho é realizado embora não inteiramente despojado de um certo pragmatismo” (RUBEN, SERVA, CASTRO, 1995, p. 208). Tal teoria pode ser relacionada à perspectiva sociológica de Chevallier e Loschak (1980). Sendo assim, esses autores não consideram a perspectiva jurídico-política, possivelmente por esta se constituir em um campo científico próprio no Brasil, definido como administração pública. Assim, neste trabalho, sempre que se fizer referência às teorias administrativas estas serão relacionadas à concepção de Ruben, Serva e Castro (1995).

Definidos o conceito de administração, e de seu objeto de estudo – as organizações -, bem como explicado como as teorias administrativas serão tratadas neste trabalho, apresenta-se a seguir o conceito de universidade e a forma como esta organização, que, portanto, é também objeto de estudo da administração será tratada para fins deste estudo.

2.1.2 Universidade

As universidades são definidas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional do Brasil – LDB/1996 como “instituições

pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano” (BRASIL, 1996). A referida lei ainda traz três aspectos que caracterizam as universidades, quais sejam:

I - produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional; II - um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado; III - um terço do corpo docente em regime de tempo integral (BRASIL, 1996).

Nesse sentido, a universidade pode ser considerada uma organização que:

- é pluridisciplinar, ou seja, uma organização que congrega muitas disciplinas ou muitos campos científicos¹⁵;
- que tem por objetivo a formação de profissionais de nível superior (inclui-se, portanto, a pós-graduação);
- onde se realiza pesquisa, ou seja, “a investigação com início e final definidos, fundamentada em objetivos específicos, visando a obtenção de resultados, de causa e efeito ou colocação de fatos novos em evidência” (CNPq, 2012c);
- onde se realiza extensão, ou seja, um “processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012, p. 15);
- tenha domínio e incentive o saber humano;
- tenha uma produção intelectual institucionalizada;
- bem como atenda aos critérios de quantidades mínimas quanto à titulação e dedicação docente.

Assim, verifica-se que no Brasil o conceito de universidade é regulamentado por legislação nacional¹⁶ que estabelece critérios

¹⁵ Neste trabalho a palavra disciplina será utilizada como sinônima de campo científico, conforme Shinn e Ragouet (2008).

mínimos para que uma organização de educação superior seja credenciada como tal. Definido o conceito de universidade, têm-se condições de estabelecer o conceito de administração universitária, motivo pelo qual se destrinchou os conceitos de administração e de universidade.

Sendo assim, a administração universitária poderia ser conceituada, por exemplo, adaptando-se o conceito de Stoner e Freeman (2000) e o conceito de universidade estabelecido pela LDB/1996 como: *processo de planejar, organizar, liderar e controlar o trabalho dos membros da universidade, e de usar todos os seus recursos disponíveis para atingir os objetivos de: formar quadros profissionais de nível superior; realizar pesquisa e extensão; bem como dominar e cultivar o saber humano*. Por outro lado, quando se fala em administração universitária no Brasil, não se está necessariamente fazendo menção à universidade recente (estabelecida pela LDB/1996) somente, mas também – e, em considerável parte – da universidade como sinônima dos termos “escolas de ensino/educação superior”, “instituições de ensino/educação superior”, “faculdades”, e mais recentemente (a partir da LDB/1996) “centros universitários”. Ou seja, antes de ser definida pela legislação atual, a universidade existia, porém sua denominação sofreu uma série de mudanças desde o estabelecimento da primeira iniciativa de se estabelecer uma no Brasil, feita já em 1592 pelos jesuítas na Bahia (MORHY, 2004). Assim, falar sobre a “administração universitária” implica em definir melhor o que se entende por universidade e como esse conceito pode ser analisado de diferentes formas ao longo do tempo.

Morhy (2004) faz um registro histórico-evolutivo sobre a universidade no Brasil, parecendo utilizá-la como sinônimo de educação superior. Ou seja, o autor traça em realidade uma evolução histórica da educação superior no Brasil, que remete à universidade como o local, ou se preferirmos, a organização, onde se fazia educação superior no país. Comparando ao cenário da educação superior que se tem hoje seria o mesmo que afirmar que uma faculdade ou centro universitário poderiam ser considerados universidades por oferecerem cursos de nível superior.

¹⁶ Ver também Resolução nº 3 de 14/10/2010 do Conselho Nacional de Educação que regulamenta o Art. 52 da LDB/1996.

Tal constatação fica evidenciada nos dois primeiros parágrafos do trabalho do autor:

A universidade chegou ao Brasil com grande atraso. Até 1900 não existiam mais do que 24 escolas de educação superior no País e até o final da primeira década do século passado não havia uma única universidade (...) Várias iniciativas visando a criação de uma universidade no Brasil estão registrados, a começar pela Universidade do Brasil, que chegou a ser instalada em 1592 pelos jesuítas na Bahia, mas esta instituição não foi reconhecida ou autorizada, nem pelo Papa e nem pelo Rei de Portugal. (...) Em 17 de janeiro de 1909 começou a funcionar a Escola Livre de Manáos, que passou a denominar-se Universidade de Manáos, a partir de 13 de julho de 1913. (...) Em 1920, foi então criada a Universidade do Rio de Janeiro, que resultou da fusão da Escola Politécnica com a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Direito, então existentes. Naquela época (...) no Brasil existiam apenas algumas instituições isoladas de educação superior de medicina, de direito, politécnica, de minas (mineração), que em geral seguiam o modelo das instituições francesas (MORHY, 2004, p. 25-26).

Assim, aquilo a que o autor denomina de universidade são em realidade “um complexo de escolas autárquicas” (RIBEIRO, 1969, p. 87). Quanto ao mencionado “modelo das instituições francesas”, destaca-se que no século XIX o entendimento que se tinha sobre a universidade e o modo como ela deveria ser organizada girava em torno de três concepções desta organização, que variavam conforme as sociedades em que elas surgiram (França, Alemanha, Inglaterra), conforme o entendimento que elas tinham sobre qual deveria ser o papel da universidade, e de acordo com a época em que foram elaboradas e traduzidas dentro da realidade (JANNE, 1981). A estas concepções foram agregadas duas outras, próprias do desenvolvimento da sociedade do século XX (Estados Unidos e União Soviética). Tais concepções sobre a universidade acabaram influenciando outras sociedades a ponto de se falar em modelos ou sistemas de universidade. Assim, é que o “modelo brasileiro” de universidade era influenciado no início do século XX pelo “modelo francês”, do século XIX, baseado no ensino profissionalizante. O quadro seguinte ilustra cada um dos modelos.

Quadro 1: Concepções ou Modelos de Universidade nos séculos XIX e XX

Autor principal	Concepção Geral	Finalidade	Princípios de organização	País de Origem
Newman, J.H.	Uma educação geral e liberal no meio do saber universal	Aspiração do indivíduo ao saber.	Uma pedagogia de desenvolvimento intelectual – internato e “tutors”.	Inglaterra
Jaspers, K.	A unidade da pesquisa e do ensino no centro do universo das ciências	Aspiração da humanidade à verdade.	Uma organização facultaria - A liberdade acadêmica.	Alemanha
Whitehead, A. N.	A simbiose da pesquisa e do ensino a serviço da imaginação criadora.	Aspiração da sociedade ao progresso.	Um corpo professoral criador – Estudantes capazes de aplicar alguns princípios gerais.	Estados Unidos
Napoleón	Um ensino profissional uniforme, confiado a um corpo organizado.	Estabilidade política do Estado.	Uma hierarquia administrativa – Programas Uniformes.	França
Conselho dos Ministros da URSS	Um instrumento funcional de formação profissional e política.	Edificação da sociedade comunista.	Uma manipulação controlada da oferta de diplomados – O recurso a todas as forças produtivas da nação.	União Soviética

Fonte: adaptado de Janne (1981).

Aproximadamente na segunda metade do século XX, os países latino-americanos entre os quais o Brasil, influenciados pela crescente predominância americana do pós-guerra em boa parte dos contextos, entre os quais o universitário, buscaram reformar seus modelos de universidade a fim de que se tornassem semelhantes àquilo que se considerava o ideal. Em um seminário internacional sobre Administração Universitária, realizado no Brasil, no início da década de

1970 um dos palestrantes ressaltava bem a necessidade de se buscar uma aproximação do modelo brasileiro ao do americano:

(...) esse é o desafio que também nos é feito (*diminuir a distância em matéria de gestão administrativa em relação aos Estados Unidos*). Nenhuma condição inferior temos para que não possamos vencer esse desafio. É preciso que nos empolguemos pela ideia de trabalhar com afinco no sentido de reduzir essa diferença (RODRIGUES, 1971, *inserção minha*).

Diante da busca por um modelo de universidade que tivesse como ideal o americano, surgem trabalhos que procuravam criticar e refletir esse posicionamento. Além disso, buscavam refletir sobre qual deveria ser o modelo de universidade para a sociedade brasileira e qual deveria ser sua função. Nessa linha podem ser destacados os trabalhos de Anísio Teixeira e de Darcy Ribeiro, ambos participantes da criação da Universidade de Brasília – UnB, instituída em 1962 (MORHY, 2004). A criação da UnB baseou-se no modelo norte-americano fundacional com departamentos, adotando-se o sistema instituto/faculdade/unidades complementares tendo os departamentos como unidade didática básica (MORHY, 2004). Além de alterar a estrutura da universidade, o novo modelo tinha o intuito de promover mudanças em termos de concepção e finalidade, conforme manifestação de Anísio Teixeira sobre a criação da UnB, em 1961:

Queremos que ela concretize uma mudança real e seja um instrumento de promoção, de cultura e de soluções de problemas, voltada para o meio social exterior. Nossos planos são para que ela se identifique com as aspirações de evolução do país e contribua para que suas finalidades sejam alcançadas. Pretendemos superar as resistências de nossas universidades formuladas nos moldes antigos, voltadas para si mesmas, mais do que para a nação, preocupadas mais com o seu papel de guardiãs da cultura do que com a necessidade do progresso e desenvolvimento da sociedade (MORHY, 2004, p. 30).

Na mesma linha de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro (1969) propunha uma reestruturação dos modelos de universidade até então vigentes na América Latina, o qual denominava de “Universidade Utópica” ou “Universidade Necessária”. Afirmava que um de seus requisitos deveria ser o de “poder converter-se em programa concreto de ação que leve em conta as situações locais de cada país e que seja capaz de transformar a universidade num agente de transformação intencional da sociedade” (RIBEIRO, 1969, p. 168).

Durante o período dos governos militares (1964-1985), a pesquisa científica e a pós-graduação foram expandidas e modernizadas e a Reforma Universitária de 1968¹⁷ trouxe mudanças que refletem até hoje na concepção e no funcionamento das universidades, como por exemplo: a criação dos institutos básicos e dos departamentos; a criação de cursos de curta duração; a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; os regimes de tempo integral e de dedicação exclusiva de professores; e a institucionalização da pesquisa (MOHRY, 2004). Este autor destaca ainda que foi neste período que as universidades assumiram o papel de instituições de pesquisa.

Com a Constituição de 1988 e a LDB/1996, estabeleceu-se o modo de funcionamento atual das instituições de educação superior, como por exemplo: a dissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão em instituições de educação superior não universitárias, sendo obrigatória a indissociabilidade no caso das universidades; a autonomia universitária; as bases legais da educação a distância para todos os níveis e modalidades de ensino; a garantia de qualidade, qualificação docente e avaliação sistemática da educação superior (MOHRY, 2004). A partir da regulamentação da LDB/1996, por meio do Decreto nº 5773 de 9/05/2006 (BRASIL, 2006), vigente atualmente, são consideradas como instituições de educação superior no Brasil: as faculdades, os centros universitários e as universidades, cada qual com regras específicas de credenciamento e de funcionamento.

Assim, com este breve resgate da evolução do conceito de universidade no Brasil, que se confunde com a evolução da própria educação superior no país, procurou-se mostrar que a “universidade” tal qual aparece no termo “administração universitária” pode abranger os diversos tipos de instituições de educação/ensino superior (faculdades,

¹⁷ Lei nº 5540 de 28/11/1968 e o Decreto Lei nº 464 de 11/02/1969.

centros universitários e universidades) que ofereçam cursos em nível superior, além da própria “educação superior” ou “ensino superior”. Daí que se verifica o uso da expressão “administração da educação superior” ou do “ensino superior”. E algumas variações como “gestão universitária”; “gestão da educação ou do ensino superior”; “administração de instituições de educação ou ensino superior (IES)”; e “gestão de IES”.

2.1.3 O que é administração universitária no Brasil?

Analisados os conceitos de administração e de universidade, bem como as diferentes possibilidades de entendimento que podem decorrer deles, foi criado para fins deste trabalho um conceito de administração universitária que servirá de base para seu entendimento como um campo científico. Tomando por base o conceito de Stoner e Freeman (2000) a administração universitária foi definida como *processo de planejar, organizar, liderar e controlar o trabalho dos membros das organizações de educação superior, e de usar todos os seus recursos disponíveis para atingir seus objetivos*.

Em termos mais abrangentes, sendo a administração um campo científico ou disciplina que tem como objeto de estudo as organizações, a administração universitária pode ser definida como um campo científico (que faz parte daquele, ou seja, é um subcampo daquele) cujo objeto de estudo são as organizações de educação superior, universitárias ou não. Portanto, estão incluídas nesse conceito suas variações, dentre as quais: a administração/gestão de IES; a gestão universitária; bem como a administração/gestão do ensino e da educação superior.

Nesse sentido, os temas e as teorias que constituem a administração enquanto disciplina ou campo científico, de acordo com o conceito apresentado, poderão se fazer presentes também no campo científico da administração universitária. Assim, quando se falar em administração universitária no Brasil, neste trabalho, estará se abarcando os temas e teorias administrativas como possíveis constituintes de seu *corpus* aplicados às organizações de educação superior. Para tanto, há que se considerar quais são os temas e teorias que refletem o conhecimento do campo científico da administração.

Tomando por base a ideia de teorias administrativas desenvolvidas por Ruben, Serva e Castro (1995), elas podem ser divididas em: teorias gerenciais, teorias relacionadas às áreas funcionais da administração e teorias das organizações. No campo científico

brasileiro, tais teorias e os temas a elas relacionados podem ser encontrados entre as divisões acadêmicas definidas pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD. Esta associação foi criada em 1976, e:

Congrega programas de pós-graduação *stricto sensu*, representando os interesses das instituições filiadas junto à opinião pública e atuando como órgão articulador dos interesses dos programas perante a comunidade científica e os órgãos governamentais responsáveis pela gestão da educação e desenvolvimento científico e tecnológico em nosso país (ANPAD, 2011a).

Sendo assim, se constitui em um importante agente¹⁸ do campo científico da administração no Brasil, pois congrega 92 programas de pós-graduação *stricto sensu* em administração, ciências contábeis e afins associados, que por meio de divisões acadêmicas (reunindo variados temas de interesse científico do campo das ciências administrativas) constitui-se em um fórum de debates entre professores, pesquisadores e estudantes de pós-graduação (ANPAD, 2011a). Acredita-se, portanto, que as divisões acadêmicas da ANPAD reflitam o conhecimento gerado pelo campo científico da administração no Brasil e consequentemente parte do conhecimento gerado pelo campo científico da administração universitária, considerado neste trabalho um subcampo desta.

No ano de 2011¹⁹, a ANPAD continha 11 divisões acadêmicas, cada qual dividida em temas de interesse específicos. O quadro seguinte apresenta cada uma dessas divisões e seus respectivos temas:

Quadro 2: Divisões acadêmicas da ANPAD em 2011.

<p>ADI - Administração da Informação</p>	<p>Tema 01 - Aspectos Sociais, Culturais e Comportamentais dos Sistemas de Informação (SI); Tema 02 - Desenvolvimento de Sistemas de Informação; Tema 03 - Gestão da Informação; Tema 04 - Gestão do Conhecimento (GC); Tema 05 - Governança e Gestão de Tecnologia da Informação;</p>
---	--

¹⁸ Este conceito será discutido na seção 2.2.2.2.

¹⁹ Utilizou-se como base o ano em que foi definido o projeto que deu origem a esta tese.

	<p>Tema 06 - Processo Decisório e Sistemas de Apoio à Decisão (SAD);</p> <p>Tema 07 - Metodologias, Métodos e Técnicas;</p> <p>Tema 08 - Sistemas de Informação Organizacionais e Interorganizacionais;</p> <p>Tema 09 - SI/TI em Organizações Públicas e ONGs/Aspectos Socioambientais de SI/TI.</p>
APB - Administração Pública	<p>Tema 01 - Estado, Sociedade, Governo e Administração Pública;</p> <p>Tema 02 - Políticas Públicas;</p> <p>Tema 03 - Federalismo, Relações Intergovernamentais e Descentralização;</p> <p>Tema 04 - Planejamento, Finanças e Controle no Setor Público;</p> <p>Tema 05 - Dimensões Intra Organizacionais das Organizações Públicas;</p> <p>Tema 06 - Organização e Gestão de Serviços Públicos;</p> <p>Tema 07 - Teorias e Metodologias em Administração Pública;</p> <p>Tema 08 - História, Memória e Construção de Agendas de Pesquisa.</p>
CON - Contabilidade	<p>Tema 01 - Contabilidade e Governança Corporativa;</p> <p>Tema 02 - Contabilidade e Responsabilidade Socioambiental;</p> <p>Tema 03 - Contabilidade Financeira;</p> <p>Tema 04 - Contabilidade Governamental e do Terceiro Setor;</p> <p>Tema 05 - Controladoria e Contabilidade Gerencial;</p> <p>Tema 06 - Auditoria e Perícia;</p> <p>Tema 07 - Contabilidade e Abordagens Comportamentais.</p>
EOR - Estudos Organizacionais EOR - Estudos Organizacionais (continuação)	<p>Tema 01 - Abordagem Institucional nos Estudos Organizacionais;</p> <p>Tema 02 - Conhecimento, Aprendizagem e Inovação;</p> <p>Tema 03 - Trabalho, Organização, Estado e Sociedade;</p> <p>Tema 04 - Comunicação, Processos Discursivos e Produção de Sentidos;</p> <p>Tema 05 - Ontologia, Epistemologias, Teorias e Metodologias nos Estudos Organizacionais;</p> <p>Tema 06 - Estudos Críticos e Práticas Transformadoras em Organizações;</p> <p>Tema 07 - Gênero e Diversidade;</p> <p>Tema 08 - Organizações Familiares;</p> <p>Tema 09 - Indivíduos, Grupos e Comportamento em Organizações;</p> <p>Tema 10 - História e Memória em Organizações;</p> <p>Tema 11 - Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais;</p> <p>Tema 12 - Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações.</p>
EPQ - Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade	<p>Tema 01 - Epistemologia e Administração;</p> <p>Tema 02 - Estratégias e Métodos de Pesquisa Quantitativos e Qualitativos;</p> <p>Tema 03 - Ética na Pesquisa e Produção do Conhecimento em Administração e Contabilidade;</p> <p>Tema 04 - Formação do Professor e do Pesquisador;</p> <p>Tema 05 - O Processo de Ensino na Administração e na Contabilidade;</p> <p>Tema 06 - Casos para Ensino em Administração e</p>

	<p>Contabilidade;</p> <p>Tema 07 - Planejamento e Organização de Cursos e Programas;</p> <p>Tema 08 - O Contexto Institucional do Ensino e da Pesquisa;</p> <p>Tema 09 - Estudos Históricos, Reflexivos ou Críticos sobre as Áreas de Administração e Contabilidade.</p>
ESO - Estratégia em Organizações	<p>Tema 01 - Aspectos Teóricos e Metodológicos da Vantagem Competitiva;</p> <p>Tema 02 - Formulação, Implementação e Mudança das Estratégias;</p> <p>Tema 03 - Estratégia e Conhecimento;</p> <p>Tema 04 - Estratégias Empresariais e Corporativas;</p> <p>Tema 05 - Estratégia, Sustentabilidade Socioambiental e Ética Corporativa;</p> <p>Tema 06 - Estratégia e Empreendedorismo;</p> <p>Tema 07 - Estratégia e Cooperação;</p> <p>Tema 08 - Negócios Internacionais;</p> <p>Tema 09 - Modelagem e Mensuração do Desempenho;</p> <p>Tema 10 - Perspectivas Organizacionais e Sociológicas da Estratégia;</p> <p>Tema 11 - Estratégia, Governo e Desenvolvimento.</p>
FIN - Finanças	<p>Tema 01 - Estrutura de Capital, Dividendos e Capital de Giro;</p> <p>Tema 02 - Governança, Fusões e Aquisições e Estrutura de Propriedade;</p> <p>Tema 03 - Gestão de Riscos e Derivativos;</p> <p>Tema 04 - Investimento e Apreçamento de Ativos;</p> <p>Tema 05 - Mercados e Instituições Financeiras;</p> <p>Tema 06 - Teorias Macro e Microeconômicas Aplicadas a Finanças.</p>
GCT - Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação	<p>Tema 01 - Estudos Setoriais de Inovação;</p> <p>Tema 02 - Inovação e Empreendedorismo;</p> <p>Tema 03 - Inovação e Redes;</p> <p>Tema 04 - Inovação Organizacional e de Negócios;</p> <p>Tema 05 - Inovação e Cultura;</p> <p>Tema 06 - Inovação, Tecnologia e Competitividade;</p> <p>Tema 07 - Política e Gestão de Ciência e Tecnologia;</p> <p>Tema 08 - Inovação e Gestão de Projetos;</p> <p>Tema 09 - Inovação e Sustentabilidade.</p>
GCT - Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação (continuação)	
GOL - Gestão de Operações e Logística	<p>Tema 01 - Gestão de Compras e Relacionamentos entre Compradores e Fornecedores;</p> <p>Tema 02 - Estratégia e Gestão de Operações Industriais;</p> <p>Tema 03 - Logística e Supply Chain Management;</p> <p>Tema 04 - Operações de Serviços;</p> <p>Tema 05 - Operações e Cadeias Sustentáveis;</p> <p>Tema 06 - Redes de Operações e Clusters Industriais e de Serviços;</p> <p>Tema 07 - Modelagem Aplicada à Gestão de Operações.</p>
GPR - Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho	<p>Tema 01 - Gestão de Pessoas, Relações de Trabalho e Comportamento Organizacional;</p> <p>Tema 02 - Trabalho e Diversidade;</p> <p>Tema 03 - Gestão de Carreiras;</p> <p>Tema 04 - Mudanças e Permanências nas Relações de Trabalho;</p> <p>Tema 05 - Liderança;</p>

	Tema 06 - Prazer e Sofrimento no Trabalho; Tema 07 - Trabalho, Gestão e Subjetividade; Tema 08 - Políticas, Modelos e Práticas em Gestão de Pessoas; Tema 09 - Conhecimento, Aprendizagem e Competências; Tema 10 - Tabus em Gestão de Pessoas: Dimensões Esquecidas.
MKT - Marketing	Tema 01 - Comportamento do Consumidor; Tema 02 - Cultura e Consumo; Tema 03 - Métodos de Pesquisa e Teoria em Marketing; Tema 04 - Estratégias de Marketing; Tema 05 - Marketing de Serviços e de Relacionamento; Tema 06 - Marketing e Sociedade; Tema 07 - Varejo, Canais de Distribuição e Gestão de Preços; Tema 08 - Gestão de Produtos, Marcas e Comunicação; Tema 09 - Marketing: Inovação, Tecnologia e Interatividade.

Fonte: ANPAD (2011b).

Destacados os temas que constituem as divisões acadêmicas da ANPAD, vale lembrar que em diversos momentos do texto as teorias da administração e seus temas foram tratados como constituintes de “parte” do conhecimento produzido no campo científico da administração universitária no Brasil. Fez-se questão de fazer essa ponderação, pois outra “parte” desse conhecimento talvez não esteja necessariamente relacionada diretamente a essas teorias. Em grande parte, esse entendimento resulta da constatação de que se o termo “administração universitária” apresenta uma série de variações como foi mostrado anteriormente e que muitas vezes o objeto de estudo da administração universitária – as organizações de educação superior, universitárias ou não – se confundem com a própria educação superior – como foi mostrado na seção anterior – e o conhecimento gerado neste campo científico acaba incluindo temas relacionados à educação ou ao ensino superior. Ou seja, temas que não são diretamente relacionados à administração e suas teorias.

Com o objetivo de buscar evidências de como a administração universitária, pode, de fato, ser encarada de forma ambígua quanto ao seu objeto de estudo, foram analisados dois cursos de pós-graduação *stricto sensu* na área de administração e três eventos com foco em administração universitária realizados no Brasil. Como critério, buscou-se em relação aos cursos, que estivessem vinculados à área de administração e que tivessem pelo menos uma área de concentração ou linha de pesquisa incluindo o termo administração universitária ou correlatos. Quanto aos eventos, que suas temáticas centrais contivessem esses termos. Foram utilizados sites de busca na internet, bem como de referenciais de publicações que abordassem o tema.

2.1.3.1 O Curso de Pós-Graduação em Administração da UFSC

No final da década de 1970, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC criou o primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu* em nível de mestrado da área de administração contendo uma área de concentração em administração universitária no Brasil (CPGA, 1998). Por meio da análise dos catálogos do Curso de Pós-Graduação em Administração – CPGA da UFSC de 1982 e de 1983, foi possível constatar que na própria declaração dos objetivos da área de concentração de administração universitária, existe uma dubiedade no que diz respeito ao objeto desta área: ora fala-se em ensino superior (mais abrangente), ora em instituições de ensino superior:

Análise crítica da administração do ensino superior; Aumento dos níveis de qualidade e da potencialidade gerencial dos administradores do ensino superior; Formar recursos humanos especializados para atender às instituições de ensino superior (CPGA, 1982, p. 12).

Entre as linhas de pesquisa do CPGA/UFSC à época estava *Universidade Brasileira: sua estrutura e organização*. Nesta linha o objeto de análise é mais voltado para a universidade enquanto organização que para a educação ou ensino superior, conforme se verifica na definição de seus objetivos:

Analisar objetivamente os problemas percebidos na universidade, subsidiando a administração na resolução dos mesmos com propostas alternativas de solução. Auxiliar a universidade na definição de sua filosofia de ação. Projetar a universidade, através de programas de ação especial, compatibilizando os seus objetivos com os interesses e necessidades da comunidade universitária em suas diferentes dimensões. Organizar um sistema de informações com dados relevantes e atualizados, permitindo à universidade programar suas ações em função dos objetivos e não em função de crises a resolver. Fazer estudo crítico da universidade, buscando

meios de superar problemas e dificuldades tendo em vista a sua eficácia (CPGA, 1982, p. 28-29).

No ano de 1986, no entanto, esta mesma linha aparece reformulada e percebe-se a presença do ensino e da educação superior como objetos de análise, conforme trecho a seguir:

Os atuais debates sobre qualidade de ensino superior, objetivos e funções da pós-graduação, a universidade e o mercado de trabalho, a universidade e o desenvolvimento local, regional e nacional, as responsabilidades da União, dos Estados e dos Municípios em matéria educacional, a atuação da iniciativa privada no setor da educação, o financiamento da educação superior e muitos outros, são absolutamente construtivos e devem ser realizados em alto nível na esfera acadêmica. O Curso de Pós-Graduação em Administração Universitária abre espaço para o estudo e aprofundamento destes e de todos os problemas que preocupam a comunidade universitária nacional... (CPGA, 1986, p. 13-14).

Em 1989, após ter passado por reformulações o curso já não possui mais a administração universitária como área de concentração, a qual passa a se denominar “Políticas e Planejamento Universitário” com as seguintes linhas de pesquisa relacionadas: “Universidade: Políticas e Estruturas” e “Universidade: Planificação, Estratégia e Ação”, ambas com foco na organização universitária (CPGA, 1989).

Na década de 1990, a área de concentração relacionada à universidade deixa de existir e o curso passa a ter apenas uma área de concentração denominada Políticas e Gestão Institucional, e dentre as suas linhas de Pesquisa, uma é relacionada à administração universitária: Política e Administração Universitária (CPGA, 1998). A descrição desta linha mostra que o objeto de estudo da administração universitária se divide entre o ensino superior e as instituições de educação superior (IES), conforme descrição a seguir.

Voltada para o estudo da universidade e do desenvolvimento do ensino superior no Brasil, tanto sob a perspectiva organizacional como das políticas estabelecidas. As seguintes temáticas são

ênfatizadas nesta linha de pesquisa: Mudança e comportamento em IES. Políticas do ensino superior brasileiro. Estrutura do ensino superior brasileiro. Estudo comparativo das estruturas universitárias. Análise de políticas institucionais de ensino e pesquisa. Avaliação e auto-avaliação institucional. Gestão da qualidade nas IES (CPGA, 1998, p. 25).

A partir da década de 2000 a linha de pesquisa em administração universitária deixa de fazer parte do curso, após nova reformulação, e o curso passa a contar apenas com disciplinas relacionadas ao tema, as quais também refletem a ambiguidade entre os seus objetos de estudo. O quadro seguinte traz uma lista das disciplinas ofertadas ao longo da história do CPGA da UFSC que retrata esse fato.

Quadro 3: Administração universitária no CPGA/UFSC

Área de Concentração	Linhas de Pesquisa	Disciplinas ofertadas	Anos
Administração Universitária	Universidade Brasileira: sua estrutura e organização	Organização e Administração de universidades Planejamento Universitário Administração Acadêmica Administração de Recursos Humanos Problemas da Educação Superior no Brasil Administração Financeira e Orçamentação Chefia e Liderança Assuntos Estudantis e de Extensão	1982 1983
Administração Universitária	Universidade Brasileira: sua estrutura e organização	Políticas de Ensino Superior Planejamento do Ensino Superior Estrutura e Funcionamento do Ensino Superior Problemas do Ensino Superior no Brasil Administração Acadêmica	1986
Políticas e Planejamento Universitário	Universidade: Políticas e Estruturas Universidade: Planificação, Estratégia e Ação	História e evolução da universidade Estrutura e funcionamento do ensino superior Políticas do ensino superior Problemas do Ensino Superior Planejamento universitário Administração acadêmica, Administração de atividades-meio da universidade Financiamento do ensino superior Avaliação do ensino superior	1989
Não há	Política e Administração Universitária	Mudança e comportamento em IES Políticas do ensino superior brasileiro Estrutura do ensino superior brasileiro Estudo comparativo das estruturas universitárias Análise de políticas institucionais de ensino e pesquisa Avaliação e auto-avaliação institucional	1998

		Gestão da qualidade nas IES	
Não há	Não há	Gestão da Educação Superior Seminários em Administração: Gestão de Projetos em EAD Universidade e Desenvolvimento Política, Estrutura e Funcionamento da Educação Superior Financiamento do Ensino Superior	A partir da 2ª metade dos anos 2000

Fonte: elaborado pelo autor com base em CPGA (1982; 1983; 1986; 1989; 1998; 2012).

Apresentado o CPGA/UFSC, como um curso que pode ser relacionado à administração universitária, apresenta-se na sequência um evento que também guarda relações com o tema.

2.1.3.2 O III Congresso da Organização Universitária Interamericana – OUI na UFBA

Quadro 4: Conferências realizadas no III Congresso da OUI na UFBA – 1983.

<p>Conferências realizadas no III Congresso da OUI na UFBA (1983)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perspectivas e Futuro do Ensino Superior (Apresentação); - A Universidade no Século XXI – defendendo a torre de marfim; - Relações Interuniversitárias: mais um indicador para a análise da crise universitária brasileira?; - Como serão as Universidades no Ano 2000; - Ensino Superior: crescimento em tempo de recessão econômica; - A Educação Superior em um Contexto de Recessão Econômica; - Análise e Avaliação das Necessidades dos Ensino Superior para os Anos 80; - Análise e Avaliação das Necessidades dos Ensino Superior para os Anos 80 – Exame da Questão à luz da experiência de Quebec; - A Educação Universitária nos Anos 90; - O Estado Estacionário e a Universidade; - A Administração e o Desenvolvimento de Programas de Investigação com Recursos Financeiros Reduzidos; - A Gestão e o Desenvolvimento de Programas de Pesquisa com Recursos Financeiros Reduzidos; - Crescimento da Educação Superior e a Recessão Econômica; - Novos Enfoques sobre Administração Universitária; - Procedimentos para a Crise Gerencial do Ensino Superior; - O Desafio dos Anos 80 – uma Gestão Universitária Centrada na Produtividade.

Fonte: elaborado pelo autor com base em OUI (1983, p. 1-2)

No ano de 1983, foi realizado na Universidade Federal da Bahia – UFBA o III Congresso da Organização Universitária Interamericana – OUI cujo tema foi: *Administração Universitária em Tempos de Crise: perspectivas para o ano 2000*. Por meio da análise do primeiro volume dos anais desse evento, foram levantados os títulos das conferências realizadas (OUI, 1983), conforme Quadro 4.

Verifica-se que boa parte das conferências trata da educação ou do ensino superior como objeto de análise. Assim, constata-se que a ambiguidade entre os termos universidade X educação/ensino superior e administração universitária administração da educação/ensino superior e variações fica mais uma vez evidenciada.

2.1.3.3 Os Seminários Internacionais sobre Administração Universitária da UFRN

Entre os anos de 1990 e 1996 a Universidade Federal do Rio Grande do Norte realizou cinco Seminários Internacionais sobre Administração Universitária. O primeiro, de 1990, tinha como temática central “Problemática e Estratégias”, tendo sido abordados e discutidos temas como planejamento estratégico nas universidades, estudo e pesquisa em administração universitária e experiência canadense e brasileira em gestão e desenvolvimento universitários (UFRN, 1991).

No II Seminário, realizado em 1991, a temática central foi: “Estrutura e Funcionamento da Universidade na década de 90” e as conferências e painéis abordaram os seguintes assuntos: Impacto da Cooperação Internacional nos Programas de Desenvolvimento Universitário, Alternativas para o Regime Acadêmico, Experiências de Regimes Acadêmicos, Repercussão do Regime Acadêmico nas funções básicas do Ensino, Pesquisa e Extensão, Modernização da Estrutura e Funcionamento da Universidade, Processo Decisório e Estrutura do Poder nas Universidades, A Universidade nos anos 90: Perspectivas e Compromissos.

Embora não se tenha tido acesso aos anais dos III, IV e V Seminários, foi possível chegar aos temas tratados por eles a partir de sites²⁰ de busca na internet. O III Seminário, realizado em 1993, teve

20

Disponível

em:

http://books.google.com.br/books/about/Anais_do_4_Semin%C3%A1rio_Internacional_de_A.html?id=GwZ7HAAACAAJ&redir_esc=y,
http://books.google.com.br/books/about/Anais_do_V_Semin%C3%A1rio_Internacional_de_A.html?id=QasQAAAAYAAJ&redir_esc=y,

como tema central “O papel da avaliação na gestão universitária”. O IV Seminário, realizado no ano seguinte tratou do tema: “Universidade e Sociedade: a busca de uma relação de qualidade. O papel do Ensino e dos Docentes”; e o V Seminário, realizado em 1996, abordou o tema: “Educação X Inovação Tecnológica: o desafio de aprender com o novo”. Verifica-se, assim, a presença de temas pertinentes tanto à administração quanto ao ensino superior.

2.1.3.4 Os Colóquios Internacionais sobre Gestão Universitária da UFSC

A partir de 2000, por iniciativa da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, por meio do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária – NUPEAU²¹, ligado ao CPGA/UFSC, passou a ser organizado anualmente o Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul²², um evento com foco na administração universitária onde se constata a presença de temas relacionados tanto à administração quanto à educação ou ensino superior (INPEAU, 2012).

O evento foi realizado pela primeira vez em Florianópolis, Santa Catarina e a partir do ano seguinte outras instituições latino-americanas, parceiras na realização do Colóquio, passaram a sediá-lo (INPEAU, 2012). Assim, o Brasil por meio da UFSC, passou a intercalar com instituições de educação superior de outros países da América do Sul, a sede do evento. A partir de 2012, o evento passou a se denominar Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas, em função de sediar-se pela primeira vez fora do eixo sul-americano, mais especificamente no México. O quadro seguinte traz uma relação dos temas centrais de cada edição do evento e as áreas temáticas mais comuns ou que tiveram o maior número de submissões²³ ao longo da existência do Colóquio.

http://books.google.com.br/books?id=NH8QAAAAYAAJ&hl=pt-BR&source=gbs_similarbooks . Acesso em: mar./2012.

²¹Desde 2004, o NUPEAU passou a ser denominado Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária – INPEAU.

²²Desde 2012, o evento passou a ser denominado Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas.

²³Áreas temáticas semelhantes foram adaptadas.

Quadro 5: Temas centrais e áreas temáticas dos Colóquios em Gestão Universitária

Temas centrais	Áreas temáticas
A Gestão Universitária na América do Sul	Acesso, permanência e evasão
A Universidade em Tempos de Crise	Autonomia universitária
Políticas e Gestão Universitária em Contextos de Crises	Financiamento
Alianças Estratégicas, Integração e Gestão Universitária	Avaliação Institucional
Poder, Governo e Estratégia em Universidades da América do Sul	Cooperação universidade-empresa
Mudanças e Perspectivas na Gestão Universitária	Educação a distância
Mobilidade, Governabilidade e Integração Regional	Estrutura acadêmica e administrativa
A Gestão Universitária e a Garantia da Educação Superior como Direito Humano e Bem Público	Gestão da pesquisa e da pós-graduação
Expansão da Educação Superior: Experiências e Perspectivas	Gestão de pessoas
Balço e Perspectivas da Educação Superior na América do Sul	Gestão da informação
Gestão Universitária, Cooperação Internacional e Compromisso Social	Gestão estratégica
Gestão da Internacionalização, da Cooperação e da Cultura na Educação Superior.	Universidade e compromisso social
	Internacionalização e mobilidade acadêmica
	Marketing institucional
	Políticas de educação superior
	Universidade e sociedade
	Gestão de instituições de ensino superior

Fonte: elaborado pelo autor com base em INPEAU (2012).

2.1.3.5 O Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária da UFSC

O Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina – PPGAU/UFSC foi o primeiro na área de administração com foco exclusivo para a administração universitária. O próprio CPGA/UFSC apresentado na seção 2.1.3.1 nunca foi exclusivamente voltado para a administração universitária, tendo pelo menos mais uma área de concentração relacionada a outra temática.

Criado em 2010, o PPGAU/UFSC oferece o mestrado profissional com uma área de concentração denominada “Gestão Universitária” descrita da seguinte forma:

As instituições de Ensino Superior com destaque às universidades constituem-se de unidades educacionais de extrema relevância para o desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil no atual cenário mundial. A gestão de universidades é tema de discussão permanente, especialmente a partir da expansão da educação superior no País neste início de Século, e a profissionalização necessária à condução dos processos organizacionais. Em ambientes de mudanças contínuas, e de pluralidade de ideias, como é o caso das universidades, a gestão profissional fortalece o processo decisório e fundamenta ações de comando e de planejamento (PPGAU, 2012a).

Por meio da análise da descrição de sua área de concentração é possível constatar que o programa diferencia as instituições universitárias das instituições de ensino superior, e dá mais destaque as primeiras em seu programa e ao citar a educação superior, o faz como forma de contextualizar as universidades. Assim, a educação superior, as universidades e as instituições de ensino superior são tratadas como diferentes entre si.

Relacionadas a essa área de concentração estão as duas linhas de pesquisa do PPGAU/UFSC: *Universidade e Sociedade* que tem por objetivo

Criar estudos que permitam incrementar a interface entre a Universidade e sociedade organizada, especialmente com organismos governamentais, fundações de amparo à pesquisa estaduais e da UFSC, Ongse segmento empresarial, visando a interface e publicação de conhecimentos científicos e tecnológicos desenvolvidos na Universidade (PPGAU, 2012a).

E *Gestão Acadêmica e Administrativa* cujo objetivo é

Estudar o processo de gestão de instituições de Ensino Superior públicas e privadas, considerando questões no âmbito acadêmico e administrativo propor soluções aos desafios impostos pela flexibilização da gestão, em ambientes de

mudanças contínuas; ferramentas de gestão, sistemas gerenciais e avaliação institucional (PPGAU, 2012a).

Quadro 6: Estrutura curricular do PPGAU/UFSC

Disciplinas obrigatórias
Educação e Sociedade Estrutura e Funcionamento do Ensino Superior Fundamentos do Pensamento Administrativo
Disciplinas eletivas
Avaliação da Educação Superior Avaliação Institucional Cenários e Prospecção Universitária e Formação de Políticas Públicas Contexto Educacional e a Gestão do Conhecimento Direito Público Administrativo Finanças de Instituições de Ensino Superior Gestão da Educação a Distância Gestão da Informação e do Conhecimento em IES Gestão Estratégica e de Mudança em IES Liderança, Poder e Processo Decisório Marketing na Gestão Universitária Metodologia de Pesquisa em Administração Modelos de Ação Gerencial para IES História e Evolução da Universidade Planejamento Estratégico e Plano de Desenvolvimento Institucional Gestão de Competências Universidade e Desenvolvimento Regional

Fonte: elaborado pelo autor com base em PPGAU (2012b)

Ao se analisar a primeira linha de pesquisa verifica-se que o foco continua sendo a universidade, porém ao se partir para a segunda linha o foco se amplia, pois se inclui as instituições de ensino superior. Ou seja, se na descrição da área de concentração e da primeira linha de pesquisa parece prevalecer a ideia de que a administração universitária diz respeito à administração apenas das instituições assim denominadas, na descrição da segunda linha de pesquisa, constata-se que, de fato, não é assim que o programa entende. O entendimento do objeto de estudo da administração universitária e os temas relacionados a esse campo se ampliam ainda mais quando se considera as disciplinas que compõem a estrutura curricular do programa, conforme o quadro 6.

Entre as disciplinas obrigatórias do PPGAU/UFSC, as duas primeiras do quadro anterior, tratam de temas relacionados à educação e ao ensino superior, ou seja, novamente parece haver uma sobreposição

entre universidade x ensino superior x educação. Destaca-se que há uma terceira disciplina obrigatória relacionada à administração.

Quando a análise recai sobre as eletivas verifica-se que três delas fazem menção à educação superior (Avaliação da Educação Superior, Contexto Educacional e a Gestão do Conhecimento, Gestão da Educação a Distância); quatro se referem à instituição universitária (Cenários e Prospecção Universitária e Formação de Políticas Públicas, Marketing na Gestão Universitária, História e Evolução da Universidade, Universidade e Desenvolvimento Regional); quatro dizem respeito às instituições de ensino superior (IES) (Finanças de Instituições de Ensino Superior, Gestão da Informação e do Conhecimento em IES, Gestão Estratégica e de Mudança em IES, Modelos de Ação Gerencial para IES); cinco disciplinas têm relação direta com a temas da administração (Planejamento Estratégico e Plano de Desenvolvimento Institucional, Gestão de Competências, Metodologia de Pesquisa em Administração, Liderança, Poder e Processo Decisório, Direito Público Administrativo) e uma delas, Avaliação Institucional, pode estar relacionada a qualquer instituição de educação superior, não ficando claro apenas pelo título da disciplina.

Conclui-se que o próprio curso de mestrado com foco em administração universitária deixa explícito, por meio da análise dos aspectos básicos que são utilizados para identificá-lo (área de concentração, linhas de pesquisa e estrutura curricular), que o termo administração universitária, refere-se não só à administração da instituição universidade, mas ao ensino/educação superior e às instituições que oferecem ensino/educação superior e os temas relacionados.

2.1.4 Síntese da Seção

Nesta seção buscou-se construir um conceito de administração universitária que fosse capaz de traduzir como o termo vem sendo empregado, que temas podem estar a ele relacionados e o porquê de estarem ligados a ele. Pretendeu-se ainda, defini-lo sob o ponto de vista daqueles que atuam no campo científico da administração, e, formam, assim, um subcampo deste.

Para isso, tratou-se primeiramente de definir o que é administração, o que levou a que se chegasse ao seu objeto de estudo: as organizações. Na sequência buscou-se definir universidade a partir dos vários usos que se fez do termo ao longo da história até que se chegasse

ao entendimento atual. Foi mostrado que as várias interpretações que foram dadas ao termo “universidade” fizeram com que fosse relacionado a quaisquer instituições que oferecessem ensino superior, ou mesmo fosse considerada como sinônimo de ensino ou educação superior.

Por fim, fazendo a junção dos termos, buscou-se mostrar na prática, que temas constituem o *corpus* da administração universitária. Em primeiro lugar, a partir da relação com os próprios temas (segundo a ANPAD, 2011) e teorias da administração (optou-se pelo entendimento de RUBEN, SERVA, CASTRO, 1995), na medida em que esta tem por objeto as organizações e, portanto, inclui as organizações de educação superior. E em segundo lugar, a partir dos temas relacionados à educação e ao ensino superior, em função de aparecerem como sinônimas de universidade. Assim, foram identificados cursos e eventos com foco na administração universitária que pudessem indicar que temas seriam esses.

2.2 CAMPO CIENTÍFICO

Nesta seção é apresentado o conceito de campo científico desenvolvido por Pierre Bourdieu, contextualizando-o como categoria de análise da sociologia da ciência. Também se discute alguns elementos que constituem a ideia de campo científico defendida pelo autor, quais sejam: capital científico, tipos de capital científico, formas de acumulação e transmissão do capital científico, estrutura e desigualdade do campo científico, autonomia, agentes e tipos de agentes.

Na sequência, trata-se do campo científico da administração, apontando características deste campo bem como de alguns de seus agentes. Por fim, procura-se situar o campo científico da administração universitária como um subcampo do campo científico da administração no Brasil, como estratégia para desvendar aquele campo.

2.2.1 Sociologia da Ciência

De acordo com Martin (2001), a ciência passou longo período ao largo do campo dos trabalhos sociológicos. A partir dos trabalhos de Robert K. Merton, a ciência até então analisada a partir de um olhar exterior, em que busca entender os seus efeitos sobre a sociedade, passa a constituir em si mesma o ponto de partida para a análise (ÁVILA, 1998). Para Merton (1979), a sociedade passa a pressionar a comunidade

científica não mais apenas a “estar” na sociedade, mas a “fazer parte” dela, mostrar e justificar como pode ser útil. O autor identifica que a situação de “isolamento” da ciência, passa a sofrer abalos quando a sociedade passa a confrontá-la quanto às consequências de suas descobertas²⁴. Assim, é que Merton (1979) alerta:

Uma instituição que sofre ataques tem que examinar de novo seus fundamentos, revisar seus objetivos, buscar sua explicação racional. As crises convidam à autocrítica. Agora que têm que enfrentar ameaças ao seu modo de vida, os intelectuais foram lançados a um estado de aguda conscientização: consciência da própria personalidade como elemento integrante da sociedade, e das obrigações e interesses correspondentes (MERTON, 1979, p. 38).

A instituição a que Merton (1979) faz referência é a ciência, sendo que a autocrítica e a tomada de consciência mencionada, podem ser feitas, segundo o autor, por meio da sociologia da ciência, especificamente com a busca pela resposta a dois tipos de questões: (1) os modos de funcionamento e de organização do espaço científico, e (2) a influência do contexto de produção sobre os conhecimentos científicos.

Para responder a essas questões, Merton (1979) busca examinar os costumes que circundam os métodos da ciência e não os métodos em si. É o que este autor vai chamar de *ethos* da ciência moderna, ou seja, os princípios morais e éticos que guiam os trabalhos de todos os cientistas. Para Merton (1979), o respeito a esses princípios é o que garante à comunidade científica sua autonomia defronte aos interesses políticos ou econômicos (MARTIN, 2001). Na medida em que eles são confrontados, o *ethos* passa a sofrer tensões. Este *ethos* compreende quatro passos ou normas: o universalismo, o comunismo, o desinteresse e o ceticismo organizado.

O *universalismo* está ligado a critérios impessoais, internacionais e virtualmente anônimos da ciência: “restringir as carreiras científicas

²⁴ O autor faz menção a explosão ocorrida em Hiroshima que pôs fim à Segunda Guerra Mundial para evidenciar isso.

por outros motivos que a falta de competência é prejudicar a promoção do saber” (MERTON, 1979, p. 44). O *comunismo* tem haver com o caráter socialmente colaborativo da ciência, ou seja, com a obrigação moral do compartilhamento da ciência²⁵. O *desinteresse* está relacionado à paixão do cientista pelo saber, desprovido de interesses privados. Assim, interessa ao cientista, antes de tudo a busca pelo saber, submetida aos rigores da própria comunidade científica. Para Merton (1979, p. 50), o uso de meios ilícitos – cultismo, camarilhas informais, publicações prolíficas, mas banais – na ciência para atender a outros interesses (por exemplo, promoção pessoal), acaba esbarrando “na necessidade que os cientistas têm, mais cedo ou mais tarde, de prestar contas perante os seus colegas”. O *ceticismo organizado*, por fim, tem haver com a “suspensão do julgamento, até que ‘os fatos estejam à mão’, e o exame imparcial das crenças, de acordo com critérios empíricos e lógicos” (MERTON, 1979, p. 51). Para Martin (2001) o *ethos* científico descrito por Merton é liberal, igualitário e democrático, desde que sejam seguidas as quatro normas supracitadas. Do contrário, a ciência perde seu valor, sendo controlada por outras instituições econômicas e políticas.

Pesquisadores como Joseph Ben-David e Warren Hagstrom são alguns dos autores que dão sequência aos trabalhos de Merton sobre a sociologia da ciência (ÁVILA, 1998). O primeiro autor aborda o desenvolvimento do papel social do cientista e a evolução das formas de organização das instituições científicas (ÁVILA, 1998). Ben-David (1974) defende que há aspectos sociais do trabalho científico e do desenvolvimento da ciência que só podem ser explicados por meio de variáveis sociais, em oposição a um ponto de vista puramente conceitual ou da história da ciência. Fenômenos como o valor atribuído pela sociedade à ciência, o interesse por novas descobertas oposto à preservação de antigas tradições, a transmissão e a difusão de conhecimento científico, a organização da pesquisa, bem como a

²⁵ Com relação a esta norma é interessante ressaltar a discussão que Merton (1979) propõe quanto à incompatibilidade da definição da tecnologia como “propriedade privada” numa economia capitalista. Ele mostra como os cientistas passam a sofrer pressões de um lado para que se tornem “promotores de novas empresas econômicas”, ou seja, que peçam remuneração econômica para os descobrimentos científicos, de outro, para que apoiem o socialismo, pois a mudança do sistema social resolveria o conflito.

utilização da ciência ou da atividade científica só podem ser explicados enquanto variáveis sociais de análise.

Assim, Ben-David (1974) baseia seu trabalho num método que denomina de sociologia institucional da atividade científica que:

Liga a ciência a variáveis que são dadas, pelo menos do ponto de vista dos cientistas considerados individualmente; como exemplos de tais variáveis é possível citar a definição dos papéis dos cientistas em diferentes países, o tamanho e a estrutura das organizações científicas, bem como diferentes aspectos da economia, do sistema político, da religião e da ideologia (BEN-DAVID, 1974, p. 12).

Para Dias (2006), o argumento central do autor é refutar a ideia de que o desenvolvimento da ciência representa um processo completamente descasado de culturas, valores e variáveis de natureza social. No entendimento de Schwartzman (1987, p. 68) “a principal contribuição de Ben-David à sociologia da ciência são seus estudos históricos sobre as universidades e o contexto cultural, político e institucional do surgimento e das transformações da ciência moderna”.

Hagstrom (1979) vai dar maior ênfase às lógicas de estruturação das comunidades científicas e da especificidade do sistema de recompensas (ÁVILA, 1998). Quanto à estruturação das comunidades científicas, na mesma linha de Merton (1979), Hagstrom (1979) dirá que é a sociedade que faz com que a ciência, enquanto comunidades se coloquem a refletir sobre seu próprio comportamento:

Podemos então concluir que a socialização dos cientistas tem de ser suplementada por um sistema social dinâmico de controle, que mantenha os valores e a eficácia da ciência. Argumentos negativos são satisfatórios; a melhor razão para estudar o controle social na ciência reside no fato de que ela leva à descoberta das tensões características da comunidade científica, e esse esforço dá sentido a muitas variantes de comportamento científico que doutro modo não seriam notadas ou seriam só qualificadas como idiosincrasias e como consequência de

personalidades aberrantes (HAGSTROM, 1979, p. 86).

Ou seja, o autor parece defender, conforme Bourdieu (1983; 2004) mais tarde constatará, que a autonomia da ciência é relativa e que, portanto, pode e é influenciada pela sociedade em que está inserida, sendo o controle social exercido por ela o ponto de partida para que a comunidade científica reflita sobre si própria. Nesse sentido, ele próprio se põe a refletir sobre esse tema, ao tratar de como a organização da ciência se dá a partir de um sistema de troca de informações por reconhecimento social (HAGSTROM, 1979). Para este autor,

O desejo de obter reconhecimento leva os cientistas a publicar os seus resultados [...] a conformar-se com as normas científicas, contribuindo com as suas descobertas para toda a comunidade [...] também influencia a sua seleção de problemas e métodos. Ele tenderá a selecionar problemas cuja solução der maior reconhecimento, e tenderá a selecionar métodos que tornem o seu trabalho aceitável pelos seus colegas métodos (HAGSTROM, 1979, p. 92-93).

Martin (2001) ao abordar os trabalhos de autores que deram sequência ao trabalho de Merton, como foi o caso de Hagstrom, mostra que eles examinam a ciência como um sistema de trocas, onde, semelhante ao mercado econômico, há uma busca constante por bens que possam ser trocados. Outro ponto de convergência entre os autores está na competição atribuída aos cientistas: tal como os empresários lutam para manterem-se no mercado econômico, eles também terão de competir para viver no campo científico (MARTIN, 2001). Porém, a natureza destes bens difere entre si nos espaços econômico e científico: enquanto no primeiro trocam-se produtos e serviços, no espaço científico os bens trocados são o conhecimento e o reconhecimento (MARTIN, 2001).

Há, portanto, uma busca por conhecimento e reconhecimento que são obtidos a partir de citações, prêmios, títulos, bolsas e promoções. Quanto mais se obtém, mais se é reconhecido, e, na medida em que a obtenção deste reconhecimento é rara há uma competição entre os pesquisadores para obtê-lo ou mantê-lo (MARTIN, 2001). Para o autor, é esta disputa que constituirá o motor da ciência e de suas descobertas e

é pegando o essencial dessa ideia que o sociólogo Pierre Bourdieu verá igualmente o espaço científico como um espaço dominado pelas regras do mercado e da competição (MARTIN, 2001). Na seção seguinte, apresenta-se como Pierre Bourdieu explica o espaço científico a partir de seu conceito de campo científico.

2.2.2 Campo Científico em Bourdieu

É com base na ideia do espaço científico como um sistema de trocas que Pierre Bourdieu vai desenvolver seus estudos. Porém, ao contrário de Merton e Hagstrom, Bourdieu (1983) utiliza o conceito de campo científico em substituição ao de comunidade científica, empregada por aqueles (ÁVILA, 1997). Bourdieu em *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*, conferência e debate organizados pelo grupo francês *Sciences en Questions* do Instituto Nacional de Pesquisa Agrônômica de Paris – INRA, em 1997, retoma²⁶, de forma bastante esclarecedora, o conceito de campo científico.

Antes de defini-lo, no entanto, explica a gênese da noção de campo. Lembra que todas as produções culturais, a filosofia, a história, a ciência, a arte, a literatura entre outras são objetos de análise com pretensões científicas (BOURDIEU, 2004). Verifica-se, segundo ele, que existe uma história da literatura, da arte, da filosofia... E que em todos esses campos há uma oposição e um antagonismo: de um lado estariam aqueles que defendem que para se entender a literatura, a arte ou a filosofia, bastaria a leitura dos textos que falam sobre tais²⁷. De outro lado, estariam aqueles que acreditam que ao texto deve estar relacionado um contexto, sendo que aquele deve ser interpretado à luz do que ocorre no mundo social ou no mundo econômico²⁸.

Sendo a ciência também uma produção cultural, este antagonismo também está presente quando se verifica que há uma oposição a uma

²⁶Na década de 1970, nos artigos *A especificidade do campo científico e as condições sociais do progresso da razão* e *O campo científico* trouxe pela primeira vez esses conceitos (BOURDIEU, 2004).

²⁷Bourdieu se refere a estes tipos de interpretações como “internalistas” ou “internas” (BOURDIEU, 2004, p. 19).

²⁸Bourdieu se refere a estes tipos de interpretações como “externalistas” ou “externas” (BOURDIEU, 2004, p. 19).

tradição de história da ciência²⁹ que “descreve o processo de perpetuação da ciência como uma espécie de partenogênese, a ciência engendrando-se a si própria, fora de qualquer intervenção do mundo social” (BORDIEU, 2004, p. 20). Buscando uma alternativa³⁰ a esta tradição, porém não se alinhando simplesmente a ideia de apenas relacionar o conteúdo textual ao contexto social, Bourdieu elabora a noção de campo. Afirma que entre o texto e o contexto, há um universo intermediário o qual denomina campo “no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem”, por exemplo: a arte (campo artístico), a literatura (campo literário) ou a ciência (campo científico) (BOURDIEU, 2004, p. 20). A noção de campo é, portanto, uma:

Recusa à alternativa da interpretação interna e da explicação externa, perante a qual se achavam colocadas todas as ciências das obras culturais, ciências religiosas, história da arte ou história literária: nestas matérias, a oposição entre um formalismo nascido da teorização de uma arte que chegara a um alto grau de autonomia e um reducionismo empenhado em relacionar diretamente as formas artísticas com formas sociais (...) encobria o que as duas correntes tinham em comum, a saber, o fato de ignorarem o campo de produção como espaço social de relações objetivas (BOURDIEU, 2007, p. 64).

Esse universo, denominado campo, “é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais” que serão mais ou menos específicas dependendo do quanto este espaço é mais ou menos autônomo (BOURDIEU, 2004, p. 20). A autonomia é, pois, um conceito central na discussão que Bourdieu faz sobre o campo científico. Para ele o campo científico é um microcosmo que da mesma forma que o

²⁹ Tradição esta condenada por Ben-David (1974), conforme visto na seção anterior.

macrocosmo é submetido a leis sociais, que, no entanto não são as mesmas deste, mas são leis próprias, específicas. A especificidade dessas leis, ou o grau em que essas leis são independentes ou pouco influenciadas pelo macrocosmo é que vão definir o quanto o campo científico é mais ou menos autônomo. Afirma Bourdieu (2004, p. 22): “dizemos que quanto mais autônomo for um campo, maior será o seu poder de refração e mais as imposições externas serão transfiguradas, a ponto, frequentemente, de se tornarem perfeitamente irreconhecíveis. O grau de autonomia de um campo tem por indicador principal seu poder de refração, de retradução”. Em contrapartida, a heteronomia de um campo “manifesta-se essencialmente, pelo fato de que os problemas exteriores, em especial os problemas políticos, aí se exprimem diretamente” (BOURDIEU, 2004, p. 22).

Em relação à ideia de autonomia do campo científico é necessário mencionar uma observação importante feita por Bourdieu:

É preciso escapar à alternativa da ciência pura, totalmente livre de qualquer necessidade social, e da ‘ciência escrava’, sujeita a todas as demandas político-econômicas. O campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve. De fato, as pressões externas, sejam de que natureza forem, só se exercem por intermédio do campo, são mediatizadas pela lógica do campo (BOURDIEU, 2004, p. 21).

Sendo um mundo social, e tendo leis sociais próprias o campo científico é um campo de forças e um campo de lutas para alterar ou transformar esse campo de forças (BOURDIEU, 2004). Essas lutas se dão entre os agentes, que são aqueles que criam os espaços para estas lutas por meios das relações objetivas que estabelecem entre si (BOURDIEU, 2004). E é a estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes que são os princípios do campo científico. É essa estrutura que determina o que os agentes podem ou não fazer. Ou em outros termos, é a posição que os agentes ocupam nesta estrutura que determina suas tomadas de posição (BOURDIEU, 2004). Nesse sentido, Bourdieu (1983, p. 122) assinala o campo científico como:

Sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores) é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado.

Assim, os interesses específicos dos pesquisadores vão ao encontro dos métodos e das teorias que lhe permitam ocupar de forma legítima a posição dominante em um campo específico (BOURDIEU, 1983). Em outras palavras, o campo científico pode ser entendido como um espaço em que agentes ou instituições ocupam uma posição adquirida em disputas históricas para obter a autoridade científica. Essa “posição adquirida”, diz Bourdieu (1983), se dá em função dos julgamentos sobre a capacidade científica do agente, a qual pode ser medida por sua capacidade técnica, por seu poder social e por sua competência científica.

A posição hierárquica obtida pelo agente no campo se dá, portanto, em função do quanto ele consegue impor sua autoridade científica, “espécie particular de capital social que assegura um poder sobre os mecanismos constitutivos do campo e que pode ser reconvertido em outras espécies de capital” (BOURDIEU, 1983, p. 127). É o acúmulo dessas espécies de capital que permitirá ao agente ocupar uma determinada posição no campo. Cabe destacar que o capital do qual se está falando aqui é um tipo de capital específico ao campo científico, pois para Bourdieu cada campo é um espaço de lutas pelo acúmulo de um tipo específico de capital. Assim como no campo econômico existe um tipo de capital específico (o capital econômico), no campo científico há também um tipo de capital específico, mais precisamente uma “espécie particular de capital simbólico (o qual é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico” (BOURDIEU, 2004, p. 26).

Nesse sentido, a carreira científica bem-sucedida torna-se um processo contínuo de acumulação (de reconhecimento, de reputação, de

visibilidade, de prestígio, de credibilidade, etc.) e aqueles que conseguem acumular capital científico são diferenciados pela posição que ocupam, pelo prestígio e credibilidade adquirida no campo (BOURDIEU, 1983). Em outros termos, “os agentes (indivíduos ou instituições) caracterizados pelo volume de seu capital determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço” (BOURDIEU, 2004, p. 24).

Bourdieu (2004) identifica duas espécies de capital científico correspondentes a duas formas de poder que existem em todos os campos: o poder temporal, também denominado político, institucional e institucionalizado e o poder específico. O poder temporal está relacionado às posições ocupadas pelos agentes nas instituições científicas, direção de laboratórios ou departamentos, pertencimento a comissões, comitês de avaliação, bancas de concursos, entre outras, além do “poder sobre os meios de produção (contratos, créditos, postos, etc.) e de reprodução (poder de nomear e de fazer carreiras) que ela assegura” (BOURDIEU, 2004, p. 35).

O poder específico, por outro lado, está ligado a um prestígio pessoal do agente que é relativamente independente do poder temporal, e que está baseado quase que exclusivamente sobre o reconhecimento do conjunto de pares ou de uma “fração consagrada dentre eles” (BOURDIEU, 2004, P. 35). Esta forma de poder dá origem a uma espécie de capital científico que está ligada ao reconhecimento pelos pares, é pouco institucionalizada e encontra-se aberta à contestação (SHINN, RAGOUET, 2008). Quando faz menção a esta forma de poder, Bourdieu cita o caso dos “colégios invisíveis”, expressão cunhada no século XVII pelo cientista inglês Robert Boyle, que pode ser entendida como um grupo de pesquisadores que se relacionavam entre si no apesar de trabalharem em instituições distintas, sendo que essas relações se baseavam na troca de informações e conhecimentos, isto é, sem obrigações de ordem legal ou financeira (GONÇALVES et.AL, 2011). Um exemplo mais próximo disto, hoje, seriam as comunidades virtuais existentes na internet que possibilitam a troca de informações entre pesquisadores que se interessam pelo mesmo tema e que, no entanto, não têm um vínculo formal, não se conhecem pessoalmente, estão distantes geograficamente, mas ao mesmo tempo compartilham ideias comuns. Assim, o capital científico assume duas espécies dependendo da forma de poder com o qual está relacionado: o capital científico institucionalizado, quando estiver baseado no poder temporal; e o

capital científico puro, quando o poder que lhe servir de base for o específico (BOURDIEU, 2004).

Shinn e Ragouet (2008) lembram que quando trabalhou a ideia de campo científico pela primeira vez, no artigo *La spécificité Du champs scientifique et les conditions sociales Du progrès de La raison*, em 1975, Bourdieu não fez menção à espécies de capital científico, mas simplesmente a uma espécie única. Porém, quando mais tarde trabalha estas duas espécies de capital científico, como o faz em *Os usos sociais da ciência*, por exemplo, não só menciona a existência dessas duas espécies, como mostra que elas atestam o grau relativo de autonomia do campo científico (SHINN, RAGOUET, 2008).

Assim, Bourdieu (2004) defende que os poderes temporais que dão origem ao capital institucional far-se-ão mais presentes em campos mais heterônomos, portanto com autonomia limitada e imperfeita. Ou seja, nestes campos há maior espaço para intervenção de poderes externos ao campo (BOURDIEU, 2004). O autor explica, por exemplo, que o fato de as disciplinas científicas necessitarem de recursos econômicos em graus distintos para se manterem faz com que os detentores de um maior poder temporal “mais ou menos diretamente ligados à pesquisa” poderão, pela posição que ocupam – muitas vezes controlando os recursos – “exercer sobre a pesquisa um poder que se pode chamar de tirânico (no sentido de Pascal³¹), uma vez que não encontra seu princípio na lógica específica do campo” (BOURDIEU, 2004, p. 41). Em outros termos, “quanto mais os campos são heterônomos, maior é a defasagem entre a estrutura de distribuição no campo dos poderes não-específicos (políticos); por um lado, e por outro, a estrutura da distribuição dos poderes específicos – o reconhecimento, o prestígio científico” (BOURDIEU, 2004, p. 41-42). Com base em Bourdieu, Shinn e Ragouet (2008, p. 127) afirmam que:

De imediato, a autonomia relativa de um campo será função do grau de diferenciação da hierarquia

³¹Cabe aqui um esclarecimento sobre o que seria este poder tirânico no “sentido de Pascal” o qual Bourdieu faz referência. Pondé (2001, p. 224) explica que “para Pascal, tirania não é sinônimo conceitual de arbitrariedade: como exercício do poder ‘fora de sua ordem’, tirânico seria, por exemplo, o rei querer decidir sobre “verdades científicas”, ou controlar crenças e não somente hábitos”.

segundo a distribuição do capital científico e hierarquia segundo a distribuição do capital temporal. Quanto mais essas hierarquias se confundem, mais a avaliação científica das contribuições é contaminada por critérios propriamente ligados ao conhecimento da posição social dos indivíduos.

Essa “confusão” entre as hierarquias é comum, pois como Bourdieu (2004) destaca a autonomia de um campo em relação aos poderes externos nunca é total na medida em que é um espaço onde residem dois princípios de dominação: um institucional e outro específico. Isto faz com que o campo científico seja caracterizado por uma “ambiguidade estrutural” em que “os conflitos intelectuais são também, sempre, de algum aspecto, conflitos de poder” (BOURDIEU, 2004, p. 41). Assim, para Bourdieu (2004) o progresso da cientificidade em um determinado campo, está relacionado à criação de condições práticas para progredir sua autonomia. Essas condições estão relacionadas, por exemplo: à criação de barreiras à entrada no campo, impedindo o uso de armas não-específicas (externas ao campo), “favorecendo formas reguladas de competição, somente submetidas às imposições da coerência lógica e da verificação experimental” (BOURDIEU, 2004, p. 43).

O grau de autonomia de um campo científico é, portanto, fortemente influenciada pelo peso relativo das espécies de capital científico na estrutura do campo científico. Nesse sentido, cabe destacar as formas de acúmulo e de transmissão das espécies de capital científico.

2.2.2.1 Formas de acúmulo e de transmissão de capital científico

Bourdieu (2004) explica que para cada espécie de capital científico existem leis de acumulação próprias. No caso do capital científico institucionalizado, o acúmulo se dá por meio de estratégias políticas e institucionais, como por exemplo, as participações em comissões; em bancas de dissertações, teses e concursos; em eventos científicos, em cerimônias, em reuniões, etc.

Em relação ao capital científico puro, sua acumulação se dá, principalmente, pelas “contribuições reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas (as publicações, especialmente nos órgãos mais seletivos e mais prestigiosos, portanto aptos a conferir prestígio à moda de bancos de crédito simbólico, são o melhor indício)”

(BOURDIEU, 2004, p. 36). No caso do Brasil, poderia se mencionar o caso das publicações em periódicos classificados como “A” pelo conjunto de procedimentos utilizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação, denominado *Qualis*.

Bourdieu (2004, p. 36) assinala o acúmulo de capital científico puro como a forma “mais específica e mais legítima do capital científico”. Isso fica evidenciado ao afirmar que encontra dificuldade em dizer se a acumulação de capital científico institucional pode ser considerada o “princípio (a título de compensação) ou o resultado de um menor êxito na acumulação” (BOURDIEU, 2004, p. 36) da outra espécie de capital científico.

Além de existirem diferenças na forma de acúmulo entre as duas espécies de capital científico, há também diferenças no que diz respeito as suas formas de transmissão, isto é, na forma como este capital poderá ser repassado a outros agentes do campo. Considerando, a título de comparação, as formas de transmissão que ocorrem, por exemplo, no campo econômico, em que um agente detentor de bens poderia repassá-los a terceiros por meio de vendas, trocas, doações, empréstimos entre outras... Como se daria a transmissão das duas espécies de capital científico no campo científico?

Bourdieu (2004) explica que a transmissão do capital científico puro (em virtude de pertencer ao pesquisador quase de forma intrínseca, em função de suas características pessoais) ocorre de forma extremamente difícil se comparada à transmissão do capital científico institucional. O prestígio e o reconhecimento, por exemplo, não são atributos que simplesmente se transmitem, eles precisam ser conquistados e legitimados. Em outras palavras, a transmissão só se dá na medida em que os pares a legitimarem. Vale lembrar que a capacidade de inovação é uma das qualidades inerentes ao pesquisador que detém capital científico puro. Como transmitir esta capacidade de inovar?

Bourdieu (2004) mostra, que embora difícil, há possibilidade de transmissão de uma parte mais formalizada da competência científica do pesquisador, o que, no entanto leva tempo. A colaboração entre o pesquisador de prestígio e seus seguidores, seja por meio da formação destes por aquele, seja por meio de publicações em conjunto, recomendações a outras instâncias de consagração, entre outras seriam formas possíveis desta transmissão.

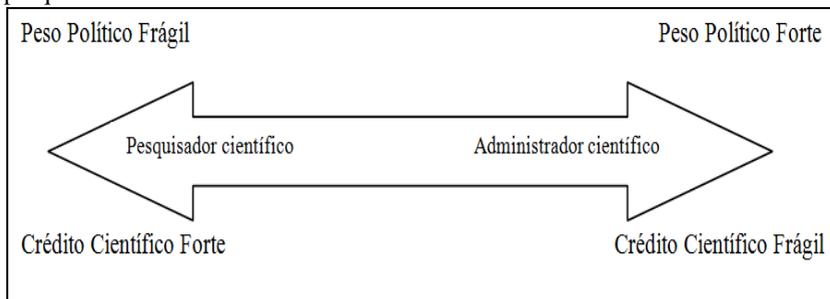
Em contraponto, a transmissão do capital científico institucional ocorre de forma mais fácil, pois as regras de transmissão correspondem às mesmas de qualquer outra espécie de capital burocrático (BOURDIEU, 2004). Assim, por exemplo, podem-se citar os casos em que as posições ocupadas por um pesquisador em uma instituição são repassadas, seja pela vontade do próprio - *agora é com você!* - ou “respeitando”³² as normas pré-estabelecidas: eleições, concursos, etc. Assim, o poder institucional é transmitido segundo a lógica da nomeação burocrática e com ele o capital científico correspondente.

Reconhecendo a dificuldade prática do acúmulo das duas espécies de capital científico, Bourdieu (2004, p. 38) afirma que os pesquisadores podem ser caracterizados “pela estrutura de seu capital científico ou, mais precisamente, pelo peso relativo de seu capital ‘puro’ e de seu capital ‘institucional’”. Este peso relativo é dado por uma espécie de *continuum* que coloca num extremo oposto os que detêm um maior peso político e um frágil crédito científico, os quais Bourdieu (2004, p. 38) vai denominar de “administradores científicos”; e no outro, os que possuem um frágil peso político e um forte crédito científico, que serão denominados para fins deste trabalho de “pesquisadores científicos”. A Figura 1 ilustra este *continuum* e mostra num extremo os “administradores científicos”, e no outro os “pesquisadores científicos”.

A posição ocupada pelo pesquisador neste *continuum* pode variar influenciada tanto pelo acúmulo (inclusive por meio de transmissão) das espécies de capital científico. Assim, é possível que haja até mesmo a conversão de um “pesquisador científico” em “administrador científico” e vice-versa. Bourdieu (2004) chama a atenção para o fato de que a conversão do capital institucional em poder científico é mais fácil e rápida que a conversão do capital puro em poder político ou mesmo econômico. Esta hipótese foi comprovada por trabalho recente realizado por Teixeira et al. (2012) ao analisarem a distribuição de capital científico entre docentes de um programa de pós-graduação em administração de Minas Gerais.

³² Bourdieu (2004, p. 37) ressalta que a transmissão do capital científico institucional pode “assumir a aparência de uma ‘eleição pura’, por exemplo, por meio de concursos que podem, de fato, estar muito próximos dos concursos de recrutamento burocrático, no qual a definição do posto está, de algum modo, pré-ajustada à medida do candidato”.

Figura 1: *Continuum* do peso relativo do capital puro e institucional do pesquisador.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Bourdieu (2004).

Shinn e Ragouet (2008, p. 127) resumem as possibilidades de conversão de um capital científico em outro da seguinte forma: “o capital científico pode, com o tempo, permitir a obtenção de créditos econômicos e políticos, mas é mais frequente ver agentes dotados de um capital temporal elevado obterem capital científico sem investir fortemente na produção científica”. Isso ocorre porque aqueles que acumulam capital institucional, por meio de seu poder político conseguem influenciar as esferas de produção e reprodução da ortodoxia contra a inovação. Por exemplo, o pesquisador que participa de comissões, bancas de concursos, entre outros consegue influenciar na manutenção da ordem científica estabelecida naquele momento. Assim, suas decisões serão baseadas nos preceitos que lhe assegurarem a posição ocupada na estrutura do campo científico, dificultando a abertura a inovações que lhe possam tirar o posto.

Por outro lado, o pesquisador que acumula forte crédito científico junto aos pares, principalmente o inovador, precisa passar por duras provações até que consiga obter poder político. Isso ocorre porque o inovador ameaça a ordem científica, e, conseqüentemente a posição daqueles que já se encontram no campo, pois eles trabalham para mantê-la. Ou seja, ao exercer o poder político o inovador poderá fazê-lo contra os interesses daqueles que já o detém. Assim, é que se criam dificuldades – ainda que sutis – para que o detentor de poder científico obtenha também poder político.

Subjacente a busca por este acúmulo de capital científico seja ele puro ou institucional, está uma luta entre os agentes do campo para impor uma definição de ciência que mais esteja de acordo com seus interesses específicos (BOURDIEU, 1983). A definição mais apropriada

de ciência será “a que lhe permita ocupar legitimamente a posição dominante e a que assegure, aos talentos científicos de que ele é detentor a título pessoal ou institucional, a mais alta posição na hierarquia dos valores científicos” (BOURDIEU, 1983, p. 128).

2.2.2.2 Campo científico: um espaço de lutas

O acúmulo de capital científico, resultante de lutas entre os agentes do campo, proporciona, assim, que o pesquisador ocupe uma posição na hierarquia do campo científico em que ele está inserido. Segundo Lahire (2002, p. 48) “a distribuição desigual do capital determina a estrutura do campo, que é, portanto, definida pelo estado de uma relação de força histórica entre as forças (agentes, instituições) em presença no campo”. A hierarquia existente no campo faz com que os agentes sejam colocados em posições contrárias, dando espaço para aquilo que Bourdieu (1983) vai denominar de “luta científica”.

O campo científico é sempre o lugar de uma *luta, mais ou menos desigual*, entre agentes desigualmente dotados de capital específico (...). Em todo campo se põem, com *forças mais ou menos desiguais*, segundo a estrutura de distribuição do capital no campo (grau de homogeneidade), os dominantes, ocupando as posições mais altas na estrutura de distribuição de capital científico, e os dominados, isto é, os novatos, que possuem um capital científico tanto mais importante quanto maior a importância dos recursos científicos acumulados (BOURDIEU, 1983, p. 136-137).

Nesta luta, os vencedores são aqueles que dominam o campo a ponto de “impor uma definição da ciência segundo a qual a realização mais perfeita consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são e fazem” (BOURDIEU, 1983, p. 128). Assim, o que é considerado científico no campo é justamente o que determinam aqueles que dominam o campo. Vale lembrar o que diz Stengers (1990, p. 79-80) quando afirma que a questão da cientificidade é prática e designa sempre uma coletividade, pois “não é de um cientista, mas de uma coletividade que depende a resposta a essa questão” (isso é científico?). Similarmente, pode-se comparar essa ideia da definição de “o que é

científico” com a definição de Bourdieu (2005) para “o que é uma obra de arte”:

Sendo dado que a obra de arte só existe enquanto objeto simbólico dotado de valor se é conhecida e reconhecida, ou seja, socialmente instituída como obra de arte por espectadores dotados da disposição e da competência estéticas necessárias para conhecer e reconhecer como tal, a ciência das obras tem por objeto não apenas a produção material da obra, mas também a produção do valor da obra ou, o que dá no mesmo, da crença no valor da obra (BOURDIEU, 2005, p. 258).

Nesse sentido, com o objetivo de garantir o acúmulo de capital científico e a posição de destaque no campo, há os dominantes que contam com estratégias de conservação (perpetuação da ordem científica estabelecida com a qual compactuam) para se manterem no poder. Em oposição, estão os dominados, ou novatos, atuando com estratégias de sucessão (“que realizam o ideal oficial da excelência científica pelo preço de inovações circunscritas aos limites autorizados”) ou de subversão (os que buscam uma “redefinição completa dos princípios de legitimação da dominação”) (BOURDIEU, 1983, p. 138).

Vale destacar que essa “ordem científica” que os dominantes buscam impor e que os novatos podem querer manter ou se contrapor não se reduz à “ciência oficial” que Bourdieu (1983, p. 137) define como:

Conjunto de recursos científicos herdados do passado que existem no *estado objetivado* sob forma de instrumentos, obras, instituições, etc., e no *estado incorporado* sob forma de hábitos científicos, sistemas de esquemas gerados de percepção, de apreciação e de ação, que são o produto de uma forma específica de ação pedagógica e que tornam possível a escolha dos objetos, a solução de problemas e a avaliação das soluções.

A “ordem científica” engloba também as instâncias especificamente encarregadas da consagração da ciência oficial (academias, prêmios, sistemas de ensino, etc.) e as revistas científicas cujos critérios de seleção consagram produções que vão ao encontro dos

princípios da ciência oficial, “oferecendo, assim, continuamente, o exemplo do que merece o nome de ciências, e exercendo uma censura de fato sobre as produções heréticas, seja rejeitando-as expressamente ou desencorajando simplesmente a intenção de publicar pela definição do publicável que eles propõem” (BOURDIEU, 1983, p. 138).

Assim, um campo científico é formado por dois tipos de agentes. De um lado estão aqueles que querem manter seu *status quo* o que significa difundir suas concepções de ciência, e os meios para fazer a ciência, utilizando os aportes teóricos, metodologias e abordagens que julgam mais adequados, aos que Bourdieu (1983) define como dominantes. De outro, estão os dominados, aqueles que buscam um espaço no campo, também denominados de novatos, que podem utilizar duas estratégias distintas para entrada: a estratégia de sucessão e a estratégia de subversão.

Ao optarem pela estratégia de sucessão os novatos procuram reproduzir em seus trabalhos o mesmo ideal de ciência proposto pelos dominantes, permitindo uma entrada mais “tranquila” no campo e a possibilidade de acúmulo de capital científico no curto prazo. Essa estratégia é escolhida pelo novato, pois há uma propensão maior de ser aceito no campo aqueles que pensam, agem e fazem exatamente ou de forma semelhante àquilo que os dominantes pensam, agem e fazem ou que esperam que assim seja. Sob o ponto de vista de Hagstrom (1979) a estratégia de sucessão é uma forma de o novato conseguir obter reconhecimento social de seus pares. Segundo Bourdieu (1983, p. 138), para os novatos as estratégias de sucessão são “próprias para lhes assegurar, ao término de uma carreira previsível, os lucros prometidos aos que realizam o ideal oficial da excelência científica pelo preço de inovações circunscritas aos limites autorizados”. Assim, toda a “invenção” trazida por este novato, é na verdade:

Uma arte de inventar já inventada, que, resolvendo os problemas suscetíveis de serem colocados nos limites da problemática estabelecida pela aplicação de métodos garantidos (ou trabalhando para salvaguardar os princípios contra as contestações heréticas), tende a fazer esquecer que ela só resolve os problemas que pode colocar ou só coloca os problemas que pode resolver (BOURDIEU, 1983, p. 139).

Há, por outro lado, o novato que se utiliza de estratégias de subversão para tentar entrar no campo, optando por confrontar a sua

suposta harmonia. Com aportes teóricos, metodológicos e de abordagem que se contrapõem aos instituídos optam por desafiar a “ordem” estabelecida no campo. Como consequência do uso desta estratégia, há uma probabilidade maior de que o acúmulo de capital científico venha mais tarde. Conforme Bourdieu (1983, p. 138) “os novatos que recusam as carreiras traçadas só poderão ‘vencer os dominantes em seu próprio jogo’ se empenharem um suplemento de investimentos propriamente científicos sem poder esperar lucros importantes, pelo menos em curto prazo, posto que eles têm contra si toda a lógica do sistema”. Em contraponto à adoção de estratégias de sucessão, os novatos que contam com estratégias de subversão se deparam com “investimentos infinitamente mais custosos e arriscados que só podem assegurar os lucros prometidos aos detentores do monopólio da legitimidade científica em troca de uma redefinição completa dos princípios de legitimação da dominação” (BOURDIEU, 1983, p. 138). O que os novatos subversivos pretendem é estabelecer uma ordem científica herética, não reconhecendo outra coisa que não o princípio da legitimação que pretendem impor. Como heréticos,

Não aceitam entrar no ciclo das *trocadas de reconhecimento* que assegura a transmissão regularizada da autoridade científica entre os detentores e os pretendentes, (...) recusando todas as cauções e garantias que a antiga ordem oferece, recusando a participação (progressiva) ao capital coletivamente garantido que se realizasegundo procedimentos regulados de um dos contratos de delegação, eles realizam a acumulação inicial através de um golpe de força, por uma ruptura desviando em proveito próprio o crédito de que se beneficiavam os antigos dominantes, sem conceder-lhes a contrapartida do reconhecimento que lhes oferecem aqueles que aceitam se inserir na continuidade de uma linhagem (BOURDIEU, 1983, p. 139).

Vale destacar que para Bourdieu (1983), quanto menor a autonomia do campo, maior a propensão das estratégias de conservação ou subversão serem dependentes das disposições em relação à ordem estabelecida. Ou seja, quanto menor a autonomia do campo mais os novatos levarão em conta as consequências - sociais, políticas, econômicas, etc. - da adoção de uma estratégia conservadora ou

subversiva no momento de optar por uma ou outra. Afinal, quanto mais heterônomo o campo, mais o poder institucional se estabelece como o mais importante, e, conseqüentemente, mais a busca por este poder será preponderante na escolha por qual estratégia adotar.

Para ilustrar o quanto a autonomia (ou heteronomia) do campo científico influencia na estratégia adotada pelo novato, Bourdieu (1983) cita um trabalho³³ do sociólogo americano Lewis Samuel Feuer em que este analisa as raízes sociais da teoria da relatividade de Einstein. Em outras palavras, Feuer analisa o terreno que favoreceu Einstein a romper com a ordem científica estabelecida no campo da física. Ele mostra que Einstein pertencia a um grupo de estudantes judeus inconformados com a ordem científica estabelecida:

Einstein foi apoiado por um estranho pequeno círculo de jovens intelectuais, cheios de sentimentos de revolta social e científica própria de sua geração e que formavam uma contra comunidade científica fora da instituição oficial, um grupo de boêmios cosmopolitas levados, nesses tempos revolucionários, a considerar o mundo de uma maneira nova (FEUER apud BOURDIEU, 1983, p. 140).

Assim, para Bourdieu (1983) Feuer sugere que rompimentos com a ordem estabelecida tornam-se mais difíceis de ocorrer na medida em que aos potenciais pesquisadores (como os recém formados advindos de instituições de pesquisa prestigiadas) é facilitado – e isso ocorre de forma rápida – o acesso às responsabilidades administrativas. Como consequência, tem-se que os pesquisadores novatos são desencorajados a romper com a ordem estabelecida, visto que seu esforço está menos disponível para rupturas, preferindo a conservação em detrimento da subversão. Do contrário, o terreno fértil para os rompimentos com os *modos convenientes de se portar* no campo tende a ser encontrado com mais facilidade entre o grupo de pesquisadores que estão à margem da ocupação de posições institucionais.

³³O trabalho é referenciado por Bourdieu (1983, p. 140): FEUER, L. S. *The social roots of Einstein's theory of relativity*. *Anal. of Science*, v. 27, n. 3, set. 1971, p. 278-98 e n. 4, dez. 1971, p. 313-44.

O campo científico é, portanto, um espaço de lutas entre dominantes – aqueles que conseguem impor sua forma de fazer, pensar e agir cientificamente – e dominados – os agentes que lutam junto (por meio de estratégias de sucessão) ou contra (por meio de estratégias de subversão) na busca pelo acúmulo de capital científico.

2.2.2.3 Agentes Socialmente Dominantes X Agentes Cientificamente Dominantes

Bourdieu (2004), ao fazer uma análise do Instituto Nacional de Pesquisa Agronômica – INRA de Paris como um campo mostra que a concepção do que seja um agente dominante pode variar em função do ponto de vista em que se está analisando determinado agente e de que campo se está falando. Ou seja, um agente poderá ser ao mesmo tempo dominante e dominado, dependendo do campo em que se está situando tal agente. O autor exemplifica tal situação retratando o caso dos pesquisadores “aplicados” e dos pesquisadores “básicos” da área de agronomia.

Os pesquisadores “aplicados”, ou “praticantes clínicos”, oriundos da Escola de Agronomia³⁴, seriam aqueles cuja pesquisa estaria mais voltada, segundo Bourdieu (2004, p. 50-51) para:

- a comprovação de saberes científicos e técnicos já experimentados;
- a verificação ou a vulgarização de conhecimentos estabelecidos;
- a pesquisa de curto prazo;
- as pesquisas desenvolvidas em colaboração com os produtores (por exemplo, pequenos camponeses) e que visam resolver rapidamente problemas práticos.

De outro lado, estariam os pesquisadores “básicos”, provenientes principalmente das Universidades, os quais se dedicam a investigações mais estritamente especializadas e sem outro objetivo imediato além do aumento de conhecimentos (BOURDIEU, 2004).

³⁴ Além das Universidades, cabe destacar que na França o ensino superior compreende as Escolas (ou Grandes *Écoles*) e as escolas especializadas que oferecem formações voltadas para o ensino profissionalizado de alto nível. É deste tipo de modalidade de ensino a que Bourdieu se refere aqui.

Assim, considerando-se os pesquisadores “aplicados”, estes conseguem ser dominantes em um campo em que os demais agentes legitimam a pesquisa considerada apta a resolver determinados problemas de ordem prática. Assim, é que um médico experiente, por exemplo, prestigiado pelo êxito de suas cirurgias, pelo número de pacientes que atende, pelas posições que ocupa em conselhos de classe, associações, etc., considerando o campo dos serviços de saúde, consegue impor sua autoridade científica em relação a outros agentes, menos prestigiados, por não fazerem o que ele faz ou por fazerem diferente daquilo que ele faz. Este profissional torna-se dominante neste campo porque consegue resolver os problemas, dar a eles soluções rápidas, aplicar o conhecimento que obteve. Neste caso, o espaço destinado ao médico-pesquisador, é comparativamente menor, pois ele não pode responder rapidamente às demandas que a ele são impostas, porque interessa a ele, antes de tudo, fazer avançar o conhecimento na área. Pode-se afirmar que no campo científico da medicina, o pesquisador “aplicado” possivelmente não será dominante em relação ao pesquisador “básico”, porém ele poderá ser o dominante no campo dos serviços de saúde.

Nessa divisão entre pesquisadores “puros” e “aplicados” está intrínseca a ideia de autonomia do campo. Nos campos mais autônomos, os pesquisadores “puros” tendem a ser os agentes dominantes, pois sua pesquisa está pautada não por pressões externas ao próprio campo, mas principalmente pelo avanço do conhecimento em determinada área. Nos campos mais heterônomos, os pesquisadores “aplicados” ganham mais legitimidade, pois suas atividades são destinadas a atender demandas externas ao campo e responder a demandas que, muitas vezes inexistentes, tornariam impossível a própria existência do campo. Nesse sentido, quanto mais “aplicada” a pesquisa, menos autônomo é o campo em que esta se desenvolve.

Decorrente dessa divisão, tomando como exemplo o campo da agronomia, Bourdieu (2004, p. 51) explica que:

Os pesquisadores “puros” compreendem bem que o reconhecimento social e o peso político (em um sentido mais amplo) que os pesquisadores “aplicados” obtêm dos usuários, agricultores, membros de cooperativas ou de associações profissionais e sindicais, industriais, mas também de autoridades políticas, e dos quais testemunham suas numerosas participações em

responsabilidades e poderes temporais (gabinetes ministeriais, etc.), têm por contrapartida, bem frequentemente, abdições ou demissões científicas e sobretudo renúncias à autonomia. O interesse que os indivíduos ou as instâncias externas têm pela pesquisa e seus resultados é, de fato, sempre ambíguo e de “dois gumes”, na medida em que a consideração social que traz e que pode se traduzir pelo acesso a recursos econômicos e políticos importantes, inacessíveis aos que se dedicam à pesquisa básica, tem como contrapartida uma certa pretensão dos utilizadores a avaliar e até mesmo a orientar a pesquisa.

Vale destacar que o campo científico da administração enquanto ciência social aplicada guarda relações com as características apresentadas pelo campo da agronomia quanto a sua autonomia. Chevalier e Loschak (1980, p.50) ao apontar os obstáculos epistemológicos que devem ser superados pela ciência administrava apontam o “parasitismo ideológico” como sendo um deles, “a ciência administrativa, à semelhança de todas as ciências sociais, mantém relações ambíguas com o poder e se vê amiúde solicitada a contribuir para a legitimação da ordem existente”. Situando a ciência da administração na teoria do campo científico proposta por Bourdieu (2004) há indícios suficientes que a coloquem como sendo, portanto, uma ciência pouco autônoma. Na seção seguinte será feita uma descrição do campo científico da administração, considerando ser fundamental entendê-lo para que se possa desvendar o campo científico da administração universitária do qual faz parte.

Antes de partir para uma descrição do campo científico da administração, cabe retomar os principais pontos tratados sobre o campo científico de Bourdieu. Para isso, tomou-se por base um trabalho de Lahire (2002) em que lista o que chama de “elementos fundamentais e relativamente invariantes da definição do campo” os quais ele extraiu de diferentes publicações de Bourdieu sobre o termo. Fez-se uma adaptação dessa lista, utilizando campo como campo científico e apontando os elementos utilizados neste trabalho. O quadro seguinte reproduz esses elementos.

Quadro 7: Elementos que constituem a definição de campo científico de Bourdieu

Elementos que constituem a definição de campo de Bourdieu
– Um campo científico é um microcosmo incluído no macrosomo constituído pelo espaço social (nacional) global.
– O campo científico possui regras do jogo e desafios específicos, irredutíveis às regras do jogo ou aos desafios dos outros campos (o que faz “correr” um cientista – e a maneira como “corre” – nada tem a ver com o que faz “correr” – e a maneira como “corre” – um industrial ou um grande costureiro).
– Um campo científico é um “sistema” ou um “espaço” estruturado de posições.
– Esse espaço é um espaço de lutas entre os diferentes agentes que ocupam as diversas posições.
– As lutas dão-se em torno da apropriação de um capital específico do campo, o capital científico e/ou da redefinição daquele capital.
– O capital científico é desigualmente distribuído dentro do campo científico e existem, portanto, dominantes e dominados.
Elementos que constituem a definição de campo de Bourdieu (Continuação)
– A distribuição desigual do capital científico determina a estrutura do campo científico, que é, portanto, definida pelo estado de uma relação de força histórica entre as forças (agentes, instituições) em presença no campo científico.
– As estratégias dos agentes entendem-se se as relacionarmos com suas posições no campo científico.
– Entre as estratégias invariantes, pode-se ressaltar a oposição entre as estratégias de conservação e as estratégias de subversão (o estado da relação de força existente). As primeiras são mais frequentemente as dos dominantes e as segundas, as dos dominados (e, entre estes, mais particularmente, dos “últimos a chegar”). Essa oposição pode tomar a forma de um conflito entre “antigos” e “modernos”, “ortodoxos” e “heterodoxos”.
– Um campo científico possui uma autonomia relativa: as lutas que nele ocorrem têm uma lógica interna, mas o seu resultado nas lutas (econômicas, sociais, políticas...) externas ao campo pesa fortemente sobre a questão das relações de força internas.

Fonte: elaborado pelo autor com base em adaptação de Lahire (2002, p. 48).

2.2.3 Campo Científico da Administração no Brasil

Em um trabalho sobre o processo do conhecimento na administração, Audete Malouin(1986) conceituam campo como o lugar das relações entre atores humanos que pretendem produzir conhecimentos definidos ou que são reconhecidos como tal, e que estão em concorrência para obter o controle da definição das condições de produção e validação desses conhecimentos. Essas relações engendram a dinâmica do seu conteúdo (*corpus*), na medida em que produzir conhecimentos constitui a principal forma de ação pela qual os produtores tentam controlar as regras de produção e de validade do conhecimento (AUDET; MALOUIN, 1986).

Especificamente no Brasil, a produção de conhecimento em administração foi objeto de estudo de uma série de trabalhos, que analisaram tanto a produção como um todo (o campo científico da administração), quanto disciplinas específicas (como organizações, marketing, estratégia, etc.) (ROSSONI, 2006). Rossoni (2006) destaca que tais trabalhos caracterizam-se como meta-estudos, ou seja, tratam de comparar vários elementos presentes nos artigos como metodologia, referencial teórico, base epistemológica, levantando algumas conclusões sobre determinado campo do conhecimento ou disciplina. Dentre aqueles que tratam da produção do campo como um todo Rossoni (2006) destaca os de Bertero, Caldas e Wood Jr.(1998; 1999); Bulgacove Verdu (2001); Fleury (2003); Lima (1999); Oliveira (1999); Quintella (2003); Wood Jr e Paula (2002).

Dentre esses trabalhos, o de Bertero, Caldas e Jr. (1999) pode ser destacado por deixar emergir, ainda que não tenha sido este o objetivo do trabalho, alguns dos agentes que compõem o campo científico da administração universitária no Brasil. Neste trabalho, os autores debatem especificamente sobre a produção científica em administração no Brasil até o final da década de 1990, afirmando que embora recente enquanto campo científico, a pesquisa em administração vinha crescendo, ainda que carente de qualidade. Dentre os principais aspectos de que decorre a falta de qualidade apontada pelos autores estão: falhas epistemológicas dos trabalhos, deficiências metodológicas, falta de originalidade e prática, podendo ser caracterizada como mimetismo mal informado. Tais falhas foram verificadas

A partir da análise da produção brasileira, como veiculada em revistas acadêmicas, teses de

mestrado e doutorado e anais do Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ENANPAD), onde se registra parte substancial da produção científica de docentes e discentes de cursos de pós-graduação *stricto sensu* (BERTERO, CALDAS, JR., 1999, p. 150).

Esses autores partem então para uma análise das possíveis causas desta falta de qualidade da produção científica. Iniciam situando a administração na expansão acelerada dos programas de pós-graduação no Brasil e o papel da Coordenação do Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES) como balizadora da qualidade em detrimento da quantidade. Como resultado mostram que a administração como campo científico esteve presente desde o início da pós-graduação no país no final da década de 1960 e início da década seguinte e que rapidamente se expandiu nos anos posteriores. Além disso, apontam que na última avaliação realizada pela CAPES naquele momento, considerando a produção científica, por meio do grau de inserção que conseguem junto à comunidade acadêmica mundial, medida através de publicações em periódicos acadêmicos de nível internacional e apresentação de trabalhos e resultados em congressos e encontros internacionais de primeiro nível, nenhum programa na área de administração atingiu o conceito máximo (BERTERO, CALDAS, JR., 1999). No restante do trabalho os autores discutem os critérios até então utilizados para avaliar as produções científicas em periódicos e apresentam uma proposta de modelo de avaliação da produção brasileira e por fim tecem considerações finais.

Assim, ao apresentarem um panorama sobre a produção científica em administração no Brasil, acabam vindo à tona instituições como a ANPAD, a CAPES e os programas de pós-graduação *stricto sensu* em administração, e conseqüentemente as próprias instituições de ensino da qual fazem parte, como agentes fundamentais para que o campo científico da administração se efetivasse no Brasil. A seguir faz-se uma descrição de cada um deles.

2.2.3.1 A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD

De acordo com Bertero (2006, p. 11) a ANPAD, criada em 1976, pode ser considerada como “parte integrante do processo de

institucionalização das pós-graduação *stricto sensu* no Brasil”. Sua participação neste processo decorre do fato de que a pós-graduação *stricto sensu* no país se institucionaliza no país na década de 1970, e a pós-graduação *stricto sensu* em administração da mesma forma (FACHIN, 2006).

De sua fundação participaram nove programas de pós-graduação em administração: COPPEAD/UFRJ, EBAPE/FGV, EAESP/FGV, FEA/USP, PPGA/UFRGS, PPGA/UFPB, PUC/RJ, UFMG e UnBe um de ciências contábeis: Programa de Ciências Contábeis da USP como membros fundadores (FACHIN, 2006). Nos estatutos aprovados na reunião de fundação previam-se como objetivos da associação:

- representar os interesses das instituições filiadas junto ao governo e entidades correlatas;
- estabelecer um centro de informações e de demonstração a respeito de métodos de ensino, planos de pesquisa e fontes de recursos;
- colaborar com instituições de ensino e pesquisa no sentido de prestar informações para a montagem de Programas e cursos de pós-graduação em Administração ou Ciências Contábeis;
- promover a cooperação e o intercâmbio entre as instituições filiadas;
- publicar e promover a publicação de livros, revistas e artigos;
- promover e realizar congressos, seminários e reuniões de interesse dos membros da ANPAD (FACHIN, 2006, p. 32-33).

Assim, com o objetivo de “congregar os Programas para que juntos pudessem trocar experiências e, especialmente, inserir-se no sistema que então se delineava, no qual duas agências federais que já existiam, a CAPES e o CNPq, passavam a ter novas funções e a desempenhar papel relevante na pós-graduação, como acontece até nossos dias” (BERTERO, 2006, p. 12-13) a ANPAD “de um início modesto assumiu a fisionomia de uma Academia Brasileira de Administração” (BERTERO, 2006, p. 13), principalmente a partir da

criação das Divisões Acadêmicas³⁵, que passou a permitir a entrada de pessoas, além de Programas. Essa fisionomia também pode ser atribuída a considerável participação dos programas das áreas de administração, contábeis e afins que totalizam atualmente 91 associados e um observador, além de centenas de associados individuais entre professores, pesquisadores e alunos de pós-graduação.

Atualmente a ANPAD se define como “principal órgão de interação entre programas associados, grupos de pesquisa da área e a comunidade internacional” e como desenvolvedora de um “consistente trabalho na promoção do ensino, da pesquisa e na produção de conhecimento dentro do campo das ciências administrativas, contábeis e afins no Brasil” (ANPAD, 2011a).

2.2.3.2 A Coordenação do Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior – CAPES

Como foi mostrado no breve relato feito sobre a ANPAD, a CAPES passa a exercer, principalmente a partir da década de 1970, papel decisivo na consolidação da pós-graduação *stricto sensu* no país. Antes dessa década a CAPES exercia atividades que não tinham uma relação tão próxima à pós-graduação.

A CAPES foi fundada em 11 de julho de 1951 como uma comissão destinada a promover o aperfeiçoamento do pessoal de nível superior (FERREIRA, MOREIRA, 2002). Nos primeiros anos de existência sob a gestão de Anísio Teixeira (1951-1964), a CAPES buscou se estruturar, planejar ações, organizar e compor seu *staff*, e contatar instituições estrangeiras vinculadas à formação de pessoal especializado de nível superior (FERREIRA, MOREIRA, 2002). A estratégia básica destes primeiros anos foi baseada na “articulação institucional tanto com o setor econômico (principalmente com a indústria), quanto com a administração pública, de modo a atender às necessidades de pessoal especializado” (FERREIRA, MOREIRA, 2002, p.17).

A partir de 1964, com a ascensão do regime militar ao poder, a CAPES passa por um período de que a instituição intitula de “crise e redefinição institucional” (FERREIRA, MOREIRA, 2002, p. 19) que se

³⁵ Sobre as quais tratou-se na seção 2.1.3.

estende até 1974. Nos dois primeiros anos do período, a CAPES é integrada ao Ministério da Educação e Cultura – MEC, que a vincula à política de educação superior do país. Após um período de instabilidade institucional, com seis mudanças de direção, assume a direção da instituição em 1969, Celso Barroso Leite que continua seu processo de reestruturação. No ano seguinte, novas funções são atribuídas à CAPES dentre elas: “a coordenação das atividades de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior — em especial de docentes de ensino superior —, e a colaboração na implantação e desenvolvimento de centros e de cursos de pós-graduação” (FERREIRA, MOREIRA, 2002, p. 20).

É no período de 1974-1979 que a CAPES aparece pela primeira vez fortemente articulada com a pós-graduação. Esse período ficou conhecido como o da “institucionalização da pós-graduação no Brasil” (FERREIRA, MOREIRA, 2002, p. 21). Tal período coincide com a criação do I Plano Nacional de Pós-Graduação, em que ficou definida a atuação da CAPES na orientação, implantação, acompanhamento e avaliação dos programas de capacitação de docentes e de recursos humanos (FERREIRA, MOREIRA, 2002). O final deste período coincide ainda com a expansão dos programas de pós-graduação no país, que trouxe a CAPES, a preocupação com a qualidade das atividades desenvolvidas por eles:

Atenta para a necessidade de um maior controle sobre os cursos, e procurando aprimorar seu processo de distribuição de bolsas e auxílios, a Capes começou a desenvolver nesse período uma sistemática de avaliação, a ser implementada através das comissões de consultores. A primeira delas foi realizada ainda em 1978, após algumas experiências que permitiram a definição do quadro metodológico (FERREIRA, MOREIRA, 2002, p. 22).

Entre os anos de 1979-1982, sob a gestão de Cláudio de Moura Castro, a agência passa a ter o seu maior destaque na pós-graduação, quando assume a formulação do II Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG, o que ocorreu em 1981, bem como pelo “processo de transferência, para as universidades e programas, da responsabilidade de selecionar, acompanhar, pagar e avaliar o desempenho dos alunos bolsistas, cabendo à instituição apenas a função de promover uma melhor e mais ampla avaliação dos programas e dos alunos”

(FERREIRA, MOREIRA, 2002, p. 23). Após um período (1982-1990) que ficou marcado pela implantação do II PNPg e elaboração e implementação do III PNPg, a CAPES tem o período de 1990-1992 marcado por sua quase extinção no governo Collor (FERREIRA, MOREIRA, 2002). Com a mobilização da comunidade acadêmica a agência é transformada em fundação no último ano desse período.

Entre 1992-2001 a CAPES passa por nova reestruturação e sai fortalecida como instituição responsável pelo acompanhamento e avaliação dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* brasileiros, sendo implantada no último ano desse período (que marcou os 50 anos da instituição) a nova medição da qualidade dos cursos conforme sua inserção internacional, segundo uma escala de 1 a 7 (FERREIRA, MOREIRA, 2002). A partir de 2007, a CAPES amplia sua atuação, com o fomento à formação inicial e continuada de professores da educação básica, além de se consolidar como ente fundamental na expansão da pós-graduação *stricto sensu* no país (FERREIRA, MOREIRA, 2012). Continuamente aperfeiçoado, seu sistema de avaliação serve de instrumento para a comunidade universitária na busca de um padrão de excelência acadêmica para os mestrados e doutorados nacionais, sendo os seus resultados servindo de base para a formulação de políticas para a área de pós-graduação, bem como para o dimensionamento das ações de fomento na forma de bolsas de estudo, auxílios e apoios (FERREIRA, MOREIRA, 2012). Atualmente as atividades da CAPES podem ser agrupadas nas seguintes linhas de ação:

Avaliação da pós-graduação *stricto sensu*; acesso e divulgação da produção científica; investimentos na formação de recursos de alto nível no país e exterior; promoção da cooperação científica internacional; indução e fomento da formação inicial e continuada de professores para a educação básica nos formatos presencial e a distância (FERREIRA, MOREIRA, 2012).

Assim, a CAPES tem influência significativa sobre os rumos dos programas de pós-graduação *stricto sensu* no país, - incluindo obviamente a área de administração -, pois é ela que regulamenta e estabelece os parâmetros de atuação e de qualidade em relação à produção científica no país por meio da avaliação dos cursos de mestrado e doutorado, bem como dos locais de publicação da produção científica no país. Nesse sentido torna-se quase automática o

estabelecimento da relação os cursos e programas de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, e as instituições em que estão localizadas e a CAPES.

2.2.3.3 Os programas de pós-graduação em administração *stricto sensu*

Tendo recebido papel de protagonistas na descrição da ANPAD e da CAPES como agentes do campo científico da administração no Brasil parece redundante dizer que os cursos de pós-graduação *stricto sensu*, e conseqüentemente os programas e instituições a que pertencem, sejam considerados agentes deste campo. Isto porque a ANPAD foi instituída a partir dos esforços de alguns programas de pós-graduação *stricto sensu* existentes na década de 1970 e a CAPES, é quem credencia e recredencia o funcionamento deles no Brasil. Sendo assim, esses agentes estão simbioticamente relacionados: a ANPAD existe, porque a pós-graduação existe, e esta só pode funcionar se autorizada pela CAPES.

Assim, é que, por exemplo, os programas de pós-graduação em administração podem servir de parâmetro uns para os outros a partir dos conceitos obtidos nas avaliações da CAPES, ou de sua atuação ou produção científica junto aos eventos promovidos pela ANPAD. Cria-se assim, uma estrutura no campo científico, conforme Bourdieu (1983), em que os agentes ocupam posições diferentes a partir do capital científico que detêm. Como no campo científico esse capital é obtido a partir do reconhecimento dos próprios agentes que o compõe, cria-se um espaço de luta em que os vencedores são aqueles que conseguem impor a sua forma de ser, fazer e agir. Em outros termos, quando a UFRGS e a USP aparecem como instituições que contêm os dois programas de pós-graduação com o conceito máximo na área de administração, elas passam a serem vistas como padrão a ser seguido ou combatido dependendo da intenção dos outros agentes em serem protagonistas desse “mesmo jogo” ou de tentarem um “novo jogo” com novas regras “inventadas” por eles, mas que terão de ser aceitas pelos outros.

2.2.3.4 Outros agentes

Outros agentes do campo científico da administração poderiam ser descritos como tais, principalmente os órgãos de fomento à pesquisa no Brasil, como os ligados ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação – MCT com destaque ao Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP; além dos próprios órgãos de fomento ligados aos estados em que os programas de pós-graduação em administração estão localizados. Tais órgãos atuam no financiamento de pesquisas no país seja, por meio de apoio a eventos e bolsas de estudos, até a criação de uma estrutura básica para que a pesquisa ocorra (compra de equipamentos e materiais diversos). No entanto, nosso objetivo foi o de trazer aqueles que foram considerados os principais, ou seja, aqueles que com base nos autores supracitados, permitem que o campo científico pelo menos funcione como tal.

2.2.4 Há um campo científico da administração universitária no Brasil?

O principal objetivo de até o presente momento ter-se discutido o campo científico da administração no Brasil foi justamente o de ter um caminho para responder à questão suscitada no título desta seção. Entende-se que a produção de conhecimento em administração universitária pode ser conhecida a partir do entendimento de quem são aqueles que a produzem. E em existindo os produtores, e foram constatados indicativos de que eles existem – ora, há um curso de pós-graduação em administração universitária e produção sobre o tema – então se defende a ideia de que tais produtores podem constituir um campo científico.

Defende-se assim, que um ponto de partida para que este campo científico seja desvendado pode ser estabelecido a partir do entendimento deste como um subcampo da administração, que enquanto ciência tem entre seus principais objetos de estudo as organizações, que contemplam, portanto, as organizações de educação superior. Nesse sentido, parte-se da ideia de que inicialmente os agentes desse campo são comuns: a ANPAD enquanto um dos principais locais de produção de conhecimentos do campo (e este é um pressuposto, não necessariamente uma conclusão), a CAPES como agente regulador e avaliador e os cursos de pós-graduação, programas e instituições de ensino correlatos como locais onde os agentes-pesquisadores atuam e produzem o conhecimento na área.

É fundamental que se esclareça que não se está aqui defendendo que o campo científico da administração universitária é e só é um subcampo da administração. Pelo contrário, é por saber que se trata de um campo que precisa ser desvendado e entendido que se partiu de um

dos campos do qual ele faz parte. Não se está ignorando, por exemplo, que a área de educação seja um possível campo científico do qual ele faça parte, e há fortes indícios de que seja³⁶. Assim, trata-se de uma escolha, um caminho e talvez não o melhor, mas o que se achou o mais viável por que se atua nele. O restante deste trabalho tem por objetivo trilhar este caminho.

³⁶ No livro *O Estado da Arte em Política e Gestão da Educação no Brasil 1991-1997* (WITTMANN, GRACINDO, 2001), a “Gestão da Universidade” aparece como uma das áreas temáticas em que está dividido o campo de estudos da Política e Administração da Educação no Brasil, como já mostrado.

3 PROCEDIMENTOS METOLÓGICOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este estudo pode ser caracterizado como descritivo, pois tem como principal objetivo descrever características de determinada população ou fenômeno ou estabelecer relações entre variáveis (GIL, 1994). Nesta pesquisa procurou-se descrever como está caracterizado e estruturado o campo científico da administração universitária no Brasil, a partir do perfil de seus agentes. Nesse sentido, cabe classificar o tipo de corte como seccional com perspectiva longitudinal, pois a coleta de dados foi feita em um determinado momento, mas com resgate de dados e informações de outros períodos passados (VIEIRA, 2004), sendo que esses foram utilizados para explicar a configuração atual do campo científico da administração universitária.

Quanto à abordagem, este estudo pode ser caracterizado como quantitativo e qualitativo. É quantitativo porque conforme menciona Vieira (2004) utiliza de instrumental estatístico na análise de dados. Utilizou-se, por exemplo, o conceito de amplitude para determinar a estrutura do campo científico da administração universitária no Brasil, bem como se realizaram cruzamentos estatísticos por meio do uso do software Excel para caracterizar os agentes e o próprio campo. O estudo também pode ser classificado como qualitativo, pois se precisou realizar análises qualitativas para caracterizar o campo científico da administração universitária quanto aos seus temas. Destaca-se que a utilização das duas abordagens ajudou a compreender melhor o campo. Aliás, o uso de técnicas quantitativas e qualitativas para a determinação da estruturação do campo universitário francês foi um recurso utilizado pelo próprio Bourdieu (2011) em *Homo academicus* para descrever aquele campo.

3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

A definição dos sujeitos da pesquisa confunde-se com um dos objetivos a que se propôs: detectar agentes do campo científico da administração universitária no Brasil. Pois, foi a partir da identificação dos sujeitos que se chegou aos agentes e a partir de suas características que se pôde qualificar o campo científico bem como determinar sua estrutura.

O primeiro passo para chegar aos agentes do campo científico da administração universitária, foi levantar informações junto às seguintes fontes: Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq; e *sites* dos programas de Pós-Graduação em Administração *stricto sensu* recomendados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. A seguir são apresentados os critérios de como foi realizada a identificação dos agentes em cada uma das fontes.

3.2.1 Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq

A Plataforma Lattes do CNPq foi a principal fonte utilizada para identificar os sujeitos da pesquisa ou os agentes do campo científico da administração universitária no Brasil. Trata-se de uma base de dados de currículos, instituições e grupos de pesquisa das áreas de Ciência e Tecnologia no Brasil. Assim, por meio da análise dessa plataforma foi possível identificar os seguintes agentes: os pesquisadores que atuam no campo científico da administração universitária no Brasil, por meio da análise dos Currículos Lattes; e os grupos de pesquisa que atuam no campo científico da administração universitária no Brasil, por meio da análise da base de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq.

Na sequência apresenta-se de forma detalhada como foram identificados os agentes do campo científico da administração universitária utilizando a Plataforma Lattes.

3.2.1.1 Análise do Currículo Lattes:

Conforme consta no *site* da Plataforma Lattes:

O Currículo Lattes se tornou um padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país, e é hoje adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do País. Por sua riqueza de informações e sua crescente confiabilidade e abrangência, se tornou elemento indispensável e compulsório à análise de mérito e competência dos pleitos de financiamentos na área de ciência e tecnologia. A disponibilização

pública dos dados da Plataforma na internet dão maior transparência e mais confiabilidade às atividades de fomento do CNPq e das agências que a utilizam, fortalecem o intercâmbio entre pesquisadores e instituições e é fonte inesgotável de informações para estudos e pesquisas. Na medida em que suas informações são recorrentes e cumulativas, têm também o importante papel de preservar a memória da atividade de pesquisa no país (LATTES, 2012).

Sendo uma fonte de dados legitimada no campo científico brasileiro, conforme demonstrado na citação acima, o Currículo Lattes foi utilizado para identificar os agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária. Como critérios, utilizou-se as seguintes ferramentas de filtro da própria base de dados da Plataforma Lattes (CNPq, 2012):

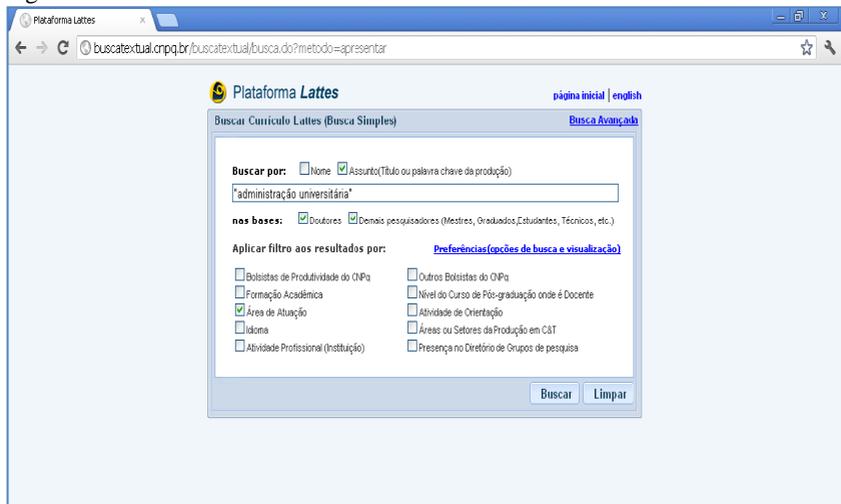
- buscou-se por *Assunto* as seguintes palavras-chave: “administração universitária”; “gestão universitária”; “administração da educação superior”; “gestão da educação superior”; “administração do ensino superior”; “gestão do ensino superior”. Tais palavras-chave foram utilizadas por se tratarem de variações do termo “administração universitária” encontradas nos trabalhos desenvolvidos na área, consideradas para fins desta pesquisa como sinônimas.

- tal busca foi feita *nas bases*: “Doutores” e “Demais Pesquisadores”, buscando abranger também os doutorandos, mestres e mestrandos;

- além disso, *aplicou-se filtro aos resultados por* “Área de Atuação” selecionando a “Grande Área” de “Ciências Sociais Aplicadas” e a “Área” de “Administração”. É importante ressaltar que para fins deste trabalho optou-se por analisar o campo científico da administração universitária a partir dos agentes que atuam no campo da Administração no Brasil, consciente de que existem pesquisadores que atuam em outros campos e que também fazem parte do campo da administração universitária.

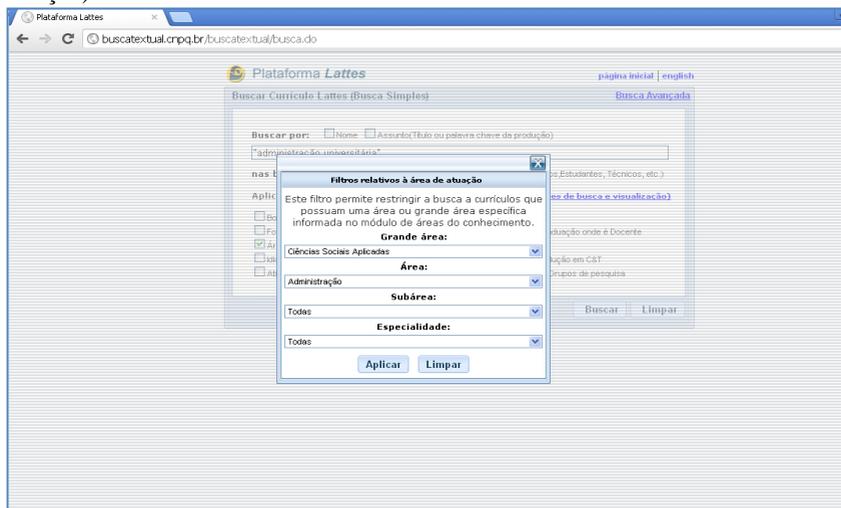
As figuras seguintes ilustram os procedimentos supracitados.

Figura 2: Plataforma Lattes – Busca de Currículos



Fonte: CNPq (2012)

Figura 3: Plataforma Lattes – Busca por currículos (filtros relativos à área de atuação)



Fonte: CNPq (2012)

Este levantamento ocorreu entre os dias 29 e 31 de julho de 2012, quando foram encontrados um total de 693 currículos utilizando os critérios anteriormente descritos, os quais foram copiados para arquivos em Word.

Considerando-se que os currículos de alguns pesquisadores apareciam como resultados em buscas de palavras-chave diferentes, foi feita a intersecção onde se obteve um total de 653 currículos. Com a tabela seguinte demonstra-se os resultados encontrados para cada palavra-chave utilizada, antes e após a intersecção.

Tabela 1: Total de Pesquisadores em Administração Universitária – 1º Corte

Palavra-chave	Nº de pesquisadores	Nº de pesquisadores (após intersecção)
Administração universitária	137	118
Gestão universitária	473	473
Administração da educação superior	003	002
Gestão da educação superior	025	018
Administração do ensino superior	004	004
Gestão do ensino superior	051	038
Total	693	653

Fonte: dados primários.

Outra forma de se chegar aos sujeitos da pesquisa do campo científico da administração universitária foi consultar a base de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq, conforme seção a seguir.

3.2.1.2 Base de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq

A base de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq foi outra fonte da Plataforma Lattes que se optou por utilizar na medida em que ela traz informações sobre os grupos de pesquisa atuantes no Brasil. Por meio deste diretório foi possível identificar o quantitativo de grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil, além de identificar suas linhas de pesquisa, as instituições a qual estes grupos estão relacionados, bem como identificar pesquisadores que ficaram de fora do corte empreendido na análise dos currículos Lattes e apareceram como líderes de grupos de pesquisa ou participantes dos mesmos.

Para a obtenção de tais informações foi utilizado o filtro do programa de busca do Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Para

proceder à busca foi feita *consulta por* “administração universitária”; “gestão universitária”; “administração da educação superior”; “gestão da educação superior”; “administração do ensino superior”; “gestão do ensino superior”, filtrando a busca por meio da seleção da *Grande Área* de “Ciências Sociais Aplicadas” e a *Área* de “Administração”. Vale lembrar que o foco desta pesquisa está na administração universitária como um subcampo da administração.

A figura abaixo ilustra tais procedimentos:

Figura 4: Plataforma Lattes – Busca por Grupos de Pesquisa

The screenshot shows the Lattes platform search interface. The browser address bar displays 'dgp.cnpq.br/buscaoperacional/'. The page header includes the CNPq logo and the title 'Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil'. Below the header, there is a search bar with the text 'administração universitária' and a 'Consultar' button. The search options are set to 'Todas as palavras'. The search filters section shows 'Grande área do grupo' set to 'Ciências Sociais Aplicadas' and 'Área do grupo' set to 'Administração'. The total number of consultations is displayed as 3,016,029. The page also includes a sidebar with navigation options like 'Grupos', 'Pesquisadores', 'Líderes', and 'Estudantes'.

Fonte: DGP (2012).

Este levantamento ocorreu no mês de agosto de 2012, tendo sido encontrados 57 grupos de pesquisa conforme os critérios descritos (1º corte). Na sequência, foi acessado cada grupo de pesquisa encontrado por meio da busca com o objetivo de analisar as linhas de pesquisa de cada um deles e as repercussões dos trabalhos dos grupos para verificar se de fato tinham relação com a administração universitária. Como critério, utilizaram-se os temas da categoria de análise administração universitária operacionalizada mais adiante. Assim, restaram 35 grupos de pesquisa (2º corte), pois 22 não se enquadravam entre as temáticas da administração universitária.

Por fim, verificou-se que alguns grupos de pesquisa se repetiram, utilizando os critérios das palavras-chave, ou seja, o mesmo grupo de pesquisa aparecia quando a palavra-chave da consulta era “administração universitária” e “gestão universitária”, por exemplo. No total, identificou-se um total de 17 grupos de pesquisa em administração universitária (3º corte). Por meio da tabela abaixo é possível verificar a quantidade de grupos de pesquisa encontrados por palavra-chave, após os cortes realizados.

Tabela 2: Total de Grupos de Pesquisa em Administração Universitária

Palavra-chave	Nº de grupos de pesquisa		
	1º corte	2º corte	3º corte
Administração universitária	04	07	07
Gestão universitária	09	03	*
Administração da educação superior	05	05	05
Gestão da educação superior	08	12	04
Administração do ensino superior	09	02	01
Gestão do ensino superior	17	06	*
Total	57	35	17

Fonte: dados primários.

Nota: *os resultados encontrados já apareciam na busca feita com a(s) palavra(s)-chave(s) anterior(es).

Conforme mencionado, a pesquisa no Diretório de Grupos de Pesquisa da Plataforma Lattes também serviu para levantar pesquisadores que não foram identificados a partir dos critérios utilizados pela busca realizada nos Currículos Lattes. Assim, levantaram-se todos os líderes e integrantes dos grupos de pesquisa identificados, chegando-se a um total de 186 pesquisadores, cujos currículos foram copiados em arquivos Word.

Tabela 3: Total de Pesquisadores ligados a Grupos de Pesquisa em Administração Universitária

Palavra-chave	Nº de pesquisadores
Administração universitária	*
Gestão universitária	96
Administração da educação superior	25
Gestão da educação superior	43
Administração do ensino superior	*
Gestão do ensino superior	22
Total	186

Fonte: dados primários.

Nota: os resultados encontrados já apareciam na busca feita com a(s) palavra(s)-chave(s) anterior (es).

Para refinar o levantamento dos pesquisadores em administração universitária com base nos currículos levantados na Plataforma Lattes, procedeu-se a mais três critérios de corte. Antes de explicá-los cabe destacar que foi feita a intersecção entre os currículos extraídos diretamente dos currículos Lattes (653) e aqueles cujos pesquisadores foram extraídos dos Grupos de Pesquisa (186) constantes na Plataforma Lattes, para verificar possíveis repetições. Assim, chegou-se a um total de 810 currículos, pois 29 currículos de pesquisadores identificados nos grupos de pesquisa já constavam entre os currículos selecionados anteriormente. Feitas tais considerações, destaca-se os critérios de corte mencionados.

- 1) Optou-se por desconsiderar os currículos cujos pesquisadores não tivessem pelo menos iniciado o mestrado³⁷, pois se considera que a legitimidade dos pesquisadores no campo científico brasileiro passa a ocorrer a partir de seu ingresso na pós-graduação *stricto sensu*³⁸;
- 2) Foram desconsiderados os currículos não atualizados no ano de 2012, pois o próprio *status* da atualização do currículo reflete que o pesquisador está atuante no campo;

³⁷ Foram excluídos os que interromperam o mestrado.

³⁸ Para ser um associado individual da ANPAD, por exemplo, o pesquisador precisa ser pelo menos mestrando de algum programa de pós-graduação da área.

3) Por fim, em função de o sistema de busca muitas vezes ser falho ao buscar as palavras-chave em campos do currículo, onde não há necessariamente indícios de que se trata de um pesquisador do campo científico da administração universitária, fez-se uma análise mais específica: com base nos temas da categoria de análise administração universitária feita mais adiante se buscaram evidências de que os currículos se referiam a pesquisadores deste campo científico. Assim, em existindo referência ao menos a um dos temas relacionados à administração universitária em algum dos seguintes campos de seus currículos Lattes, o mesmo seria incluído como pertencente ao campo científico da administração universitária: resumo do currículo Lattes, com texto informado pelo pesquisador; título da dissertação de mestrado, da tese de doutorado ou do trabalho de pós-doutorado; ou área de atuação do pesquisador.

Feitos esses cortes chegou-se a um total de 233 pesquisadores em administração universitária no Brasil. Assim, a partir da coleta de dados na Plataforma Lattes chegou-se ao total de 233 pesquisadores e 17 grupos de pesquisa em administração universitária no Brasil.

Na sequência apresenta-se como foi feito o levantamento de dos cursos de pós-graduação em administração *stricto sensu*.

3.2.2 Cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* em Administração

Por meio de pesquisa no site da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES identificaram-se os cursos de pós-graduação *stricto sensu* na área de administração³⁹. Acessou-se o site de cada curso buscando nas descrições dos mesmos, bem como em suas áreas de concentração, linhas de pesquisa e disciplinas as palavras-chave: “administração universitária”; “gestão universitária”; “administração da educação superior”; “gestão da educação superior”; “administração do ensino superior”; “gestão do ensino superior”, bem como utilizaram-se os temas da categoria de

³⁹ Tal procedimento foi realizado entre os dias 24 e 25/07/2012 por meio de acesso em CAPES (2012).

análise “administração universitária” descritas na seção de operacionalização da referida categoria.

A busca teve por objetivo encontrar cursos de pós-graduação relacionados ou atuantes no campo científico da administração universitária. Assim, dos 96 cursos na área de administração foram identificados 18 com alguma relação com a administração universitária. Vale destacar, que a ideia inicial era a de identificar, por meio dessa análise, pesquisadores relacionados às linhas de pesquisa e disciplinas dos cursos, porém como nem todos traziam esses dados no momento da coleta optou-se por descartar essa opção.

Em síntese, os sujeitos desta pesquisa se constituíram em: 233 pesquisadores (entre mestrandos, mestres, doutores e pós-doutores), 17 grupos de pesquisa e 18 cursos de pós-graduação *stricto sensu* da área de Administração os quais serão caracterizados no capítulo referente à análise dos dados da pesquisa.

Na sequência, são apresentadas as questões de pesquisa que guiaram este estudo as quais decorreram dos objetivos específicos.

3.3 QUESTÕES DE PESQUISA

As questões de pesquisa foram delineadas com o propósito de guiar este estudo e auxiliar no alcance dos objetivos específicos dos quais decorreram, quais sejam:

- Que pessoas e/ou instituições podem ser consideradas agentes do campo científico da administração universitária no Brasil?
- Como esses agentes podem ser caracterizados?
- Quais as possíveis influências das teorias administrativas nos temas de interesse dos agentes?
- De que forma está estruturado o campo científico da administração universitária no Brasil, considerando o acúmulo de capital científico de seus agentes?

3.4 DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

A definição das categorias de análise tem por objetivo descrever de forma precisa como foram tratados os conceitos que guiaram a pesquisa. As categorias de análise foram definidas constitutivamente (VIEIRA, 2004) em função de auxiliarem no alcance dos objetivos de

pesquisa, que por sua vez levaram a responder o problema desta tese. Assim, definiu-se como categorias de análise:

- **Administração Universitária:** disciplina ou campo científico que tem por objeto de estudo as organizações de educação superior e que conceitualmente pode ser definida como processo de planejar, organizar, liderar e controlar o trabalho dos membros das organizações de educação superior, e de usar todos os seus recursos disponíveis para atingir seus objetivos.

- **Teorias Administrativas:** são os trabalhos que “fazem parte de um pensamento pragmático, no sentido onde o que conta é o alcance dos resultados fixados como metas” (RUBEN, SERVA, CASTRO, 1995, p. 208), quais sejam aqueles que dizem respeito às teorias gerenciais (trabalhos que se orientam pela racionalidade com fins de rentabilidade, na trajetória iniciada por Taylor e Fayol) e às áreas funcionais (finanças, marketing, produção, recursos humanos, etc.). Além dos trabalhos que envolvem a teoria das organizações a qual “busca, sobretudo analisar, refletir e melhor compreender o espaço onde o trabalho é realizado embora não inteiramente despojado de um certo pragmatismo” (RUBEN, SERVA, CASTRO, 1995, p. 208).

- **Agentes:** são indivíduos ou instituições caracterizados pelo volume de capital científico e que determinam a estrutura do campo em proporção ao seu peso, que depende do peso de todos os outros agentes, isto é, de todo o espaço (BOURDIEU, 2004, p. 24).

- **Capital científico:** “espécie particular de capital simbólico (o qual é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico” (BOURDIEU, 2004, p. 26). Pode ser classificado em: puro quando o crédito é obtido em função do reconhecimento dos pares a sua contribuição ao progresso da ciência, tratando-se de um poder específico, de prestígio pessoal; ou institucional, em que o crédito é obtido a partir das posições ocupadas nas instituições científicas e do poder que detêm sobre os meios de produção e de reprodução que elas asseguram (BOURDIEU, 2004).

- **Campo científico:** o lugar, o espaço de jogo pela busca de autoridade científica no qual estão inseridos os agentes e as

instituições que produzem, reproduzem ou difundem a ciência (BOURDIEU, 1983; 2004).

3.5 DEFINIÇÃO OPERACIONAL DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

A operacionalização das categorias de análise foi feita a partir de uma subdivisão em dimensões e indicadores ou temas correspondentes. A seguir é apresentado como cada uma das categorias de análise foi operacionalizada para esta pesquisa.

3.5.1 Administração Universitária

Antes de apresentar as dimensões em que a categoria “administração universitária” foi subdividida ressalta-se que para fins deste trabalho ela será utilizada como sinônima dos termos: “gestão universitária”; “gestão de instituições de ensino/educação superior”; “administração da educação superior”; “gestão da educação superior”; “administração do ensino superior”; e “gestão do ensino superior”. Justifica-se tais associações ao uso recorrente destes em publicações na área conforme explicado no capítulo de fundamentação teórica. Feita esta observação passa-se para a operacionalização desta categoria, a qual se optou por dividir em quatro dimensões e 37 temas, conforme o quadro seguinte.

Quadro 8: Categoria de análise: administração universitária

Categoria	Dimensões	Temas
Administração universitária	Teorias gerenciais	Planejamento
		Organização
		Direção
		Controle
	Áreas funcionais da administração	Administração da Informação
		Administração Estratégica
		Administração Financeira
		Administração de Operações e Logística
		Administração de Pessoas
	Administração de Marketing	
Dimensões	Temas	

Administração universitária	Teoria das organizações	Abordagem Institucional	
		Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	
		Trabalho, Organização, Estado e Sociedade	
		Comunicação, Processos Discursivos e Produção dos Sentidos	
		Ontologia, Epistemologias, Teorias e Metodologias nos Estudos Organizacionais	
		Estudos Críticos e Práticas Transformadoras em Organizações	
		Gênero e Diversidade	
		Organizações Familiares	
		História e Memória em Organizações	
		Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais	
		Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações	
		Temas específicos	Políticas da Educação Superior
			Estrutura e funcionamento da Educação Superior
	Universidade e Sociedade		
	Avaliação da Educação Superior		
	Educação a Distância		
	Universidade e Desenvolvimento Regional		
	Acesso, permanência e evasão		
	Ensino, pesquisa e extensão		
	Estrutura acadêmica e administrativa		
	Internacionalização e mobilidade acadêmica		
	Universidade e Compromisso Social		
	Autonomia		
Cooperação Universidade-Empresa			
Administração universitária			
Instituições de educação superior			

Fonte: elaborado pelo autor.

Para esta categoria, foram utilizados temas relacionados às dimensões, pois o objetivo é verificar a existência de alguns dos temas

relacionados entre as produções (artigos publicados, dissertações e teses, livros, etc.) na área de administração universitária. Destaca-se que as três primeiras dimensões foram baseadas na definição constitutiva da categoria “teorias administrativas” explicada na seção anterior. A quarta dimensão, a qual foi denominada “temas específicos” referem-se aos temas que são recorrentes em publicações na área (anais de eventos), bem como em disciplinas de cursos que se relacionam à administração universitária. Na sequência, é detalhada a operacionalização de cada uma dessas dimensões e como elas se desdobram em temas.

- **Teorias gerenciais:** são os trabalhos orientados pela racionalidade com fins de rentabilidade, conforme a trajetória iniciada por Taylor e Fayol, mais especificamente referem-se às produções sobre administração universitária que envolvam as principais teorias relacionadas às funções desempenhadas pelo administrador e suas variações nas organizações, quais sejam: o planejamento, a organização, a direção e o controle.

- **Áreas funcionais da administração:** referem-se às produções sobre administração universitária que envolvam as áreas funcionais de uma organização (no caso deste estudo, a universidade e as instituições de educação superior). Optou-se por tomar como base as divisões acadêmicas estabelecidas atualmente pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD (2011b), que tratam das áreas funcionais quais sejam: Administração da Informação, Administração Estratégica, Administração Financeira, Administração de Operações e Logística, Administração de Pessoas e Administração de Marketing.

- **Teoria das organizações:** referem-se aos trabalhos sobre administração universitária que envolvam alguns dos temas da divisão acadêmica de Estudos Organizacionais definidos pela ANPAD (2011b), quais sejam: Abordagem Institucional; Conhecimento, Aprendizagem e Inovação; Trabalho, Organização, Estado e Sociedade; Comunicação, Processos Discursivos e Produção dos Sentidos; Ontologia, Epistemologias, Teorias e Metodologias nos Estudos Organizacionais; Estudos Críticos e Práticas Transformadoras em Organizações; Gênero e Diversidade; Organizações Familiares; História e Memória em Organizações; Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais; e Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações.

- **Temas específicos:**denominou-se “temas específicos” aqueles que são recorrentes em publicações na área de administração universitária. Tomou-se por referência os temas que mais se repetiram ou que mais tiveram trabalhos apresentados no Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas⁴⁰, um evento anual consolidado na área de administração universitária no Brasil e na América do Sul e que há 12 anos já contemplou a apresentação de quase dois mil trabalhos sobre o tema, o que reflete a produção sobre administração universitária no Brasil. Além disso, considerou-se as disciplinas que fazem parte da estrutura curricular do Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC⁴¹, por ser o único na área de administração no Brasil com foco na administração universitária. Sendo assim, foram definidos os seguintes temas:Políticas da Educação Superior; Estrutura e funcionamento da Educação Superior; Universidade e Sociedade; Avaliação da Educação Superior; Educação a Distância; Universidade e Desenvolvimento Regional; Acesso, permanência e evasão; Ensino, pesquisa e extensão⁴²; Estrutura acadêmica e administrativa; Internacionalização e mobilidade acadêmica; Universidade e Compromisso Social; Autonomia; e Cooperação Universidade-Empresa. Incluiu-se ainda, os temas “administração universitária” e suas variações, conforme já apresentado e os temas que têm as instituições de educação superior como objeto de estudo.

⁴⁰ Até o ano de 2011, o evento denominava-se Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul.

⁴¹ Único programa da área de Administração voltado para a Administração Universitária de acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

⁴² Havia se considerado a hipótese de incluir uma temática que faz parte das divisões acadêmicas da ANPAD que têm relação com a administração universitária, qual seja “Ensino e Pesquisa em Administração”, no entanto, optou-se por aglutinar as produções encontradas junto ao tema “Ensino, pesquisa e extensão”.

3.5.2 Agentes

Conforme Bourdieu (2004) os agentes podem ser tanto pessoas como grupos de pessoas. Sendo assim, dividiu-se os agentes em três categorias: pesquisadores, grupos de pesquisa e cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração. Para a operacionalização da categoria *agentes-pesquisadores*, fez-se uma subdivisão em duas dimensões que contemplaram 16 indicadores, conforme o quadro seguinte.

Quadro 9: Categoria de análise: agentes-pesquisadores

Categoria	Dimensões	Indicadores
Agentes-pesquisadores	Perfil demográfico	Sexo
		Local de atuação profissional
	Perfil acadêmico	Níveis de formação
		Locais de formação
		Áreas de formação
		Tempo de formação
		Áreas de atuação
		Linhas de pesquisa
		Tema de dissertações e teses
		Temas de projetos de pesquisa
		Temas de publicações em periódicos
		Temas de publicações em anais de eventos científicos
		Temas de publicações em livros e capítulos de livros
		Periódicos em que publica
		Eventos em que publica
		Atuação como membro de corpo editorial

Fonte: elaborado pelo autor.

Para melhor compreensão da operacionalização de cada categoria, apresenta-se o que se buscou analisar em cada uma de suas dimensões:

- **Perfil demográfico:** trata-se do perfil dos pesquisadores de acordo com os dados contidos nos *Dados Pessoais* em seus currículos Lattes. Mais especificamente: o *sexo* dos pesquisadores

(masculino ou feminino); e seu *local de atuação profissional* (organização em que atua; cidade; estado e região).

- **Perfil acadêmico:** trata-se da formação, dos temas de interesse, e dos locais de publicação dos pesquisadores. Quanto à formação foram levantados em seus currículos: os *níveis de formação* (graduação, mestrado, doutorado e pós-doutorado); os *locais de formação* (instituições, cidades, estados e regiões); as *áreas de formação* (conforme o nome dos cursos de formação); e o *tempo de formação* (com base na data de conclusão dos cursos de formação). Para se chegar aos temas de interesse dos pesquisadores e verificar suas relações com os temas de administração universitária, foram levantados em seus currículos: suas *áreas de atuação*, suas *linhas de pesquisa*, os *temas de dissertações e teses*, os *temas de projetos de pesquisa* em que atua ou atuaram como coordenadores ou integrantes, os *temas de publicações em periódicos*, os *temas de publicações em anais de eventos científicos*, e os *temas de livros e capítulos de livros* publicados pelos pesquisadores. Quanto aos locais de publicação foram levantados em seus currículos: os *periódicos em que publicam* e os *eventos em que publicam*. Foram levantados ainda os locais em que atuam como membro de corpo editorial.

Para a operacionalização da categoria *agentes-grupos de pesquisa*, foi feita uma subdivisão em duas dimensões que contemplaram quatro indicadores, conforme o quadro seguinte.

Quadro 10: Categoria de análise: agentes-grupos de pesquisa

Categoria	Dimensões	Indicadores
Agentes-grupos de pesquisa	Perfil demográfico	Local de funcionamento
		Instituição
	Perfil Acadêmico	Temas de interesse

Fonte: elaborado pelo autor.

Cada dimensão desta categoria pode ser explicada da seguinte maneira:

- **Perfil demográfico:** diz respeito ao *local de funcionamento* do grupo de pesquisa (cidade, estado e região), à *instituição* a que

está ligado e seu *tempo de atuação*, considerando a data de criação no Diretório de Grupos de Pesquisa da Plataforma Lattes.

- **Perfil acadêmico**: refere-se aos *temas de interesse* do grupo de pesquisa que estejam relacionados aos temas de administração universitária, por meio da análise da descrição de suas linhas de pesquisa e das repercussões dos trabalhos dos grupos descritas no Diretório de Grupos de Pesquisa da Plataforma Lattes.

Para a operacionalização da categoria agentes-cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração, foi feita uma subdivisão em duas dimensões que contemplaram quatro indicadores, conforme o quadro seguinte.

Quadro 11: Categoria de análise: agentes-cursos de pós-graduação

Categoria	Dimensões	Indicadores
Agentes- cursos de pós-graduação	Perfil Demográfico	Local de funcionamento
		Instituição
	Perfil Acadêmico	Conceito do curso
		Temas de interesse

Fonte: elaborado pelo autor.

Para melhor compreensão da operacionalização de cada categoria, apresenta-se o que se buscou analisar em cada uma de suas dimensões.

- **Perfil Demográfico**: diz respeito ao *local de funcionamento* do curso (cidade, estado, região) e a *instituição* onde o curso funciona.

- **Perfil Acadêmico**: refere-se ao *conceito do curso* junto à CAPES e os *temas de interesse* do curso, a partir da análise do nome dos cursos, áreas de concentração, linhas de pesquisa e disciplinas oferecidas que tenham relação com os temas de administração universitária.

3.5.3 Capital Científico

Em relação à operacionalização da categoria capital científico, foi feita uma subdivisão em duas dimensões, que são as duas espécies de capital científico cunhadas por Bourdieu (2004): o capital científico puro e o institucional. Para o primeiro tipo foram estabelecidos 13 indicadores divididos em três grupos: titulação, experiência profissional e produção intelectual. Para o segundo tipo foram determinados oito indicadores divididos em dois grupos: cargos ocupados e participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias. Sobre tais indicadores é importante fazer algumas considerações. Bourdieu (2004) menciona algumas fontes de obtenção de capital científico, conforme mostrado no capítulo da fundamentação teórica, mas não chega a operacionalizá-los em indicadores como fez em *Homo academicus*, de 1984, com relação aos indicadores de capital universitário. Vale lembrar que neste estudo Bourdieu (2011) não analisa o campo científico apenas, mas o campo universitário francês, mais amplo, portanto, e que por consequência inclui outras espécies de capital simbólico não científicas. E mesmo os indicadores de capital científico puro e institucional utilizados são bastante específicos ao campo científico francês, como, por exemplo, a direção de um laboratório do Centro Nacional de Pesquisa Científica francês como uma fonte de prestígio científico.

Assim, foi necessário fazer adaptações, bem como consultar outros trabalhos que trouxessem indicadores que dessem conta de refletir a realidade não só do campo científico brasileiro, mas do campo científico da administração em que a administração universitária é enquadrada como subcampo como estratégia para tentar desvendá-lo. Nesse sentido, foi preciso encontrar indicadores que pudessem legitimar aquilo que os agentes do campo científico da administração consideram relevantes a ponto de dar a seus pares e a eles próprios prestígio ou poder no campo.

Ao analisar trabalhos brasileiros sobre o campo científico da administração que trouxessem indicadores de capital científico, foi encontrado o trabalho de Teixeira et al. (2012) em que analisam a dinâmica de distribuição de fontes de capital científicos entre docentes/pesquisadores de um programa de pós-graduação *stricto-sensu* de uma universidade pública. Porém, os indicadores de capital científico escolhidos pelos autores tinham como limitação o fato de serem os mesmos que serviam de base para avaliar os candidatos que desejavam ingressar no programa de pós-graduação da instituição analisada,

localizada no interior de Minas Gerais. Os próprios autores observaram que tais indicadores são muito restritos àquela realidade. Acreditou-se que seria mais adequado utilizar indicadores que justificassem seu uso pelo campo (no caso, o campo da administração em que está inserido o campo científico da administração universitária) como um todo.

Assim, também se levou em consideração os critérios utilizados pela área de administração da CAPES para avaliar os programas de pós-graduação, mais especificamente o último relatório de avaliação trienal 2007-2009 (TRIENAL CAPES, 2009) para encontrar possíveis indicadores. Focou-se mais nos itens de avaliação do corpo docente e de produção intelectual, que traziam indicadores mais próximos do que Bourdieu (2004) apresenta como tais.

Para seguir um critério de pontuação que pudesse ser aplicado a todos os pesquisadores do campo científico da administração universitária, e considerando que se está partindo do pressuposto de ser este um subcampo científico da administração, optou-se também por considerar os indicadores utilizados para análise dos currículos Lattes dos candidatos a ingressar na carreira docente em administração nas instituições que têm programas de pós-graduação em administração recomendados pela CAPES. Como não há uma regra geral para todas as instituições no Brasil, tomou-se por base os programas melhor avaliados na última avaliação trienal da CAPES referente a 2007-2009. Nesta posição estavam os programas de pós-graduação em administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e da Universidade de São Paulo – USP, com conceito 7⁴³. Por meio de pesquisa no site das duas instituições somente estavam disponíveis os indicadores e seus respectivos pesos no site de concursos da UFRGS (UFRGS, 2011)⁴⁴.

⁴³ “O conceito Capes refere-se a conceitos obtidos por programas de pós-graduação brasileiros em avaliações trienais que a Capes realiza, atribuindo conceitos entre 1 e 7 a esses programas, sendo que o programa com nível de avaliação igual ou superior a 3 tem seus diplomas validados e reconhecidos nacionalmente. O programa que oferece apenas o mestrado tem seu nível limitado a 5, ficando os níveis 6 e 7 reservados para os doutorados de referencial internacional” (MIRANDA, ALMEIDA, 2004, p. 52; TEIXEIRA ET AL, 2012, p. 191).

⁴⁴ Ver ANEXO.

Além dos indicadores, foi necessário criar uma pontuação de modo a dar pesos a cada um deles, pois nem todas as fontes de capital científico têm o mesmo grau de importância para seus agentes. Por exemplo: um artigo publicado em um periódico tem mais potencial de aumento do prestígio de um pesquisador que um artigo publicado em algum evento científico. A própria CAPES (2009) reconhece essa diferenciação em Documento da Área de Administração 2009, referente ao triênio 2007-2009, conforme trecho a seguir:

A par desta valorização de produção intelectual (artigos em periódicos e livros), a área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo tem tradição de também valorizar trabalhos completos publicados em anais de eventos científicos qualificados. No entanto, o trabalho publicado em anais constitui produção provisória e, regra geral, requer melhorias para sua transformação em artigo a ser submetido a um periódico (CAPES, 2009).

Considerando o trabalho de Teixeira et al. (2012), os critérios utilizados pela CAPES na avaliação dos programas de pós-graduação em administração no último triênio 2007-2009, e os indicadores utilizados para análise dos currículos Lattes dos candidatos a ingressar na carreira docente em administração da UFRGS, conforme explicado, chegou-se ao quadro seguinte que possibilita a determinação do volume de capital científico puro e institucional acumulado pelos agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil. Optou-se por dividir os indicadores da dimensão capital científico puro, de acordo com divisão adotada pela UFRGS (UFRGS, 2011)⁴⁵, para facilitar a adaptação das pontuações⁴⁶ e pesos atribuídos a cada grupo de indicadores. Quanto aos grupos de indicadores do capital científico institucional, foi feita uma adaptação do trabalho de Teixeira et al. (2012), e incluídos os indicadores *Atuação*

⁴⁵ Os indicadores cujo levantamento não foi possível realizar foram excluídos ou adaptados, quando possível.

⁴⁶ As pontuações foram redistribuídas de acordo com as adaptações que se fizeram necessárias.

como membro de corpo editorial e Atuação como revisor de Periódico os quais não estavam previstos por esses autores, mas tinham semelhança com indicadores adaptados de Bourdieu (2004; 2011).

Quadro 12: Categoria de análise: capital científico

Categoria	Dimensões	Indicadores	Máximo	Peso
Capital científico	Puro	<i>Titulação</i>	100	2
		Formação doutorado	80	
		Formação pós-doutorado	20	
		<i>Experiência profissional</i>	100	4
		Orientações de dissertações e teses	29	
		Coordenação de projetos de pesquisa	19	
		Atuação como integrante de projetos de pesquisa	14	
		Bolsas recebidas durante mestrado, doutorado ou pós-doutorado	19	
		Atuação como bolsista de produtividade do CNPq	19	
		<i>Produção intelectual</i>	100	4
		Publicações em periódicos Qualis A1 ou A2 em Administração	40	
		Publicações em demais periódicos	30	
		Publicações de livros	10	
		Publicações de capítulos de livros	05	
		Publicações de artigos em anais de eventos	10	
	Coordenação de projetos de pesquisa com apoio ou fomento	05		
	Institu	<i>Cargos ocupados</i>	100	6

	cional	Cargos de direção e administração ocupados (coordenação, direção, chefia)	40	
		Cargos de direção e administração ocupados (Reitoria, Pró-Reitoria)	60	
		<i>Participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias</i>	100	4
		Participação em conselhos, comissões e consultorias	16	
		Participação em bancas de concursos públicos	16	
		Participação em avaliação de cursos	16	
		Participação em bancas de dissertações e teses	16	
		Atuação como membro de corpo editorial	20	
		Atuação como revisor de periódico	16	

Fonte: elaborado pelo autor.

A seguir apresenta-se como foram analisadas cada uma das dimensões da categoria *capital científico*:

- **Puro:** é o capital científico adquirido em função do reconhecimento dos pares a sua contribuição ao progresso da ciência, tratando-se de um poder específico, de prestígio pessoal (BOURDIEU, 2004). Assim, com base nos currículos Lattes dos pesquisadores (conforme explicado na seção sobre os sujeitos de pesquisa), analisaram-se:

- **Titulação:** para os pesquisadores que possuísem doutorado foram atribuídos 80 pontos, e para os que possuísem pós-doutorado foram atribuídos mais 20 pontos, podendo chegar a um total de 100 pontos. Para tal grupo de indicadores foi atribuído peso dois (ou 20%).

- **Experiência profissional:** para cada orientação de dissertação foi atribuído um ponto e de tese dois pontos até um total de 29 pontos. Para cada coordenação de projeto

de pesquisa foram atribuídos dois pontos até um total de 19 pontos. Para cada projeto de pesquisa em que o pesquisador atuou como integrante foi atribuído um ponto até um total de 14. Para cada bolsa recebida durante o mestrado, doutorado ou pós-doutorado foram atribuídos respectivamente quatro, seis, e nove pontos até um total de 19 pontos. Para a atuação do pesquisador como bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq⁴⁷ foram atribuídos 19 pontos. Para este grupo de indicadores foi atribuído peso quatro (ou 40%).

- **Produção intelectual:** para cada publicação em periódicos Qualis⁴⁸ A1 ou A2 em administração foram atribuídos 10 e oito pontos, respectivamente, até um total de 40 pontos. Para publicações em outros periódicos, da área de administração ou fora dela, independente do enquadramento Qualis foi atribuído um ponto por artigo

⁴⁷ As bolsas produtividade do CNPq dividem-se: em Bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) “destinada aos pesquisadores que se destaquem entre seus pares, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq, e específicos, pelos Comitês de Assessoramento (CAs) do CNPq”; em Bolsas de Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (DT) que tem por finalidade “distinguir o pesquisador, valorizando sua produção em desenvolvimento tecnológico e inovação segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq, e especificamente, pelo Comitê Avaliador” e em Bolsista Produtividade Sênior (PQ-Sr) “destinada ao pesquisador que se destaque entre seus pares como líder e paradigma na sua área de atuação, valorizando sua produção científica e/ou tecnológica, segundo requisitos e critérios normativos estabelecidos pelo CNPq e por sua assessoria técnico-científica” (CNPq, 2012b).

⁴⁸ O conceito Qualis “é o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. (...) A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. Dessa forma, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos. A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C - com peso zero” (CAPES, 2012).

até um total de 30 pontos. Para publicações de livros e de capítulos de livros foi atribuído um ponto para cada publicação até um total de 10 e cinco pontos respectivamente. Para artigos publicados em anais de eventos foi atribuído um ponto para cada publicação até um total de 10 pontos. Para a coordenação de projetos de pesquisa com fomento ou apoio de alguma instituição foi atribuído um ponto para cada coordenação até um total de cinco pontos. Para este grupo de indicadores foi atribuído peso quatro (ou 40%).

- **Institucional:** é o capital científico adquirido a partir das posições ocupadas nas instituições científicas e do poder que detêm sobre os meios de produção e de reprodução que elas asseguram (BOURDIEU, 2004). Nesse sentido analisaram-se nos currículos Lattes dos pesquisadores:

- **Cargos ocupados**⁴⁹: para cada cargo de direção e administração (coordenação, direção, chefia e vices) ocupado pelos pesquisadores em instituições de ensino e pesquisa e relacionadas à educação superior, foram atribuídos 10 pontos até um total de 40 pontos; para cada cargo de direção e administração (Reitorias e Pró-Reitorias e vices) ocupados pelos pesquisadores foram atribuídos 20 pontos até um total de 60 pontos. Para este grupo de indicadores foi atribuído peso seis (ou 60%).

- **Participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias:** para cada participação em conselhos, comissões e consultorias realizadas em instituições de ensino e pesquisa e relacionadas à educação superior; participação em bancas de concursos públicos; e participação em avaliação de cursos foram atribuídos dois pontos até um total de 16 pontos para cada indicador; para cada participação em bancas de dissertações e teses foram atribuídos um e dois pontos, respectivamente, até um total de 16 pontos. Para cada atuação como membro de corpo editorial foram atribuídos dois pontos até um total de 20 pontos. Para cada atuação como revisor de periódico foram

⁴⁹Não foram considerados cargos em substituição.

atribuídos dois pontos até um total de 16 pontos. Para este grupo de indicadores foi atribuído peso quatro (ou 40%).

Somando-se a pontuação obtida em cada grupo de indicadores e multiplicando pelo peso correspondente obteve-se uma pontuação correspondente ao volume de capital científico puro e institucional acumulado pelos pesquisadores ao longo de sua trajetória no campo científico da administração universitária. Nesse sentido, tomando por base o trabalho de Teixeira et al. (2012) fez-se uma divisão dos pesquisadores adotando três grupos por intervalos iguais de pontuação com o objetivo de conhecer aqueles situados nos extremos, e aqueles considerados como medianos. Assim, para cada tipo de capital científico, subtraiu-se a maior pontuação obtida pelos pesquisadores pela menor para conhecer a amplitude total das pontuações de cada tipo de capital científico. Dividiu-se a amplitude obtida por três, para definir a amplitude dos intervalos (ou classes). Definidos os intervalos, classificou-se os pesquisadores em três classes, conforme o quadro seguinte:

Quadro 13: Distribuição dos pesquisadores por volume de capital científico

Classes	Intervalos
A	Pontuação mínima de A – Pontuação máxima de A
B	Pontuação mínima de B – Pontuação máxima de B
C	Pontuação mínima de C – Pontuação máxima de C

Fonte: Adaptado de Teixeira et al. (2012)

Situando cada pesquisador em uma das três classes, a partir da pontuação obtida por eles em relação ao acúmulo de capital científico, foi possível estabelecer como o campo científico da administração universitária está estruturado.

3.5.4 Campo científico

O campo científico da administração universitária no Brasil foi caracterizado a partir do perfil de seus agentes (o qual foi operacionalizado na seção 3.5.2) e de sua estrutura, estabelecida a partir da distribuição do capital científico (a qual foi operacionalizada na seção 3.5.3) acumulado por seus agentes-pesquisadores. Sendo assim, dividiu-se esta categoria em duas dimensões e oito indicadores, conforme quadro a seguir.

Quadro 14: Categoria de análise: campo científico

Categoria	Dimensões	Indicadores
Campo científico	Perfil dos Agentes	Pesquisadores
		Grupos de Pesquisa
		Cursos de pós-graduação
	Estrutura	Distribuição de capital científico puro
		Distribuição de capital científico institucional
		Determinação dos agentes dominantes
		Possibilidades de conversão de capital científico
		Grau de importância das fontes de capital científico

Fonte: elaborado pelo autor.

Na sequência apresenta-se como foram analisadas cada uma das dimensões da categoria *campo científico*:

- **Perfil dos agentes:** definidos conforme operacionalização da categoria agentes (seção 3.5.2);
- **Estrutura:** a estrutura do campo científico da administração universitária no Brasil foi definida a partir: da *distribuição de capital científico puro e institucional* entre os agentes-pesquisadores em três classes diferentes, conforme operacionalizado na categoria capital científico (seção 3.5.3); da *determinação dos agentes dominantes*, os quais foram identificados entre os agentes-pesquisadores que acumularam o maior volume de capital científico puro e institucional (situados na classe A, de cada estrutura); das *possibilidades de conversão do capital científico* puro em institucional e vice-versa; e do *grau de importância das fontes de capital científico* com base nos indicadores de capital científico acumulados pelos agentes dominantes.

Feita a operacionalização das categorias de análise desse estudo, passa-se a descrever como foi feita a coleta e a análise dos dados de pesquisa.

3.6 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados deste estudo iniciou como já mencionado por meio do levantamento dos sujeitos da pesquisa junto à Plataforma Lattes do CNPq (durante os meses de julho e agosto de 2012) e aos programas de pós-graduação em administração recomendados pela CAPES (durante o mês de junho de 2012). A partir deste levantamento, foi possível detectar os agentes do campo científico da administração universitária no Brasil, e a partir do perfil deles caracterizar o campo, conforme explicado na seção de operacionalização das categorias de análise.

Por meio dos dados constantes nos currículos, especificamente os títulos das publicações dos pesquisadores, foi feita uma análise de conteúdo para verificar as possíveis relações dessas publicações com as teorias administrativas. De acordo com Bardin (2004, p. 41) “a análise de conteúdo tem como objetivo a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem”. Mais especificamente foi utilizada a análise de conteúdo categorial, que consiste na classificação dos elementos de um determinado conjunto por diferenciação e reagrupamentos conforme critérios definidos previamente (BARDIN, 2004). Assim, analisaram-se os temas das publicações dos pesquisadores conforme a categoria administração universitária.

Por fim, a partir dos indicadores da operacionalização da categoria capital científico, foram analisados os currículos Lattes dos pesquisadores do campo científico da administração universitária buscando demonstrar tanto o acúmulo de capital científico puro quanto de capital científico institucional. Assim, foi possível determinar como o campo científico está estruturado a partir do volume de capital científico acumulado pelos pesquisadores. Para auxiliar na coleta dos dados levantados, foi feito registro em planilha Excel, e utilizadas as ferramentas de filtro, classificação e tabela dinâmica para auxiliar na análise dos dados.

3.7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Como qualquer trabalho na área de ciências sociais esta tese limita-se às escolhas feitas pelo autor. Limita-se, portanto as suas escolhas teóricas (e epistemológicas) e metodológicas.

Quanto as escolhas teóricas, este trabalho se limita ao conceito de campo científico trazido por Pierre Bourdieu bem como dos conceitos decorrentes dele. Assim, tem-se consciência de que embora esta escolha tenha permitido o alcance dos objetivos deste estudo, ele está limitado à concepção de campo científico desenvolvido por aquele autor. Optou-se por Bourdieu, em função das possibilidades de operacionalização da pesquisa que sua teoria oferece, principalmente em relação ao delineamento de um campo que ainda não tem contornos claros.

Em termos metodológicos, além das limitações já expostas nas seções anteriores deste capítulo referentes à operacionalização desta pesquisa (em relação aos cortes) cabe enfatizar a opção por compreender o campo científico da administração universitária partindo do pressuposto que se trata de um subcampo da administração. Foi, portanto, uma estratégia de pesquisa traçada pelo fato de o autor pertencer ao campo da administração e de encontrar relações entre os campos.

Outra limitação importante em termos metodológicos diz respeito à caracterização do campo científico da administração universitária no Brasil a partir do perfil de seus agentes-pesquisadores. Quando foi feito o levantamento de seus currículos Lattes, muitos pesquisadores potencialmente pertencentes ao campo científico da administração universitária ficaram de fora da análise, pois apenas foram considerados aqueles cujos currículos estivessem atualizados no ano de 2012, pelas razões já descritas.

A utilização do currículo Lattes como principal fonte de dados da pesquisa, na medida em que foi dali que se chegou aos agentes, às características do campo científico e à própria estrutura do campo a partir do acúmulo de capital científico foi limitada pelas informações repassadas pelos pesquisadores. Foi verificado durante a análise dos currículos que muitas informações descritas estavam equivocadas, não atualizadas ou não seguiam a mesma lógica para todos os pesquisadores. Por exemplo: há pesquisadores que entendem por “periódico” um boletim mensal de uma instituição de ensino. Além disso, houve o caso de dados preenchidos de forma incompleta, como, por exemplo, publicações sem títulos ou sem o nome da publicação (periódico, evento, livro, etc.). Dados incompletos e inconsistências, quando identificados, foram desconsiderados.

Outra questão diz respeito à relatividade de alguns indicadores: no caso dos cargos ocupados, por exemplo, entende-se que

ocupar uma Pró-Reitoria não é igual, ou não tem o mesmo peso, em instituições com prestígios diferentes. Nesse sentido, os prestígios dessas instituições não foram levados em conta no caso dos cargos.

Quanto ao enquadramento das publicações nos temas operacionalizados na categoria administração universitária, estas foram limitadas às informações contidas nos títulos dessas publicações. É provável que em muitos casos o título não reflita de fato o tema central das publicações, assim, baseou-se nos indícios trazidos pelos temas.

Por fim, o método escolhido impossibilitou prever, as possíveis transformações por qual passou o campo científico ao longo do tempo, e, conseqüentemente em sua estrutura. Assim, as próprias fontes de capital científico puro e institucional podem ter sofrido alterações quanto ao seu potencial de dar poder aos seus agentes. Isto posto, a estrutura do campo científico da administração apresentada será um retrato atual de como ele se constitui como tal, embora este retrato seja resultado de transformações sofridas pelo campo ao longo do tempo, dependentes, sobretudo das diferentes trajetórias de cada um dos agentes.

Levantadas tais limitações destaca-se que a pesquisa tal qual foi delineada e operacionalizada tornou viável que se respondesse às questões de pesquisa e se atingisse os objetivos propostos.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo foi feita a descrição e a análise dos dados obtidos a partir dos procedimentos metodológicos utilizados. Na primeira seção, apresenta-se os agentes do campo científico da administração universitária no Brasil, divididos em: pesquisadores, grupos de pesquisa e cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração/instituições de ensino. Na sessão seguinte, apresenta-se como está estruturado o campo científico da administração universitária no Brasil, a partir da distribuição das espécies de capital científico entre os agentes-pesquisadores deste campo.

4.1 OS AGENTES DO CAMPO CIENTÍFICO DA ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

Bourdieu (2004) afirma que os agentes podem ser tanto indivíduos como grupos de pessoas que ocupam uma hierarquia no campo dependendo do acúmulo de capital científico. Nesse sentido foram identificados três grupos de agentes no campo científico da administração universitária no Brasil: os pesquisadores, os grupos de pesquisa aos quais alguns desses pesquisadores estão ligados, e os cursos de pós-graduação *stricto sensu*/instituições de ensino onde atuam.

4.1.1 Os pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil

Antes de passar para a caracterização dos agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil, ressalta-se que se optou por não fazer uma identificação nominal dos mesmos. Fez-se sua identificação por meio de suas características, conforme as dimensões da categoria de análise correspondente, as quais são apresentadas a seguir. Ressalta-se ainda que nesta seção pesquisadores, agentes e agentes-pesquisadores são utilizados como expressões sinônimas.

4.1.1.1 Perfil Demográfico

Bourdieu (2011) afirma que os indicadores demográficos são determinantes sociais das oportunidades de acesso às posições ocupadas. Neste estudo, foi possível indicar dois deles, os quais estavam disponíveis no currículo Lattes: o sexo dos pesquisadores e o endereço profissional.

4.1.1.1.1 Sexo dos pesquisadores

Verificou-se que embora a maior parte dos pesquisadores desse campo seja do sexo masculino (53%), não há uma desigualdade considerável em termos quantitativos de gênero no campo científico da administração universitária. A tabela seguinte mostra os dados de forma mais detalhada.

Tabela 4: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao gênero

Sexo	Quantidade	Percentual
Feminino	109	47%
Masculino	124	53%
Total	233	100%

Fonte: dados primários.

4.1.1.1.2 Local de atuação profissional

Quanto ao local de atuação profissional, verificou-se que a maior parte dos pesquisadores atua em instituições de educação superior (90%). Sendo que 4% atuam em outras organizações, sendo 1% públicas e 3% privadas. Tais dados permitem que se constate que a atuação dos pesquisadores está mais voltada ao campo universitário, fortemente relacionado ao campo científico. Dessas instituições, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (12%), é a que mais concentra pesquisadores do campo científico da administração universitária, seguida da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (4%) e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (4%). Importante destacar que 44% das instituições contêm somente um pesquisador do campo científico da administração universitária atuando cada. A tabela seguinte apresenta os dados referentes às outras instituições.

Tabela 5: Local de atuação profissional dos pesquisadores do campo científico da administração universitária

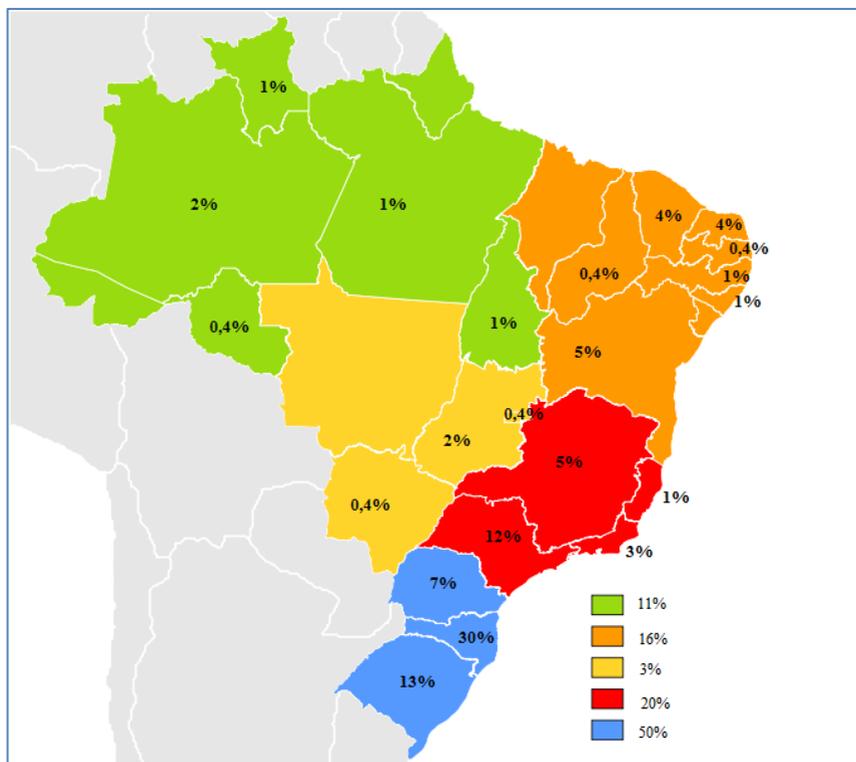
Local de formação	Qtd	%
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	27	12%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS	10	4%
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	9	4%
Universidade Estadual de Maringá - UEM	8	3%
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC	6	3%
Universidade do Estado da Bahia - UNEB	6	3%
Universidade Federal do Ceará - UFC	6	3%
Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB	5	2%
Universidade Federal de Pelotas - UFPel	5	2%
Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC	4	2%
Universidade Presbiteriana Mackenzie	4	2%
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina	3	1%
Universidade Federal Fluminense - UFF	3	1%
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL	3	1%
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF	3	1%
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM	3	1%
Centro Universitário Salesiano de São Paulo	2	1%
Instituto Federal Catarinense – IFCatarinense	2	1%
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	2	1%
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC	2	1%
Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI	2	1%
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS	2	1%
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE	2	1%
Universidade Federal da Bahia – UFBA	2	1%
Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS	2	1%
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	2	1%
Universidade Federal do Amazonas – UFAM	2	1%
Universidade Metodista de São Paulo	2	1%
Universidade Nove de Julho - UNINOVE	2	1%
Outras ¹	102	44%
Total	233	100%

Fonte: dados primários.

Nota: ¹14 pesquisadores não informaram em seus currículos.

Quanto à cidade de atuação profissional, a maior parte dos pesquisadores do campo atua em Florianópolis-SC (17%), seguida de São Paulo e Porto Alegre, com 6% dos pesquisadores cada, demais cidades somam 81%. Quanto aos estados, 30% dos pesquisadores atuam em Santa Catarina, 13% no Rio Grande do Sul e 12% em São Paulo. Demais estados correspondem a 45% do total. Em relação às regiões de atuação dos pesquisadores, 50% atuam no Sul, 20% no Sudeste, 16% no Nordeste, 11% no Norte e 3% no Centro-Oeste do país. A figura seguinte ilustra esses dados, mostrando a distribuição dos pesquisadores que atuam no campo científico da administração universitária no Brasil, mostrando uma concentração na região Sul do país.

Figura 5: Distribuição dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil.



Fonte: Dados Primários.

4.1.1.2 Perfil acadêmico dos pesquisadores

Nesta seção buscou-se traçar um perfil dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil, levando em consideração os indicadores apresentados na operacionalização da categoria de análise “agentes-pesquisadores” feita no capítulo de metodologia.

4.1.1.2.1 Formação acadêmica

Para caracterizar o campo universitário francês, Bourdieu (2011) utilizou-se de determinantes escolares, que dão origem ao capital escolar, que são formados, dentre outros, pelos estabelecimentos frequentados durante os estudos superiores e pelos títulos obtidos. Neste estudo, foi utilizado o capital escolar como fonte de capital científico, tal qual Teixeira (2012).

Tabela 6: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à formação na graduação

Área de formação	Quantidade	Percentual
Administração	106	45%
Economia	018	8%
Ciências Contábeis	016	7%
Engenharias	009	4%
Pedagogia	008	3%
Ciências da Computação	006	3%
História	005	2%
Processamento de dados	005	2%
Biblioteconomia	004	2%
Comunicação/Jornalismo	004	2%
Filosofia	004	2%
Outras	048	20%
Total	233	100%

Fonte: dados primários.

Nota: 28 pesquisadores possuem mais de uma formação na graduação, sendo que oito (29%) na área de administração.

Quanto à formação acadêmica na graduação, a maior parte dos pesquisadores possui formação em Administração, ou seja, 45% do total. Essa concentração de pesquisadores na área de administração se

explica possivelmente pelo corte realizado na seleção dos sujeitos da pesquisa que privilegiou os pesquisadores que atuam nesta área. Na sequência aparecem pesquisadores com formação em Economia (8%) e Ciências Contábeis (7%). Outras áreas somam 40%. A tabela 6 reproduz esses dados de forma mais detalhada.

Tabela 7: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao local de formação na graduação

Local de formação	Quantidade	Percentual
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	038	16%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	010	4%
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	009	4%
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC	008	3%
Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB	006	3%
Universidade Federal da Bahia – UFBA	005	2%
Universidade Estadual de Maringá – UEM	005	2%
Universidade de São Paulo - USP	005	2%
Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC	004	2%
Universidade Estadual do Ceará – UECE	004	2%
Universidade Federal do Rio Grande – FURG	004	2%
Universidade Federal Fluminense – UFF	004	2%
Outras	135	56%
Total	233	100%

Fonte: dados primários.

Nota: 28 pesquisadores possuem mais de um local de formação na graduação, sendo que nenhuma das instituições concentra mais de dois pesquisadores cada.

Quanto às instituições de educação superior onde realizaram sua formação na graduação, 16% o fez na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 4% na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e 4% na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Outras instituições apresentam percentuais inferiores, sendo que 30% é origem de apenas um pesquisador do campo científico da administração

universitária cada uma. Esses dados mostram uma dispersão entre os pesquisadores no que diz respeito ao local de formação na graduação. Mostram ainda que a UFSC se destaca mais uma vez no campo científico estudado, pois como apresentado na seção anterior é nesta instituição em que atua a maior concentração de pesquisadores.

Quanto à formação no mestrado, constatou-se que 4% ainda não completaram pelo menos um curso de mestrado (em curso), 93% tem pelo menos um mestrado completo, 2% têm mais de um mestrado e 2% embora não tenham mestrado, têm doutorado. O quadro seguinte apresenta esses dados de forma consolidada.

Tabela 8: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à formação no mestrado

Status	Quantidade	Percentual
Mestrado completo	216	93%
Mestrado em andamento	009	4%
Mais de um mestrado	004	2%
Sem mestrado, mas com doutorado	004	2%
Total	233	100%

Fonte: dados primários.

Dos pesquisadores que fizeram mestrado, 79% já se formaram há pelo menos cinco anos. Embora não haja um parâmetro temporal para medir, considera-se que se trata de um período suficiente para que os pesquisadores conheçam a dinâmica de funcionamento do campo, bem como as fontes de capital científico necessárias à obtenção de poder. Em outros termos, neste período acredita-se que já foi possível ao pesquisador inculcar aquilo que conforma e orienta a ação, que é produto das relações sociais e que tende a assegurar a reprodução das mesmas relações objetivas que o engendram, ou seja, *ohabitus*⁵⁰ deste campo científico (BOURDIEU, 1983).

⁵⁰Por opção, em função do método utilizado optou-se por não se trabalhar o conceito de *habitus* neste trabalho. Para Bourdieu “*habitus* é um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 33). O *habitus* “contém em si o conhecimento e o reconhecimento das /regras do jogo/ em um campo determinado. O *habitus* funciona como esquema de ação, de percepção, de reflexão. Presente no corpo (gestos, posturas) e na

Tabela 9: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao tempo de formação no mestrado

Tempo de formação	Quantidade	Percentual
5 anos ou mais	184	79%
Menos de 5 anos	036	21%
Total	220	100%

Fonte: dados primários.

Tabela 10: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à área de formação no mestrado

Área de formação	Quantidade	Percentual
Administração	122	55%
Engenharia de Produção	025	11%
Educação	020	9%
Administração Universitária	013	6%
Ciências Contábeis	006	3%
Administração Pública	005	3%
Outras	029	13%
Total	220	100%

Fonte: dados primários.

Quanto à área de formação no mestrado, verificou-se que mais de 55% possui o título em administração, ou seja, mais da metade dos pesquisadores do campo científico da administração universitária. Mais uma vez, é possível que a área de atuação da administração, por ter sido utilizada como critério de corte para a análise do campo deve ter influenciado nessa concentração. Na sequência aparecem as áreas de Engenharia de Produção (11%) e Educação (9%). Importante que se destaque a área de Administração Universitária como quarta área de maior concentração de pesquisadores, com 6%. A tabela 10 traz mais detalhes sobre esses dados.

mente (formas de ver, de classificar) da coletividade inscrita em um campo, automatiza as escolhas e as ações em um campo dado, “economiza” o cálculo e a reflexão. O *habitus* é o produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências. Uma espécie de programa, no sentido da informática, que todos nós carregamos” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 34).

Em relação à instituição de formação no mestrado, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC é a que mais concentra pesquisadores com 33% do total. Na sequência aparecem a Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB com 5% do total e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e a Universidade de São Paulo – USP, ambas com 4% do total. Destaca-se que 5% pesquisadores desenvolveram o mestrado fora do país.

A tabela seguinte traz mais detalhes sobre os locais de formação dos pesquisadores no mestrado.

Tabela 11: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao local de formação no mestrado

Local de formação	Quantidade	Percentual
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	77	35%
Instituições estrangeiras	12	5%
Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB	10	5%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	09	4%
Universidade de São Paulo - USP	09	4%
Universidade Federal da Bahia – UFBA	08	4%
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	07	3%
Outras	88	40%
Total	220	100%

Fonte: dados primários.

Quanto à formação no doutorado, 57% têm pelo menos um doutorado completo, 1% tem mais de um doutorado, 13% estão com o doutorado em andamento e 30% não têm doutorado e nem estão com o curso em andamento. A tabela seguinte ilustra essas informações.

Tabela 12: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à formação no doutorado

Status	Quantidade	Percentual
Doutorado completo	132	57%
Doutorado em andamento	030	13%
Mais de um doutorado	002	1%
Sem doutorado completo	069	30%
Total	233	100%

Fonte: dados primários.

Dos pesquisadores que possuem doutorado, 76% se formaram há pelo menos cinco anos, o que reforça a ideia de que boa parte dos pesquisadores já deva ter assimilado o *habitus* do campo científico da administração universitária. Ou seja, neste tempo, os pesquisadores já devem ter entendido “o sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma *matriz de percepções, de apreciações e de ações*” (BOURDIEU, 1983, p. 65). Em outros termos, os pesquisadores possivelmente já assimilaram o que é importante acumular em termos de capital científico para obter destaque no campo.

Tabela 13: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao tempo de formação no doutorado

Tempo de formação	Quantidade	Percentual
5 anos ou mais	100	76%
Menos de 5 anos	032	24%
Total	132	100%

Fonte: dados primários.

Em relação à área de formação no doutorado, 31% dos pesquisadores com doutorado obtiveram o título em Engenharia de Produção, 23% em Administração e 17% em Educação. Especificamente em Administração Universitária, 2% dos pesquisadores obtiveram formação na área. Esses dados são apresentados na tabela seguinte. Ressalta-se que a não prevalência da administração como principal área de titulação no doutorado reflete a situação do próprio campo científico da administração, que de acordo com o Documento da Área 2009 elaborado pela Diretoria de Avaliação da área de Administração da CAPES (CAPES, 2009) mostra que “a consequência

mais direta da escassez de cursos de doutorado na área reflete-se na pequena quantidade de doutores formados”.

Tabela 14: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à área de formação no doutorado

Área de formação	Quantidade	Percentual
Engenharia de Produção	41	31%
Administração	31	23%
Educação	23	17%
Engenharia e Gestão do Conhecimento	08	6%
Comunicação	04	3%
Economia	04	3%
Outras	21	17%
Total	132	100%

Fonte: dados primários.

Quanto à instituição em que os pesquisadores realizaram o curso de doutorado, destaca-se a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, com 41% dos pesquisadores, seguida da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com 8% dos pesquisadores cada uma. Cabe destacar que 13% dos pesquisadores obteve o título de doutorado em instituição estrangeira. Outras instituições contemplam 43% dos pesquisadores, conforme tabela seguinte.

Tabela 15: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao local de formação no doutorado

Local de formação	Quantidade	Percentual
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	54	41%
Instituições estrangeiras	17	13%
Universidade de São Paulo - USP	11	8%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	10	8%
Fundação Getúlio Vargas – FGV/SP	08	6%
Universidade Federal da Bahia – UFBA	05	4%
Outras	27	20%
Total	132	100%

Fonte: dados primários.

Quanto à formação no pós-doutorado, 11% a possuem, e 2% estão com o curso em andamento. O que implica que 87% dos pesquisadores não têm pós-doutorado e nem o estão cursando, conforme tabela seguinte.

Tabela 16: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto à formação no pós-doutorado

Status	Quantidade	Percentual
Pós-doutorado completo	026	11%
Pós-doutorado em andamento	004	2%
Sem pós-doutorado	203	87%
Total	233	100%

Fonte: dados primários.

Dos pesquisadores que possuem pós-doutorado, 38% obteve o título a mais de cinco anos, conforme demonstrado na tabela seguinte.

Tabela 17: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao tempo de formação no pós-doutorado

Tempo de formação	Quantidade	Percentual
5 anos ou mais	10	38%
Menos de 5 anos	16	62%
Total	26	100%

Fonte: dados primários.

Quanto ao local de realização do pós-doutorado, a metade (50%) dos pesquisadores o fez em instituições estrangeiras, sendo que no Brasil, as instituições que concentraram o maior número de pesquisadores foram a Universidade de São Paulo – USP e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS com 15% cada. A tabela seguinte traz esses dados.

Tabela 18: Pesquisadores do campo científico da administração universitária quanto ao local de formação no pós-doutorado

Local de formação	Quantidade	Percentual
Instituições estrangeiras	13	50%
Universidade de São Paulo - USP	04	15%
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	04	15%
Outras	05	20%
Total	26	100%

Fonte: dados primários.

Na seção seguinte são apresentadas as áreas de atuação dos agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil.

4.1.1.2.2 Áreas de atuação

Tabela 19: Áreas de atuação dos pesquisadores do campo científico da administração universitária

Áreas de atuação	Qtd	Percentual
Administração universitária	24	27%
Universidade e Sociedade	17	19%
Ensino, pesquisa e extensão	14	16%
Avaliação da Educação Superior	12	13%
Educação a Distância	09	10%
Instituições de educação superior	03	3%
Políticas da Educação Superior	02	2%
Administração da Informação	01	1%
Administração de Marketing	01	1%
Administração Financeira	01	1%
Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	01	1%
Cooperação Universidade-Empresa	01	1%
Estrutura acadêmica e administrativa	01	1%
Estrutura e funcionamento da Educação Superior	01	1%
Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações	01	1%
Total	89	100%

Fonte: dados primários.

A atuação na área de administração foi um dos requisitos para que os pesquisadores fossem selecionados como sujeitos deste estudo. No entanto, não significa que estes não possuam outras áreas de interesse, na medida em que é comum que o pesquisador de uma área atue em outras correlatas ou não. Por ser uma disciplina contemporânea a própria administração tem como característica a multidisciplinaridade (DEMO, 1997). Sendo a administração universitária um subcampo científico da administração, esta multidisciplinaridade se reflete também nesse campo. Tanto que foram constatadas 355 áreas descritas pelos pesquisadores como sendo de sua atuação. Por meio de análise de conteúdo, utilizando as dimensões e respectivos temas da categoria administração universitária, operacionalizada no capítulo anterior, identificou-se que 89 dessas áreas estão relacionadas à administração universitária. Ou seja, 25% do total de áreas em que os pesquisadores

dizem atuar, têm relação com os temas do campo científico da administração universitária. Na tabela 19 são apresentados com quais temas estão relacionadas as áreas em que os pesquisadores do campo científico da administração universitária atuam.

Por meio da análise da tabela 19, constatou-se que mais da metade das áreas de atuação dos pesquisadores estão relacionadas aos temas específicos: *administração universitária* (27%), *universidade e sociedade* (19%) e *ensino, pesquisa e extensão* (16%). As áreas relacionadas diretamente aos temas das dimensões *Teorias Gerenciais*, *Áreas funcionais da administração* e *Teoria das organizações* correspondem a 5% de sua atuação. Fica evidenciado que as áreas de atuação dos pesquisadores têm pouca influência das teorias administrativas, prevalecendo os temas específicos da administração universitária, considerando-se apenas a análise dos nomes das áreas de atuação. Essa evidência leva a crer, como já se supunha, que as áreas de atuação dos pesquisadores desse campo são fortemente influenciadas por outras teorias.

4.1.1.2.3 Linhas de Pesquisa

De acordo com o CNPq (2012c) uma linha de pesquisa “representa temas aglutinadores de estudos científicos que se fundamentam em tradição investigativa, de onde se originam projetos cujos resultados guardam afinidades entre si”. De acordo com o levantamento e a análise feita junto aos currículos dos agentes-pesquisadores, sujeitos desta pesquisa, verificou-se um total de 267 linhas de pesquisa em que eles atuam. Destas, 30%, ou seja, 81 têm relação com os temas da administração universitária. Na tabela seguinte são apresentadas a quais temas da administração universitária essas linhas estão relacionadas.

Tabela 20: Linhas de pesquisa dos pesquisadores do campo científico da administração universitária

Linhas de Pesquisa	Qtd	Percentual
Ensino, pesquisa e extensão	24	30%
Administração universitária	11	14%
Educação a distância	05	6%
Políticas da educação superior	05	6%
Instituições de educação superior	05	6%
Avaliação da educação superior	04	5%
Planejamento	04	5%
Administração da informação	03	4%
Direção	03	4%
Administração de marketing	02	2%
Administração estratégica	02	2%
Cooperação universidade-empresa	02	2%
Internacionalização e mobilidade acadêmica	02	2%
Universidade e compromisso social	02	2%
Universidade e desenvolvimento regional	02	2%
Administração de operações e logística	01	1%
Conhecimento, aprendizagem e inovação	01	1%
Estudos críticos e práticas transformadoras em organizações	01	1%
História e memória em organizações	01	1%
Ontologia, epistemologias, teorias e metodologias nos estudos organizacionais	01	1%
Total	81	100%

Fonte: dados primários.

Por meio da análise da tabela anterior, é possível verificar uma prevalência das linhas de pesquisa relacionadas aos temas específicos: *ensino, pesquisa e extensão* (30%), *administração universitária* (14%) e *educação a distância, políticas de educação superior e instituições de educação superior* (6% cada). As linhas de pesquisa relacionadas aos temas das teorias administrativas: *teorias gerenciais, áreas funcionais da administração e teoria das organizações* correspondem a 22% do total das linhas. O tema *Planejamento* foi o que mais concentrou linhas de pesquisa em relação aos demais temas das teorias administrativas, com 5% do total. Assim, há evidências de que as linhas de pesquisa têm influência das teorias administrativas, porém, como no caso da análise das áreas de atuação, há forte presença de outras teorias.

4.1.1.2.4 Temas de dissertações e teses

Tabela 21: Temas de dissertações e teses dos pesquisadores do campo científico da administração universitária

Temas de dissertações e teses	Quantidade	Percentual
Ensino, pesquisa e extensão	36	13%
Avaliação da Educação Superior	25	9%
Administração Estratégica	22	8%
Administração de Pessoas	20	7%
Direção	19	7%
Educação a Distância	16	6%
Planejamento	13	5%
Políticas da Educação Superior	13	5%
Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações	09	3%
Cooperação Universidade-Empresa	09	3%
Administração da Informação	09	3%
Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	08	3%
Administração Financeira	07	3%
Administração Universitária	07	3%
Universidade e Desenvolvimento Regional	07	3%
Acesso, permanência e evasão	07	3%
Estrutura acadêmica e administrativa	06	2%
Administração de Marketing	06	2%
Controle	05	2%
Universidade e Compromisso Social	04	1%
Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais	04	1%
Estrutura e funcionamento da Educação Superior	04	1%
Internacionalização e mobilidade acadêmica	03	1%
Trabalho, Organização, Estado e Sociedade	03	1%
Estudos Críticos e Práticas Transformadoras em Organizações	02	1%
Administração de Operações e Logística	02	1%
Abordagem Institucional	02	1%
Universidade e Sociedade	01	0,4%
Comunicação, Processos Discursivos e Produção dos Sentidos	01	0,4%
Autonomia	01	0,4%
Total	271	100%

Fonte: dados primários.

Optou-se por levantar os temas de dissertações e teses escolhidos pelos pesquisadores, pois demonstram que em certo período de sua trajetória houve um comprometimento deles com assuntos relacionados à administração universitária. Nesse sentido, foram analisados os temas de dissertações e teses dos agentes-pesquisadores, buscando identificar, quando fosse o caso, a quais temas esses trabalhos estavam relacionados.

Das 474 dissertações e teses defendidas pelos pesquisadores do campo científico da administração universitária, 57% têm alguma relação com os temas da área. Isso indica que mais da metade dos pesquisadores dedicou parte de sua formação acadêmica a algum tema relacionado à administração universitária. Apresenta-se na tabela 21 a quais temas da administração universitária estão relacionados estes trabalhos.

Quanto aos temas da administração universitária mais constantes nas dissertações e teses dos agentes-pesquisadores, mais da metade (51%) está relacionado a algum dos seguintes: *ensino, pesquisa e extensão* (13%), *avaliação da educação superior* (9%), *administração estratégica* (8%), *administração de pessoas e direção* (7% cada), e *educação a distância* (6%). Quanto à influência das teorias administrativas nos trabalhos de dissertações e teses dos pesquisadores, verifica-se que há significativa influência, pois 49% dos trabalhos estão relacionados aos temas das dimensões *teorias gerenciais*(14%), *áreas funcionais da administração* (24%)e *teoria das organizações*(11%). Ainda assim, prevalecem os *temas específicos* da administração universitária, que são influenciados por outras teorias (51%).

4.1.1.2.5 Temas de projetos de pesquisa

O CNPq (2012c) conceitua projeto de pesquisa como “investigação com início e final definidos, fundamentada em objetivos específicos, visando a obtenção de resultados, de causa e efeito ou colocação de fatos novos em evidência”. Nesse sentido, optou-se por verificar quais projetos de pesquisa em que os agentes-pesquisadores atuavam ou atuam como coordenadores ou integrantes têm relação com os temas de administração universitária.

Assim, dos 352 projetos coordenados pelos pesquisadores constatou-se que 156, ou seja, 44% estavam relacionados à administração universitária. Esses dados mostram que parte relevante

dos projetos coordenados pelos pesquisadores têm relação com a administração universitária. Na tabela seguinte, são apresentados os temas a que estes projetos estão relacionados.

Tabela 22: Temas de projetos de pesquisa coordenados por pesquisadores do campo científico da administração universitária

Temas de projetos de pesquisa coordenados	Quantidade	Percentual
Ensino, pesquisa e extensão	43	28%
Acesso, permanência e evasão	10	6%
Administração de Pessoas	09	6%
Administração Estratégica	09	6%
Políticas da Educação Superior	09	6%
Avaliação da Educação Superior	08	5%
Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	07	4%
Cooperação Universidade-Empresa	06	4%
Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais	05	3%
Administração universitária	05	3%
Administração da Informação	04	3%
Administração de Marketing	04	3%
Administração Financeira	04	3%
Educação a Distância	04	3%
Planejamento	04	3%
Estrutura e funcionamento da Educação Superior	03	2%
História e Memória em Organizações	03	2%
Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações	03	2%
Trabalho, Organização, Estado e Sociedade	03	2%
Administração de Operações e Logística	02	1%
Controle	02	1%
Estudos Críticos e Práticas Transformadoras em Organizações	02	1%
Universidade e Compromisso Social	02	1%
Universidade e Sociedade	02	1%
Internacionalização e mobilidade acadêmica	01	1%
Direção	01	1%
Políticas da Educação Superior	01	1%
Universidade e Desenvolvimento Regional	01	1%
Total	156	100%

Fonte: dados primários.

Por meio da análise da tabela anterior, verificou-se que 60% dos projetos de pesquisa coordenados pelos pesquisadores estão relacionados aos temas específicos de administração universitária, com destaque para o tema *ensino, pesquisa e extensão* que concentra 28% dos projetos. Dos projetos coordenados relacionados aos temas das teorias administrativas 21% enquadram-se na dimensão *áreas funcionais da administração*, 15% na dimensão *teoria das organizações*, e 4% entre as *teorias gerenciais*. *Administração de Pessoas* e *Administração Estratégica* foram os temas com o maior número de projetos relacionados, com 6% cada.

Tabela 23: Temas de projetos de pesquisa integrados por pesquisadores do campo científico da administração universitária

Temas de projetos de pesquisa integrados	Qtd	Percentual
Ensino, pesquisa e extensão	20	27%
Avaliação da Educação Superior	7	10%
Universidade e Sociedade	6	8%
Educação a Distância	5	7%
Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	3	4%
Estrutura acadêmica e administrativa	3	4%
Universidade e Compromisso Social	3	4%
Administração Universitária	3	4%
Políticas da Educação Superior	3	4%
Acesso, permanência e evasão	2	3%
Administração da Informação	2	3%
Administração de Pessoas	2	3%
Administração Estratégica	2	3%
Controle	2	3%
Cooperação Universidade-Empresa	2	3%
Direção	2	3%
Administração Financeira	1	1%
Estrutura e funcionamento da Educação Superior	1	1%
Planejamento	1	1%
Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais	1	1%
Trabalho, Organização, Estado e Sociedade	1	1%
Universidade e Desenvolvimento Regional	1	1%
Total	73	100%

Fonte: dados primários.

Com relação aos projetos de pesquisa em que os pesquisadores atuaram como integrantes verificou-se que do total de 205 projetos

mencionados por eles em seus currículos Lattes, 73, ou seja, 36% referiam-se a projetos relacionados à administração universitária. Na tabela 23, destacam-se os temas de administração universitária a que estes projetos estão relacionados.

Constatou-se por meio da análise da tabela anterior que a maior parte dos projetos de pesquisa envolve *temas específicos* da administração universitária (77%), sendo que somente o tema *ensino, pesquisa e extensão* engloba a maior parte (27%) dos projetos. Entre os temas relacionados às teorias administrativas 10% estão relacionados às *áreas funcionais da administração*, e 14% estão relacionados às *teorias gerenciais* (7%) e às *teorias organizacionais* (7%). O tema *Conhecimento, Aprendizagem e Inovação* (4%) foi o que teve o maior número de projetos relacionados.

4.1.1.2.6 Publicações em periódicos

A publicação em periódicos é um dos indicadores mais utilizados pelas instituições de ensino e pesquisa no país para atribuir prestígio acadêmico aos pesquisadores. Tal fato pode ser constatado ao se observar que esse critério é usualmente adotado pela CAPES (TRIENAL CAPES, 2009) para avaliar os programas de pós-graduação no país e conseqüentemente acabam servindo de base para o credenciamento de professores nos programas e ingresso de alunos na pós-graduação e de professores na carreira acadêmica.

Assim, nesta seção foram levantados principais periódicos em que os pesquisadores do campo científico da administração universitária publicam, bem como os principais temas dos trabalhos publicados neles que sejam relacionados à administração universitária. Nesse sentido, identificaram-se 695 periódicos no total, das mais diversas áreas do conhecimento. Na tabela seguinte são apresentados os periódicos que apresentaram pelo menos 1% de participação entre aqueles em que os pesquisadores mais publicaram. Tais periódicos correspondem a 5% do total, mas agregam 35% dos trabalhos publicados.

Tabela 24: Periódicos de publicação dos pesquisadores do campo científico da administração universitária

Periódicos de publicação	Qualis	Quantidade	%
Revista de Negócios (Blumenau)	B3	76	3%
Revista de Ciências da Administração (CAD/UFSC)	B1	58	3%
Gestão Universitária	*	51	2%
RENOTE. Revista Novas Tecnologias na Educação	B4	50	2%
Caderno de Administração (UEM)	C	38	2%
Revista Alcance (UNIVALI)	B3	28	1%
Cadernos EBAPE (FGV/RJ)	B1	27	1%
REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)	B3	26	1%
Administração: Ensino e Pesquisa - RAEP**	B3	25	1%
Avaliação (UNICAMP)	B1	23	1%
Revista Catarinense da Ciência Contábil	B4	21	1%
RAC. Revista de Administração Contemporânea	A2	20	1%
RECADM. Revista Eletrônica de Ciência Administrativa	B3	19	1%
GESTÃO.Org. Revista Eletrônica de Gestão Organizacional	B3	18	1%
Gestão & Regionalidade	B3	17	1%
O&S. Organizações & Sociedade	A2	17	1%
Revista Capital Científico (UNICENTRO)	B5	17	1%
Desafio (Campo Grande)	B5	16	1%
Revista Eletrônica Lato Sensu	C	16	1%
Faces: Revista de Administração (Belo Horizonte)	B3	15	1%
RAI: Revista de Administração e Inovação	B1	15	1%
Revista INGEPRO: Inovação, Gestão e Produção	B4	15	1%
Revista Innovare	B4	15	1%
Contexto (UFRGS)	B3	14	1%
REGE. Revista de Gestão USP	B3	14	1%
RIC@. Revista interdisciplinar científica aplicada	B4	14	1%

Periódicos de publicação	Qualis	Quantidade	%
Gestão & Planejamento (Salvador)	B2	13	1%
Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL	B3	13	1%
RBC: Revista Brasileira de Contabilidade	B4	13	1%
Revista do CCEI	B3	13	1%
Caderno de Iniciação Científica - FAE Business School	*	12	1%
Dynamis (FURB. Online)	B4	12	1%
Revista de Administração Pública (Impresso)	A2	12	1%
Revista de Contabilidade da UFBA	B4	12	1%
SynergismusScientifica UTFPR	C	12	1%
Outros	-	1468	65%
Total		2245	100%

Fonte: dados primários.

Notas: *Não foi qualificada pela área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo. **Antiga Revista da ANGRAD.

Constatou-se que dentre os periódicos em que os pesquisadores do campo científico da administração universitária mais publicam seus trabalhos, aqui considerados aqueles que alcançaram pelo menos 1% do total de trabalhos, apenas três estão qualificados como de alto impacto (A2)⁵¹. São eles: RAC. Revista de Administração Contemporânea (20 publicações), Organizações & Sociedade (17 publicações) e Revista de Administração Pública (12 publicações) cada uma com 1% de participação do total de publicações.

Buscando mais detalhes sobre a publicação dos pesquisadores da administração universitária em periódicos, foi possível verificar ainda que dos 233 pesquisadores, 31 publicaram em periódicos de alto impacto (A1 e A2)⁵² na área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, ou seja, 13% do total de pesquisadores. O total de publicações desses pesquisadores chegou a 83, sendo 78 em periódicos classificados como A2 e cinco como A1. Ou seja, das 2245 publicações, 4% se refere

⁵¹Conforme o sistema Qualis.

⁵²Idem.

a publicações de alto impacto. Para se ter uma base comparativa⁵³, no último triênio 2007-2009, os docentes dos programas de pós-graduação em administração credenciados pela CAPES produziram um total de 5911 publicações. Destas, 670 foram publicadas em periódicos A1 ou A2, ou seja, 11% das publicações na área de administração.

Cabe destacar que as duas primeiras publicações da tabela anterior com o maior número de publicações estão ligadas respectivamente à FURB (Revista de Negócios) e à UFSC (Revista de Ciências da Administração – CAD/UFSC), duas instituições de origem quanto à atuação e formação de parte relevante dos pesquisadores do campo científico da administração universitária. Esses dados talvez expliquem o porquê dessa concentração de publicações nesses periódicos.

Outro ponto levantado em relação aos periódicos de publicação dos pesquisadores foram os temas dos trabalhos publicados. Assim, analisaram-se 2245 temas de artigos no total, em que foi verificado que 748, ou 33%, relacionavam-se à temas de administração universitária. A tabela seguinte apresenta esses dados de forma detalhada.

Tabela 25: Temas de publicações em periódicos dos pesquisadores do campo científico da administração universitária

Temas de publicações em periódicos	Quantidade	Percentual
Ensino, pesquisa e extensão	217	29%
Educação a Distância	113	15%
Administração Estratégica	052	7%
Administração de Pessoas	051	7%
Avaliação da Educação Superior	043	6%
Administração de Operações e Logística	032	4%
Administração de Marketing	021	3%
Políticas da Educação Superior	021	3%
Cooperação Universidade-Empresa	019	3%

⁵³Vale reconhecer que esta comparação é imperfeita, na medida em que se está comparando publicações trienais (dos docentes dos programas) com publicações integrais (dos pesquisadores da administração universitária). Sendo assim, ao longo da trajetória dos pesquisadores os critérios de qualificação dos periódicos mudaram, o que faz com que suas disposições em publicar numa revista em detrimento de outra se alterem.

Temas de publicações em periódicos	Quantidade	Percentual
Direção	017	2%
Administração Financeira	016	2%
Administração universitária	013	2%
Planejamento	013	2%
Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	012	2%
Acesso, permanência e evasão	011	1%
Administração da Informação	011	1%
Internacionalização e mobilidade acadêmica	010	1%
Instituições de educação superior	010	1%
Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais	009	1%
Autonomia	007	1%
Trabalho, Organização, Estado e Sociedade	006	1%
Universidade e Compromisso Social	006	1%
Estrutura acadêmica e administrativa	005	1%
Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações	005	1%
Universidade e Desenvolvimento Regional	004	1%
Universidade e Sociedade	004	1%
Abordagem Institucional	003	0,4%
Comunicação, Processos Discursivos e Produção dos Sentidos	003	0,4%
Estrutura e funcionamento da Educação Superior	003	0,4%
Estudos Críticos e Práticas Transformadoras em Organizações	003	0,4%
Ontologia, Epistemologias, Teorias e Metodologias nos Estudos Organizacionais	003	0,4%
Controle	002	0,3%
Gênero e Diversidade	001	0,1%
História e Memória em Organizações	001	0,1%
Organização	001	0,1%
Total	748	100%

Fonte: dados primários.

Por meio da análise da tabela anterior, constatou-se que 65% das publicações com temas relacionados à administração universitária em periódicos podem ser enquadrados como *temas específicos* dessa área. Quase metade desses trabalhos (44%) dizem respeito aos temas *ensino, pesquisa e extensão e educação a distância*.

As publicações relacionadas às teorias administrativas dividem-se da seguinte forma entre as dimensões: *áreas funcionais da administração* (24%), teorias organizacionais (6,1%) e teorias gerenciais (4,4%). Os temas com o maior número de publicações foram *administração estratégica* e *administração de pessoas* com 7% cada.

4.1.1.2.7 Temas de publicações em anais de eventos científicos

As publicações em anais de eventos também são fontes de capital científico valorizadas pelas instituições de ensino e pesquisa no país, ainda que consideradas inferiores às publicações em livros e periódicos (CAPES, 2009). Assim, optou-se por também levantar em quais eventos os agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária costumam publicar trabalhos, bem como analisar a relação dos temas dessas publicações com a administração universitária. Porém, diferentemente do levantamento feito em relação aos periódicos, para os eventos foram levantados apenas o nome daqueles em que os pesquisadores publicaram trabalhos na área de administração universitária⁵⁴.

Nesse sentido, chegou-se a um total de 388 eventos e 1696 publicações com temas relacionados à administração universitária. Tais publicações representam 58% de todo o volume produzido em eventos que chega a um total de 2907. Esses dados indicam que a maior parte do que foi publicado em anais de eventos pelos pesquisadores em administração universitária está relacionado a esta temática. Na tabela seguinte, são apresentados os eventos que concentram pelo menos 1% das publicações.

⁵⁴ Justifica-se pela quantidade de eventos existentes (2907) e as variações que os próprios pesquisadores dão ao mesmo evento, o que implicaria em um dispêndio de tempo que impossibilitaria o cumprimento do cronograma previsto para esta pesquisa.

Tabela 26: Publicação dos pesquisadores do campo científico da administração universitária em anais de eventos científicos

Eventos científicos de publicação	Quantidade	Percentual
Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas*	426	25%
EnANPAD- Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração	82	5%
ENANGRAD - Encontro Anual da Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração	56	3%
SEGeT- Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia	49	3%
SemeAD Seminários em Administração FEA-USP	41	2%
CONTECSI - Congresso Internacional de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação	37	2%
<i>Congreso Internacional de Educacion Superior</i>	36	2%
Ciclo de Palestras Novas Tecnologias na Educação	30	2%
CBC - Congresso Brasileiro de Custos	30	2%
Encontro Nacional de Engenharia de Produção	28	2%
CONVIBRA -Congresso Virtual Brasileiro de Administração	22	1%
EnEPQ-Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade	21	1%
ENADI - Encontro Nacional de Administração da Informação	18	1%
SIMGEM - Simpósio de Gestão e Estratégia em Negócios	18	1%
ENEGI - Encontro Nacional de Engenharia e Gestão Industrial	16	1%
Colóquio sobre questões curriculares - Colóquio Luso-Brasileiro	13	1%
CLADEA –AsambleadelConsejo Latino Americano de Escuelas de Administracion	12	1%
ABED - Congresso Internacional de Educação a Distância da Associação Brasileira de Educação a Distância	11	1%
Conferência Internacional de Educação a Distância	11	1%

Eventos científicos de publicação	Quantidade	Percentual
Congresso Internacional Galego-português de Psicopedagogia	11	1%
Congresso USP de Controladoria e Contabilidade	11	1%
IFIP World Conference on Computers in Education	11	1%
ICDE - International Conference on Distance Education	11	1%
ANPCONT - Congresso da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Contábeis	10	1%
SIMPEP - Simpósio de Engenharia de Produção	10	1%
SIMPOI - Simpósio de Administração de Produção, Logística e Operações Internacionais	10	1%
Conferencia Internacional ICDE - The International Council for Open and Distance Education) e Foro Internacional de Educación Superior en Entornos Virtuales	9	1%
ESUD - Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância	9	1%
Outros (360)	648	38%
Total	1697	100%

Fonte: dados primários.

Nota: até 2011 o evento era denominado Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul

Por meio da análise da tabela acima, foi possível verificar que 28 eventos científicos (listados na tabela) de um total de 388 (portanto, 7% dos eventos com publicações em administração universitária) concentram 62% de todos os trabalhos publicados. Constata-se, ainda, que o Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas concentra 25% de todas as publicações em eventos científicos do campo da administração universitária no Brasil. Vale destacar que este evento é realizado há 12 anos pelo Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária – INPEAU da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC em parceria com instituições de educação superior e pesquisa de países sul americanos. O que talvez ajude a explicar esse volume de publicações no evento é que boa parte dos

pesquisadores da área atuam ou têm formação na universidade que é uma das responsáveis pela organização do mesmo.

Verifica-se ainda que o Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – EnANPAD é o segundo evento com o maior volume de publicações (5%), embora com representatividade, bem abaixo do anterior. Ressalta-se que este evento é considerado o “maior evento da comunidade científica e acadêmica de administração do país” de acordo com a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – ANPAD (2012), organizadora do evento. Caso sejam contados dois outros eventos também organizados pela ANPAD, quais sejam o Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade – EnEPQ e o Encontro Nacional de Administração da Informação – ENADI, cada qual com 1% das publicações em administração universitária, tem-se um total de 7% das publicações relacionadas à principal associação de pós-graduação e pesquisa em administração do país. Sendo assim, constata-se que há certa influência do campo científico da administração no campo científico da administração universitária no Brasil, pois os pesquisadores buscam publicar no eventos reconhecidos por um dos agentes daquele campo. Esse dado corrobora com um dos pressupostos desta pesquisa que tratam da administração universitária como um subcampo da administração no Brasil.

Conforme mencionado, também foram analisados os temas das publicações em anais de eventos, sendo que na tabela seguinte apresenta-se a quais temas da administração universitária estão relacionadas tais trabalhos.

Tabela 27: Temas de publicações em anais de eventos dos pesquisadores do campo científico da administração universitária

Temas de publicações em anais de eventos	Quantidade	Percentual
Ensino, pesquisa e extensão	478	28%
Educação a Distância	322	19%
Administração de Pessoas	115	7%
Avaliação da Educação Superior	091	5%
Administração Estratégica	074	4%
Administração de Marketing	070	4%
Direção	061	4%
Administração de Operações e Logística	054	3%
Administração Financeira	049	3%
Cooperação Universidade-Empresa	048	3%
Políticas da Educação Superior	047	3%

Temas de publicações em anais de eventos	Quantidade	Percentual
Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	037	2%
Planejamento	037	2%
Administração da Informação	029	2%
Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais	029	2%
Acesso, permanência e evasão	023	1%
Universidade e Compromisso Social	021	1%
Internacionalização e mobilidade acadêmica	020	1%
Administração Universitária	016	1%
Universidade e Sociedade	009	1%
Estudos Críticos e Práticas Transformadoras em Organizações	008	0,5%
Gênero e Diversidade	008	0,5%
Trabalho, Organização, Estado e Sociedade	008	0,5%
Instituições de educação superior	007	0,4%
Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações	006	0,4%
Universidade e Desenvolvimento Regional	006	0,4%
Estrutura acadêmica e administrativa	005	0,3%
Comunicação, Processos Discursivos e Produção dos Sentidos	004	0,2%
Controle	003	0,2%
Estrutura e funcionamento da Educação Superior	003	0,2%
Organização	003	0,2%
Autonomia	002	0,1%
Ontologia, Epistemologias, Teorias e Metodologias nos Estudos Organizacionais	002	0,1%
História e Memória em Organizações	001	0,1%
Total	1.696	100%

Fonte: dados primários.

Ao analisar a tabela anterior foi possível constatar que tal qual as publicações em periódicos, as publicações em anais de eventos se concentraram nos *temas específicos* de administração universitária, com o mesmo percentual de 65%. *Ensino, pesquisa e extensão* (28%) e *educação a distância* (19%), também foram os *temas específicos* que mais se repetiram entre as publicações em anais de eventos. Entre os temas relacionados às teorias administrativas, o tema *administração de pessoas* foi o que mais teve publicações relacionadas, com 7% do total.

Este tema também foi o mais presente entre as publicações em periódicos, conforme mostrei na seção anterior. Quanto à distribuição dos temas entre as dimensões relacionadas às teorias administrativas, verificou-se que 23% dos trabalhos estão relacionados às *áreas funcionais da administração*, sendo que as *teorias gerenciais* e as *teorias organizacionais* contêm 6% do total de publicações cada.

4.1.1.2.8 Temas de livros e de capítulos de livros

Tabela 28: Temas de livros publicados pelos pesquisadores do campo científico da administração universitária

Temas de livros publicados	Quantidade	Percentual
Ensino, pesquisa e extensão	22	22%
Administração universitária	21	21%
Avaliação da Educação Superior	08	8%
Direção	06	6%
Educação a Distância	05	5%
Políticas da Educação Superior	05	5%
Administração Estratégica	04	4%
Administração de Operações e Logística	03	3%
Administração Financeira	03	3%
Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	03	3%
Internacionalização e mobilidade acadêmica	03	3%
Administração de Pessoas	02	2%
Estrutura acadêmica e administrativa	02	2%
Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais	02	2%
Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações	02	2%
Administração da Informação	01	1%
Administração de Marketing	01	1%
Autonomia	01	1%
Cooperação Universidade-Empresa	01	1%
Estrutura e funcionamento da Educação Superior	01	1%
Planejamento	01	1%
Instituições de educação superior	01	1%
Total	98	100%

Fonte: dados primários.

Os livros e os capítulos de livros são considerados parte importante da produção intelectual dos pesquisadores de acordo com a CAPES (CAPES, 2009). Nesse sentido, foram considerados como

fontes de temas relacionados à administração universitária, de acordo com a produção dos agentes-pesquisadores desse campo científico.

Do total de 327 livros publicados pelos pesquisadores da administração universitária, 98, ou 30% do total estão relacionados ao tema da administração universitária. A tabela 28 apresenta a quais temas estão relacionados os títulos dos livros publicados em administração universitária.

Da mesma forma que as demais publicações, verifica-se a prevalência (72%) de *temas específicos* da administração universitária nos livros publicados pelos pesquisadores da área. *Ensino, pesquisa e extensão* (22%), *administração universitária* (21%) e *avaliação da educação superior* (8%) foram os temas de administração universitária com o maior número de livros publicados. Quanto aos temas relacionados às teorias administrativas, 14% dizem respeito às *áreas funcionais da administração* e às 14% *teorias gerenciais* e às *teorias organizacionais* (7% cada). O tema *direção* foi o que mais teve livros publicados dentre aqueles relacionados às teorias administrativas.

Quanto aos 436 capítulos de livros publicados pelos pesquisadores da área, 172 (ou 39%) são referentes à administração universitária. Na tabela 29 são mostrados os temas mais frequentes entre tais publicações.

Conforme dados da tabela 29, constatou-se que 62% dos capítulos de livros possuem *temas específicos* da administração universitária, com destaque para *ensino, pesquisa e extensão* (25%) e *educação a distância* (10%). Dentre os temas relacionados às teorias administrativas, 26% estão relacionados às *áreas funcionais da administração*, 8% às *teorias gerenciais* e 4% às *teorias das organizações*. O tema *administração de Pessoas* (9%) foi o que mais teve capítulos de livros publicados dentre os das teorias administrativas.

Tabela 29: Temas de capítulos de livros publicados pelos pesquisadores do campo científico da administração universitária

Temas de capítulos de livros publicados	Quantidade	Percentual
Ensino, pesquisa e extensão	43	25%
Educação a Distância	18	10%
Administração de Pessoas	15	9%
Avaliação da Educação Superior	14	8%
Administração de Marketing	13	8%
Administração Estratégica	09	5%
Direção	09	5%
Autonomia	05	3%
Administração universitária	05	3%
Planejamento	05	3%
Políticas da Educação Superior	05	3%
Cooperação Universidade-Empresa	04	2%
Acesso, permanência e evasão	03	2%
Administração da Informação	03	2%
Administração Financeira	03	2%
Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	03	2%
Internacionalização e mobilidade acadêmica	03	2%
Universidade e Sociedade	03	2%
Instituições de educação superior	03	2%
Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais	02	1%
Administração de Operações e Logística	01	1%
Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações	01	1%
Trabalho, Organização, Estado e Sociedade	01	1%
Universidade e Compromisso Social	01	1%
Total	172	100%

Fonte: dados primários.

4.1.1.2.9 Atuação como membro de corpo editorial

A participação como membro de corpo editorial é apontada por Bourdieu (2011) como fonte de poder científico dos pesquisadores. Nesse sentido, buscou-se levantar os periódicos em que os agentes-pesquisadores atuam como membros a fim de caracterizar o campo científico da administração universitária.

Foram identificados 205 periódicos em que os pesquisadores atuam como membros do corpo editorial. Apresenta-se a seguir o nome dos periódicos que apresentam mais de um pesquisador

como membro do corpo editorial e sua classificação de acordo com o sistema Qualis.

Tabela 30: Periódicos em que pesquisadores do campo científico da administração universitária atuam como membros do corpo editorial

Periódicos (membros do corpo editorial)	Qualis	Qtd	%
Revista de Negócios	B3	9	4%
GEPROS. Gestão da Produção, Operações e Sistemas	B4	5	2%
Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL	B3	5	2%
RAI. Revista de Administração e Inovação - UNINOVE	B1	5	2%
Revista da UNIFEBE	B3	4	2%
Revista de Ciências da Administração (CAD/UFSC)	B1	4	2%
O&S. Organizações & Sociedade	A2	3	1%
Revista Brasileira de Gestão de Negócios - RBGN	B1	3	1%
RGO. Revista de Gestão Organizacional (UNOCHAPECÓ)	B2	3	1%
Ciências Sociais Aplicadas em Revista	B5	2	1%
Contabilidade Vista & Revista	B1	2	1%
Gestão e sociedade (UFMG)	B3	2	1%
Interface (Natal)	B4	2	1%
RACE : Revista de Administração, Contabilidade e Economia	B4	2	1%
RAE (Impresso)	A2	2	1%
RAM. Revista de Administração Mackenzie	B1	2	1%
RAUSP. Revista de Administração	B1	2	1%
Administração: Ensino e Pesquisa – RAEP*	B3	2	1%
Revista Contemporânea de Contabilidade	B3	2	1%
Revista do CCEI	B3	2	1%
Revista Produção Online	B2	2	1%
Outros	-	138	67%
Total		172	100%

Fonte: dados primários.

Nota: *Antiga Revista da ANGRAD.

É possível constatar que a Revista de Negócios, ligada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Fundação Universidade de Blumenau – FURB é a que mais concentra pesquisadores como membros de seu corpo editorial com 4% do total. Tal periódico é atualmente classificado como B3 de acordo com o sistema Qualis. Vale destacar ainda, a Revista Gestão Universitária na América Latina – GUAL, que contém cinco agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária entre seus membros. O destaque fica por conta do escopo da revista estar relacionado aos temas da administração universitária. Este periódico é qualificado como B3 pelo sistema Qualis e está vinculado ao Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária – INPEAU, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Vale dizer que as duas instituições acima mencionadas, FURB e UFSC estão entre os principais locais de atuação e formação dos pesquisadores do campo científico da administração universitária, o que talvez possa ajudar a explicar a quantidade de pesquisadores como membros de corpo editorial dessas publicações.

Feito esse perfil sobre os agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil, destaca-se os seguintes pontos:

I – Entre os agentes-pesquisadores do campo prevalece os do sexo masculino (53%);

II – Quanto ao local de atuação dos agentes-pesquisadores destaca-se a Região Sul (50%), o estado de Santa Catarina (30%) e a cidade de Florianópolis (17%) como locais que concentram o maior número de pesquisadores em administração universitária. Destaca-se a presença de pesquisadores do campo em todos as regiões brasileiras; 21 estados, além do Distrito Federal (Acre, Amapá, Mato Grosso, Maranhão e Sergipe não contém pesquisadores do campo); e 83 municípios brasileiros. Há um pesquisador atuando em Londres, Inglaterra.

III – Os pesquisadores do campo da administração universitária no Brasil atuam em 108 instituições de educação superior, incluindo uma inglesa;

IV – A Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC é uma das instituições que mais estão relacionadas aos agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil. É nessa instituição: que se concentra o maior percentual de pesquisadores atuando profissionalmente (12%); que 16% dos pesquisadores se formaram na graduação; 35% concluiu o mestrado; 41% concluiu o doutorado; que está

sediado o segundo periódico (Revista de Ciência da Administração – CAD/UFSC) com o maior volume de publicações dentre os pesquisadores do campo (3%); que se organiza o evento científico (Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas) que concentra o maior volume de publicações (25%) em administração universitária no campo; e que se sedia o terceiro periódico (Revista Gestão Universitária na América Latina – GUAL) em concentração de membros de corpo editorial (cinco membros, ou 2% do total);

V - Os temas mais presentes entre as publicações na área de administração universitária estão relacionadas aos classificados como *específicos*, de acordo com a categorização feita no capítulo de metodologia. Assim, em todos os tipos de publicações (dissertações e teses, projetos de pesquisa coordenados e integrados pelos pesquisadores, periódicos, eventos, livros e capítulos de livros) prevaleceram os temas específicos da administração universitária, com destaque para os temas *ensino, pesquisa e extensão, avaliação da educação superior e educação a distância*, temas que mais frequentemente apareceram entre os três mais publicados, respectivamente. Quanto aos temas de administração universitária, ligados à área de administração, destacaram-se os temas relacionados às áreas funcionais da administração, que somente em relação aos projetos de pesquisa não prevaleceram sobre as demais temas (teorias gerenciais se teorias das organizações). Dentre os temas mais frequentes entre as áreas funcionais destaco nesta ordem: administração estratégica, administração de pessoas e administração da informação. Entre as teorias gerenciais, segunda dimensão com a maior frequência de temas, destacam-se: planejamento, direção e controle, respectivamente. Entre os temas relacionados às teorias das organizações podem ser destacados: conhecimento, aprendizagem e inovação, redes e relacionamentos intra e interorganizacionais e trabalho, organização, Estado e sociedade, nesta ordem. O quadro seguinte mostra a frequência com que os temas de cada dimensão apareceram entre os três mais publicados nas dissertações e teses, projetos de pesquisa coordenados e integrados pelos pesquisadores, periódicos, eventos, livros e capítulos de livros dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil.

VI- As áreas de atuação e as linhas de pesquisa dos pesquisadores cujos temas têm alguma relação com a administração universitária estão mais ligadas aos *temas específicos* de administração universitária. As áreas de atuação dos pesquisadores que têm relação com os *temas específicos* correspondem a 95% daquelas que têm relação com a administração universitária, com destaque para os temas *administração universitária* (27%), *universidade e sociedade* (19%) e *ensino, pesquisa e extensão* (16%). Quanto às linhas de pesquisa 85% estão voltadas aos *temas específicos* da administração universitária com destaque para *ensino, pesquisa e extensão* (30%), *administração universitária* (14%) e *educação a distância* (6%). Sendo assim, poucas áreas de atuação e linhas de pesquisa dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil tiveram influência direta das teorias administrativas.

Quadro 15: Temas mais frequentes entre as publicações no campo científico da administração universitária no Brasil

Categoria	Dimensões	Temas	Frequência
Administração universitária	Teorias gerenciais	Planejamento	7
		Organização	-
		Direção	7
		Controle	5
	Áreas funcionais da administração	Administração da Informação	3
		Administração Estratégica	7
		Administração Financeira	1
		Administração de Operações e Logística	2
		Administração de Pessoas	6
		Administração de Marketing	2
	Teoria das organizações	Abordagem Institucional	-
		Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	7
		Trabalho, Organização, Estado e Sociedade	4
		Comunicação, Processos Discursivos e Produção dos Sentidos	-
		Ontologia, Epistemologias,	-

Administração universitária	Teoria das organizações	Teorias e Metodologias nos Estudos Organizacionais	
		Estudos Críticos e Práticas Transformadoras em Organizações	1
		Gênero e Diversidade	1
		Organizações Familiares	-
		História e Memória em Organizações	1
		Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais	7
		Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações	3
		Temas específicos	Políticas da Educação Superior
	Estrutura e funcionamento da Educação Superior		-
	Universidade e Sociedade		1
	Avaliação da Educação Superior		6
	Educação a Distância		4
	Universidade e Desenvolvimento Regional		-
	Acesso, permanência e evasão		1
	Ensino, pesquisa e extensão		7
	Estrutura acadêmica e administrativa		-
	Internacionalização e mobilidade acadêmica		-
	Universidade e Compromisso Social		-
	Autonomia		-
	Cooperação Universidade-Empresa	-	
Administração universitária	1		
Instituições de educação superior	-		

Fonte: dados primários.

Identificados os agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil, apresenta-se na seção seguinte os agentes-grupos de pesquisa desse campo.

4.1.2 Os grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil

Os grupos de pesquisa são definidos pelo CNPq (2012c) como “um grupo de pesquisadores, estudantes e pessoal de apoio técnico que está organizado em torno à execução de linhas de pesquisa segundo uma regra hierárquica fundada na experiência e na competência técnico-científica” ou ainda como:

Um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças:

- cujo fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico;
- no qual existe envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa;
- cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa;
- e que, em algum grau, compartilha instalações e equipamentos (CNPq, 2012c).

Sendo assim, foram considerados como agentes do campo científico da administração universitária no Brasil, os grupos de pesquisa que continham linhas de pesquisa relacionadas aos temas de administração universitária, conforme respectiva categoria de análise operacionalizada no capítulo anterior. Conforme mostrado no capítulo de metodologia quando da seleção dos sujeitos de pesquisa, foram identificados um total de 17 grupos de pesquisa em administração universitária no Brasil. Tais grupos são apresentados no quadro seguinte, sendo destacados seus nomes, local de atuação (cidade, estado e região), instituição e início de atuação do grupo.

Quadro 16: Grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil

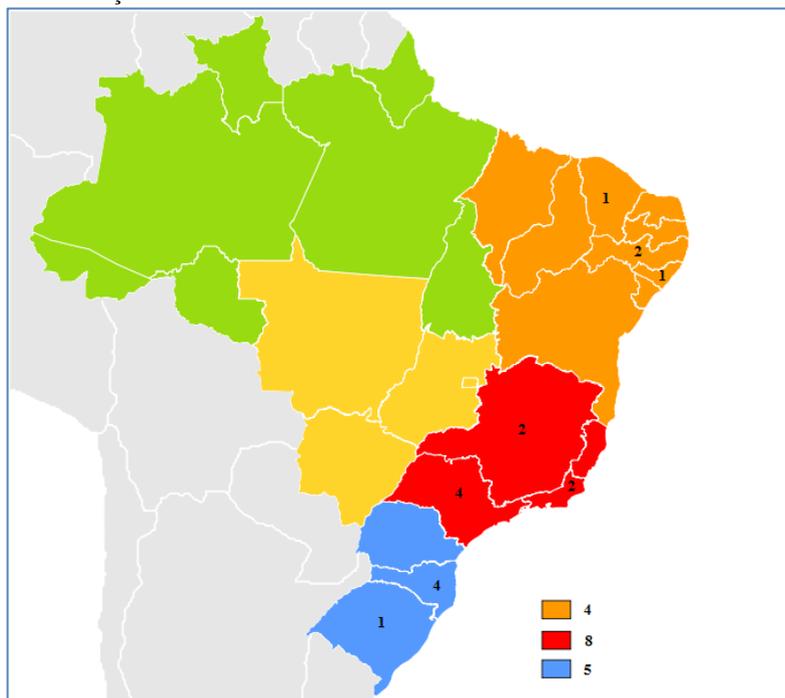
Grupo	Cidade	Estado	Região	Instituição	Início
Estudos em Administração e gestão de Universidades	Niterói	RJ	Sudeste	Universidade Federal Fluminense - UFF	2008
Gestão da Educação Profissional e Tecnológica	Camború	SC	Sul	Instituto Federal Catarinense	2012
Gestão Econômico-financeira de Organizações	São Bernardo do Campo	SP	Sudeste	Universidade Metodista de São Paulo - UMEESP	2004
Gestão em Organizações de Terceiro Setor	Uberlândia	MG	Sudeste	Universidade Federal de Uberlândia - UFU	2009
Gestão Estratégica de Instituições de Ensino Superior	Porto Alegre	RS	Sul	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUC-RS	2011

Grupo	Cidade	Estado	Região	Instituição	Início
GIPPE - Grupo Interdisciplinar De Pesquisas E Práticas Empreendedoras	Arapiraca	AL	Nordeste	Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL	2011
Grupo de Estudo e Pesquisa de Informações Contábeis para usuários internos e externos em Gestão Pública. Responsabilidade e Controle Social	Recife	PE	Nordeste	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	2012
Grupo de Estudos em Conhecimento e Consultoria Organizacional	Recife	PE	Nordeste	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE	2004
UNICETEX-Centro de Inovação Tecnológica e Extensão Universitária	Pirassununga	SP	Sudeste	Universidade de São Paulo - USP	2009
Pesquisas em Gestão Universitária e Ensino Superior	Blumenau	SC	Sul	Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB	2000

Grupo	Cidade	Estado	Região	Instituição	Início
Pesquisa e Formação em Administração	São Paulo	SP	Sudeste	Universidade e Praxitarian	2004
Organizações, Estratégia e Tecnologias de Gestão	Juiz de Fora	MG	Sudeste	Universidade e Federal de	2002
Observatório FECAP de Pesquisa e Educação Contábil	São Paulo	SP	Sudeste	Centro Universitário	2008
Núcleo De Estudos Em Responsabilidade E Marketing Social-NERMMS	Juazeiro do Norte	CE	Nordeste	Universidade e Federal do Ceará - UFC	2007
Núcleo de Estudos em Gestão, Qualidade e Competitividade no Ensino Superior	Rio de Janeiro	RJ	Sudeste	Fundação Getúlio Vargas - FGV	2007
NICO - Inteligência Competitiva Organizacional	Florianópolis	SC	Sul	Universidad e Federal de Santa Catarina	2010
Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária - INPEAU	Florianópolis	SC	Sul	Universidad e Federal de Santa Catarina - UFSC	2006

Fonte: dados primários.

Figura 6: Distribuição dos grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil.



Fonte: dados primários⁵⁵.

Ao se analisar o quadro 16 verifica-se que as cidades de Florianópolis, Recife e São Paulo são as que mais contêm grupos de pesquisa em administração universitária com dois cada. Quanto aos estados, Santa Catarina e São Paulo concentram o maior número de grupos de pesquisa em administração universitária, contendo quatro grupos cada. Entre as regiões, somente o Sudeste, o Sul e o Nordeste do país possuem grupos de pesquisa relacionados à administração universitária, com oito, cinco e quatro grupos, respectivamente. A figura 6 ilustra a distribuição dos agentes-grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil.

⁵⁵ A ilustração foi retirada do site do Wikipedia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%B5es_do_Brasil. Acesso em: dez./2012.

Em relação às instituições a que estão vinculados, apenas a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE e a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC possuem mais de um grupo de pesquisa relacionados à administração universitária com dois cada. Quanto ao tempo de atuação, a maior parte dos grupos de pesquisa (sete no total) atua entre quatro e oito anos, seis grupos atuam de nove a 13 anos e quatro grupos há até três anos. A região Sudeste é a que concentra os grupos que atuam há mais tempo (entre nove e 13 anos) com seis no total, sendo que o mais antigo *Pesquisas em Gestão Universitária e Ensino Superior* da Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB está localizado na região Sul, em Blumenau-SC. Os grupos de pesquisa de atuação mais recente (até três anos de existência) estão localizados nas regiões Sul (os dois grupos mais novos, com apenas um ano) e Nordeste (dois grupos).

Outro indicador utilizado para caracterizar os agentes-grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária foram as linhas de pesquisa destes grupos, desde que tivessem relação com os temas da administração universitária apresentadas na operacionalização desta categoria de análise. Cabe ressaltar que nem todos os grupos apresentaram linhas de pesquisa relacionadas à administração universitária, caso do *Núcleo de Estudos em Responsabilidade e Marketing Social – NERMS* da UFC e do grupo *Organizações, Estratégia e Tecnologias de Gestão* da UFJF. Tais grupos, no entanto, foram incluídos como agentes do campo científico da administração universitária, considerando-se as *repercussões dos trabalhos dos grupos*, constantes no Diretório dos Grupos de Pesquisa da Plataforma Lattes.

Em relação ao grupo da UFC considerou-se o seguinte trecho: “Dentre alguns de seus objetivos específicos estão a promoção do relacionamento universidade-empresa através de ações de responsabilidade social gerando conhecimento técnico-científico⁵⁶”. Sendo assim, a atuação deste grupo foi relacionado a dois temas específicos da administração universitária: *cooperação universidade-empresa e universidade e compromisso social*.

56

Quanto à inclusão do grupo da UFJF como agente do campo científico da administração universitária levou-se em conta o seguinte trecho: “O grupo tem como missão produzir pesquisa em Organizações, Estratégia e Tecnologias de Gestão, com fins de (...)promover a participação docente e discente, bem como a integração entre governo, empresa, universidade e demais atores da sociedade”⁵⁷. Nesse sentido, o grupo foi relacionado a dois *temas específicos* da administração universitária: *universidade e sociedade* e *cooperação universidade-empresa*.

Na sequência são apresentados os demais grupos de pesquisa e suas respectivas linhas de pesquisa que apresentaram relação com a administração universitária.

Quadro 17: Linhas de Pesquisa dos grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil

Grupo	Linhas de Pesquisa
Estudos em Administração e gestão de Universidades	- Administração e Gestão de Universidades - Financiamento do Ensino Superior
Gestão da Educação Profissional e Tecnológica	- Gestão de instituições de ensino superior da educação profissional e tecnológica - Gestão do conhecimento e educação profissional e tecnológica - Gestão e formação de educadores - Inovação e educação profissional e tecnológica - Internacionalização da educação profissional tecnológica
Gestão Econômico-financeira de Organizações	- Métodos Quantitativos em Educação
Gestão em Organizações de Terceiro Setor	- Educação
Gestão Estratégica de Instituições de Ensino Superior	- Gestão Universitária e Avaliação Institucional
GIPPE - Grupo Interdisciplinar	- Ferramentas de Gestão e Processos

De Pesquisas E Práticas Empreendedoras	Educacionais no Ensino Superior - Pesquisas em Administração, Gestão Pública e Empreendedorismo
Grupo	Linhas de Pesquisa
Grupo de Estudo e Pesquisa de Informações Contábeis para usuários internos e externos em Gestão Pública, Responsabilidade e Controle Social	- Informações Contábeis em Gestão Pública de IES
Grupo de Estudos em Conhecimento e Consultoria Organizacional	- Ensino Superior e Aprendizagem
Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária - INPEAU	- Administração Universitária: teoria e prática em movimento - FURB Federal - Universidade e Desenvolvimento Local Universidade e Sociedade
NICO - Inteligência Competitiva Organizacional	- Gestão de logística empresarial e universitária
Núcleo de Estudos em Gestão, Qualidade e Competitividade no Ensino Superior	- Qualidade e Competitividade nas IES - Qualidade nos Processos de Aprendizagem
Núcleo de Estudos em Responsabilidade e Marketing Social-NERMS	- Não há linhas de pesquisa relacionadas
Observatório FECAP de Pesquisa e Educação Contábil	- A inserção da pesquisa na prática pedagógica do professor
Organizações, Estratégia e Tecnologias de Gestão	- Não há linhas de pesquisa relacionadas
Pesquisa e Formação em Administração	- Formação em Administração de Empresas - Pesquisa em Administração de Empresas
Pesquisas em Gestão Universitária e Ensino Superior	- Estratégia de Competitividade
UNICETEX - Centro de Inovação Tecnológica e Extensão Universitária	- Extensão Universitária

Fonte: dados primários.

A partir da análise das linhas de pesquisa do grupo *Estudos em Administração e gestão de Universidades* da UFF foi possível enquadrá-lo como relacionado aos seguintes temas: *administração universitária(temas específicos)*; e *administração financeira (área*

funcional da administração). Seguem trechos do objetivo de cada linha de pesquisa:

- Administração e Gestão de Universidades: “Discutir criticamente matrizes e modelos contemporâneos de gestão de universidades”⁵⁸;
- Financiamento do Ensino Superior: “investigar as políticas e modalidades de financiamento da educação superior e de universidades no Brasil e nos países do Mercosul”⁵⁹.

O grupo *Gestão da Educação Profissional e Tecnológica* do IF-Catarinense foi relacionado aos *temas específicos: administração universitária e internacionalização e mobilidade acadêmica*, e com os temas relacionados às teorias administrativas: *conhecimento, aprendizagem e inovação, redes e relacionamentos intra e interorganizacionais* (ambos os temas da *teoria das organizações*) e *administração de pessoas (área funcional da administração)*. A descrição do objetivo de uma das linhas de pesquisa (nem todas continham a descrição, tendo sido consideradas seus nomes e palavras-chave) e a análise das *repercussões dos trabalhos do grupo* descritas a seguir contribuíram para que o mesmo fosse relacionado aqueles temas:

- Objetivo da linha de pesquisa Gestão do conhecimento e educação profissional e tecnológica: “Desenvolver estudos sobre a gestão do conhecimento das instituições educacionais que atuam na educação profissional e tecnológica, considerando a gestão do conhecimento e mídia do conhecimento”⁶⁰;
- Repercussões dos trabalhos do grupo:

Produzir conhecimento científico acerca da gestão da Educação Profissional e Tecnológica - EPT, a partir do desenvolvimento de estudos e pesquisas, mantendo relação com o ensino e extensão universitária, sobre e em instituições da educação

⁵⁸ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0005602Q2BJSEL&seqlinha=1> Acesso em: Jul./2012.

⁵⁹ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0005602Q2BJSEL&seqlinha=2> Acesso em: Jul./2012.

⁶⁰ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=89276028IT3AKW&seqlinha=1> Acesso em: jul./2012.

profissional tecnológica brasileira, pública, privada, governamental e não-governamental, com foco na gestão, gestão do conhecimento, aprendizagem organizacional, formação de educadores e redes de cooperação, relacionados com a Educação Profissional e Tecnológica⁶¹.

O grupo *Gestão Econômico-financeira de Organizações* da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP em função da linha de pesquisa Métodos Quantitativos em Educação foi considerado um agente do campo científico da administração universitária. Conforme a descrição do objetivo dessa linha (a seguir) o grupo foi relacionado aos temas específicos da administração universitária: *avaliação da educação superior e ensino, pesquisa e extensão*.

Avaliar e discutir as percepções sócio-econômico-culturais dos cursos de graduação e pós-graduação das Universidades sob a ótica do discente e docente. Para tanto se utilizará técnicas multivariadas. A hipótese inicial é a de verificar as avaliações dos discentes sobre as características relativas à satisfação/insatisfação no decorrer do curso de graduação. Outra hipótese a ser verificada diz respeito à questão do Plágio e dos Direitos Autorais que vem se agravando no mundo acadêmico⁶².

Quanto ao grupo *Gestão em Organizações de Terceiro Setor* da UFU, a descrição de sua linha de pesquisa Educação assim descrita “Identificar, analisar e propor soluções à questões relacionadas ao curso de Administração da Universidade Federal de Uberlândia por intermédio do Programa Institucional de Bolsas de Ensino à Graduação PIBEG,

⁶¹Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=89276028IT3AK>
W Acesso em Jul./2012.

⁶² Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=75226029GQ1BIS&seqlinha=4> Acesso em: Jul./2012.

programa institucional ligado à Pró-Reitoria de Graduação^{63c}, permitiu que fosse relacionado ao *temas específico ensino, pesquisa e extensão*.

Em relação ao grupo *Gestão Estratégica de Instituições de Ensino Superior* da PUC-RS, além do título, sua linha de pesquisa Gestão Universitária e Avaliação Institucional permitiu que fosse relacionada aos seguintes temas da administração universitária: *administração estratégica* (área funcional da administração) e *avaliação da educação superior* (tema específico). O objetivo da linha de pesquisa do grupo foi assim descrita: “Identificar e analisar os fatores de influência no desempenho de IES brasileiras, a partir de processos de avaliação institucional⁶⁴”.

O grupo de pesquisa *GIPPE - Grupo Interdisciplinar De Pesquisas E Práticas Empreendedoras* da UNEAL em função do objetivo de sua linha de pesquisa Ferramentas de Gestão e Processos Educacionais no Ensino Superior (“Criar ferramentas e mecanismos que contribuam para a evolução do ensino superior e tecnológico no País, através do ensino, pesquisa e extensão⁶⁵”) foi relacionado a dois temas específicos de administração universitária: *administração universitária e ensino, pesquisa e extensão*.

Por conta do objetivo de uma de suas linhas de pesquisa Informações Contábeis em Gestão Pública de IES, o *Grupo de Estudo e Pesquisa de Informações Contábeis para usuários internos e externos em Gestão Pública, Responsabilidade e Controle Social* da UFPE foi relacionado ao tema *administração financeira* (área funcional da administração). O objetivo dessa linha de pesquisa foi assim descrito:

Analisar e avaliar os potenciais impactos da aplicação das Normas Contabilísticas e de Relato Financeiro (IFRS), nas instituições de ensino

⁶³ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0015602OVM425P&seqlinha=2> Acesso em jul./2012.

⁶⁴ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0006602ZBKS1D&seqlinha=1> Acesso em jul./2012.

⁶⁵ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=IY9F6028HPYR18&seqlinha=4> Acesso em: jul./2012.

superior (IES), compreender como se encontra o nível de conhecimento, acerca da realidade institucional como um todo, a gestão, os programas de ensino (os cursos oferecidos, sejam eles de graduação ou de pós-graduação), de pesquisa e de extensão, levando-se em conta duas grandes dimensões: o corpo docente, e a organização institucional⁶⁶.

Em relação ao *Grupo de Estudos em Conhecimento e Consultoria Organizacional*, também da UFPE, o título de uma de suas linhas, de pesquisa Ensino Superior e Aprendizagem, bem como palavras-chave e um trecho das *repercussões dos trabalhos do grupo* (“Especialmente no que diz respeito a conhecimento em gestão, ninguém tem dúvida de que, se algo de novo e diferenciado é produzido nas universidades e nos centros de pesquisa, isso provavelmente só chegará às organizações digerido e aplicado por algum consultor⁶⁷”) fez com que fosse relacionado aos temas específicos *ensino, pesquisa e extensão e cooperação universidade-empresa*.

A partir da análise dos objetivos das linhas de pesquisa do *Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária – INPEAU* da UFSC foi possível relacioná-lo aos seguintes temas de administração universitária:

-políticas de educação superior, educação a distância universidade e compromisso social (temas específicos); *administração financeira e administração estratégica* (áreas funcionais da administração), e *planejamento e direção* (teorias gerenciais) em função do objetivo da linha de pesquisa *Administração universitária: teoria e prática em movimento*:

Analisar o estado da arte e as práticas de Administração Universitária no âmbito nacional, considerando as diferentes e possíveis abordagens

⁶⁶ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0021602HQY7JTO&seqlinha=3> Acesso em: jul./2012.

⁶⁷ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0021602E4ND36B> Acesso em: jul./2012.

administrativas. Dentre elas cabe destacar: 1) Políticas Educacionais e Implantação de Universidades Federais; 2) Avaliação da Educação a Distância; 3) Financiamento da Educação Superior e Resultados Sociais; 4) Planejamento Estratégico Universitário e Ação do Dirigente⁶⁸.

- *instituições de educação superior* (tema específico), conforme linha de pesquisa FURB Federal “Elaboração da proposta de viabilidade da Universidade Federal do Vale do Itajaí⁶⁹”;

- *universidade e desenvolvimento regional e sociedade* (temas específicos) em função do objetivo da linha de pesquisa Universidade e Desenvolvimento Regional “criar estudos que permitam incrementar a interface entre a Universidade e a sociedade visando fortalecer o desenvolvimento econômico e social da Região por meio da divulgação de conhecimentos científicos e tecnológicos desenvolvidos na instituição⁷⁰”;

- além do tema *universidade e sociedade*, já mencionado, o tema *cooperação universidade-empresa* pode ser relacionado ao grupo em função da linha Universidade e Sociedade, cujo objetivo é “criar estudos que permitam incrementar a interface entre a Universidade e a sociedade organizada, especialmente com o segmento empresarial, visando a divulgação de conhecimentos científicos e tecnológicos desenvolvidos na instituição⁷¹”

⁶⁸ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0043602Z9GPKTI&seqlinha=4> Acesso em: jul./2012.

⁶⁹ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0043602Z9GPKTI&seqlinha=5> Acesso em: jul./2012.

⁷⁰ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0043602Z9GPKTI&seqlinha=2> Acesso em: jul./2012.

⁷¹ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0043602Z9GPKTI&seqlinha=1> Acesso em: jul./2012.

O grupo de pesquisa *NICO - Inteligência Competitiva Organizacional*, também da UFSC, foi relacionado ao tema *administração de operações e logística* (área funcional da administração) em função do objetivo da linha de pesquisa *Gestão de logística empresarial e universitária*: “Analisar as ferramentas de logística empresarial adequadas para serem utilizadas em restaurantes universitários e hospitais universitários”⁷².

O *Núcleo de Estudos em Gestão, Qualidade e Competitividade no Ensino Superior*, da FGV-SP, foi considerado como um agente-grupo de pesquisa do campo científico da administração universitária pela relação dos trabalhos do grupo aos seguintes temas da administração universitária: *administração de marketing, administração de operações e logística, administração de pessoas, administração estratégica e administração financeira* (áreas funcionais da administração) e *planejamento* (teoria gerencial). Tal relação se deu em função da descrição do objetivo da linha de pesquisa *Qualidade e Competitividade nas IES*: “Nesta linha são abordadas questões referentes ao gerenciamento das instituições de ensino superior. Especificamente, temas como marketing educacional, planejamento estratégico em instituições de ensino, operações e logística, recrutamento e seleção e investimentos financeiros serão abordados nesta linha de pesquisa”⁷³. Além desses, foram relacionados ao grupo os seguintes temas específicos da administração universitária: *avaliação da educação superior, ensino, pesquisa e extensão e educação a distância*. A descrição do objetivo da linha de pesquisa *Qualidade nos processos de aprendizagem* permitiu este relacionamento⁷⁴:

Nesta linha de pesquisa terão prioridades temas relacionados ao processo de aprendizagem.

⁷² Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0043602T09LV2C&seqlinha=1> Acesso em: jul./2012.

⁷³ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0004602HT3K3DK&seqlinha=2> Acesso em: jul./2012.

⁷⁴ Na descrição do objetivo em questão também fica claro o relacionamento com o tema *administração de pessoas*, porém a relação do tema com o grupo já havia sido mencionada na descrição da linha anterior.

Especificamente, a linha abordará questões como: indicadores de qualidade no ensino superior; formação do profissional e empregabilidade; tecnologias de ensino no Ensino a Distância (EAD); metodologias de ensino para pequenos e grandes grupos; mercado de trabalho e estruturas curriculares; e, debate sobre Enade, por exemplo,⁷⁵.

Os objetivos das linhas de pesquisa do grupo de pesquisa *Observatório FECAP de Pesquisa e Educação Contábil* do Centro Universitário FECAP, permitiram verificar sua relação com os seguintes temas da administração universitária: *ensino, pesquisa e extensão* (tema específico) e *administração de pessoas* (áreas funcionais da administração). As linhas de pesquisa e seus respectivos objetivos justificam essa ligação:

- A inserção da pesquisa na prática pedagógica do professor:

Esta linha de pesquisa trata do princípio metodológico do ensino com pesquisa na educação superior e tem como objetivo conhecer como acontece a inserção da pesquisa na prática de ensino de professores doutores que atuam em cursos de Ciências Contábeis, procurando identificar que estratégias são utilizadas para alcançar o aprendizado por meio da pesquisa⁷⁶.

- O ideário Pedagógico do professor-coordenador do curso de Ciências Contábeis, a gestão do Projeto Político Pedagógico e o currículo como instrumento de sua concretização:

Este projeto de pesquisa tem como objetivo induzir o desenvolvimento de pesquisa sobre a

⁷⁵ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0004602HT3K3DK&seqlinha=1> Acesso em: jul./2012.

⁷⁶ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=G53N602CTNW4DP&seqlinha=5> Acesso em: jul./2012.

construção, operacionalização e avaliação do projeto político pedagógico, o currículo como instrumento de sua concretização e ideário do professor-coordenador, de modo a contribuir com o estabelecimento de políticas públicas e uma melhor formação do profissional de contabilidade⁷⁷.

- Educação e Pesquisa Contábil:

Esta linha de Pesquisa objetiva produzir, coordenar, acompanhar e divulgar estudos e pesquisas que apontem formas inovadoras de pensar o conhecimento, de reorganizar a ciência e o mundo contemporâneo e, conseqüentemente, novas formas de pensar a pesquisa e o ensino Contábil⁷⁸.

- Saberes que fundamentam a prática pedagógica do professor de ciências Contábeis no Brasil:

Conhecer, compreender e analisar os saberes que fundamentam a prática de ensino de professores brasileiros que atuam em disciplinas específicas procurando evidenciar os fundamentos, princípios e aspectos práticos que fazem parte desse conhecimento. Esses dados podem ser decisivos para ampliar a compreensão sobre a profissão docente, processos e dificuldades dos professores, e, assim, pensar políticas de formação continuada destes professores⁷⁹.

⁷⁷ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=G53N602CTNW4DP&seqlinha=3> Acesso em: jul./2012.

⁷⁸ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=G53N602CTNW4DP&seqlinha=1> Acesso em: jul./2012.

⁷⁹ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=G53N602CTNW4DP&seqlinha=2> Acesso em: jul./2012.

Quanto ao grupo *Pesquisa e Formação em Administração*, da Mackenzie, suas duas linhas de pesquisa Formação em Administração de Empresas e Pesquisa em Administração de Empresas possibilitaram que o mesmo fosse relacionado ao tema específico *ensino, pesquisa e extensão*. Os objetivos de cada uma das linhas mencionadas justificam essa relação:

Analisar a formação em administração nos contextos escolares e não-escolares, envolvendo tanto o aprendizado formal quanto o informal. Compreender os processos de aprendizagem individual e nas organizações, relacionando-os com o desenvolvimento de competências individuais e coletivas. Estudar questões relativas a gestão dos currículos e processos de ensino desenvolvidos em ambientes presenciais, ambientes reais de profissionalização e ambientes virtuais (FORMAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS).

Promover o aprofundamento teórico dos pressupostos e das características metodológicas das modalidades de pesquisa em Administração. Criar um espaço de discussão sobre as possibilidades e limitações das metodologias convencionais e inovadoras, na produção do conhecimento científico na área de Administração. Estudar, testar e divulgar metodologias de pesquisa, formas de coleta e estratégias de análise de dados quantitativos e/ou qualitativos utilizadas em Administração (PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS)⁸⁰.

O grupo *Pesquisas em Gestão Universitária e Ensino Superior*, da FURB, tem como única linha de pesquisa Estratégias e Competitividade a qual em seu objetivo está citada a Gestão Universitária e o ensino superior como campo de pesquisa. Mais especificamente nas repercussões dos trabalhos do grupo é que fica

⁸⁰ Idem.

evidenciada a relação do grupo principalmente com o tema *administração estratégica* (área funcional da administração) da administração universitária, conforme exposto a seguir:

O grupo de Pesquisas em Gestão Universitária e Ensino Superior investiga a gestão e as estratégias de competitividade em Instituições de Ensino Superior. O foco na gestão e nas estratégias de competitividade visa explorar elementos relacionados ao ambiente interno e externo das IES, como o entorno institucional, a inteligência competitiva, o planejamento estratégico, a tecnologia da informação e a avaliação institucional. Estratégias de competitividade na perspectiva didática também são alvo do projeto de pesquisa, com destaque às várias metodologias utilizadas no ensino da graduação e da pós-graduação, preferencialmente tecnologias inovadoras com ou sem a utilização de modernas tecnologias de comunicação⁸¹.

Ressalta-se que pela análise das repercussões dos trabalhos do grupo também é possível verificar a presença dos seguintes temas de administração universitária: *planejamento*(teoria gerencial), *administração da informação*(área funcional da administração), *avaliação da educação superior* e *ensino, pesquisa e extensão*(temas específicos).

Destaca-se ainda o grupo de pesquisa *UNICETEX-Centro de Inovação Tecnológica e Extensão Universitária*, da USP, cuja descrição do objetivo da linha de pesquisa Extensão Universitária (“Atuar no processo interativo entre conhecimento acadêmico e extensão universitária, auxiliando na formação de recursos humanos e desenvolvimento sustentado das comunidades do entorno⁸²”) permite

⁸¹ Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0229602AJR0U3>

Acesso em: jul./2012.

⁸² Disponível em:

<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhelinha.jsp?grupo=0067602YR18IT3&seqlinha=4> Acesso em: jul./2012.

que o mesmo seja relacionado aos temas específicos da administração universitária: *ensino, pesquisa e extensão e universidade e desenvolvimento regional*.

O objetivo dessa seção foi o de apresentar e caracterizar quais os agentes-grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil. A partir dessa caracterização destaca-se os seguintes pontos:

I – Quanto ao local de funcionamento, a região Sudeste é a que mais concentra grupos de pesquisa no campo científico da administração universitária no Brasil (8 de 17);

II – A UFSC e a UFPE possuem dois grupos de pesquisa pertencentes ao campo cada, sendo as únicas instituições com mais de um grupo;

III – Os agentes-grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil têm sua atuação mais voltada para os *temas específicos* de administração universitária, pois foram os que com maior frequência apareceram nas linhas de pesquisa e repercussões dos trabalhos dos grupos. O quadro seguinte ilustra a frequência com que cada tema foi relacionado aos grupos de pesquisa.

Quadro 18: Frequência dos temas de administração universitária nas linhas de pesquisa e repercussões dos trabalhos dos grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil

Categoria	Dimensões	Temas	Frequência
Administração universitária	Teorias gerenciais (4)	Planejamento	3
		Organização	-
		Direção	1
		Controle	-
	Áreas funcionais da administração (15)	Administração da Informação	1
		Administração Estratégica	4
		Administração Financeira	4
		Administração de Operações e Logística	2
		Administração de Pessoas	3
		Administração de Marketing	1

Administração universitária	Teoria das organizações (2)	Abordagem Institucional	-
		Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	1
		Trabalho, Organização, Estado e Sociedade	-
		Comunicação, Processos Discursivos e Produção dos Sentidos	-
		Ontologia, Epistemologias, Teorias e Metodologias nos Estudos Organizacionais	-
		Estudos Críticos e Práticas Transformadoras em Organizações	-
		Gênero e Diversidade	-
	Teoria das organizações (2)	Organizações Familiares	-
		Temas	Frequência
		História e Memória em Organizações	-
		Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais	1
		Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações	-
		Temas específicos (31)	
	Políticas da Educação Superior	1	
	Estrutura e funcionamento da Educação Superior	-	
	Universidade e Sociedade	2	
	Avaliação da Educação Superior	4	
	Educação a Distância	2	
	Universidade e Desenvolvimento	2	

	Regional	
	Acesso, permanência e evasão	-
	Ensino, pesquisa e extensão	9
	Estrutura acadêmica e administrativa	-
	Internacionalização e mobilidade acadêmica	1
	Universidade e Compromisso Social	2
	Autonomia	-
	Cooperação Universidade-Empresa	4
	Administração universitária	3
	Instituições de educação superior	1

Fonte: dados primários.

Por meio da análise do quadro anterior, constata-se que dentre os temas específicos, *ensino, pesquisa e extensão* está relacionado a nove grupos de pesquisa. Quanto aos temas da administração universitária relacionados às teorias administrativas destacam-se aqueles ligados às áreas funcionais da administração, sendo que *administração estratégica* e *administração financeira* estão relacionados a quatro grupos cada. Assim, verifica-se que embora as teorias administrativas influenciem os trabalhos na área de administração universitária dos grupos de pesquisa, os temas específicos de administração universitária prevalecem sobre aqueles.

Apresentados os agentes-grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil, apresenta-se na seção posterior os agentes-cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração/instituições de ensino superior pertencentes ou relacionados ao campo científico da administração universitária no Brasil.

4.1.3 Os cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração/instituições de ensino do campo científico da administração universitária no Brasil

Quadro 19: Cursos de pós-graduação em administração do campo científico da administração universitária no Brasil

Instituição	Cursos	Conceito	Cidade	Estado	Região
Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais - FEAD	MP	3	Belo Horizonte	MG	Sudeste
Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB	MA	4	Blumenau	SC	Sul
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG	D	4	Belo Horizonte	MG	Sudeste
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC	MA	3	Florianópolis	SC	Sul
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	MP ¹	3	Florianópolis	SC	Sul
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	MA, D	4, 4	Florianópolis	SC	Sul
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES	MA	3	Vitória	ES	Sudeste
Universidade Federal da Paraíba - UFPB/J.P	MP	4	João Pessoa	PB	Nordeste
Universidade Federal do Rio Grande do	D	4	Natal	RN	Nordeste

Norte					
Universidade de Brasília - UnB	MA, MP, D	5,3,5	Brasília	DF	Centro-Oeste
Universidade da Grande Rio - UNIGRANRIO	MA	4	Rio de Janeiro	RJ	Sudeste
Universidade Positivo - UP	MA	4	Curitiba	PR	Sul
Universidade Salvador - UNIFACS	MA	3	Salvador	BA	Nordeste
Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS	MA, D	4, 5	São Caetano do Sul	SP	Sudeste

Fonte: dados primários.

Nota: ¹O curso é específico em Administração Universitária. Legenda: MA: Mestrado Acadêmico; MP: Mestrado Profissional; D: Doutorado.

Neste trabalho, além de se ter levantado as instituições em que os agentes-pesquisadores e os agentes-grupos de pesquisa atuam, conforme seções anteriores, analisou-se os nomes dos cursos, as áreas de concentração, as linhas de pesquisa e as disciplinas oferecidas pelas 96 instituições de ensino com pós-graduação *stricto sensu* em administração no Brasil credenciados pela CAPES, conforme critérios definidos no capítulo 2. Assim, após essa análise chegou-se a um total de 13 instituições de ensino superior e 18 cursos de pós-graduação *stricto sensu* (sendo 9 mestrados acadêmicos, 4 mestrados profissionais e 5 doutorados) em administração relacionados ao campo científico da administração universitária. O quadro seguinte traz a relação das instituições de ensino que possuem cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração relacionados ao campo científico da administração universitária por tipo (mestrado acadêmico e/ou profissional e/ou doutorado), o conceito do curso junto a CAPES e seu local de funcionamento (cidade, estado e região).

Por meio da análise da tabela anterior verificou-se que entre as cidades que mais concentram cursos de pós-graduação *stricto sensu* que podem ser relacionados à administração universitária está Florianópolis, com dois mestrados acadêmicos (UDESC e UFSC); um mestrado

profissional (UFSC), sendo este o único em Administração Universitária no país; e um doutorado (UFSC). Na sequência aparece Belo Horizonte, com um mestrado profissional (FEAD) e um doutorado (PUC-MG).

Quanto aos estados, destacam-se Santa Catarina, com três mestrados acadêmicos (FURB, UDESC e UFSC), um mestrado profissional (UFSC) e um doutorado (UFSC); São Paulo, com um mestrado acadêmico (USCS); e um doutorado (USCS); e Minas Gerais com os respectivos cursos de Belo Horizonte anteriormente citados.

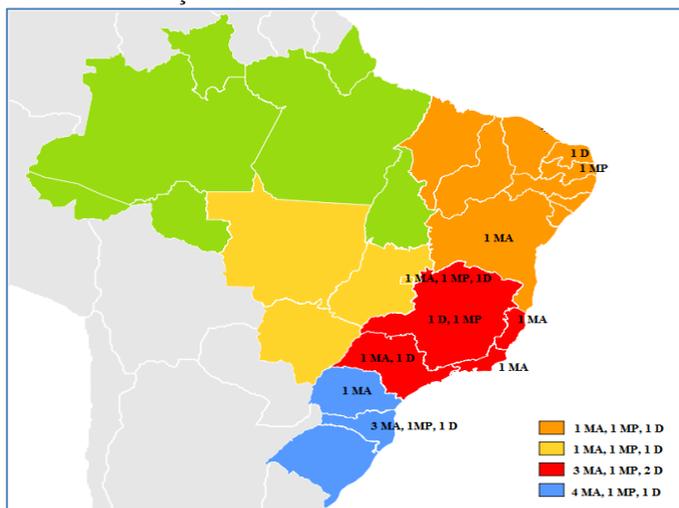
Quanto às regiões, a Sudeste é a que mais concentra cursos de pós-graduação *stricto sensu* relacionados à administração universitária: além dos mencionados em São Paulo e Minas Gerais, há dois mestrados acadêmicos: um no Espírito Santo (UFES) e outro no Rio de Janeiro (UNIGRANRIO). Na sequência, aparece a região Sul, com os já mencionados cursos de Santa Catarina e do Paraná; a região Nordeste com um mestrado acadêmico na Bahia e um mestrado profissional na Paraíba (UNIFACS e UFPB/J.P) e um doutorado no Rio Grande do Norte (UFRN); e a região Centro-Oeste com um mestrado acadêmico, um mestrado profissional e um doutorado no Distrito Federal (UnB). A figura 7 ilustra a distribuição dos cursos de pós-graduação em administração que têm relação com o campo científico da administração universitária.

Quanto ao conceito desses cursos, constatou-se que 50% (9 no total) têm conceito 4; 33% (6 no total) têm conceito 3; e 17% (3 no total) têm conceito 5. Assim, verifica-se que a maioria dos cursos (74%) de pós-graduação em administração relacionados ao campo científico da administração universitária estão relacionados a programas com os menores conceitos (3 e 4) na escala utilizada pela CAPES que vai de 3 (conceito mínimo para que um curso seja recomendado⁸³) a 7 (conceito em que demonstra que o desempenho do curso se destaca dos demais⁸⁴). Tais dados podem indicar que a maior parte dos programas de pós-graduação em administração pertencentes ao campo científico da administração universitária não são os mais prestigiados no campo científico da administração do qual aquele campo faz parte.

⁸³ Disponível em: <http://www.capes.gov.br/duvidas-frequentes/64-avaliacao-da-pos/2362-reflexos-dos-conceitos-atribuidos-aos-programas-avaliados-pela-capes-na-validade-nacional-dos-diplomas-de-mestrado-e-doutorado-conferidos>. Acesso em: jul./2012.

⁸⁴ Idem.

Figura 7: Distribuição dos cursos de pós-graduação em administração do campo científico da administração universitária no Brasil.



Fonte: dados primários⁸⁵.

Legenda: MA: Mestrado Acadêmico; MP: Mestrado Profissional; e D: Doutorado.

A seguir apresenta-se as razões que levaram a incluir cada um dos cursos e instituições supracitados como agentes do campo científico da administração universitária no Brasil.

a) Faculdade de Estudos Administrativos de Minas Gerais – FEAD: o curso de mestrado profissional em administração desta instituição, localizada em Belo Horizonte-MG contém uma linha de pesquisa denominada “Gestão de Sistemas Educacionais” que é assim descrita:

Trata de estudos sobre gestão e organização do trabalho em organizações educacionais; (...) também se ocupa da relação entre as políticas de

⁸⁵ A ilustração foi retirada do site do Wikipedia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%B5es_do_Brasil. Acesso em: dez./2012.

educação e os processos de desenvolvimento, bem como das questões relativas ao planejamento estratégico institucional, legislação, implementação de empreendimentos e projetos ou análise de mudança em organizações educativas em geral. Outras temáticas afeitas a essa linha são a avaliação institucional e as pesquisas em torno das interfaces subjetivas relacionadas ao processo administrativo dessas organizações, tais como liderança, poder, educação e trabalho em ambientes educacionais⁸⁶.

Assim, verificou-se que a linha está relacionada aos seguintes temas de administração universitária: *políticas da educação superior e avaliação da educação superior* (temas específicos); *planejamento e direção* (teorias gerenciais); *administração estratégica* (áreas funcionais da administração) e *trabalho, organização, Estado e sociedade* (teorias organizacionais).

b) Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB: o curso de mestrado acadêmico em administração da instituição catarinense possui uma disciplina eletiva denominada “Novas tecnologias da informação aplicadas ao ensino superior”, assim descrita:

A influência das novas tecnologias na sociedade e na educação. Mediação pedagógica e novas tecnologias em diferentes ambientes de aprendizagem. Organização e construção da ação educativa em ambientes virtuais. Análise e avaliação de ferramentas tecnológicas e softwares educativos. Projetos de trabalho com as novas mídias⁸⁷.

⁸⁶ Disponível em: <http://www.fead.br/cursostipo.asp?TC=3> Acesso em: jul./2012.

⁸⁷ Disponível em: <http://www.furb.br/web/1813/cursos/mestrado/administracao/disciplinas> Acesso em: jul./2012.

A partir dessa descrição encontrou-se relações com os seguintes temas: *administração da informação* (área funcional da administração), *ensino, pesquisa e extensão e educação a distância* (temas específicos).

c) Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-MG: em seu curso de doutorado em administração, localizado na capital mineira, obteve-se uma linha de pesquisa⁸⁸ que contém em sua descrição o interesse em estudos sobre a “internacionalização de instituições de ensino superior⁸⁹”.

d) Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC: seu curso de mestrado acadêmico em administração contém uma disciplina denominada “Seminário de Formação Docente em Administração” que contempla em sua ementa indícios de relações com a administração universitária, conforme segue:

Estudo das correntes epistemológicas na educação: tendências pedagógicas e paradigmas emergentes. Educação superior: conceitos, definições e classificações. O potencial pedagógico das técnicas e tecnologias como recursos de ensino. A avaliação numa perspectiva qualitativa, diagnóstica e formativa. Disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. As relações e correlações do Projeto Pedagógico Institucional e do Plano de Desenvolvimento Institucional com a elaboração do plano de aula. A prática da docência. O ensino de Administração no Brasil. Diretrizes

⁸⁸ Verificou-se em novo acesso ao site do curso que o mesmo passou por reformulações em suas linhas, sendo que a referida foi suprimida. Assim, buscou-sei algum documento que comprovasse esta informação, a qual foi encontrada em um catálogo do curso de doutorado onde consta a referida linha de

pesquisa:

http://www.pucminas.br/documentos/ppga_catalogo_doutorado.pdf

(p. 4).

Acesso em dez./2012.

⁸⁹ Disponível em: <http://www.pucminas.br/pos/administracao/index-link.php?arquivo=apresentacao&pagina=4090&PHPSESSID=8c35f0569c675635e9d70898a4e68727> Acesso em: jul./2012.

curriculares dos cursos de Administração. Projeto pedagógico para cursos de Administração. A relação ensino-pesquisa⁹⁰.

A partir desta descrição, foi possível relacionar o curso aos seguintes temas de administração universitária: *ensino*, *pesquisa e extensão* (tema específico) e *planejamento* (teoria gerencial).

e) Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC: esta instituição foi a única dentre as levantadas que continha mais de um programa relacionado à administração universitária: o Programa de Pós-Graduação em Administração da UFSC-CPGA e o Programa de Pós-Graduação em Administração Universitária –PPGAU, os quais são independentes entre si, embora tenham professores que atuem nos dois programas.

O CPGA, mais antigo, atuando desde 1978, contém relações com a administração universitária atualmente em função da oferta de cinco disciplinas ligadas aos temas de administração universitária, em seus cursos de mestrado acadêmico e doutorado. A seguir apresenta-se os nomes das disciplinas, a descrição de suas ementas (quando for o caso) e os temas de administração universitária aos quais podem ser relacionados:

- Gestão da Educação Superior:

O processo da gestão em Instituições de Ensino Superior. Administração estratégica. Processo decisório em universidades. Funções e competências gerenciais. Eficácia gerencial na universidade. Mudança e resistência a mudanças. Campos de forças organizacionais. Fatores organizacionais em Instituições de Ensino

90

Superior. Motivação e liderança em Instituições de Ensino Superior⁹¹.

Tal descrição possibilitou o relacionamento da referida disciplina aos temas: *administração estratégica* e *administração de pessoas* (áreas funcionais da administração) e *direção* (teoria gerencial).

- “Seminários em Administração: Gestão de Projetos em EAD”:

Conceitos de Educação a Distância. Legislação e sistemas de regulação. Instrumentos para credenciamento e avaliação institucional. Gestão e planejamento em EaD. Organização de equipes e Infraestrutura. Tecnologias e Mídias⁹².

A descrição dessa disciplina traz indícios de seu relacionamento com o tema específico da administração universitária: *educação a distância*.

Foram relacionadas aos temas de administração universitária mais três disciplinas do CPGA, porém não foram encontradas suas ementas no *site* do programa. Assim, as relações de cada uma com os temas basearam-se em seus títulos: “Universidade e Desenvolvimento”, relacionada ao tema específico *universidade e desenvolvimento regional*; “Política, Estrutura e Funcionamento da Educação Superior”, relacionada ao tema específico: *estrutura e funcionamento da Educação Superior*; e “Financiamento do Ensino Superior” relacionada à área funcional da administração: *administração financeira*.

Em relação ao PPGAU, todo o programa iniciado em 2010, foi concebido com temáticas voltadas à administração universitária, como o próprio nome sugere, sendo o único no país na área de administração com esse perfil. Não cabe aqui retomar detalhes do curso em função de já ter sido apresentado no capítulo de fundamentação teórica.

f) Universidade Federal do Espírito Santo – UFES: o curso de mestrado acadêmico em administração desta instituição foi

⁹¹ Disponível em: <http://cpga.ufsc.br/disciplinas-por-semester/> Acesso em: jul./2012.

⁹² Idem.

considerado como pertencente ao campo científico da administração universitária, por haver em uma de suas linhas de pesquisa “Tecnologias e Processos Organizacionais”, indícios de relação com os temas específicos *administração universitária e instituições de educação superior*, conforme se verifica no trecho seguinte:

As pesquisas e publicações da linha tratam de tecnologias e processos de gestão que contribuam para a melhoria contínua das organizações. Os estudos envolvem questões inter e intra-organizacionais que, por meio de abordagens qualitativas e quantitativas, buscam meios para, com base na abordagem funcionalista, instrumentalizar os gestores na intervenção para a melhoria dos processos de negócio nas organizações. Interesses: (...) educação superior, instituições de educação superior e gestão universitária⁹³.

g) Universidade Federal da Paraíba – UFPB/J.P: o curso de mestrado profissional em administração desta instituição, localizada em João Pessoa, possui uma linha de pesquisa denominada “Gestão de Projetos Educativos e Tecnologias Emergentes” relacionada aos seguintes temas de administração universitária: *administração da informação* (área funcional da administração), *conhecimento, aprendizagem e inovação* (teoria das organizações) e *educação a distância* (tema específico). Tal relação foi feita a partir da seguinte descrição:

Conhecimento organizacional e gestão de processos educativos em instituições diversas (organizações corporativas, escolas e ONGs); soluções de produtos (ferramentas e sistemas de gestão), sobre/de circuitos virtuais por onde trafegam aplicações interativas como videoconferência (imagem e som), e-learning (dados) para educação corporativa e educação a

⁹³ Disponível em: <http://www.ppgadm.ufes.br/> Acesso em: jul./2012.

distância, enfatizando sua incorporação à prática institucional em diversos níveis⁹⁴.

h) Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN: o curso de doutorado em administração desta instituição possui uma disciplina denominada “TEAII: Estratégia de Ensino de Administração”, relacionada principalmente ao tema específico da administração universitária *educação a distância*, conforme ementa a seguir:

A modalidade de Educação a Distância: histórico, características, definições, regulamentações. A Educação a Distância no Brasil. A Mediação pedagógica na modalidade Educação a Distância. Organização de situações de aprendizagem. Ambientes virtuais de Ensino-aprendizagem. A EAD na pós-graduação. Educação corporativa: educação e treinamento nas empresas; A educação corporativa: universidades corporativas; Educação corporativa e EAD: elaborando o projeto político-pedagógico; A educação corporativa e a questão da andragogia; O crescimento econômico da educação corporativa; Ensino a distância na área do direito; A EAD na educação não formal de professores⁹⁵.

i) Universidade de Brasília – UnB: esta instituição contém um curso de mestrado acadêmico, um curso de mestrado profissional e um doutorado em administração que podem ser relacionados à administração universitária, em função da oferta da disciplina “Trabalho e Educação” que aborda questões convergentes com o tema *trabalho, organização, Estado e sociedade* (teoria das organizações). A ementa da disciplina é apresentada a seguir:

⁹⁴ Disponível em: <http://dci.ccsa.ufpb.br/mpgoa/?q=content/linhas-de-pesquisa>
Acesso em: jul./2012.

⁹⁵ Disponível em: http://www.sigaa.ufrn.br/sigaa/public/programa/curriculo_resumo.jsf?id=74&lc=pt_BR Acesso em: jul./2012.

Trabalho e educação: princípios, concepções e tendências: teoria do capital humano; a abordagem crítico-reprodutivista; o trabalho como princípio educativo. A relação trabalho e educação frente às transformações atuais no mundo do trabalho: os efeitos do impacto tecnológico sobre o trabalho; novo paradigma técnico-econômico e sistema educativo: a concepção de qualificação, competência e educação profissional. A relação trabalho e educação em diferentes contextos educativos: elaboração de cenários de trabalho e respectivas propostas de formação profissional.

j) Universidade Salvador – UNIFACS: o mestrado acadêmico em administração desta instituição, por conta da disciplina “Empreendedorismo em Educação” também foi relacionado ao campo científico da administração universitária, mais especificamente aos temas: *planejamento* (teoria gerencial) e *internacionalização e mobilidade acadêmica* (tema específico). O conteúdo de sua ementa justifica esta relação: “Empreendedorismo. Plano de Negócio. Projeto Empresarial. Sistema Educacional Brasileiro. Internacionalização da Educação”⁹⁶.

k) Universidade da Grande Rio – UNIGRANRIO: a disciplina “Pedagogia universitária e Formação Docente em Administração” do mestrado acadêmico em administração desta instituição possibilitou que fosse relacionada ao campo científico da administração universitária no Brasil. A análise da ementa da disciplina, descrita a seguir, convergiu principalmente com os seguintes temas específicos de administração universitária: *ensino, pesquisa e extensão, instituições de educação superior, políticas de educação superior e educação a distância*.

A universidade: Origens e modelos de universidade. A universidade brasileira. As

96

Disponível em:
http://www.mestradoadm.unifacs.br/selecao_aluno especial.htm
 jul./2012.

em:
 Acesso em:

políticas públicas para o ensino superior. As perspectivas de integração internacional. Os cursos superiores: Projeto pedagógico de curso. A definição do perfil profissiográfico (competências, habilidades e atitudes). A construção da matriz curricular. A pedagogia universitária: O saber fazer pedagógico. Concepção de plano de ensino e cronograma de atividades. Metodologia de ensino e metodologia de avaliação. O papel do professor: Saber ser professor. Políticas e programas de formação docente. Experiências de formação docente. Avaliação do trabalho docente. O papel das novas tecnologias: As mudanças no cenário educacional. As novas tecnologias de informação e comunicação (TIC). Os desafios do professor⁹⁷.

l) Universidade Positivo – UP: o mestrado acadêmico em administração desta instituição, localizada em Curitiba, possui uma disciplina denominada “Estruturas institucionais de apoio à inovação tecnológica” que vai ao encontro do tema específico de administração universitária: *cooperação universidade-empresa*, conforme trecho a seguir retirado de sua ementa:

(...) Agentes da interação tecnológica: governo, universidade, empresas. (...) Arranjos cooperativos em atividades de inovação: distritos industriais, sistemas locais de inovação, arranjos produtivos locais, pólos e parques tecnológicos, incubadoras tecnológicas. Clusters, redes de firmas, cooperação universidade-empresa⁹⁸.

m) Universidade Municipal de São Caetano do Sul – USCS: tanto o mestrado acadêmico quanto o doutorado em administração desta instituição apresentaram relação com o campo científico da

⁹⁷ Disponível em: <http://www.unigranrio.br/pos/stricto/mest-adm/disciplinas.html> Acesso em: jul./2012.

⁹⁸ Disponível em: <http://pgadm.up.com.br/painelgpa/uploads/imagens/files/Mestrado%20ADM/E%20STRUTURAS%20INSTITUCIONAIS%20DE%20APOIO%20%20INOVAO%20TECNOLGICA.pdf> Acesso em: jul./2012.

administração universitária. O tema: “Educação, Gestão Educacional e Regionalidade” da linha de pesquisa “Gestão para o desenvolvimento da regionalidade” traz indícios de convergência com o tema específico da administração universitária: *universidade e desenvolvimento regional*.

Apresentados e caracterizados os agentes-cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração do campo científico da administração universitária no Brasil, é possível fazer a seguinte síntese:

I - Quanto aos locais de atuação, Florianópolis é a cidade que mais concentra cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração (4 de 18); Santa Catarina é o estado que mais contém esses cursos (5 de 18); e quanto à região, a Sudeste é a que mais concentra esses cursos (6 de 18);

II – Em relação às instituições de educação superior onde estão localizados esses cursos, destaca-se a UFSC, com três cursos, sendo um exclusivamente na área de administração universitária. Quanto aos cursos ressalta-se que a maioria (74%) tem os menores conceitos (3 e 4) dentre os estabelecidos pela CAPES para funcionamento dos cursos de pós-graduação (que vai de 3 a 7). Apenas três cursos têm conceito intermediário (5).

III – Quanto aos motivos que levaram à classificação dos cursos como pertencentes ou relacionados ao campo científico da administração universitária verificou-se que a maioria está relacionada a existência de disciplinas (em 11 dos 18 cursos esse foi o motivo) ligadas as suas temáticas. Outros seis cursos têm linhas de pesquisa relacionadas aos temas de administração universitária. E um curso está totalmente vinculado ao campo (o mestrado profissional em administração universitária da UFSC).

IV – Quanto aos temas a que essas linhas de pesquisa e disciplinas que justificaram relacionar os cursos ao campo, destacam-se os vinculados aos *temas específicos* de administração universitária, sendo o tema de *educação a distância* o mais frequente. Entre os temas relacionados às teorias administrativas, destacam-se os relacionados às áreas funcionais, principalmente *administração da informação* e *administração estratégica*. O quadro seguinte sintetiza com que frequência os temas foram relacionados às disciplinas e linhas de pesquisa pertencentes aos 18 cursos de pós-graduação *stricto sensu* considerados como agentes do campo científico da administração universitária no Brasil.

Quadro 20: Frequência dos temas de administração universitária nas linhas de pesquisa e disciplinas dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração do campo científico da administração universitária no Brasil

Categoria	Dimensões	Temas	Frequência
Administração universitária	Teorias gerenciais -5	Planejamento	3
		Organização	-
		Direção	2
		Controle	-
	Áreas funcionais da administração -6	Administração da Informação	2
		Administração Estratégica	2
		Administração Financeira	1
		Administração de Operações e Logística	-
		Administração de Pessoas	1
		Administração de Marketing	-
	Teoria das organizações -3	Abordagem Institucional	-
		Conhecimento, Aprendizagem e Inovação	1
		Trabalho, Organização, Estado e Sociedade	2
		Comunicação, Processos Discursivos e Produção dos Sentidos	-
		Ontologia, Epistemologias, Teorias e Metodologias nos Estudos Organizacionais	-
		Estudos Críticos e Práticas Transformadoras em Organizações	-
		Gênero e Diversidade	-

		Organizações Familiares	-	
		História e Memória em Organizações	-	
		Redes e Relacionamentos Intra e Interorganizacionais	-	
		Simbolismos, Culturas e Identidades em Organizações	-	
	Temas específicos	-20	Políticas da Educação Superior	2
			Estrutura e funcionamento da Educação Superior	1
			Universidade e Sociedade	-
			Avaliação da Educação Superior	1
			Educação a Distância	5
			Universidade e Desenvolvimento Regional	2
			Acesso, permanência e evasão	-
			Ensino, pesquisa e extensão	3
			Estrutura acadêmica e administrativa	-
			Internacionalização e mobilidade acadêmica	2
			Universidade e Compromisso Social	-
			Autonomia	-
			Cooperação Universidade-Empresa	1
			Administração universitária	1
			Instituições de educação superior	2

Fonte: dados primários.

Apresentados os agentes-cursos de pós-graduação *stricto sensu* em administração e as respectivas instituições do qual fazem parte, passa-se a discutir na próxima seção como está estruturado o campo científico da administração universitária no Brasil.

4.1 A ESTRUTURA DO CAMPO CIENTÍFICO DA ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

Conforme visto no capítulo de fundamentação teórica, a estruturação do campo científico é dada pelo peso relativo das espécies de capital científico de seus agentes (BOURDIEU, 2004). Para apresentar como o campo científico da administração universitária no Brasil está estruturado, vale retomar alguns pressupostos:

- Optou-se por analisar o volume de capital científico puro e institucional dos agentes que fazem parte do campo científico da administração. Em outros termos, considerando que o campo científico da administração universitária é multidisciplinar (DEMO, 1997), utilizou-se como estratégia analisá-lo a partir de um dos campos que o constitui: o campo científico da administração. Portanto, o campo científico da administração universitária foi considerado como um subcampo científico da administração. Assim, na busca por “desvendá-lo”, procurou-se com este trabalho apresentar uma parte do campo científico, de modo que sua estruturação corresponde a este “pedaço” e não ao campo científico como um “todo”. Em outros termos, a estruturação do campo científico da administração universitária no Brasil está limitada aos procedimentos metodológicos explicados no capítulo de metodologia;
- Considerando que os agentes até agora caracterizados incluem tanto pessoas quanto grupos de pessoas (grupos de pesquisa e cursos/instituições), ressalta-se que a estruturação do campo será feita a partir do volume de capital científico (e suas espécies) dos agentes-pesquisadores, excluindo-se, portanto, os grupos de pesquisa e instituições/cursos de pós-graduação *stricto sensu*, tomando por base o trabalho de Bourdieu (2011) que parte do capital acumulado pelos professores do campo universitário francês para chegar à estruturação do mesmo;
- Considerando o tipo de corte utilizado, vale destacar que a forma como está estruturado o campo reflete um retrato do momento em que se coletou os dados, embora este represente a

trajetória dos agentes-pesquisadores ao longo do tempo, por meio do acúmulo de poderes específicos e temporais, conforme Bourdieu (2004).

Feitas essas ressalvas, passa-se a análise da estruturação do campo científico da administração universitária no Brasil a partir dos procedimentos descritos na operacionalização da categoria de análise capital científico. Assim, por meio da pontuação acumulada pelos agentes-pesquisadores a partir dos indicadores de capital científico puro e institucional foi possível chegar à estrutura do campo científico da administração universitária no Brasil. Em primeiro lugar, apresenta-se como está distribuído o capital científico puro entre os agentes-pesquisadores desse campo. Em seguida, como se dá a distribuição do capital científico institucional entre os agentes. Na sequência é feita uma análise comparativa entre a estrutura de distribuição de capital científico puro de um lado e institucional de outro. Por fim, traça-se um perfil dos agentes dominantes desse campo e apresenta-se as fontes de capital científico mais relevantes para o campo.

4.1.1 O acúmulo de capital científico puro no campo científico da administração universitária no Brasil

Para chegar à estrutura do campo científico da administração universitária no Brasil, a partir da distribuição de capital científico puro entre os agentes-pesquisadores levantou-se em seus currículos Lattes os indicadores acumulados por eles considerando a categoria-dimensão capital científico puro categorizada no capítulo dos procedimentos metodológicos. Na sequência procedeu-se ao cálculo da pontuação obtida por eles, tomando por base a tabela 31.

A partir da tabela 31, chegou-se às pontuações máximas que um agente-pesquisador poderia obter com o acúmulo de cada um dos indicadores e seus respectivos pesos, conforme Apêndice A.

Tabela 31: Indicadores de capital científico puro

Código	Indicadores	Max	Peso
1	<i>Titulação</i>	100	2
1.1	Formação doutorado	80	
1.2	Formação pós-doutorado	20	
2	<i>Experiência profissional</i>	100	4

2.1	Orientações de dissertações e teses	29	4
2.2	Coordenação de projetos de pesquisa	19	
2.3	Integrante de projetos de pesquisa	14	
2.4	Bolsas recebidas durante mestrado, doutorado ou pós-doutorado	19	
2.5	Atuação como bolsista de produtividade do CNPq	19	
3	<i>Produção intelectual</i>	100	
3.1	Publicações em periódicos Qualis A1 ou A2 em Administração	40	
3.2	Publicações em demais periódicos	30	
3.3	Livros publicados	10	
3.4	Capítulos de livros publicados	05	
3.5	Artigos em anais de eventos	10	
3.6	Coordenação de projetos de pesquisa com fomento	05	

Fonte: dados primários.

Para proceder à análise da distribuição do capital científico puro dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil e, assim, verificar como está estruturado considerando este tipo de capital científico foi calculada a amplitude total das pontuações obtidas pelos pesquisadores. Esta amplitude foi obtida pela diferença entre a maior pontuação (81,2) e a menor pontuação que foi zero, obtendo-se uma amplitude total de 81,2. Conforme explicado no capítulo de metodologia, optou-se por dividir os pesquisadores em três classes por intervalos iguais de pontuação. Para isso, dividiu-se a amplitude total obtida por três, chegando à amplitude das classes de 27,1. Assim, chegou-se a três classes com amplitude de 27,1, conforme tabela seguinte.

Tabela 32: Amplitude das classes de acordo com o capital científico puro

Classes	Intervalos	Classificação
A	81,2 – 54,1	Alto acúmulo de capital científico puro
B	54,0 – 27,1	Médio acúmulo de capital científico puro
C	27,1 – 0	Baixo acúmulo de capital científico puro

Fonte: dados primários.

Considerando as classes de intervalos apresentadas, chegou-se a seguinte distribuição dos pesquisadores nesses intervalos.

Tabela 33: Amplitude das classes de acordo com o capital científico puro

Classes	Intervalos	Nº de Pesquisadores	% de Pesquisadores	Pontuação acumulada	Percentual de acúmulo
A	81,2 – 54,1	19	8,2%	1269,6	23%
B	54,0 – 27,1	75	32,2%	2859,2	51%
C	27,1 – 0	139	59,7%	1437,2	26%
Total	81,2 – 0	233	100%	5566	100%

Fonte: dados primários.

Assim, verificou-se que dentre os 233 agentes-pesquisadores identificados como pertencentes ao campo científico da administração universitária no Brasil, apenas 19 (8,2%) foram classificados como pertencentes à classe A, ou seja, de alto acúmulo de capital científico puro. Na classe B, foram identificados 75 pesquisadores, ou 32,2% do total. E a maioria dos pesquisadores, 139, ou quase 60% foi classificada dentro da classe C, ou seja, com baixo acúmulo de capital científico puro.

Quanto à pontuação acumulada por esses pesquisadores, constatou-se que há uma relativa desigualdade na distribuição de capital científico puro no campo, visto que 8,2% dos pesquisadores acumulam 23% de todo o capital científico do campo, enquanto que 59,7% dos pesquisadores (a maioria) acumula apenas 26%. Soma-se a isso, o fato de mais da metade do capital científico puro acumulado (74%) pertencer a 32,2% dos pesquisadores do campo. Tais dados corroboram com a ideia de Bourdieu (1983, p. 136) de que “o campo científico é sempre o lugar de uma luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente dotados de capital específico”, neste caso o capital científico puro. A tabela disponível no Apêndice B sistematiza os dados que serviram de base para as considerações feitas nessa seção.

Na sequência apresenta-se como o campo científico da administração universitária no Brasil está estruturado a partir acúmulo do capital científico institucional de seus pesquisadores, considerando que para Bourdieu (2004) essa estrutura se dá pelo peso relativo de ambas as espécies de capital científico.

4.1.2O acúmulo de capital científico institucional no campo científico da administração universitária no Brasil

Tomando por base os mesmos procedimentos utilizados para chegar à estrutura do campo científico da administração universitária no Brasil, a partir da distribuição de capital científico puro entre os agentes-pesquisadores, procedeu-se ao cálculo da pontuação obtida por eles levando em consideração a categoria-dimensão capital científico institucional, conforme a tabela 34.

A partir da tabela 34, chegou-se às pontuações máximas que um agente-pesquisador poderia obter com o acúmulo de cada um dos indicadores e seus respectivos pesos, conforme pode ser verificado no Apêndice C.

Tabela 34: Indicadores de capital científico institucional

Código	Indicadores	Máximo	Peso
<i>1</i>	<i>Cargos ocupados</i>	<i>100</i>	6
1.1	Cargos de direção e administração ocupados (coordenação, direção, chefia)	40	
1.2	Cargos de direção e administração ocupados (Reitoria, Pró-Reitoria)	60	
<i>2</i>	<i>Participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias</i>	<i>100</i>	4
2.1	Participação em conselhos, comissões e consultorias	16	
2.2	Participação em bancas de concursos públicos	16	
2.3	Participação em avaliação de cursos	16	
2.4	Participação em bancas de dissertações e teses	16	
2.5	Atuação como membro de corpo editorial	20	
2.6	Atuação como revisor de periódico	16	

Fonte: dados primários.

Seguindo os mesmos procedimentos para determinação da amplitude total das pontuações obtidas pelos pesquisadores em relação

ao capital científico puro, chegou-se a uma amplitude total de 74,4, resultado da diferença da maior pontuação obtida (74,4) da menor obtida (zero) em relação as pontuações obtidas para o capital científico institucional. Dividindo a amplitude total obtida por três, obteve-se uma amplitude das classes de 24,8. Assim, chegou-se a três classes com amplitude de 24,8, conforme tabela seguinte.

Tabela 35: Amplitude das classes de acordo com o capital científico institucional

Classes	Intervalos	Classificação
A	74,4 – 49,6	Alto acúmulo de capital científico institucional
B	49,5 – 24,8	Médio acúmulo de capital científico institucional
C	24,7 – 0	Baixo acúmulo de capital científico institucional

Fonte: dados primários.

Considerando as classes de intervalos apresentadas, obteve-se a seguinte distribuição dos pesquisadores nesses intervalos (vide tabela 36).

Considerando os dados da tabela 36 constata-se que dentre os 233 agentes-pesquisadores identificados como pertencentes ao campo científico da administração universitária no Brasil, apenas 20 (9%) foram classificados como pertencentes à classe A, ou seja, de alto acúmulo de capital científico institucional. Na classe B, foram identificados 91 pesquisadores, ou 39% do total. E a maioria dos pesquisadores, 122, ou seja, pouco mais que a metade (52%) foi classificada como pertencente à classe C, ou seja, com baixo acúmulo de capital científico institucional.

Tabela 36: Amplitude das classes de acordo com o capital científico institucional

Classes	Intervalos	Número de Cientistas	Percentual de Cientistas	Pontuação acumulada	Percentual de acúmulo
A	74,4 – 49,6	20	9%	1152,8	21%
B	49,5 – 24,8	91	39%	3102,8	58%
C	24,7 – 0	122	52%	1134	21%
Total	74,4 – 0	233	100%	5389,6	100%

Fonte: dados primários.

Levando em conta a pontuação acumulada por esses pesquisadores, é possível constatar que há uma relativa desigualdade na distribuição de capital científico institucional no campo, visto que 9% dos pesquisadores acumulam 21% de todo o capital científico do campo, o mesmo percentual que acumulam 52% dos pesquisadores (a maioria). Os 39% restantes, acumulam os demais 58% da pontuação obtida por todos os pesquisadores. Portanto, 79% do capital científico institucional acumulado pertence a 48% dos pesquisadores do campo. Como no caso do acúmulo de capital científico puro, os pesquisadores do campo científico da administração universitária, possuem uma desigual distribuição de seu capital científico institucional, o que mais uma vez corrobora com o que afirma Bourdieu (1983). A tabela disponibilizada no Apêndice D sintetiza os dados que serviram de base para as considerações feitas nessa seção.

Após as análises individualizadas entre cada uma das espécies de capital científico, passou-se a analisar a estrutura do campo científico da administração universitária no Brasil, a partir da distribuição relativa das duas espécies. Assim, na seção seguinte é apresentada uma comparação dos dados acima e na seção subsequente a relação entre as duas espécies de capital científico e seus reflexos na estruturação do campo.

4.1.3 Capital científico puro e institucional no campo científico da administração universitária no Brasil

Ao fazer uma análise comparativa dos resultados alcançados a partir da pontuação obtida em relação ao acúmulo das duas espécies de capital científico do campo científico da administração universitária no Brasil, foi possível constatar que a desigualdade inerente ao campo científico, tal qual referido por Bourdieu (1983; 2004), se dá tanto para o capital científico puro quanto para o institucional. Ou seja, a maioria dos pesquisadores não consegue acumular a maior parte do capital científico disponível no campo.

Assim, aqueles que mais detém prestígio, em função do reconhecimento de seus pares, representam nesse campo específico 8% dos pesquisadores, ou 19 entre 233. Percentual próximo (9%, ou 20 dos 233) foi obtido, quando feita a análise considerando apenas os pesquisadores que mais detém poder temporal, ou seja, aqueles advindos de cargos ocupados nas instituições a que estão ligados ou do poder sobre os meios de produção e de reprodução (BOURDIEU, 2004). No

outro extremo, estão aqueles que detêm menor poder científico puro e institucional, porém os que representam a maioria dos pesquisadores: 139, ou 60% e 122, ou 52%, respectivamente.

Uma análise comparativa permite identificar ainda que a desigualdade fica mais evidenciada quanto ao acúmulo de capital científico puro, onde 19 (8%) pesquisadores acumulam 23% do capital científico puro do campo, frente a 21% do capital científico institucional acumulado por 20 (9%) pesquisadores. A tabela seguinte traz uma comparação entre a distribuição desigual do capital científico puro e do capital científico institucional em relação aos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil.

Tabela 37: Distribuição capital científico puro X capital científico institucional

Classes	Capital científico institucional		
	Número de Pesquisadores	Percentual de Pesquisadores	Pontuação acumulada
A	20	9%	21%
B	91	39%	58%
C	122	52%	21%
Total	233	100%	100%

Classes	Capital científico puro		
	Número de Pesquisadores	Percentual de Pesquisadores	Pontuação acumulada
A	19	8%	23%
B	75	32%	51%
C	139	60%	26%
Total	233	100%	100%

Fonte: dados primários.

As principais conclusões que se pode tirar dessa comparação foram:

- o campo científico da administração universitária está estruturado de forma desigual, seja analisando a distribuição do capital científico puro entre os agentes-pesquisadores, seja analisando a distribuição do capital científico institucional, pois a minoria dos pesquisadores acumula o maior volume de capital científico;

- pertencer ao grupo dos “mais prestigiados”, ou dos que possuem maior volume de capital científico puro (8% acumulam 23% de capital) é mais difícil que pertencer ao grupo dos “mais poderosos” institucionalmente, ou que possuem o maior volume de capital científico institucional (9% acumulam 21% de capital);
- a maior parte dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil possui relativamente ao volume de capital científico de seus pares, um baixo acúmulo de capital científico, tanto puro (60% dos pesquisadores pertencem à classe C) quanto institucional (52% pertencem a classe C).

Na seção seguinte faz-se uma relação entre as duas espécies de capital científico e seus reflexos na estruturação do campo científico da administração universitária no Brasil.

4.1.4 Capital científico puro e institucional acumulados: reflexos na estruturação do campo científico da administração universitária no Brasil

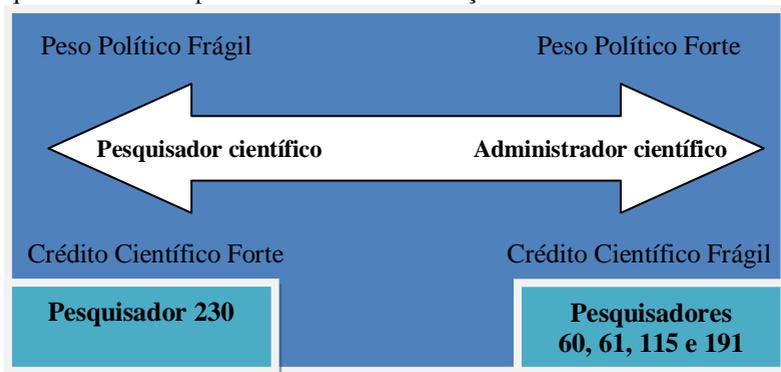
Nesta seção buscou-se analisar as posições dos agentes-pesquisadores na estrutura do campo científico da administração universitária no Brasil, considerando tanto o volume de capital científico puro quanto o volume de capital científico institucional acumulados por eles ao longo de sua trajetória acadêmica. Nesse sentido, é apresentada a posição relativa de cada um dos pesquisadores na estrutura do campo, considerando suas posições relativas quanto ao acúmulo de capital científico puro e institucional, conforme quadro disponível no Apêndice E.

A partir da análise do quadro disponível no Apêndice E, é possível constatar que nove pesquisadores (destacados na cor verde simultaneamente na 2ª e 3ª colunas do quadro: 1, 5, 15, 27, 28, 32, 39, 71 e 183) do campo científico ocupam a mesma posição relativa quanto ao acúmulo dos dois tipos de capital científico. Em outros termos, 4% dos pesquisadores conseguem ocupar posições de destaque no campo tanto em função de seu prestígio junto aos pares quanto em decorrência do poder temporal que exercem. Tal fato corrobora o que diz Bourdieu (2004, p. 38) sobre a dificuldade de acumular as duas espécies de capital científico:

Por razões práticas, o acúmulo das duas espécies de capital é como já indiquei, extremamente difícil. E podem-se caracterizar os pesquisadores pela posição que eles ocupam nessa estrutura, isto é, pela estrutura de seu capital científico ou, mais precisamente, pelo peso relativo de seu capital “puro” e de seu capital “institucional”: tendo, num extremo, os detentores de um forte crédito específico e de um frágil peso político e, no extremo oposto, os detentores de um forte peso político e de um frágil crédito científico (em especial, os administradores científicos).

Há, portanto, nove casos em que os agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil são ao mesmo tempo socialmente e cientificamente dominantes (BOURDIEU, 2004) na medida em que conseguem ocupar as mais altas posições hierárquicas tanto na estrutura de distribuição do capital científico puro quanto na do capital institucional. Sendo assim, há 21 pesquisadores (9%) que são apenas socialmente dominantes (caso dos pesquisadores 6, 37, 60, 61, 115, 164, 168, 172, 176, 177 e 191) ou cientificamente dominantes (caso dos pesquisadores 8, 12, 19, 26, 27, 29, 30, 166, 167 e 230).

Figura 8: Continuum do peso relativo do capital puro e institucional dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil.



Fonte: dados primários.

Dentre estes 21 pesquisadores, há cinco que ocupam as posições extremas, ou seja, um forte peso político e frágil crédito científico, os chamados “administradores científicos” de um lado e de outro aqueles que foram denominados para fins deste trabalho de “pesquisadores científicos”, com forte crédito científico e frágil peso político. Ou seja, apenas 2% dos pesquisadores do campo estão nessas posições extremas, sendo um pesquisador considerado como “pesquisador científico” (pesquisador 230) e quatro considerados como “administradores científicos” (pesquisadores 60, 61, 115 e 191). Isso significa, conforme Bourdieu (2004) que quatro pesquisadores tem um alto capital científico decorrente não de suas contribuições para o avanço da ciência, mas em função da ocupação de espaços de poder no campo. A figura 8 ilustra esses dados.

É possível observar também que 59% dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil ocupam as mesmas classes de distribuição de capital científico puro e institucional. Destes, 4%, como já foi mostrado pertence ao mesmo tempo à classe A, 16% à classe B e 39% à classe C do campo científico da administração universitária no Brasil. Esses dados vão ao encontro do que diz Bourdieu (2004) sobre a ambiguidade estrutural dos campos científicos:

Assim, pelo fato de que sua autonomia com relação aos poderes externos jamais é total e de que eles são o lugar de dois princípios de dominação, temporal e específico, todos esses universos são caracterizados por uma ambiguidade estrutural: os conflitos intelectuais são também, sempre, de algum aspecto, conflitos de poder. Toda estratégia de um erudito comporta, ao mesmo tempo, uma dimensão política (específica) e uma dimensão científica, e a explicação deve sempre levar em conta, simultaneamente, esses dois aspectos (BOURDIEU, 2004, p. 41).

Pode-se constatar ainda que parece haver neste campo mais dificuldades em se obter uma alta posição relativa na estrutura do campo científico da administração universitária no Brasil, a partir do acúmulo

de capital científico puro. Tal fato pode ser constatado ao se verificar que 60% dos pesquisadores pertencem à classe C na hierarquia de distribuição do capital científico puro. Ou seja, a maioria dos pesquisadores tem pouco prestígio acadêmico. Considerando a distribuição do capital científico institucional, 52% situa-se na classe C, com frágil poder temporal. Nesse sentido, há uma relativa maior facilidade em se obter poder temporal que prestígio científico no campo. Dados que ajudam a ilustrar essa constatação é que embora apenas 2% dos pesquisadores não tenham conseguido acumular capital científico puro enquanto que 10% não acumularam capital científico institucional, com menos capital institucional acumulado, foi possível alcançar posições semelhantes ou melhores na estrutura de distribuição de capital científico em relação ao acúmulo de capital puro acumulado. Isso pode ser constatado quando se verifica que em 24% dos casos, a posição (em termos de classe a que pertence) do agente na estrutura de distribuição do capital científico institucional é superior a sua posição na estrutura de distribuição do capital científico puro. O inverso ocorre em 17% dos casos.

Constatou-se, ainda que é mais fácil encontrar um pesquisador de uma classe inferior na estrutura de distribuição de capital científico puro numa classe superior na estrutura de distribuição de capital científico institucional que o contrário. Isso mostra que o poder do pesquisador no campo é relativo: depende do tipo de capital científico acumulado por ele.

Na seção seguinte, identificou-se os agentes-pesquisadores dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil e fez-se algumas análises sobre o seu perfil.

4.1.5 Agentes dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil

Com base na descrição e análise dos dados das seções anteriores, foi possível constatar que 30 agentes-pesquisadores são considerados dominantes nesse campo (1, 5, 6, 8, 12, 15, 19, 21, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 37, 39, 60, 61, 71, 115, 164, 166, 167, 168, 172, 176, 177, 183, 191 e 230). A partir da identificação dos agentes dominantes, é possível conhecer o que é “científico” no campo científico da administração universitária no Brasil, ou que fontes de capitais devem ser acumuladas para que um pesquisador seja reconhecido no campo. Pois o que é “científico”, “relevante”, “importante” em um campo

converge com o que é assim qualificado pelos agentes dominantes. Ou seja, para saber o que ter, o que ser ou o que fazer no campo científico para acumular poder e ocupar as melhores posições é preciso saber “o que têm, são e fazem” (BOURDIEU, 2004, p. 128) os agentes dominantes deste campo, conforme apresentado a seguir. Assim, optou-se por traçar um perfil dos agentes-pesquisadores dominantes do campo científico da administração universitária em relação aos indicadores demográficos (sexo e local de atuação profissional) e em relação aos indicadores de capital científico (puro e institucional).

4.1.5.1 Perfil demográfico dos agentes dominantes

Dos agentes-pesquisadores dominantes no campo científico da administração universitária no Brasil, a maioria é do sexo masculino: 20 dos 30 pesquisadores, ou seja, 67%. Tal dado vai ao encontro de estudos como os do próprio Bourdieu (1999) em “A dominação masculina”, onde a mulher é colocada como a minoria dominada em muitos campos, conforme sugerido no trecho: “E é sabido que o mesmo princípio de divisão é ainda aplicado, dentro de cada disciplina, atribuindo aos homens o mais nobre, o mais sintético, o mais teórico e às mulheres o mais analítico, o mais prático, o menos prestigioso” (BOURDIEU, 1999, p. 109). Seguindo essa tendência, das 99 pesquisadoras que fazem parte desse campo (descontadas as 9 que já são dominantes), apenas 33 (33%) deverão ocupar os espaços de maior poder no campo.

Quanto às instituições em que atuam os agentes dominantes destacam-se a UFSC e a UFRN (com 4 pesquisadores cada); FURB (com 3 pesquisadores); e UNOESC, UNINOVE, UEM e UFES (com 2 pesquisadores cada). As outras 11 instituições pertencem aos demais pesquisadores, conforme tabela seguinte. O fato de a UFSC encontrar-se entre as duas instituições que concentram o maior número de agentes dominantes, possivelmente ajude a explicar a concentração de pesquisadores do campo científico da administração universitária atuando nessa instituição.

Entre os locais de concentração de agentes dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil, verifica-se, por meio da localização das instituições, que a maioria se encontra na cidade de Florianópolis (5 no total); no estado de Santa Catarina (10 no total); e na região Sul (15 no total) do país. A tabela 38 sintetiza essas informações. Considerando os pesquisadores em geral, verifica-se a concentração nos

mesmos locais: há mais pesquisadores concentrados na UFSC (12%), em Florianópolis (17% do total), Santa Catarina (13% do total) e região Sul do país (50% do total). Assim, há uma tendência de concentração dos pesquisadores do campo junto aos agentes dominantes desse campo.

Tabela 38: Instituições de atuação dos agentes dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil

Instituição	Total
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	4
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	4
Fundação Universidade Regional de Blumenau - FURB	3
Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC	2
Universidade Nove de Julho - UNINOVE	2
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES	2
Universidade Estadual de Maringá - UEM	2
Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista, Centro Universitário Metodista – IPA	1
Pontifícia Universidade Católica do Paraná -PUC-PR	1
Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas	1
Universidade do Estado da Bahia – UNEB	1
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC	1
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF	1
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	1
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	1
Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP	1
Universidade Presbiteriana Mackenzie	1
Universidade Salvador – UNIFACS	1
Total	30

Fonte: dados primários

4.1.5.2 Acúmulo de capital científico dos agentes dominantes

Para determinar o perfil dos agentes dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil quanto ao acúmulo de capital científico puro e institucional tomou-se por base os indicadores da categoria de análise capital científico do capítulo de metodologia. Para cada indicador, realizou-se uma divisão em três intervalos iguais, referentes as amplitudes dos intervalos das pontuações obtidas pelos agentes dominantes para cada indicador. Assim, no primeiro intervalo foram situados os pesquisadores com o mais alto nível de acúmulo, o segundo com médio nível e o terceiro com mais baixo nível de acúmulo

de cada um dos indicadores de capital científico. O alto nível de acúmulo de determinado tipo de capital científico (indicador) representa por consequência que ele é uma fonte de poder científico “muito importante” no campo. O nível médio indica que se trata de uma fonte de poder científico importante e o nível baixo de acúmulo que o indicador é “cientificamente pouco importante” para o campo.

4.1.5.2.1 Acúmulo de capital científico puro dos agentes dominantes

Quanto aos indicadores de capital científico puro verificou-se que quanto à **titulação**⁹⁹, a maioria (97%) dos agentes dominantes possui **doutorado**, sendo que apenas um não possui. Quanto à formação **pós-doutoral**, 50% dos agentes dominantes possuem esse tipo de formação. Conclui-se que em termos de titulação, considera-se cientificamente muito importante ter ao menos o título de doutorado, sendo que a metade dos pesquisadores possui também pós-doutorado.

Quanto à **experiência profissional**, em relação à **orientação de dissertações e teses** a maioria (43%) dos agentes-pesquisadores dominantes situa-se no nível mais baixo de acumulação deste indicador, ou seja, tal indicador é uma fonte pouco importante de obtenção de prestígio. Destaca-se que mais da metade (63%) dos agentes dominantes situa-se entre os níveis de acumulação importante e pouco importante, sendo que três nunca orientaram trabalhos de conclusão de curso de pós-graduação *stricto sensu*.

Tabela 39: Orientação de dissertações e teses como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	19,33- 29,00	37%
Importante	9,67 - 19,32	20%
Pouco Importante	0,00 - 9,66	43%

Fonte: dados primários.

Em relação à **coordenação de projetos de pesquisa**, a maioria dos agentes dominantes (63%) situa-se no mais alto nível quanto ao

⁹⁹ Neste caso não se utilizou a divisão em intervalos, pois a titulação envolve indicadores que os pesquisadores possuem ou não.

acúmulo desse indicador, o que implica ser muito importante realizar este tipo de atividade no campo para obtenção de prestígio. Considerando os dois intervalos que representam o maior acúmulo, verifica-se que 80% dos agentes situam-se entre eles. Destaca-se que dois agentes dominantes nunca coordenaram um projeto de pesquisa.

Tabela 40: Coordenação de projetos de pesquisa como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	12,67 – 19,00	63%
Importante	6,33 – 12,66	17%
Pouco Importante	0,00 – 6,32	20%

Fonte: dados primários.

Quanto à participação como *integrante de projetos de pesquisa*, a maior parte dos agentes dominantes (90%) está situada no intervalo em que o indicador é classificado como pouco importante para obtenção de poder científico, sendo que 11 pesquisadores nunca atuaram em projetos de pesquisa apenas como integrantes. Nenhum agente dominante situou-se no intervalo considerado como muito importante.

Tabela 41: Atuação como integrante de projeto de pesquisa como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	8,00 – 12,00	0%
Importante	4,00 – 7,99	10%
Pouco Importante	0 – 3,99	90%

Fonte: dados primários.

Dos 30 agentes dominantes, 50% estão situados no nível mais baixo de acumulação quanto ao indicador *obtenção de bolsas durante a pós-graduação stricto sensu*, ressaltando-se que seis não receberam bolsa durante a realização desses cursos. Isso implica que a obtenção de bolsas é considerada como fonte pouco importante de poder científico.

Tabela 42: Obtenção de bolsas durante a pós-graduação *stricto sensu* como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	12,67 – 19,00	23%
Importante	6,33 – 12,66	27%
Pouco Importante	0,00 – 6,32	50%

Fonte: dados primários.

A *atuação como bolsista de produtividade do CNPq*¹⁰⁰ não foi considerada como fonte importante para obtenção de poder científico no campo, pois 83% dos agentes dominantes não a possui.

Conclui-se que a **experiência profissional** obtida é considerada muito importante para a obtenção de poder científico no campo científico da administração universitária no Brasil, sendo que 57% dos agentes dominantes situam-se no mais alto nível de acumulação desse indicador. Ressalta-se que 23% dos pesquisadores dominantes ficaram situados no nível mais baixo de acumulação.

Tabela 43: Experiência profissional como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	17,87 – 26,80	57%
Importante	8,93 – 17,86	20%
Pouco Importante	0 – 8,92	23%

Fonte: dados primários.

A tabela seguinte resume a classificação das fontes de capital científico puro quanto à experiência profissional dos agentes-pesquisadores dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil quanto ao seu grau de importância para obtenção de poder científico ou prestígio. Destaca-se a *coordenação de projetos de pesquisa* como a principal fonte de prestígio quanto à experiência profissional dos agentes dominantes e por consequência do campo científico da administração universitária no Brasil. Já a *atuação como*

¹⁰⁰Neste caso não se utilizou a divisão em intervalos, pois a titulação envolve indicador que os pesquisadores possuem ou não.

integrante de projeto de pesquisa é o indicador de experiência profissional menos importante em termos de obtenção de poder científico.

Tabela 44: Importância das fontes de poder científico de experiência profissional

Experiência profissional	Muito importante	Importante	Pouco importante
Orientação de dissertações e teses	37%	20%	43%
Coordenação de projetos de pesquisa	63%	17%	20%
Atuação como Integrante de projetos de pesquisa	0%	10%	90%
Obtenção de bolsas durante a pós-graduação	23%	27%	50%
Atuação como bolsista de produtividade do CNPq	83% não atuam		

Fonte: dados primários.

Quanto à **produção intelectual**, a *publicação em periódicos Qualis A1 ou A2 na área de Administração* é considerada pouco importante para obtenção de prestígio no campo, pois 60% dos agentes dominantes situam-se no nível mais baixo de acumulação desta fonte de capital científico, sendo que 14 pesquisadores (47%) nunca publicaram em periódicos assim classificados.

Tabela 45: Publicação em periódicos Qualis A1 ou A2 na área de Administração como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	26,67 – 40,00	20%
Importante	13,33 – 26,66	20%
Pouco Importante	0 – 13,32	60%

Fonte: dados primários.

A *publicação em outros periódicos* independente da área e da classificação é considerada uma fonte muito importante para obtenção

de prestígio no campo, pois 50% dos agentes dominantes situam-se na faixa de alto acúmulo de publicações. Destaca-se que todos os agentes dominantes possuem ao menos duas publicações em periódicos.

Tabela 46: Publicação em outros periódicos como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	20 – 30	50%
Importante	10 – 19,99	27%
Pouco Importante	0 – 9,99	23%

Fonte: dados primários.

Em relação à *publicação de livros*, 63% dos agentes dominantes possuem baixo acúmulo dessa fonte de prestígio, sendo que quatro deles nunca publicaram um, conforme se verifica na tabela seguinte.

Tabela 47: Publicação de livros como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	6,67 - 10	17%
Importante	3,33 – 6,66	20%
Pouco Importante	0 – 3,32	63%

Fonte: dados primários.

A *publicação de capítulos de livros* é considerada muito importante (46% dos pesquisadores dominantes acumularam um nível alto deste capital) para a obtenção de reconhecimento no campo científico da administração universitária no Brasil. Ainda assim, quatro dos agentes dominantes deste campo não publicaram nenhum capítulo de livro.

Tabela 48: Publicação de capítulos de livros como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	3,33 - 5	46%
Importante	1,67 – 3,32	37%
Pouco Importante	0 – 1,66	17%

Fonte: dados primários.

A **publicação de artigos em anais de eventos** é considerada como uma fonte de prestígio científico muito importante nesse campo, em função de 76% dos agentes dominantes terem alto acúmulo dessas publicações. Vale ressaltar, no entanto, que dois pesquisadores classificados como dominantes neste campo nunca publicaram em anais de eventos.

Tabela 49: Publicação de artigos em anais de eventos como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	6,67 - 10	76%
Importante	3,33 – 6,66	7%
Pouco Importante	0 – 3,32	17%

Fonte: dados primários.

Quanto à **coordenação de projetos de pesquisa com apoio ou fomento** de alguma instituição, trata-se de uma fonte de capital científico considerada muito importante, pois o intervalo de alto acúmulo dessa fonte é a que contém o maior número de pesquisadores dominantes (43%). Somando-se aos pesquisadores que se situam no intervalo em que a fonte é considerada importante, chega-se a um percentual de 70% dos agentes dominantes. Quatro pesquisadores não acumularam capital científico a partir dessa fonte.

Tabela 50: Coordenação de projetos de pesquisa com apoio ou fomento como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	3,33 - 5	43%
Importante	1,67 – 3,32	27%
Pouco Importante	0 – 1,66	30%

Fonte: dados primários.

Conclui-se que a **produção intelectual** é considerada importante para a obtenção de poder científico no campo científico da administração universitária no Brasil, pois 43% dos agentes dominantes situam-se no entre os níveis médio e baixo de acumulação desse indicador. Ressalta-se que 30% dos pesquisadores dominantes ficaram situados no nível mais baixo de acumulação.

Tabela 51: Produção intelectual como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	25,60 – 38,40	27%
Importante	12,80 – 25,59	43%
Pouco Importante	0 – 12,79	30%

Fonte: dados primários.

A seguir apresenta-se uma tabela que traz a classificação das fontes de capital científico puro quanto à produção intelectual dos agentes-pesquisadores dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil quanto ao seu grau de importância para obtenção de poder científico ou prestígio. Destaca-se de um lado, a *publicação de artigos em anais de eventos* como a principal fonte de prestígio quanto à produção intelectual dos agentes dominantes e por consequência do campo científico da administração universitária no Brasil; e de outro, a *publicação de livros* como a fonte de poder científico menos importante dentre os indicadores de produção intelectual.

Tabela 52: Importância das fontes de poder científico de produção intelectual

Produção intelectual	Muito importante	Importante	Pouco importante
Publicação em periódicos Qualis A1 ou A2 na área de Administração	20%	20%	60%
Publicação em outros periódicos	50%	27%	23%
Publicação de livros	17%	20%	63%
Capítulos de livros	46%	37%	17%
Publicação de artigos em anais de eventos	76%	7%	17%
Coordenação de projetos de pesquisa com apoio ou fomento	43%	27%	30%

Fonte: dados primários.

Na próxima seção apresenta-se a importância relativa dos indicadores de capital científico institucional como fontes de poder científico no campo científico da administração universitária no Brasil.

4.1.5.2.2 Acúmulo de capital científico institucional dos agentes dominantes

As fontes de capital científico institucional foram divididos em dois grupos de indicadores, conforme operacionalização desta categoria de análise no capítulo de metodologia: *cargos ocupados* e *participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias*.

Quanto aos *cargos ocupados* pelos agentes-pesquisadores dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil, destaca-se que os *cargos de direção e administração ocupados (coordenação, direção e chefia)* são muito importantes para a obtenção de poder científico neste campo, pois 86% dos agentes dominantes concentram-se num intervalo de alto acúmulo dessa fonte de capital científico institucional. Apenas um pesquisador considerado dominante não acumulou cargos deste nível.

Tabela 53: Cargos de direção e administração ocupados (coordenação, direção e chefia) como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	26,67 – 40	86%
Importante	13,33 – 26,66	7%
Pouco Importante	0 – 13,32	7%

Fonte: dados primários.

Os *cargos de direção e administração ocupados (Reitoria, Pró-Reitoria)* foram considerados pouco importantes para se obter poder científico neste campo, pois 60% dos agentes dominantes situam-se num intervalo de baixo acúmulo dessa fonte de capital. Importante destacar que todos os agentes dominantes situados neste intervalo sequer ocuparam algum cargo de Reitoria ou Pró-Reitoria.

Tabela 54: Cargos de direção e administração ocupados (Reitoria, Pró-Reitoria) como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	40 – 60	27%
Importante	20 – 39,99	13%
Pouco Importante	0 – 19,99	60%

Fonte: dados primários.

Nesse sentido, pode-se concluir que a **ocupação de cargos** é importante para a obtenção de capital científico temporal no campo científico da administração universitária no Brasil, pois 50% dos agentes dominantes situam-se num intervalo de médio acúmulo desta fonte de capital científico. Apenas um pesquisador, entre os agentes dominantes, não acumulou capital científico em decorrência da ocupação de cargos.

Tabela 55: Cargos de direção e administração ocupados (Reitoria, Pró-Reitoria) como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	40 – 60	27%
Importante	20 – 39,99	50%
Pouco Importante	0 – 19,99	23%

Fonte: dados primários

Na tabela seguinte apresenta-se uma classificação das fontes de capital científico institucional levando em conta os cargos ocupados pelos agentes dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil quanto ao seu grau de importância para obtenção de poder científico ou poder temporal. Destaca-se que os **cargos de coordenação, direção e chefia** são maior fonte de poder científico institucional que os cargos de **Reitoria e de Pró-Reitoria**, tendo sido estes considerados pouco importantes.

Tabela 56: Importância das fontes de poder científico de cargos ocupados

Cargos ocupados	Muito importante	Importante	Pouco importante
Cargos de direção e administração ocupados (coordenação, direção e chefia)	86%	7%	7%
Cargos de direção e administração ocupados (Reitoria, Pró-Reitoria)	27%	13%	60%

Fonte: dados primários.

Quanto à **participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias** destaco que a **participação em conselhos, comissões e consultorias** por parte dos agentes do campo científico da administração universitária no Brasil é considerada muito importante, pois a maior parte dos agentes-pesquisadores dominantes (53%) situa-se num

intervalo de alto acúmulo desta fonte de capital. Três pesquisadores dominantes não acumularam capital a partir dessas participações.

Tabela 57: Participação em conselhos, comissões e consultorias como fonte de capital científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	10,67 - 16	53%
Importante	5,33 – 10,66	17%
Pouco Importante	0 – 5,32	30%

Fonte: dados primários

A *participação em bancas de concursos públicos* é uma fonte de capital científico temporal pouco importante para o campo científico da administração universitária no Brasil, sendo que 43% dos pesquisadores dominantes situam-se num intervalo de baixo acúmulo de capital a partir deste tipo de participação. Destaca-se que 11 desses pesquisadores, ou 37% do total de agentes dominantes nunca participaram de bancas de concursos públicos.

Tabela 58: Participação em bancas de concurso público como fonte de capital científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	10,67 - 16	34%
Importante	5,33 – 10,66	23%
Pouco Importante	0 – 5,32	43%

Fonte: dados primários

Quanto à *participação em avaliação de cursos*, trata-se de uma fonte de capital científico institucional pouco importante para a obtenção de capital científico no campo. Conforme se verifica na tabela seguinte, a maior parte (70%) dos agentes dominantes do campo situou-se numa faixa de baixo acúmulo de capital científico a partir da atuação como avaliador de cursos. Cabe ressaltar que 60% dos pesquisadores dominantes nunca participaram de avaliação de cursos.

Tabela 59: Participação em avaliação de cursos como fonte de capital científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	10,67 - 16	23%
Importante	5,33 – 10,66	7%
Pouco Importante	0 – 5,32	70%

Fonte: dados primários

A *participação em bancas de dissertações e teses* é muito importante para a obtenção de capital científico, pois 86% dos agentes dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil estão compreendidos no intervalo de alto acúmulo dessa fonte de capital. Somente um desses agentes nunca participou dessas bancas.

Tabela 60: Participação em bancas de dissertações e teses como fonte de capital científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	10,67 - 16	86%
Importante	5,33 – 10,66	7%
Pouco Importante	0 – 5,32	7%

Fonte: dados primários

A atuação do pesquisador como *membro de corpo editorial* é considerada uma fonte de capital científico pouco importante nesse campo, pois 70% dos pesquisadores dominantes situam-se num intervalo de baixo acúmulo de capital científico, a partir desse indicador. Seis pesquisadores dominantes não fazem parte de nenhum membro de corpo editorial.

Tabela 61: Atuação como membro de corpo editorial como fonte de capital científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	13,33 – 20	3%
Importante	6,67 – 13,32	27%
Pouco Importante	0 – 6,66	70%

Fonte: dados primários

Quanto a atuação do pesquisador como *revisor de periódico*, constatou-se que 50% dos agentes dominantes do campo encontram-se num intervalo em que há um alto acúmulo de capital científico. Isto implica que se trata de uma fonte de poder científico muito importante, embora 27% desses agentes nunca tenha atuado como revisor de periódico.

Tabela 62: Atuação como revisor de periódico como fonte de capital científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	10,67 - 16	50%
Importante	5,33 – 10,66	13%
Pouco Importante	0 – 5,32	37%

Fonte: dados primários

Assim, concluo que a **participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias** é considerada como fonte importante para a obtenção de capital científico temporal no campo científico da administração universitária no Brasil, pois 50% dos agentes dominantes situam-se num intervalo de médio acúmulo desta fonte de capital científico. Todos os pesquisadores considerados dominantes nesse campo acumularam capital científico em razão desse grupo de indicadores.

Tabela 63: Participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias como fonte de poder científico

Grau de importância	Intervalo de acúmulo de capital científico	Percentual de agentes dominantes
Muito Importante	22,93 – 34,4	37%
Importante	11,47 – 22,92	50%
Pouco Importante	0 – 11,46	13%

Fonte: dados primários

Vale ressaltar que a *participação em bancas de dissertações e teses* é a fonte de poder científico institucional mais importante dentre as participações em bancas, conselhos, comissões e consultorias. Em contraponto, a *participação em avaliação de cursos* e a *atuação como membro de corpo editorial* são as fontes de capital científico menos importantes dentre aquelas participações. Na tabela 64 é apresentada uma classificação das fontes de capital científico institucional quanto ao

seu grau de importância para obtenção de poder científico ou temporal, levando em conta as participações em bancas, conselhos, comissões e consultorias dos agentes dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil.

Tabela 64: Importância das fontes de poder científico de participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias

Participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias	Muito importante	Importante	Pouco importante
Participação em conselhos, comissões e consultorias	53%	17%	30%
Participação em bancas de concursos públicos	34%	23%	43%
Participação em avaliação de cursos	23%	7%	70%
Participação em bancas de dissertações e teses	86%	7%	7%
Atuação como membro de corpo editorial	3%	27%	70%
Atuação como revisor de periódico	50%	13%	37%

Fonte: dados primários.

O quadro seguinte sintetiza o grau de importância de cada indicador de capital científico para a obtenção de poder científico no campo científico da administração universitária no Brasil.

Quadro 21: Indicadores de capital científico quanto à importância para obtenção de poder científico no campo científico da administração universitária no Brasil

Capital científico puro	Indicadores	Grau de importância		
		Muito importante	Importante	Pouco importante
	<i>Titulação</i> ¹	-	-	-
	Formação doutorado ²	97% têm doutorado		
	Formação pós-doutorado ²	50% têm pós-doutorado		
	<i>Experiência profissional</i>	X		
	Orientações de dissertações e teses			X

	Coordenação de projetos de pesquisa	X		
	Integrante de projetos de pesquisa			X
	Bolsas recebidas durante mestrado, doutorado ou pós-doutorado			X
	Atuação como bolsista de produtividade do CNPq ²	84% não atuam		
	<i>Produção intelectual</i>		X	
	Publicações em periódicos Qualis A1 ou A2 em Administração			X
	Publicações em demais periódicos	X		
	Livros publicados			X
	Capítulos de livros publicados	X		
	Artigos em anais de eventos	X		
	Coordenação de projetos de pesquisa com fomento	X		
Capital científico institucional	<i>Cargos ocupados</i>		X	
	Cargos de direção e administração ocupados (coordenação, direção, chefia)	X		
	Cargos de direção e administração ocupados (Reitoria, Pró-Reitoria)			X
	<i>Participação em bancas, conselhos, comissões e consultorias</i>		X	
	Participação em conselhos, comissões e consultorias	X		
	Participação em bancas de concursos públicos			X
	Participação em avaliação de cursos			X
	Participação em bancas de	X		

	dissertações e teses			
	Membro de corpo editorial			X
	Revisor de periódico	X		

Nota: ¹A titulação envolve indicadores que os pesquisadores possuem ou não. ²

Indicadores que os pesquisadores possuem ou não.

Fonte: dados primários.

Apresentadas a forma como está estruturado o campo científico da administração universitária, bem como as características dos agentes dominantes deste campo, passa-se na seção seguinte às considerações finais desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Capítulo são retomados o problema central desta pesquisa bem como as questões de pesquisa dele decorrentes. Nesse sentido, são apresentadas as respostas a essas questões, tendo como consequência o alcance dos objetivos propostos.

O problema que deu origem a esta pesquisa foi “**Como está constituído o campo científico da administração universitária no Brasil?**” o qual culminou no objetivo geral deste trabalho que foi analisar como está constituído este campo científico. Por meio das respostas às questões de pesquisa, apresenta-se os resultados alcançados.

- Que pessoas e/ou instituições podem ser consideradas agentes do campo científico da administração universitária no Brasil?

Neste trabalho, os agentes do campo científico da administração universitária no Brasil foram divididos em três grupos: agentes-pesquisadores, agentes-grupos de pesquisa e agentes-cursos de pós-graduação/instituições de ensino, considerando-se que o campo científico pode ser entendido como um espaço em que agentes ou instituições ocupam uma posição adquirida em disputas históricas para obter a autoridade científica (BOURDIEU, 1983).

Para se chegar aos agentes-pesquisadores do campo científico, realizou-se pesquisa na plataforma Lattes do CNPq, buscando por pesquisadores que estivessem ao menos cursando o mestrado, que atuassem na área de administração e que de alguma forma tivessem relação com a administração universitária. Essa relação foi obtida por meio da análise nos currículos Lattes dos pesquisadores: dos resumos dos currículos, do título da dissertação de mestrado, da tese de doutorado ou do trabalho de pós-doutorado, e da área de atuação do pesquisador. Além disso, os pesquisadores deveriam ter atualizado o currículo no ano de 2012. Chegou-se a um total de 233 pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil.

Quanto aos agentes-grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil, também foram identificados por meio de pesquisa na Plataforma Lattes, por meio de busca no Diretório de Grupos de Pesquisa da mesma, buscando por grupos relacionados à administração universitária que atuassem na área de administração. Chegou-se a um total de 17 grupos de pesquisa em administração universitária.

Os cursos de pós-graduação *stricto sensu* e as instituições de ensino superior em que se localizam foram identificados como agentes do campo científico, por meio da análise da área de concentração, das linhas de pesquisa e da estrutura curricular de cada curso de mestrado e doutorado da área de administração no Brasil, de modo a verificar sua relação com a administração universitária. Foram identificados 18 cursos de pós-graduação *stricto sensu* e 13 instituições de ensino superior relacionados a eles.

Além desses, foram considerados como agentes, ainda que indiretamente relacionados ao campo científico: a ANPAD, por se tratar de um agente importante do campo da administração ao qual a administração universitária faz parte; e a CAPES, por ser um órgão regulador e de fomento das atividades da pós-graduação no Brasil. Embora estes não tenham sido o foco de análise, foram utilizadas como base para a operacionalização de categorias de análise da pesquisa, justamente por sua influência no campo.

A partir da identificação de agentes do campo científico da administração universitária no Brasil, foi possível caracterizá-los, e responder a segunda questão de pesquisa.

- Como esses agentes podem ser caracterizados?

Os agentes-pesquisadores foram caracterizados por meio de seu perfil demográfico e de seu perfil acadêmico. Entre os agentes-pesquisadores do campo, prevalece o do sexo masculino (53%). Quanto aos locais de atuação, a maior parte deles se concentra na Região Sul (50%), no estado de Santa Catarina (30%) e na cidade de Florianópolis (17%). Destaca-se, ainda a presença de pesquisadores do campo em todos as regiões brasileiras; 21 estados, além do Distrito Federal (Acre, Amapá, Mato Grosso, Maranhão e Sergipe não contém pesquisadores do campo); e 83 municípios brasileiros. Há um pesquisador atuando em Londres, Inglaterra. Os pesquisadores do campo da administração universitária no Brasil atuam em 108 instituições de educação superior, incluindo uma inglesa. Os temas mais presentes entre as publicações na área de administração universitária feita pelos pesquisadores estão relacionados aos classificados como *específicos*, ou seja, aqueles que podem estar ligados a outras áreas que não a administração.

Os agentes-grupos de pesquisa também foram caracterizados conforme seu perfil demográfico e acadêmico. Quanto ao local de funcionamento, a região Sudeste é a que mais concentra grupos de pesquisa no campo científico da administração universitária no Brasil (8 de 17). A UFSC e a UFPE possuem dois grupos de pesquisa

pertencentes ao campo cada, sendo as únicas instituições com mais de um grupo. Os agentes-grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil têm sua atuação mais voltada para os *temas específicos* de administração universitária, pois foram os que com maior frequência apareceram nas linhas de pesquisa e repercussões dos trabalhos dos grupos.

Por fim, os agentes-cursos de pós-graduação/instituições de ensino superior foram caracterizados quanto ao seus perfis demográfico e acadêmico. Quanto aos locais de atuação, Florianópolis é a cidade que mais concentra cursos de pós-graduação *stricto sensu* relacionados à administração universitária (4 de 18); Santa Catarina é o estado que mais contém esses cursos (5 de 18); e quanto à região, a Sudeste é a que mais concentra esses cursos (6 de 18). Em relação às instituições de educação superior onde estão localizados esses cursos, destaca-se a UFSC, com três cursos, sendo um exclusivamente na área de administração universitária. Quanto aos cursos, ressalta-se que a maioria (74%) tem os menores conceitos (3 e 4) dentre os estabelecidos pela CAPES para funcionamento dos cursos de pós-graduação (que vai de 3 a 7). Apenas três cursos têm conceito intermediário (5). Quanto aos motivos que levaram à classificação dos cursos como pertencentes ou relacionados ao campo científico da administração universitária verifiquei que a maioria está relacionada a existência de disciplinas (em 11 dos 18 cursos esse foi o motivo) ligadas as suas temáticas. Outros seis cursos têm linhas de pesquisa relacionadas aos temas de administração universitária. E um curso está totalmente vinculado ao campo (o mestrado profissional em administração universitária da UFSC). Quanto aos temas a que essas linhas de pesquisa e disciplinas que justificaram relacionar os cursos ao campo, destacam-se os vinculados aos *temas específicos* de administração universitária, sendo o tema de *educação a distância* o mais frequente.

A partir da caracterização desses agentes, pôde-se perceber que a Universidade Federal de Santa Catarina é um agente de destaque no campo científico da administração universitária no Brasil. É uma das instituições que mais estão relacionadas aos agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil: concentra o maior percentual de pesquisadores atuando profissionalmente (12%); foi nela que 16% dos pesquisadores se formaram na graduação; 35% concluiu o mestrado; 41% concluiu o doutorado; sedia o segundo periódico (Revista de Ciência da Administração – CAD/UFSC) com o maior volume de publicações dentre os pesquisadores do campo (3%); é uma das organizadoras do evento científico (Colóquio Internacional

sobre Gestão Universitária nas Américas) que concentra o maior volume de publicações (25%) em administração universitária no campo; que se sedia o terceiro periódico (Revista Gestão Universitária na América Latina – GUAL) em concentração de membros de corpo editorial (cinco membros, ou 2% do total). Além disso, foi pioneira no Brasil na oferta de curso de mestrado com área de concentração em administração universitária (CPGA/UFSC) na área de administração; bem como sedia o único curso de mestrado em administração universitária na área de administração no Brasil (PPGAU/UFSC). Nesse sentido, a UFSC acaba se tornando um agente de destaque para o campo científico da administração universitária no Brasil, como formadora e fomentadora de pesquisa na área por meio de publicações e eventos na área.

Caracterizados os agentes do campo científico da administração universitária no Brasil, foi possível analisar os temas trabalhados neste campo e responder à questão seguinte.

Quais as possíveis influências das teorias administrativas nos temas de interesse dos agentes?

Por meio da análise dos temas das publicações dos pesquisadores, das linhas de pesquisa e da atuação dos grupos de pesquisa, bem como das áreas de concentração, das linhas de pesquisa e da estrutura curricular dos cursos de mestrado e doutorado relacionados à administração universitária foi possível constatar indícios da influência das teorias administrativas nos temas de interesse dos agentes.

Verificou-se que entre os temas mais presentes entre as publicações dos agentes-pesquisadores relacionadas à administração universitária estão aqueles ligados aos específicos, de acordo com a categorização feita no capítulo de metodologia. Assim, em todos os tipos de publicações (dissertações e teses, projetos de pesquisa coordenados e integrados pelos pesquisadores, periódicos, eventos, livros e capítulos de livros) prevaleceram os temas específicos da administração universitária, com destaque para os temas ensino, pesquisa e extensão, avaliação da educação superior e educação a distância, temas que mais frequentemente apareceram entre os três mais publicados, respectivamente. Quanto aos temas de administração universitária, ligados à área de administração, destacam-se os relacionados às áreas funcionais da administração, que somente em relação aos projetos de pesquisa não prevaleceram sobre as demais temas (teorias gerenciais e teorias das organizações). Dentre os mais frequentes entre as áreas funcionais destacam-se nesta ordem: administração estratégica, administração de pessoas e administração da

informação. Entre as teorias gerenciais, segunda dimensão com a maior frequência de temas, destacam-se: planejamento, direção e controle, respectivamente. Entre os temas relacionados às teorias das organizações prevaleceram: conhecimento, aprendizagem e inovação, redes e relacionamentos intra e interorganizacionais e trabalho, organização, Estado e sociedade, nesta ordem.

Os agentes-grupos de pesquisa do campo científico da administração universitária no Brasil têm sua atuação mais voltada para os temas específicos de administração universitária, pois foram os que com maior frequência apareceram nas linhas de pesquisa e repercussões dos trabalhos dos grupos, com destaque para ensino, pesquisa e extensão, cooperação universidade-empresa e avaliação da educação superior. Entre os temas relacionados às teorias administrativas destacam-se os voltados às áreas funcionais da administração, principalmente administração estratégica, administração financeira e administração de pessoas. Destaca-se também o tema de planejamento entre as teorias gerenciais.

Entre os temas prevalentes nas áreas de concentração, linhas de pesquisa e estrutura curricular dos cursos de mestrado e doutorado relacionados à administração universitária destacam-se os vinculados aos temas específicos de administração universitária, sendo o tema de educação a distância o mais frequente, seguido de avaliação institucional. Entre os relacionados às teorias administrativas destacam-se os relacionados às áreas funcionais, principalmente administração da informação e administração estratégica. Cabe destacar o curso de mestrado profissional em administração profissional da UFSC - PPGAU/UFSC como um agente de destaque entre os cursos relacionados ao campo, pois é o único totalmente voltado para a temática. Nesse sentido, foi possível constatar a presença equilibrada de temas específicos da administração universitária e de relacionados às teorias administrativas. Quanto aos primeiros foram constatados: gestão universitária; políticas de educação superior; universidade e sociedade; cooperação universidade-empresa; avaliação institucional; estrutura e funcionamento da educação superior; educação a distância; ensino, pesquisa e extensão; e universidade e desenvolvimento regional. Quanto aos temas relacionados às teorias administrativas observou-se: planejamento e direção (teorias gerenciais); administração financeira, administração da informação, administração estratégica, administração de marketing e administração de recursos humanos (áreas funcionais da administração); e conhecimento, aprendizagem e inovação e história e memória em organizações (teorias das organizações).

Conclui-se que os temas do campo científico da administração universitária têm influência das teorias administrativas, com destaque para as áreas funcionais da administração, principalmente administração estratégica, administração da informação e administração de pessoas. Porém, prevalecem os temas considerados como específicos da área, que não necessariamente estão relacionados com a administração. Entre tais temas destacam-se: ensino, pesquisa e extensão, educação a distância e a avaliação da educação superior.

Verificadas as influências das teorias administrativas nos temas de interesse dos agentes do campo científico da administração universitária no Brasil, parte-se para a última questão que esta pesquisa buscou responder.

- De que forma está estruturado o campo científico da administração universitária no Brasil, considerando o acúmulo de capital científico de seus agentes?

Por meio da análise do acúmulo de capital científico dos agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária foi possível identificar como ele está estruturado e assim, apresentar algumas conclusões.

O campo científico da administração universitária está estruturado de forma desigual, seja analisando a distribuição do capital científico puro entre os agentes-pesquisadores, seja analisando a distribuição do capital científico institucional. Isto ocorre, pois uma minoria dos pesquisadores concentra um volume de capital científico igual ou próximo ao que acumula a maioria dos pesquisadores do capital científico. Tais dados corroboram com a ideia de Bourdieu (1983, p. 136) de que “o campo científico é sempre o lugar de uma luta, mais ou menos desigual, entre agentes desigualmente dotados de capital específico”.

Decorrente dessa constatação de desigualdade no campo verificou-se que pertencer ao grupo dos “mais prestigiados”, ou dos que possuem maior volume de capital científico puro (60% acumulam 26% de capital) é mais difícil que pertencer ao grupo dos “mais poderosos” institucionalmente, ou que possuem o maior volume de capital científico institucional (52% acumulam 21% de capital). Assim, há uma desigualdade relativamente maior considerando-se a distribuição do capital científico puro no campo. Outra constatação observada foi a de que a maior parte dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil possui relativamente ao volume de capital científico de seus pares, um baixo acúmulo de capital científico,

tanto puro (60% dos pesquisadores pertencem à classe C) quanto institucional (52% pertencem a classe C). Isso implica que há uma provável barreira à entrada imposta aos agentes que desejam obter prestígio no campo, que é dada pelo “capital científico coletivamente acumulado” (BOURDIEU, 2004, p. 35) pelos agentes dominantes deste campo, conforme se retomará mais adiante.

Constatou-se também que apenas uma pequena parte dos pesquisadores (4%) conseguem ocupar posições de destaque no campo tanto em função de seu prestígio junto aos pares quanto em decorrência do poder temporal que exercem. Tal fato corrobora com o que diz Bourdieu (2004) sobre a dificuldade de acumular as duas espécies de capital científico. Há, portanto, nove casos em que os agentes-pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil são ao mesmo tempo socialmente e cientificamente dominantes (BOURDIEU, 2004) na medida em que conseguem ocupar as mais altas posições hierárquicas tanto na estrutura de distribuição do capital científico puro quanto na do capital científico institucional.

Nesse sentido, para Bourdieu (2004) o mais comum é que ou o agente seja cientificamente ou socialmente dominante. No campo científico da administração universitária isso ocorre em 9% dos casos, sendo que apenas 21 dos 233 pesquisadores se encontram nessa situação. Sendo que destes, há cinco que ocupam as posições extremas, ou seja, um forte peso político e frágil crédito científico, os chamados “administradores científicos” (caso de quatro pesquisadores) de um lado e de outro aqueles que foram denominados neste trabalho de “pesquisadores científicos” (caso de 1 pesquisador), com forte crédito científico e frágil peso político. Isso significa, conforme Bourdieu (2004), que quatro pesquisadores tem um alto capital científico decorrente não de suas contribuições para o avanço da ciência, mas principalmente em função da ocupação de espaços de poder no campo.

É possível observar também que 59% dos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil ocupam as mesmas classes de distribuição de capital científico puro e institucional. Destes, 4%, como já foi mostrado pertence ao mesmo tempo à classe A, 16% à classe B e 39% à classe C do campo científico da administração universitária no Brasil. Esses dados vão ao encontro do que diz Bourdieu (2004) sobre a ambiguidade estrutural dos campos científicos ou de que a ciência é relativamente autônoma. Porém, percebe-se que a medida que se aumenta a classe em que estão situados os agentes, menor é a chance de acúmulo dos dois tipos de capital científico, dada a dificuldade de isso ocorrer como já explicado.

Outro aspecto que foi possível analisar quanto à estrutura do campo científico da administração universitária no Brasil, diz respeito aos agentes-pesquisadores dominantes, que são aqueles que vão ditar o que é importante ser e ter para atuar neste campo. Identificou-se como agentes dominantes um total de 30 agentes-pesquisadores, que foram os que mais acumularam capital científico puro ou institucional no campo. Em primeiro lugar, traçou-se um breve perfil desses agentes, onde foi constatado que a maioria é do sexo masculino: 20 dos 30 pesquisadores, ou seja, 67%. Tal resultado vai ao encontro de estudos como os do próprio Bourdieu (1999) em que a mulher tem dificuldade para alcançar determinados espaços de poder. Quanto às instituições em que atuam os agentes dominantes destacam-se a UFSC e a UFRN (com 4 pesquisadores cada); FURB (com 3 pesquisadores); e UNOESC, UNINOVE, UEM e UFES (com 2 pesquisadores cada). Outras 11 instituições apareceram como locais de atuação dos demais agentes dominantes. Entre os locais de concentração de agentes dominantes do campo científico da administração universitária no Brasil, verifica-se, por meio da localização das instituições, que a maioria se encontra na cidade de Florianópolis (5 no total); no estado de Santa Catarina (10 no total); e na região Sul (15 no total) do país. Tais locais convergem com os mesmos que concentram o maior número de agentes-pesquisadores em geral, o que indica uma tendência de concentração dos pesquisadores do campo junto aos agentes dominantes desse campo.

Outro aspecto levantado junto aos agentes dominantes diz respeito ao seu capital científico. Assim, verificou-se quais fontes de capital científico têm mais importância relativa para obtenção de poder científico no campo científico da administração universitária no Brasil.

Quanto aos indicadores de capital científico puro, foram considerados como muito importantes para a obtenção de prestígio no campo:

- a titulação de doutor (97%) e a formação pós-doutoral (50% possuem);
- a coordenação de projetos de pesquisa;
- as publicações em periódicos, independente da qualificação;
- a publicação de capítulos de livros;
- a publicação de artigos em anais de eventos científicos;
- a coordenação de projetos de pesquisa com fomento.

Foram considerados como pouco importantes:

- a orientação de dissertações e teses;
- a atuação como integrante de projeto de pesquisa;

- a obtenção de bolsas durante o mestrado, doutorado ou pós-doutorado;
- as publicações em periódicos Qualis A1 ou A2 em Administração; e.
- a publicação de livros.

Quanto aos indicadores de capital institucional, foram considerados como fontes muito importantes para a obtenção de poder temporal:

- a ocupação de cargos de direção e administração (coordenação, direção, chefia);
- a participação em conselhos, comissões e consultorias;
- a participação em bancas de dissertações e teses;
- a atuação como revisor de periódico.

Foram considerados pouco importantes para a obtenção de capital científico institucional, os seguintes indicadores:

- a ocupação de cargos de direção e administração ocupados (Reitoria, Pró-Reitoria);
- a participação em bancas de concursos públicos;
- a participação em avaliação de cursos;
- a atuação como membro de corpo editorial.

Vale destacar que o grau de importância dos indicadores de capital científico servem de parâmetro para os demais agentes do campo científico da administração universitária no Brasil. Aquele que quer se destacar neste campo, deve considerar quais fontes de obtenção de prestígio e de poder temporal os agentes consideram importantes para se “jogar o jogo” (BOURDIEU, 1983). Não se deve deixar de comentar o fato de que as “regras do jogo” (BOURDIEU, 1983) servem de parâmetro tanto para os novatos que querem se opor aos agentes dominantes quanto aos que querem sucedê-los, pois mesmo aqueles “só poderão vencer os dominantes em seu próprio jogo” (BOURDIEU, 1983, p. 138).

5.1 SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Conforme exposto na parte introdutória deste trabalho, seu objetivo foi o de analisar como o campo científico da administração no Brasil se constituía como tal. Assim, identificou-se alguns agentes que constituem este campo, fez-se sua caracterização, identificou-se a sua relação com as teorias da administração em função de se tê-lo considerado como um subcampo da administração e por fim verificou-se

como está estruturado. Trata-se, portanto, de um trabalho inicial que deve ser aprimorado, criticado, refeito, ou mesmo negado. Mas que sirva de reflexão sobre o campo. Há muito que se fazer, se é que esse é o desejo de seus pesquisadores. Assim, a partir deste trabalho não se buscou responder completamente nem mesmo as questões formuladas para esta pesquisa, mas contribuir para que se inicie discussões em torno ou a partir delas. Nesse sentido são indicadas algumas sugestões para trabalhos futuros a partir das conclusões provisórias a que se chegou a partir das respostas das questões de pesquisa:

- Historicamente como a administração universitária se constituiu como um campo científico no Brasil? Que fatores contribuíram para isso?

Destaca-se que a resposta a esta questão chegou a integrar as questões desta pesquisa, porém em função da viabilidade de tempo teve-se que abandoná-la. Talvez o mais adequado fosse responder inicialmente esta questão, mas em não sendo possível propõem-se para estudos futuros. A partir dessa definição, mais agentes podem emergir, mais explicações quanto às várias interpretações que se dá sobre qual o objeto de estudo do campo podem surgir. Além disso, apontar fatores ou mesmo campos (inclusive não científicos) que contribuíram para a sua constituição poderiam ajudar a entendê-lo.

- Que outros campos poderiam servir de ponto de partida para se analisar o campo científico da administração universitária no Brasil?

Como foi mencionado diversas vezes ao longo da pesquisa, este trabalho buscou compreender o campo científico da administração universitária, considerando-o como um subcampo da administração. Porém, afirmou-se que o campo da educação, por exemplo, em razão de sua ligação à questões da educação superior ou do ensino superior e das próprias instituições onde a educação e o ensino se dão, poderia ser um dos caminhos para se enxergar a administração universitária como um campo científico. A partir dessa perspectiva fazer comparações com as encontradas nesse trabalho buscando possíveis relações.

- Como a estrutura do campo científico da administração universitária se transforma ao longo do tempo? Os agentes dominantes permaneceram sempre os mesmos? A desigualdade e a distribuição do capital científico entre seus agentes foi semelhante ao longo do tempo?

Parte-se do pressuposto que a estrutura do campo científico muda ao longo do tempo. A trajetória dos agentes é que faz com que ao longo

do tempo a estrutura do campo científico siga também uma trajetória, podendo agregar novos agentes, fazendo permanecer os mesmos ou excluindo outros. Mudam-se, dessa forma, os agentes dominantes e as próprias “regras do jogo”. Assim, seria interessante poder realizar um corte temporal - com base em algum critério relevante – para que se verifique como o campo se configura ao longo do período e como sua estrutura muda com a mudança de distribuição de capital científico.

- Que correntes do pensamento científico fundamentam epistemologicamente a produção científica do campo científico da administração universitária?

Até o projeto de qualificação esta também havia sido tratada com uma das questões de pesquisa deste trabalho, porém seguindo a banca que sabiamente sugeriu um foco ao mesmo, optei por abandonar esta problemática. No entanto, considera-se fundamental um estudo como tal, pois como todo trabalho epistemológico, permitiria compreender melhor a produção científica do campo, seus temas e objetos de estudo.

- O campo científico da administração universitária é um campo que extrapola as fronteiras nacionais? Como este campo se constitui em outros países?

Neste trabalho, optou-se por desvendar o campo científico da administração universitária no Brasil, por se entender que se trata de um primeiro passo. Há indícios, por meio de produções na área, especialmente na América do Sul, de que o campo seja mais amplo e possivelmente se constitua de outra forma – talvez até mais clara – em outros países. Sendo assim, sugere-se a desvendar o campo em outros países e comparar com o brasileiro, para buscar possíveis relações principalmente quanto a possíveis agentes comuns internacionalmente bem como objetos de estudos e temas de interesse correspondentes.

Acredita-se que tais questões podem ajudar a compreender ainda melhor como o campo científico da administração universitária no Brasil se constitui, fortalecendo as pesquisas na área.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de. **O Campo da Ciência da Informação:** suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo no Brasil. Florianópolis, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina.

ANPAD - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO. **Apresentação.** 2011a. Disponível em: < http://www.anpad.org.br/sobre_apresentacao.php>. Acesso em jul.2011.

_____. **Eventos.** 2012. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/eventos.php>> Acesso em nov.2012.

_____. **Temas de interesse.** 2011b. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=subsecao&cod_edicao_subsecao=676&cod_evento_edicao=58> Acesso em: jul.2011.

AUDET, M. e MALOUIN, J.-L. (orgs.) **La production des connaissances scientifiques de l'administration.** Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1986.

ÁVILA, Patrícia. A distribuição do capital científico: diversidade interna e permeabilidade externa do campo científico. **Sociologia – Problemas e Práticas.** nº 25. 1997. p. 9-49.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa, Portugal: Edição 70, 2004.

BEN-DAVID, Joseph. **O papel do cientista na sociedade:** um estudo comparativo. São Paulo: Pioneira; Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

BERTERO, Carlos Osmar; CALDAS, Miguel Pinto; WOOD JR, Thomaz. Produção Científica em Administração de Empresas: Provocações, Insinuações e Contribuições para um Debate Local. In: XXII ENANPAD, 1998, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos,** Foz do Iguaçu: ANPAD, 1998.

BERTERO, Carlos Osmar; CALDAS, Miguel Pinto; WOOD JR, Thomaz. Produção Científica em Administração de Empresas: Provocações, Insinuações e Contribuições para um Debate Local, **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, v. 3, n. 1, p. 147-178, Jan./Abr. 1999.

BERTERO, Carlos Osmar. Prefácio. In: FACHIN, Roberto Costa. **Construindo uma Associação Científica**: trinta anos da ANPAD – memórias, registros, desafios. Porto Alegre: [s.n], 2006.

BOUDON et al. Dicionário de Sociologia. Dom Quixote: Lisboa, 1990 <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAW-AAB/dicionario-sociologia>

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. O campo científico. In: ORTIZ, R. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **O Poder Simbólico**. 11.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. **Os usos sociais da ciência**. Por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **Homo academicus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

BULGACOV, Sérgio; VERDU, Fabiane Cortez. Redes de Pesquisadores da Área de Administração: um Estudo Exploratório, **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Edição Especial, p. 163-182, 2001.

BRASIL. Lei n. 9.394/1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm Acesso em: jun.2011.

BRASIL. Decreto n. 5.773, de 9 de maio de 2006. **Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e sequenciais no sistema federal de ensino.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/2006/Decreto/D5773.htm Acesso em jul.2011.

CALDAS, M. P.; FACHIN, R. Paradigma funcionalista: desenvolvimento de teorias e institucionalismo nos anos 1980 e 1990. Revista de Administração de Empresas, v. 45, n.2, abr./jun. 2005.

CAPES - COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Documento de Área 2009.** 2009. Disponível em : <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/ADMIN17jun10.pdf> Acesso em mar.2012.

_____. **Qualis Periódicos.** 2012. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis> Acesso em: mar./2012.

_____. **Relação de Cursos Recomendados e Reconhecidos.** Disponível em : <http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarIes&codigoArea=60200006&descricaoArea=CI%CANCIAS+SOCIAIS+APLICADAS+&descricaoAreaConhecimento=ADMINISTRA%C7%C3O&descricaoAreaAvaliacao=ADMINISTRA%C7%C3O%2C+CI%CANCIAS+CONT%C1BEIS+E+TURISMO> Acesso em : jul. 2012.

CHEVALLIER, Jacques. LOSCHAK, Danièle. **A Ciência Administrativa.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1980.

CLEGG, Stewart. **Organizações Modernas.** Celta: Oeiras, Portugal, 1998.

CNPq– CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Bolsas no país.** 2012b. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/bolsas-no-pais> Acesso em: jul./2012.

_____. **Currículo Lattes.** 2012a. Disponível em:
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>
Acesso em jul.2012.

_____. **Perguntas frequentes.** 2012c. Disponível em:
<http://dgp.cnpq.br/diretorioc/html/faq.html#lp1> Acesso em: ago./2012.

CPGA – Curso de Pós-Graduação em Administração. **Catálogo do Curso de Pós-Graduação em Administração – CPGA da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.** CPGA/UFSC: Florianópolis, 1982.

_____. **Catálogo do Curso de Pós-Graduação em Administração – CPGA da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.** CPGA/UFSC: Florianópolis, 1986.

_____. **Catálogo do Curso de Pós-Graduação em Administração – CPGA da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.** CPGA/UFSC: Florianópolis, 1989.

_____. **Catálogo do Curso de Pós-Graduação em Administração – CPGA da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.** CPGA/UFSC: Florianópolis, 1998.

_____. **Disciplinas Oferecidas.** 2012. Disponível em:
<http://cpga.ufsc.br/disciplinas-por-semester/> Acesso em jul. 2012.

DAFT, Richard L.; LEWIN, Arie Y. Where are the theories for the “new” organizational forms? an editorial essay. **Organization Science.** v. 4, n.4, Nov. 1993.

DEMO, Pedro. **Conhecimento Moderno:** sobre ética e intervenção do conhecimento. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

DGP – DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL. **Busca textual de grupos certificados na base atual do Diretório.** Disponível em : <http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/> Acesso em jul.2012.

DIAS, Rafael de Brito. **A ciência segundo Joseph Ben-David: uma leitura de "O papel do cientista na sociedade"**. 2006. (Texto GAPI para discussão). Disponível em:

http://www.ige.unicamp.br/gapi/RESENHA_JBD.pdf Acesso em: fev.2012.

FACHIN, Roberto Costa. **Construindo uma Associação Científica: trinta anos da ANPAD – memórias, registros, desafios**. Porto Alegre: [s.n], 2006.

FAYOL, Henri. **Administração Industrial e Geral**. 10.ed. São Paulo: Atlas, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes; MOREIRA, Regina da Luz (orgs.). **Capes, 50 anos: depoimentos ao CPDOC-FGV**. Rio de Janeiro (RJ): FGV; Brasília (DF): CAPES, 2002.

FLEURY, Sônia. (Coord.) **Análise do Perfil dos Artigos Publicados na Revista de Administração Pública – RAP – No Período 1992-2002**. Rio de Janeiro: EAESP/FGV, 2003.

FORPROEX – FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Política Nacional de Extensão Universitária. Manaus, 2012. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf> Acesso em: ago.2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

GONÇALVES, Adriana Aguilera et al. Contribuições dos colégios invisíveis e dos blogs na disseminação e compartilhamento do conhecimento científico. In: 4º Seminário em Ciência da Informação – SECIN, 2011, Londrina. **Anais Eletrônicos**. Londrina: SECIN, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/secin/ocs/index.php/secin2011/secin2011/paper/viewFile/60/12> Acesso em: out.2012.

HAGSTROM, W. O. O controle social dos cientistas. In: DEUS, Jorge Dias de (org.). **A Crítica da Ciência: sociologia e ideologia da ciência**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

INPEAU – INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS EM ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA. **Colóquios**. 2012. Disponível em: <http://portal.inpeau.ufsc.br/coloquios/> Acesso em: nov.2012.

JANNE, Henri. **A universidade e as necessidades da sociedade contemporaneidade**. Fortaleza: Edições UFC, 1981.

JC – JORNAL DA CIÊNCIA. Ed. 3063. 21/07/2006. Disponível em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detailhe.jsp?id=39298>

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural**: os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos?. **Educação & Sociedade**., Campinas, v.23, n.78, abr. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: mar. 2012.

LAPASSADE, Georges. **Grupos, Organizações e Instituições**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

LATTES. **Sobre a plataforma Lattes**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>. Acesso em jul.2012.

LIMA, Juvêncio Braga de. Pesquisa qualitativa e qualidade na produção científica em administração de empresas. In: XXIII ENANPAD, 1999, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos**, Foz do Iguaçu: ANPAD, 1999.

MARTIN, Olivier. La construction sociale des sciences. In: **Sciences Humaines – hors-série**, nº31, dez./jan-fev, 2001.

MELO, Pedro Antônio de; COLOSSI, Nelson (orgs.). **Cenários da Gestão Universitária na Contemporaneidade**. Florianópolis: Insular, 2004.

MERTON, R.K. Os imperativos institucionais da ciência. In: DEUS, Jorge Dias de (org.). **A crítica da ciência**: sociologia e ideologia da ciência. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MIRANDA, Caroline Maria Guerra de; ALMEIDA, Adiel Teixeira de. Visão multicritério da avaliação de programas de pós-graduação pela CAPES: o caso da área Engenharia III baseado nos métodos Electre II e MAUT. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 51-64, jan./abr. 2004.

MORHY, Lauro. Brasil – Universidade e Educação Superior. In: MORHY, Lauro (org.). **Universidade no Mundo: universidade em questão**. Vol. 2. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

MOTTA, Fernando Carlos Prestes; PEREIRA, Luiz Bresser. **Introdução à organização Burocrática**. 7.ed. Brasília: Editora brasiliense, 1986.

OEA – ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS; UFSC – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (orgs.). **Liderança e Administração na Universidade**. Florianópolis: OEA/UFSC, 1986.

OLIVEIRA, Mirian. A Informação nos Títulos e Resumos: Trabalhos do ENANPAD 97. In: XXII ENANPAD, 1998, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos**, Foz do Iguaçu: ANPAD, 1998.

OUI – ORGANIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA INTERAMERICANA. Administração Universitária em tempos de crise: perspectivas para o ano 2000. **Anais...III Congresso da OUI**. Salvador: OUI, 1983.

PARSONS, Talcott. Sugestões para um tratado sociológico da teoria de organização. In: ETZIONI, A. (org.), **Organizações complexas**. São Paulo: Atlas, 1967.

PPGAU – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA. **Área de concentração e linhas de pesquisa**. 2012. Disponível em: <http://ppgau.ufsc.br/area-de-concentracao-linhas-de-pesquisa/> Acesso em: jul.2012.

PPGAU – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA. **Estrutura curricular**. 2012. <http://ppgau.ufsc.br/estrutura-curricular/> Acesso em: jul.2012.

PONDÉ, Luiz Felipe. **O Homem Insuficiente**: comentários de antropologia pascalina. São Paulo: EDUSP, 2001.

QUINTELLA, Rogério Hermida. Encontro Nacional da ANPAD X Meeting of AOM: Lições, Questionamentos e Especulações, **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 107-115, Abr./Jun. 2003.

RIBEIRO, Darcy. **A Universidade Necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

RODRIGUES, Eduardo Lopes. Saudação do Professor Eduardo Lopes Rodrigues, do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO UNIVERSITÁRIA (SIAU). **Anais...** Volume 1. Florianópolis: UFSC, 1971.

ROMANCINI, Richard. **O campo científico da Comunicação no Brasil**: institucionalização e capital científico. São Paulo, 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo.

ROSSONI, Luciano. **A dinâmica de relações no campo da pesquisa em organizações e estratégia no Brasil: uma análise institucional**. Curitiba: UFPR, 2006. 296 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

RUBEN, Guilherme; SERVA, Maurício; CASTRO, Marco Luiz de. Resíduos e complementaridade: da relação entre a teoria de administração e a antropologia. **Anais do XIX ENANPAD**. João Pessoa: ANPAD, 1995.

SANT’ANNA, Anderson de Souza; SOUZA, Iago Vinícius Avelar. A Sociologia de Bourdieu: aplicações e potencialidades em pesquisas em administração. In: XXIII ENANGRAD, 2012, Bento Gonçalves. **Anais Eletrônicos**, Bento Gonçalves: ENANGRAD, 2012. Disponível em: <http://anais.enangrad.org.br/resources/media/artigos/tga/02.pdf> Acesso em: nov.2012.

SBPC – SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 2006

<http://www.sbpnet.org.br/livro/58ra/pdf/1%20Semeando%20interdisciplinareidade.pdf>

SCHWARTZMAN, Simon. Universidade e Ciência Observadas por Ben-David. **Ciência Hoje** 7, 37, nov./1987. p. 68. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/bendavid.htm> Acesso em: abr.2012.

SHINN, Terry; RAGOUET, Pascal. **Controvérsias sobre a ciência**: por uma sociologia transversalista da atividade científica. São Paulo: Editora 34, 2008.

STENGERS, Isabelle. **Quem tem medo da ciência?** : ciências e poderes. São Paulo: Siciliano, 1990.

STONER, James A.; FREEMAN, R. Edward. **Administração**. 5.ed. Rio de Janeiro: Prentice- Hall do Brasil, 2000.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. Fatores considerados para escolha de parceiros de pesquisa: uma proposta teórico-metodológica para estudos em redes colaborativas de pesquisa por meio dos capitais simbólicos de Pierre Bourdieu. In: XXXIV ENANPAD, 2010, Rio de Janeiro. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: ANPAD, 2010. Disponível em:http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2010/EPO/EPO2895.pdf Acesso em: abr.2012.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. et al. Dinâmica de distribuição de fontes de capitais científicos entre docentes / pesquisadores de um programa de pós-graduação *stricto-sensu* de uma universidade pública. **Avaliação**. Campinas; Sorocaba, SP, v.17, n.1, p. 179-206, mar.2012.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP – Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, 40(1): 27-55, Jan./Fev. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf> Acesso em: out.2011.

TRIENAL CAPES – RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO TRIENAL. **Administração, Ciências Contábeis e Turismo**. Disponível em : <http://trienal.capes.gov.br/wp->

content/uploads/2011/02/RELAT%C3%93RIO-DE-AVALIA%C3%87%C3%83O_ADMINISTRA%C3%87%C3%83O.pdf
 Acesso em : mar.2012.

UFRN - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. II Seminário Internacional sobre Administração Universitária: Estrutura e Funcionamento da Universidade na década de 90. **Anais...** UFRN: Natal, 1991.

UFRGS – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Concurso de público de títulos e provas para provimento de cargo na classe de professor adjunto.** Disponível em : <http://www.ufrgs.br/progesp/progesp-1/concursos-publicos/magisterio-superior/concursos/2011/edital-17-2011/arquivos/orientacoes/Ed%2017-2011%20ADM%20Administracao%20Financeira.pdf> Acesso em dez.2011.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em Administração. In: VIEIRA, M.M.F.; ZOUAIN, D.M. (Org). **Pesquisa qualitativa em administração.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. v.2. Brasília: UnB, 1999.

WITTMANN, Lauro Carlos. GRACINDO, Regina Vinhaes (coords.). **O Estado da Arte em Política e Gestão da Educação no Brasil 1991 a 1997.** Brasília: ANPAE, Campinas: Editora Autores Associados, 2001.
 WOOD JR, Thomaz; PAULA, Ana Paula Paes de. Pop-management: pesquisa sobre as revistas populares de gestão no Brasil. In: XXVI ENANPAD, 2002, Salvador. **Anais Eletrônicos,** Salvador: ANPAD, 2002.

ANEXO

Anexo A - Diretrizes de pontuação para o exame de títulos e trabalhos para o concurso de professor adjunto - UFRG



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
 ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

DIRETRIZES DE PONTUAÇÃO PARA O EXAME DE TÍTULOS E TRABALHOS
 PARA O CONCURSO DE PROFESSOR ADJUNTO

I Titulação	
I.1 Doutorado ou título de livre docência	Até 80
I.2 Pós-doutorado	Até 20
Sub total I	Até um total de 100 Peso 1
II Experiência Profissional	
II.1 Atividade docente em pós graduação <i>stricto sensu</i>	Até 0,5/crédito(*) até 2 /semestre Até um total de 15
II.2 Atividade docente em graduação	Até 0,25/crédito(*) até 1 /semestre Até um total de 15
II.3 Orientação de alunos <i>stricto sensu</i>	Até 4 / aluno Até um total de 20
II.4 Orientação de alunos de graduação	Até 2/aluno Até um total de 10
II.5 Participação em projeto de pesquisa (coordenador)	Até 5/projeto Até um total de 10
II.6 Participação em projeto de pesquisa (membro)	Até 5/projeto Até um total de 5
II.7 Bolsa de pesquisa, estágio profissional e monitoria Bolsa de pesquisa, graduação, mestrado ou doutorado	Até 3/bolsa Até um total de 10
II.8 Bolsa Produtividade em pesquisa - CNPq	10 pontos
II.9 Atividades como profissional na área do concurso	Até 1/semestre Até um total de 5
Sub total II	Até um total de 100 Peso 4

Cont....



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

III Produção intelectual	
III.1 Livro publicado na área do concurso	Até 5 / livro Até um total de 10
III.2 Livro publicado fora da área do concurso	Até 2,5 / livro Até um total de 5
III.3 Publicação em revista nacional ou internacional com comissão editorial, capítulo de livro e organização de livro, na área do concurso Publicação em revista A1 (10), A2 (8), B1(=6), B2(=5), B3(=3), B4(=2) ou B5(=1), conforme critérios do Qualis da CAPES, para a área de Administração. Capítulo de livro (0,5), organização de livro (0,5)	Até 5 / publicação Até um total de 40
III.4 Publicação em revista nacional ou internacional com comissão editorial, capítulo de livro e organização de livro, fora da área do concurso Publicação em revista A1(=6) ou A2(=5), conforme critérios do Qualis da CAPES	Até 2,5 / publicação Até um total de 30 (o excesso de III.3 pode ser usado no item III.4, até o limite estipulado)
III.5 Artigo em anais de congresso, simpósio e outros eventos científicos, na área do concurso	Até 3 / artigo Até um total de 10
III.6 Coordenação de projeto de pesquisa aprovado por instâncias competentes das instituições e/ou agências de fomento	Até 5 / projeto Até um total de 5
Sub total III	Até um total de 100 Peso 4
IV Outras atividades acadêmicas e profissionais	Até um total de 100
Sub total IV	Até um total de 100 Peso 1,0

* 1 crédito = 15 horas aula

APÊNDICE A

Tabela 65: Capital científico puro acumulado pelos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil

Capital Científico Puro Acumulado	Indicadores (ver código na tabela anterior)																Pesquisadores
	3.6	3.5	3.4	3.3	3.2	3.1	3	2.5	2.4	2.3	2.2	2.1	2	1.2	1.1	1	
73,2	4	10	2	1	27	40	33,6	0	19	0	16	14	19,6	20	80	20	1
14	0	10	1	0	3	0	5,6	0	19	2	0	0	8,4	0	0	0	2
17,2	2	10	1	0	9	0	8,8	0	10	3	8	0	8,4	0	0	0	3
36,4	0	7	5	6	9	0	10,8	0	19	1	0	4	9,6	0	80	16	4
60,4	1	3	3	2	16	0	10	0	10	1	18	1	12	0	80	16	5
38	0	6	2	1	12	0	8,4	0	10	0	0	0	4	0	0	0	6
12,4	5	10	5	9	30	0	23,6	0	10	1	19	29	23,6	20	80	20	7
67,2	0	0	1	0	2	0	1,2	0	10	0	0	0	4	0	0	0	8
5,2	0	5	1	0	1	0	2,8	0	10	0	0	0	4	0	80	16	9
22,8	1	5	5	6	0	0	6,8	0	4	7	6	0	6,8	0	0	0	10
13,6	5	10	3	2	13	24	22,8	0	19	3	19	0	16,4	20	80	20	11
59,2	0	9	1	0	3	0	5,2	0	10	0	0	15	10	0	80	16	12

31,2	0	9	1	0	3	0	5,2	0	10	0	0	15	10	0	80	16	13
46,4	4	6	4	3	17	8	16,8	0	10	0	18	6	13,6	0	80	16	14
63,2	3	5	4	3	16	10	16,4	0	19	0	19	29	26,8	20	80	20	15
18	3	6	2	1	0	8	8	0	4	2	19	0	10	0	0	0	16
2,4	0	0	1	0	1	0	0,8	0	4	0	0	0	1,6	0	0	0	17
46,4	3	10	2	1	11	24	20,4	0	10	0	14	1	10	0	80	16	18
78	1	10	5	4	30	40	36	19	10	1	6	29	26	0	80	16	19
36,4	2	10	1	0	6	0	7,6	0	10	12	10	0	12,8	0	80	16	20
62,4	5	10	3	2	30	8	23,2	0	10	0	19	29	23,2	0	80	16	21
47,2	3	10	1	0	14	0	11,2	0	10	2	14	24	20	0	80	16	22
40	0	10	2	1	30	0	17,2	0	0	3	6	8	6,8	0	80	16	23
33,6	2	10	1	0	3	8	9,6	0	4	0	14	2	8	0	80	16	24
38,4	0	10	1	0	13	0	9,6	0	10	0	2	20	12,8	0	80	16	25
66	2	10	4	3	29	40	35,2	0	6	1	14	16	14,8	0	80	16	26

27,6	1	10	0	0	0	0	0	8	0	7,6	0	6	0	4	0	4	0	4	0	80	16	133
18	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0,4	0	0	0	2	2	2	2	2	2	80	16	134
12,8	0	10	0	0	0	0	8	0	0	7,2	0	4	10	0	0	0	0	0	0	0	0	135
5,6	0	1	3	3	7	0	0	0	0	5,6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	136
3,2	0	2	0	0	4	0	4	0	0	2,4	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	137
39,6	2	10	3	3	4	8	4	8	12	12	0	10	0	8	11	11,6	0	0	0	80	16	138
2,8	1	0	0	0	0	0	0	0	0,4	0	0	0	0	6	0	2,4	0	0	0	0	0	139
5,2	0	4	0	0	8	0	8	0	4,8	0	0	0	1	0	0	0,4	0	0	0	0	0	140
24	0	5	0	0	11	0	11	0	6,4	0	0	0	0	4	0	1,6	0	0	0	80	16	141
16,8	0	0	0	0	1	0	1	0	0,4	0	0	0	1	0	0	0,4	0	0	0	80	16	142
2	0	2	0	0	3	0	3	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	143
34,8	0	10	1	1	7	8	8	10,8	0	10,8	0	6	2	4	8	8	8	8	8	80	16	144
3,6	0	9	0	0	0	0	0	0	3,6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	145
5,2	0	0	1	1	9	0	9	0	4,4	0	0	0	0	2	0	0,8	0	0	0	0	0	146
31,2	2	10	2	2	2	0	2	0	7,2	0	4	0	0	8	8	8	8	8	8	80	16	147
39,6	3	10	5	5	3	0	3	0	10,4	0	6	0	0	14	13	13,2	0	0	0	80	16	148
8	0	8	0	0	5	0	5	0	5,2	0	0	3	4	4	0	2,8	0	0	0	0	0	149
50,4	5	10	1	1	30	0	30	0	18,8	0	0	1	19	9	11,6	20	20	20	20	80	20	150
35,6	0	10	2	2	4	0	4	0	7,2	0	15	2	4	0	8,4	20	20	20	20	80	20	151
7,6	0	7	1	1	3	0	3	0	4,8	0	4	3	0	0	2,8	0	0	0	0	0	0	152
34	2	7	1	1	16	0	16	0	10,8	0	0	2	8	8	7,2	0	80	16	80	80	16	153
0,4	0	1	0	0	0	0	0	0	0,4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	154
7,6	2	1	0	0	0	0	0	0	1,2	0	0	6	10	0	6,4	0	0	0	0	0	0	155
8,8	0	10	0	0	8	0	8	0	7,2	0	0	0	0	4	1,6	0	0	0	0	0	0	156

2.4	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0.8	0	4	0	0	0	1.6	0	0	0	187
2.8	0	1	0	0	2	0	1.2	0	4	0	0	4	0	0	0	1.6	0	0	0	188
22	0	5	0	0	7	0	4.8	0	0	0	0	0	0	0	3	1.2	0	80	0	189
10.8	0	10	0	0	10	0	8	0	4	3	0	4	0	0	0	2.8	0	0	0	190
22.4	1	2	0	0	5	0	3.2	0	4	0	4	4	0	0	0	3.2	0	80	16	191
25.2	0	4	2	2	1	0	3.6	0	10	0	4	4	0	0	0	5.6	0	80	16	192
31.6	3	10	0	0	2	0	6	0	6	0	18	0	0	0	0	9.6	0	80	16	193
28.8	0	0	1	1	20	0	8.8	0	0	0	10	0	0	0	0	4	0	80	16	194
39.6	3	8	0	0	30	0	16.4	0	4	1	12	1	7.2	0	0	7.2	0	80	16	195
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	196
0.8	0	0	0	0	2	0	0.8	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	197
28.4	1	10	1	1	3	0	6.4	0	0	0	4	11	6	0	0	6	0	80	16	198
21.6	0	5	1	1	4	0	4.4	0	0	1	2	0	1.2	0	0	1.2	0	80	16	199
31.6	4	6	1	1	3	0	6	0	6	0	18	0	9.6	0	0	9.6	0	80	16	200
5.6	0	10	0	0	1	0	4.4	0	0	3	0	0	1.2	0	0	1.2	0	0	0	201
36.4	1	10	3	3	8	0	10	0	19	0	4	3	10.4	0	0	10.4	0	80	16	202
1.2	0	0	0	0	3	0	1.2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	203
0.4	0	0	0	0	1	0	0.4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	204
1.6	0	2	0	0	1	0	1.2	0	0	1	0	0	0.4	0	0	0.4	0	0	0	205
2.4	0	3	0	0	3	0	2.4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	206
53.6	2	10	5	10	30	0	22.8	0	0	1	12	24	14.8	0	0	14.8	0	80	16	207
32.4	1	10	1	1	15	0	11.2	0	0	1	6	6	5.2	0	0	5.2	0	80	16	208
48	2	6	2	2	19	0	12.4	0	15	0	8	16	15.6	20	0	15.6	20	80	20	209
34	2	5	1	1	11	0	8	0	4	0	19	2	10	0	0	10	0	80	16	210
26	0	0	0	0	1	0	0.4	0	10	0	14	0	9.6	0	0	9.6	0	80	16	211
3.6	1	0	0	0	0	0	0.4	0	4	0	4	0	3.2	0	0	3.2	0	0	0	212

APÊNDICE B

Tabela 66: Posição relativa do pesquisador na estrutura do campo científico em função do acúmulo de capital científico puro

Pesquisador	Representatividade	Capital Científico Puro Acumulado	Posição Relativa	Classe
29	8,2% (19 pesquisadores)	23% (1269,6)	1	A
39			2	
19			3	
230			4	
1			5	
30			6	
8			7	
26			8	
27			9	
28			10	
71			11	
32			12	
15			13	
21			14	
166			15	
5			16	
12			17	
183			18	
167			19	
207	32,2% (75 pesquisadores)	51% (2859,2)	20	B
80			21	
232			22	
81			23	
223			24	
101			25	
150			26	
181			27	
177			28	
168			29	
209			30	
22			31	
14			32	
18			33	
127			34	
173			35	
44			36	
105			37	
162			38	
43			39	
176			40	
41			41	
174			42	
23			43	
138			44	
148			45	
164			46	
195			47	

42			48	
25			49	
93			50	
98			51	
6			52	
36			53	
103			54	
89			55	
221			56	
110			57	
4			58	
20			59	
96			60	
202			61	
163			62	
151			63	
170			64	
215			65	
73			66	
144			67	
37			68	
153			69	
210			70	
24			71	
84			72	
65			73	
67			74	
229			75	
62			76	
208			77	
91			78	
114			79	
193			80	
200			81	
13			82	
34			83	
147			84	
157			85	
100			86	
97			87	
120			88	
172			89	
194			90	
198			91	
33			92	
133			93	
159			94	
99			95	
107			96	
45			97	
61			98	
211			99	
220			100	
64			101	
	59,7%	26%		
	(139 pesquisadores)	(1437,2)		
				C

92			102	
115			103	
218			104	
192			105	
70			106	
161			107	
35			108	
171			109	
53			110	
130			111	
141			112	
10			113	
191			114	
182			115	
189			116	
217			117	
175			118	
199			119	
117			120	
165			121	
78			122	
72			123	
102			124	
116			125	
90			126	
128			127	
231			128	
225			129	
16			130	
134			131	
180			132	
222			133	
87			134	
3			135	
126			136	
142			137	
111			138	
118			139	
2			140	
11			141	
74			142	
135			143	
7			144	
216			145	
83			146	
75			147	
190			148	
85			149	
113			150	
51			151	
131			152	
219			153	
179			154	
156			155	

63			156	
121			157	
57			158	
79			159	
149			160	
152			161	
76			162	
155			163	
60			164	
233			165	
122			166	
104			167	
132			168	
184			169	
59			170	
158			171	
160			172	
136			173	
201			174	
124			175	
140			176	
213			177	
9			178	
146			179	
119			180	
88			181	
58			182	
66			183	
186			184	
227			185	
108			186	
123			187	
214			188	
226			189	
50			190	
82			191	
145			192	
212			193	
38			194	
137			195	
31			196	
86			197	
139			198	
188			199	
17			200	
47			201	
187			202	
206			203	
48			204	
109			205	
125			206	
143			207	
169			208	
40			209	

68			210	
69			211	
94			212	
112			213	
205			214	
49			215	
203			216	
46			217	
56			218	
95			219	
106			220	
178			221	
185			222	
197			223	
224			224	
54			225	
55			226	
154			227	
204			228	
228			229	
52			230	
77			231	
129			232	
196			233	

Fonte: dados primários.

APÊNDICE C

Tabela 67: Capital científico institucional acumulado pelos pesquisadores do campo científico da administração universitária no Brasil

acumulado	2.6	2.5	2.4	2.3	2.2	2.1	2	1.2	1.1	1	Pesquisador
49,6	12	4	16	2	14	16	25,6	0	40	24	1
10	0	0	0	0	2	8	4	0	10	6	2
27,2	2	0	0	0	4	2	3,2	0	40	24	3
9,2	0	4	9	0	10	0	9,2	0	0	0	4
57,6	14	8	16	16	14	16	33,6	0	40	24	5
51,6	0	4	16	0	0	4	9,6	40	30	42	6
23,6	2	6	0	0	4	2	5,6	0	30	18	7
35,6	14	6	16	0	8	0	17,6	0	30	18	8
4,8	2	0	0	0	6	4	4,8	0	0	0	9
39,6	0	0	7	0	0	2	3,6	40	20	36	10
16,8	0	0	0	16	10	16	16,8	0	0	0	11
36,8	10	0	6	0	16	0	12,8	0	40	24	12
40	0	2	16	16	6	0	16	0	40	24	13
30,8	0	0	9	0	6	2	6,8	0	40	24	14
53,2	16	8	16	0	14	4	23,2	20	30	30	15
27,2	0	0	0	0	0	8	3,2	0	40	24	16
18	0	0	0	0	0	0	0	20	10	18	17
14,8	12	4	2	0	4	0	8,8	0	10	6	18
28,8	0	8	16	0	16	2	16,8	0	20	12	19
30,4	0	0	0	0	0	16	6,4	0	40	24	20
45,6	16	2	16	0	4	16	21,6	0	40	24	21
19,2	16	0	16	0	16	0	19,2	0	0	0	22
40,4	4	4	9	0	16	8	16,4	0	40	24	23
26,4	0	0	0	0	4	2	2,4	0	40	24	24
48,8	6	8	16	0	16	16	24,8	0	40	24	25
43,2	16	2	16	0	10	4	19,2	0	40	24	26

57,6	16	14	16	16	10	12	33,6	0	40	24	27
49,6	4	2	16	0	0	12	13,6	20	40	36	28
27,2	16	4	16	0	0	2	15,2	0	20	12	29
38,8	16	2	16	2	2	14	20,8	0	30	18	30
29,6	0	2	0	0	2	12	5,6	0	40	24	31
52	8	10	16	14	6	16	28	0	40	24	32
30,8	0	0	1	0	0	16	6,8	0	40	24	33
35,6	2	2	1	6	16	2	11,6	0	40	24	34
47,2	0	2	8	16	16	16	23,2	0	40	24	35
24	2	2	8	0	16	2	12	0	20	12	36
63,2	6	0	16	0	0	16	15,2	40	40	48	37
1,6	0	0	0	0	0	4	1,6	0	0	0	38
52	16	0	16	6	16	16	28	0	40	24	39
24,8	0	0	0	0	0	2	0,8	0	40	24	40
40	0	0	16	8	8	8	16	0	40	24	41
37,2	0	0	16	16	14	2	19,2	20	10	18	42
43,2	2	0	16	6	8	16	19,2	0	40	24	43
40,4	6	0	9	2	8	16	16,4	0	40	24	44
40,8	2	0	4	4	16	16	16,8	0	40	24	45
6	0	0	0	0	0	0	0	0	10	6	46
30	0	0	0	0	0	0	0	20	30	30	47
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	48
25,6	0	0	0	0	0	4	1,6	0	40	24	49
1,6	2	2	0	0	0	0	1,6	0	0	0	50
25,6	0	0	0	0	0	4	1,6	0	40	24	51
0,8	0	0	0	0	0	2	0,8	0	0	0	52
6,8	0	0	2	0	0	0	0,8	0	10	6	53

20	6	2	7	0	4	16	14	0	10	6	110
14,4	0	2	0	0	2	2	2,4	20	0	12	111
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	112
29,2	12	0	0	0	0	16	11,2	0	30	18	113
32,8	0	4	2	0	0	16	8,8	20	20	24	114
59,2	10	0	8	0	0	10	11,2	40	40	48	115
38,4	0	0	0	0	0	6	2,4	20	40	36	116
28,8	2	2	0	0	2	6	4,8	0	40	24	117
11,6	6	4	0	0	0	4	5,6	0	10	6	118
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	119
24,4	2	0	0	0	0	14	6,4	0	30	18	120
6	0	0	0	0	0	0	0	0	10	6	121
3,2	0	0	0	0	0	8	3,2	0	0	0	122
19,2	0	2	1	0	0	0	1,2	0	30	18	123
31,2	2	0	0	0	0	16	7,2	0	40	24	124
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	125
6,8	0	0	0	0	0	2	0,8	0	10	6	126
25,2	0	0	8	0	6	4	7,2	0	30	18	127
19,6	0	0	2	0	0	2	1,6	0	30	18	128
14,4	0	0	0	0	0	6	2,4	0	20	12	129
31,2	0	0	8	0	4	6	7,2	0	40	24	130
28	4	4	0	0	0	2	4	0	40	24	131
25,6	0	0	0	0	2	2	1,6	0	40	24	132
21,2	2	0	0	0	2	4	3,2	0	30	18	133
0,4	0	0	1	0	0	0	0,4	0	0	0	134
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	135
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	136
0,8	0	2	0	0	0	0	0,8	0	0	0	137
22,4	2	2	8	0	12	2	10,4	0	20	12	138
24,8	0	2	0	0	0	0	0,8	0	40	24	139

0,8	0	2	0	0	0	0	0	0,8	0	0	0	140
32,8	8	2	9	0	2	16	14,8	0	30	18	141	
1,2	0	0	3	0	0	0	1,2	0	0	0	142	
6,8	0	2	0	0	0	0	0,8	0	10	6	143	
49,2	16	0	13	16	12	6	25,2	0	40	24	144	
8,4	0	0	0	0	0	6	2,4	0	10	6	145	
31,6	0	4	0	0	0	0	1,6	40	10	30	146	
40,4	0	2	7	0	16	16	16,4	0	40	24	147	
45,2	8	4	7	0	2	2	9,2	20	40	36	148	
10	4	0	0	0	0	6	4	0	10	6	149	
27,2	16	0	16	0	6	0	15,2	0	20	12	150	
0,8	0	0	0	0	2	0	0,8	0	0	0	151	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	152	
12,8	6	0	16	0	2	8	12,8	0	0	0	153	
13,6	0	2	0	0	0	2	1,6	0	20	12	154	
18,4	0	0	0	0	0	16	6,4	0	20	12	155	
6,8	0	2	0	0	0	0	0,8	0	10	6	156	
15,2	0	0	3	0	4	16	9,2	0	10	6	157	
9,2	0	0	0	0	0	8	3,2	0	10	6	158	
14,4	4	2	0	0	0	0	2,4	0	20	12	159	
26,4	0	2	0	0	2	2	2,4	0	40	24	160	
10	0	0	0	0	0	10	4	0	10	6	161	
47,6	0	6	12	10	8	8	17,6	20	30	30	162	
47,2	4	0	16	8	14	16	23,2	0	40	24	163	
70,4	0	6	16	2	16	16	22,4	40	40	48	164	
16,8	0	0	12	0	0	0	4,8	0	20	12	165	
42	16	2	16	0	16	10	24	0	30	18	166	

32,4	16	12	16	16	0	6	26,4	0	10	6	167
74,4	0	4	16	0	0	16	14,4	60	40	60	168
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	169
13,2	2	0	2	0	10	4	7,2	0	10	6	170
18,4	2	4	0	0	0	10	6,4	0	20	12	171
65,6	2	12	14	0	0	16	17,6	40	40	48	172
20,4	12	0	12	0	2	10	14,4	0	10	6	173
10	16	2	1	0	4	2	10	0	0	0	174
24,4	0	0	0	0	6	10	6,4	0	30	18	175
51,2	0	8	16	16	12	16	27,2	0	40	24	176
49,6	16	4	14	0	0	0	13,6	20	40	36	177
12,4	0	0	0	0	4	12	6,4	0	10	6	178
12,8	0	2	0	0	0	0	0,8	0	20	12	179
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	180
4	10	0	0	0	0	0	4	0	0	0	181
10,8	0	0	0	0	4	8	4,8	0	10	6	182
52,8	16	10	14	16	10	6	28,8	0	40	24	183
18,8	0	0	0	0	0	2	0,8	0	30	18	184
16	0	0	0	0	0	10	4	0	20	12	185
2,4	0	2	0	0	0	4	2,4	0	0	0	186
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	187
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	188
30,4	0	0	16	0	0	0	6,4	0	40	24	189
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	190
63,2	0	4	2	0	0	2	3,2	60	40	60	191
15,2	4	2	0	0	0	2	3,2	0	20	12	192
24,4	0	0	1	0	0	0	0,4	0	40	24	193
19,6	0	0	4	0	0	0	1,6	0	30	18	194

22,4	16	2	0	0	0	0	8	10,4	0	20	12	195
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	196
0,8	0	2	0	0	0	0	0	0,8	0	0	0	197
25,2	0	0	16	0	2	0	0	7,2	0	30	18	198
6,8	0	0	0	0	0	0	2	0,8	0	10	6	199
40,4	0	2	1	0	6	2	4,4	20	40	36	200	
33,6	2	0	0	0	6	16	9,6	0	40	24	201	
37,2	6	6	9	0	2	10	13,2	0	40	24	202	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	203	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	204	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	205	
0,8	0	0	0	0	0	2	0,8	0	0	0	206	
16,4	0	0	16	4	4	2	10,4	0	10	6	207	
7,2	0	0	3	0	0	0	1,2	0	10	6	208	
25,6	0	0	16	0	2	16	13,6	0	20	12	209	
45,2	0	0	9	0	8	6	9,2	20	40	36	210	
36,4	4	4	15	0	2	6	12,4	0	40	24	211	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	212	
34,4	4	4	0	2	0	16	10,4	0	40	24	213	
9,2	0	0	0	0	0	8	3,2	0	10	6	214	
16	0	0	13	2	6	4	10	0	10	6	215	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	216	
19,2	0	0	1	0	0	2	1,2	0	30	18	217	
38,4	2	2	13	8	10	16	20,4	0	30	18	218	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	219	
8,4	0	0	0	0	6	0	2,4	0	10	6	220	
32	0	0	10	0	10	0	8	0	40	24	221	
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	222	
20,8	16	20	16	0	0	0	20,8	0	0	0	223	

APÊNDICE D

Tabela 68: Posição relativa do pesquisador na estrutura do campo científico em função do acúmulo de capital científico institucional

Pesquisador	Representatividade	Capital Científico Institucional Acumulado	Posição Relativa	Classe
168	9% (20 pesquisadores)	21% (1152,8 pontos)	1	A
61			2	
164			3	
172			4	
37			5	
191			6	
115			7	
5			8	
27			9	
71			10	
15			11	
183			12	
32			13	
39			14	
6			15	
176			16	
60			17	
1			18	
28			19	
177			20	
144	39% (91 pesquisadores)	58% (3102,8 pontos)	21	B
25			22	
162			23	
35			24	
163			25	
107			26	
21			27	
69			28	
148			29	
210			30	
26			31	
43			32	
166			33	
229			34	
105			35	
45			36	
96			37	
23			38	
44			39	
147			40	
200			41	
13			42	
41			43	
10			44	
30			45	
89			46	

93			47	
218			48	
116			49	
42			50	
97			51	
101			52	
202			53	
12			54	
102			55	
211			56	
78			57	
80			58	
8			59	
34			60	
213			61	
201			62	
84			63	
91			64	
114			65	
141			66	
167			67	
92			68	
221			69	
146			70	
104			71	
124			72	
130			73	
14			74	
33			75	
20			76	
75			77	
86			78	
108			79	
189			80	
47			81	
31			82	
76			83	
113			84	
19			85	
117			86	
62			87	
95			88	
131			89	
29			90	
150			91	
3			92	
16			93	
87			94	
79			95	
98			96	
24			97	
57			98	
160			99	
49			100	
	52% (122 pesquisadores)	21% (1134 pontos)		C

51			101	
70			102	
77			103	
132			104	
209			105	
127			106	
198			107	
40			108	
82			109	
94			110	
139			111	
232			112	
65			113	
120			114	
175			115	
193			116	
36			117	
56			118	
106			119	
228			120	
7			121	
138			122	
195			123	
103			124	
133			125	
223			126	
173			127	
73			128	
81			129	
110			130	
128			131	
194			132	
22			133	
123			134	
217			135	
184			136	
155			137	
171			138	
17			139	
11			140	
68			141	
165			142	
207			143	
185			144	
215			145	
157			146	
192			147	
18			148	
111			149	
129			150	
159			151	
231			152	
154			153	
170			154	

64			155	
153			156	
179			157	
178			158	
118			159	
182			160	
2			161	
149			162	
161			163	
174			164	
230			165	
4			166	
158			167	
214			168	
100			169	
145			170	
220			171	
72			172	
99			173	
208			174	
53			175	
126			176	
143			177	
156			178	
199			179	
46			180	
55			181	
66			182	
121			183	
227			184	
9			185	
88			186	
90			187	
181			188	
67			189	
122			190	
63			191	
186			192	
38			193	
50			194	
85			195	
225			196	
142			197	
52			198	
59			199	
83			200	
137			201	
140			202	
151			203	
197			204	
206			205	
134			206	
48			207	
54			208	

58			209	
74			210	
109			211	
112			212	
119			213	
125			214	
135			215	
136			216	
152			217	
169			218	
180			219	
187			220	
188			221	
190			222	
196			223	
203			224	
204			225	
205			226	
212			227	
216			228	
219			229	
222			230	
224			231	
226			232	
233			233	

Fonte: dados primários

APÊNDICE E

Quadro 22: Posição relativa dos pesquisadores na estrutura do campo científico da administração universitária no Brasil

Pesquisador	Capital Científico Puro Acumulado	Capital Institucional Acumulado
29	A	B
39		A
19		B
230		C
1		A
30		B
8		B
26		B
27		A
28		A
71		A
32		A
15		A
21		B
166		B
5		A
12		B
183		A
167		B
207		C
80	B	
232	C	
81	C	
223	C	
101	B	
150	B	
181	C	
177	A	
168	A	
209	B	
22	C	
14	B	
18	C	
127	B	
173	C	
44	B	
162	B	
105	B	
43	B	
176	A	
41	B	
174	C	
23	B	
164	A	
148	B	
138	C	
195	C	
42	B	
25	B	
93	B	
98	B	
	B	

6		A
36		C
103		C
89		B
221		B
110		C
4		C
96		B
202		B
20		B
163		B
215		C
170		C
151		C
144		B
73		C
37		A
210		B
153		C
24		B
84		B
229		B
65		C
67		C
62		B
208		C
200		B
91		B
114		B
193		C
147		B
13		B
34		B
157		C
100		C
97		B
172		A
120		C
194		C
198		B
33		B
133		C
159		C
99		C
107		B
45		B
61		A
211		B
220		C
115		A
218		B
92		B
64		C
192		C
70		B
161		C
35		B
	C	

171		C
53		C
141		B
130		B
10		B
191		A
189		B
217		C
182		C
175		C
199		C
117		B
165		C
78		B
116		B
102		B
72		C
128		C
90		C
231		C
225		C
16		B
134		C
180		C
222		C
87		B
3		B
126		C
142		C
111		C
118		C
2		C
11		C
74		C
135		C
7		C
216		C
83		C
75		B
190		C
113		B
85		C
131		B
51		B
219		C
179		C
156		C
121		C
63		C
79		B
57		B
149		C
152		C
76		B
155		C
60		A
233		C
122		C

104		B
132		B
184		C
160		B
158		C
59		C
201		B
136		C
213		B
124		B
140		C
146		B
9		C
119		C
88		C
66		C
227		C
186		C
58		C
108		B
123		C
214		C
226		C
50		C
82		B
145		C
212		C
38		C
137		C
86		B
31		B
139		B
188		C
47		B
17		C
206		C
187		C
143		C
48		C
109		C
125		C
169		C
69		B
40		B
94		B
68		C
112		C
205		C
49		B
203		C
95		B
56		C
106		C
185		C
178		C
46		C
197		C

224		C
228		C
154		C
55		C
54		C
204		C
77		B
129		C
52		C
196		C

Fonte: dados primários.